UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

ANDRÉ GUARDA REZENDE

PERCEPÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE A ESCRITA COLABORATIVA EM CURSO TÉCNICO EAD

ALFENAS/MG
2018

ANDRÉ GUARDA REZENDE

PERCEPÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE A ESCRITA COLABORATIVA EM CURSO TÉCNICO EAD

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alfenas.
Linha de pesquisa: Cultura, Práticas e Processos na Educação. Eixo temático: Ensino de Ciências e suas tecnologias.
Orientadora: Profª. Drª. Keila Bossolani Kiill.

ALFENAS/MG
2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas

Rezende, André Guarda.
R467p Percepções de professores e alunos sobre a escrita colaborativa em curso técnico EAD. / André Guarda Rezende – Alfenas/MG, 2018.
291 f.: il. --

Orientador: Keila Bossolani Kiill
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Alfenas, 2018.
Bibliografia.

1. Escrita colaborativa. 2. Educação a distância. 3. Tecnologias digitais da informação e comunicação. 4. Produção de conhecimento. I. Kiill, Keila Bossolani. II. Título.

CDD-378

Ficha Catalográfica elaborada por Fátima dos Reis Goiatá
Bibliotecária-Documentalista CRB6/425

ANDRÉ GUARDA REZENDE

"A ESCRITA COLABORATIVA EM REDE COMO ELEMENTO TRANSFORMADOR NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM CURSO TÉCNICO EAD"

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Fundamentos da Educação e Práticas Educacionais.

Aprovado em: 31/8/18

Profa. Dra. Keila Bossolani Kiill
Instituição: Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG
Assinatura: Bossolani Kiill

Profa. Dra. Roberta Guimarães Correa
Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG-MG
Assinatura: Roberta G. Correa

Prof. Dr. Gabriel Gerber Hornink
Instituição: Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG
Assinatura:

Dedico este trabalho a toda a minha família, por todo estímulo, carinho e palavras motivacionais durante a construção desta dissertação. Muito sucesso e realizações para todos nós! Forte abraço a todos!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, nosso criador, que ouviu as minhas orações e meus sonhos, abrindo os caminhos e as possibilidades para que eu pudesse realizá-los.

Aos meus pais, José e Luzia, pelo carinho, apoio e dedicação, sem os quais nada seria possível de ter se concretizado. À minha namorada Thaís, por estar sempre presente em minha vida, sempre acreditando e torcendo para a realização dos meus objetivos de forma incondicional... minha pedra angular, meu ponto de apoio, nos momentos mais difíceis na construção deste trabalho.

À minha orientadora, Profa. Dra. Keila Bossolani Kiill, pela confiança, apoio, paciência ao longo desta caminhada e dedicação com este trabalho. Com sua orientação tive a oportunidade de aprender e desenvolver o conhecimento de forma eficiente e eficaz ao longo deste trabalho em conjunto. Muito obrigado por tudo, Profa. Keila!

À Profa. Dra. Roberta Guimaraes Corrêa, ao Prof. Dr. Gabriel Gerber Hornink, pelos comentários, dicas e sugestões de mudanças no trabalho, com informações valiosas realizadas no Exame de Qualificação e Defesa deste mestrado acadêmico em Educação.

Ao Prof. Dr. André Senna Mariano, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação, e aos demais professores e funcionários do PPGE, pela oportunidade, por suas contribuições e orientações.

Ao Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado, por ter autorizado minha pesquisa com os(as) alunos(as) e professores(as) do curso Técnico em Segurança do Trabalho, modalidade de educação a distância, aplicada no Polo de apoio presencial E-TEC-CAIC em Alfenas-MG. À coordenadora da E-TEC Municipal de Alfenas, profa. Tânia Venga Mendes, por todo apoio na seleção e organização das minhas entrevistas no Polo presencial, em Alfenas-MG.

Aos(às) amigos(as) e colegas de mestrado, pela amizade e convivência ao longo destes anos de graduação e mestrado, por participarem da minha vida, me dando suporte e apoio e torcendo pelas minhas vitórias. Obrigado a todos(as), pelos momentos de descontração e pela compreensão em dias de estresse.

Aos demais colegas de mestrado, pela agradável convivência neste período e por termos conseguido chegar ao fim de mais uma etapa de nossas vidas.

Aos meus familiares e amigos(as), pelo apoio, incentivo e carinho. Em especial, aos amigos Waldemilson Gustavo Bassoto (Padre Waldemilson) e Dr. Marcelo Rodrigues Pedreira

pelo apoio, motivação e incentivo para que eu chegasse ao final deste Mestrado Acadêmico em Educação. A todos que de alguma forma participaram desta minha conquista.

" Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção. Quem ensina, aprende ao ensinar, e quem aprende, ensina ao aprender".
(Livro: Pedagogia da Autonomia - Paulo Freire)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender as percepções de professores e alunos sobre as práticas de escrita colaborativa que são trabalhadas nos cursos técnicos profissionalizantes modalidade EAD e como elas podem interferir nos processos de obtenção do conhecimento dos educandos (as) do curso Técnico de Segurança do Trabalho do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais, campus Machado, modalidade de educação à distância (EAD). As práticas de escrita colaborativa em rede são investigadas, ainda que de forma incipiente, nas pesquisas científicas discutindo as teorias educacionais de forma horizontalizada entre alunos(as) e professores(as). Com o advento das tecnologias digitais como suporte nesta modalidade de educação, a emancipação cultural e social apresentada a partir desta modalidade mais interativa, dinâmica, autônoma e inclusiva na EAD, com todas as suas contribuições para o processo educacional, ainda são pouco investigados. E na educação a distância, as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) estabelecem a função de instrumentos de mediação nos processos de ensino e de aprendizagem, na qual existe um campo forte, rico e propício para esta investigação e aprofundamento. Este trabalho é um estudo de caso único, com técnica de observação, registro em diário de campo, utilização de entrevistas com a aplicação de questionário semiestruturado e análise de conteúdo de Bardin. O material foi preparado e organizado para representar todas as fases do método compreendendo a reunião de todo o material e sua apresentação de forma coesa e clara referente às informações que foram coletadas. Foram levantadas importantes informações sobre o tema o que possibilitou categorizar conteúdos referentes à educação a distância (EAD) e as práticas de escrita colaborativa em rede, evidenciando que quanto maior for o acesso dos educandos (as) as TDICs, a aprendizagem se torna mais democrática perpassando barreiras econômicas, de espaço e tempo. A escrita colaborativa de textos em rede, nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), tem se mostrado eficazes na construção autônoma do conhecimento, embora ainda pouco utilizadas pelos docentes na modalidade EAD, conforme observadas nos resultados desta pesquisa. As instrumentalizações destas novas tecnologias nos processos educacionais estão cada dia mais presentes, o que comprova que não se pode mais observar as práticas pedagógicas e educacionais neste mundo globalizado, sem dar uma atenção especial a importância de se complementar às práticas de ensino com a utilização das tecnologias digitais, acompanhando a evolução do nosso tempo.

Palavras-chave: Escrita Colaborativa. Tecnologias Digitais. Autonomia. Educação a Distância.

ABSTRACT

This work aims to understand the perceptions of teachers and students about the practices of collaborative writing that are worked on the technical courses of EAD modality and how they can interfere in the processes of obtaining the knowledge of the students of the Technical Course of Work Safety of the Federal Institute of the South of Minas Gerais, campus Machado, modality of distance education (EAD). The practices of collaborative writing in a network are investigated, although in an incipient way, in the scientific researches discussing the educational theories in a horizontal way between students and teachers. With the advent of digital technologies as support in this model of education, the cultural and social emancipation presented from this more interactive, dynamic, autonomous and inclusive model in the EAD, with all its contributions to the educational process, are still little investigated. And in distance education, digital information and communication technologies (TDICs) establish the role of mediation instruments in the teaching and learning processes, in which there is a strong, rich and propitious field for this investigation and deepening. This work is a unique case study, with observation technique, recording in field diary, use of interviews with the application of semi-structured questionnaire and analysis of Bardin content. The material was prepared and organized to represent all phases of the method including gathering all material and presenting it in a cohesive and clear manner regarding the information that was collected. Important information about the subject was made possible, which enabled the categorization of contents related to distance education (EAD) and the practices of collaborative writing in network, showing that the greater the contact and the access of the students to the TDICs, the learning becomes makes it more democratic bypassing economic, space and time barriers. The collaborative writing of networked texts in virtual learning environments (AVAs), have been shown to be effective in the autonomous construction of knowledge, although still little practiced by teachers in the EAD modality, as observed in the results of this research. The instrumentalisations of these new technologies in educational processes are increasingly present, which proves that pedagogical and educational practices can no longer be observed in this globalized world, without paying special attention to the importance of complementing teaching practices with the use of digital technologies, following the evolution of our time.

Keywords: Collaborative Writing. Digital Technologies. Autonomy. Distance Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12
1.1 JUSTIFICATIVA 21
1.2 OBJETIVOS 24
1.2.1 OBJETIVO GERAL 25
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS 25
2 REFERENCIAL TEÓRICO 25
2.1 Prática de escrita colaborativa em rede 25
2.2 A sociedade em Rede de Manoel Castells 34
2.3 Autonomia digital 42
2.4 Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) 48
2.5 TDICs e produção de conhecimento 52
2.6 Educação a distância (EAD) 55
3 METODOLOGIA 68
3.1 Etapas da pesquisa 68
3.2 Delineamento da pesquisa 69
3.3 Tipo de pesquisa 70
3.3.1 Estudo de Caso 70
3.3.2 Observação não participante 73
3.4 Diário de campo 74
3.5 Entrevista 77
3.6 Análise de conteúdo 79
3.7 Amostra 82
3.8 Cenário de estudo 83
3.9 Coleta de informações 84
3.10 Análise e apresentação dos resultados 85
3.11 Questões éticas 85
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO 86
4.1 Tema 1: Confusão no entendimento do que as são Práticas de Escrita Colaborativa (PEC) em Rede e os Trabalhos Colaborativos realizados pelos(as) professores(as) e alunos(as) 91
4.2 Tema 2: Dificuldade de implementação das PECs pelos (as) docentes 97
4.3 Tema 3: Escrita Colaborativa em rede enquanto geradora de autonomia digital 104

4.4 Tema 4: Escrita Colaborativa em rede enquanto geradora de conhecimento 109
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 113
REFERÊNCIAS 117
APÊNDICES 129
ANEXO A 289

1 INTRODUÇÃO

A escrita colaborativa é uma prática conjunta entre professores (as) e alunos (as) que pode acontecer tanto de forma presencial, como em ambientes virtuais de aprendizagem, através de diversos recursos tecnológicos, oportunizando a construção de conhecimento em tempo real. O texto se transformou em hipertexto com a principal característica de mobilidade, não-linearidade, instantaneidade, conexão e construção de conhecimento de forma conjunta (SCHAFER, 2009).

Os docentes estão sendo desafiados a se apropriarem das ferramentas tecnológicas, a transformarem suas práticas pedagógicas, gerando novos desafios, interações, espaços para a construção de conhecimento e para o diálogo entre alunos(as) e professores(as) buscando uma aprendizagem colaborativa em rede (CHELLIAH, 2011)

Nesta pesquisa, as práticas de escrita colaborativa em rede são estudadas com o uso do *Wiki* do *Moodle* e em algumas situações com o uso de outras ferramentas de mediação, tais como o *Google Drive* e as versões *online* do pacote *office* da *Microsoft* (*One Drive*), no curso técnico de Segurança do Trabalho na modalidade EAD. É importante destacar que existem diversas outras formas de práticas de escrita colaborativa que podem ser realizadas em rede, porém, não serão o foco desta pesquisa.

Trabalhar com estas práticas de escrita colaborativa em rede, seja com o auxílio do *Wiki Moodle* ou do *Google Drive*, por exemplo, pode trazer algumas vantagens como a redução da dificuldade dos encontros presenciais entre os(as) alunos(as), o aumento da produtividade na construção de conhecimento durante as aulas práticas no polo de apoio presencial, aumento do diálogo e da interação entre os participantes nas atividades aplicadas nas salas de aula virtuais (plataforma *Moodle*) (ABRUCIO, 2016).

No que tange a presença das tecnologias digitais nas nossas vidas, o século XXI tem sido marcado por grandes períodos de transformações na economia, na política, na tecnologia e na educação. A evolução científica e tecnológica envolvida nesses períodos trouxe transformações e novas possibilidades para nosso modo de viver em sociedade, remodelando o ritmo social presente para uma humanidade mais veloz e acelerada. Desde então, as tecnologias têm feito parte da vida das pessoas quase que de forma intrínseca e totalmente dependente. Portanto, as tecnologias digitais têm proporcionado à sociedade em geral, novas formas de interação e organização (DANIELS; THISTLETWAITE, 2016).

Historicamente, os comportamentos e as ações dos seres humanos foram transformados com a utilização e inserção de diversas novas tecnologias não só na educação, mas em todos os aspectos da vida humana. Em questão de segundos, informações são compartilhadas na rede mundial de computadores e os indivíduos se conectam virtualmente de lugares distintos e longínquos. Na esfera da educação não aconteceu diferente; ela tem sido também desenvolvida em ambientes virtuais. Envolvida nessas transformações sociais, a informação tem alcançado grandes volumes e refletido o surgimento da Sociedade da Informação (CASTELLS, 2016).

Esta sociedade faz parte de uma etapa do desenvolvimento humano caracterizada por um grande volume de informação organizada, que surgiu com a Globalização no fim do Século XX, representando uma nova era, na qual o compartilhamento de dados é de custo reduzido e o armazenamento dos mesmos amplamente utilizado. Além disso, a sociedade informacional abrange novas formas de organização social, cujos modos de comunicação, relacionamento, diálogo, compreensão do mundo, aprendizagem, pensamento e trabalho são inter-relacionados em esfera global, constituindo um novo paradigma social e tecnológico, envolto por tecnologias da informação e transformações sociais, econômicas e culturais (CASTELLS, 2016).

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) têm favorecido a implementação da sociedade informacional, promovendo a abertura de investimentos internacionais, facilitando a redução de custos e barreiras geográficas, e organizando as relações em uma abrangência mundial (BRITTO et al., 2016).

As TDICs possibilitam com o uso de imagens, símbolos, notações, áudios e vídeos, formular determinadas informações e transmiti-las. Envolvidos neste processo de comunicação, estão fatores de velocidade, quantidade, acessibilidade e distância com as quais os dados são manuseados de forma complexa e descentralizada na Internet, compilando uma sociedade em rede, também chamada sociedade do conhecimento ou sociedade da informação (CASTELLS, 2016).

Acompanhando essas transformações do acesso e das formas de nos comunicarmos, as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) estão influenciando a educação, com novas possibilidades para as práticas pedagógicas e novos processos, dentre elas, a *internet* nos ambientes educacionais. Nesse contexto, a *internet* não é caracterizada apenas como uma ferramenta de comunicação, processamento e transmissão de dados, mas também como um ambiente global para ação social, aprendizado e ação educacional (PAPERT, 2008; CARVALHO, 2016).

No que tange ao avanço tecnológico na educação estabelecido desde a inserção dos microcomputadores nos processos educacionais até a chegada das tecnologias digitais e móveis,

temos um intervalo onde a discussão se apresenta em 3 (três) grandes eixos: o primeiro eixo discutiu a necessidade de uma formação continuada dos(as) professores(as) com este novo perfil de aluno(a) e recursos tecnológicos colocados à disposição das suas práticas pedagógicas. Com abordagens sobre as iniciativas que devem ser tomadas para o efetivo uso destas TDICs nas salas de aula de acordo com as propostas do Ministério da Educação (MEC) e outras experiências realizadas em outras Instituições de ensino não governamentais e empresas privadas que investem em educação (SUNKEL, 2015).

Depois surge a criação das comunidades de aprendizagem possibilitando acesso a diversos conteúdos, a colaboração entre educadores (as), a socialização permanente destas informações e a conquista de autonomia na produção de conhecimento. E, por fim, questões relacionadas a infraestrutura, avaliação e manutenção destes recursos tecnológicos nos projetos que utilizam as TDICs nas escolas públicas, as estratégias que deverão ser utilizadas pelos docentes e as possíveis formas de avaliação continuada destes processos educacionais (MARTINS, 2010).

Segundo Papert (2008), com a entrada da informática na educação, a possibilidade de criação de condições significativas para o desenvolvimento intelectual dos sujeitos foi aumentada de forma bem significativa. E, nos dias atuais, com as evoluções tecnológicas constantes, com a difusão das tecnologias móveis (*smartphones*, *tablets*, entre outros), os contextos de sala de aula na prática diária dos educadores, foram modificados por meio de algumas mudanças nas suas práticas pedagógicas. Isto fez com que os(as) professores(as) passassem a procurar as formas que os(as) alunos(as) aprendem nos dias atuais e verificar quais as melhores estratégias para tornar estas novas práticas educacionais mais prazerosas para os discentes.

Hoje, estas tecnologias estão muito próximas aos(às) alunos(as) devido a rapidez da transmissão de informações, repletas de interconexões, com inúmeros caminhos a se utilizar, como por exemplo, através do uso da internet nos smartphones, muito próximos da forma com que os(as) alunos(as) aprendem e pensam. Usar estes recursos torna-se um grande desafio para os docentes enraizados nas formas tecnicistas de ensinar, pois precisam se apropriar destes novos conhecimentos, destas novas tecnologias e buscar integrá-las nas salas de aula (SUNKEL, 2015).

E somente uma formação mais crítica e reflexiva por parte dos docentes por meio de planejamento na aplicação destas TDICs com os (as) alunos (as), em uma força tarefa conjunta, poderão trazer benefícios para a educação (PADILHA, 2010).

Dessa forma, os modelos tradicionais de aprendizagem que tratam o conhecimento como um conjunto de informações transmitidas pelos(as) professores(as) aos alunos(as), estão aos poucos sendo complementados com a propagação das TDICs na educação. Sabe-se que o uso das tecnologias digitais da comunicação e informação em diversas áreas é uma realidade na sociedade atual e que os indivíduos não aprendem apenas em ambientes escolares, mas também a partir do compartilhamento de conhecimentos e saberes nas diversas interações sociais, nos ambientes virtuais (BARBER; TAYLOR; BUCHANAN, 2014).

Abordando um pouco mais acerca da sociedade do conhecimento, as tecnologias usadas na educação, seja ela presencial, a distância ou híbrida, podem proporcionar aos educandos(as) uma possibilidade aumentada de instrução, refletindo no processo de ensino e aprendizagem de um universo cada vez mais amplo de pessoas. A partir da associação entre tecnologia e educação, não apenas se alcança um maior número de pessoas, mas também permite a utilização de inúmeros recursos que enriquecem a aprendizagem, principalmente com o uso da *Web 3.0*, também chamada de *Web* semântica, com pesquisas inteligentes e personalizadas, cujas potencialidades para a educação e a pesquisa são muito relevantes (QUINTON; ALLEN, 2014).

Os processos educacionais, a partir do surgimento cada vez mais expressivo das TDICs, têm sido revistos, assim como os papéis dos(as) educadores(as) e dos(as) educandos(as) têm sido repensados. Isso acontece em resposta ao surgimento de novas formas de interação possibilitadas nas salas de aula, inserindo a educação no contexto da cibercultura, assim como o acesso ao conhecimento e à informação, corroborando com as novas formas de se viver e com a transformação das relações interpessoais, conforme o contexto da sociedade informacional (LÉVY, 1999; PALAGANA, 2015).

A educação possibilita que o ser humano possa compreender melhor a sociedade em que vive e interferir nela de forma a colaborar significativamente para as transformações que se façam necessárias. Os novos caminhos sociais são sempre acompanhados pelos princípios da educação; princípios éticos que conduzem as relações entre o homem e a natureza, entre o homem e os outros homens, perfazendo a formação de uma sociedade vinculada a ideais mais sólidos de justiça e humanidade. Na educação a utilização das tecnologias buscam corroborar com os processos pedagógicos dos(as) professores(as), sendo inseridos de forma gradativa, em busca de uma melhoria na qualidade da aprendizagem dos(as) educandos(as), reduzindo distâncias, promovendo diálogos, acelerando trocas de experiências e de conhecimento (OLIVEIRA, 2016).

A modalidade de educação a distância (EAD), que no Brasil é semipresencial, utiliza-se de diversos recursos tecnológicos na educação, como a internet, gerando novas

possibilidades educacionais com a utilização de aplicativos móveis e a disponibilização de conteúdos gratuitos via *Web*, possibilitando a oferta de um ensino que pode ser de qualidade, pois esta modalidade de ensino tem como pilares a interatividade, a autonomia e a aprendizagem colaborativa (GARCIA; JUNIOR, 2015).

Com o surgimento da rede mundial de computadores e as inovações técnicas possibilitadas pelas TDICs, a Aprendizagem Colaborativa Apoiada por Computador, em inglês *Computer Supported Collaborative Learning* (CSCL), tem sido um segmento da educação que relaciona a noção de aprendizagem colaborativa com o potencial das TDICs para sustentá-la (PAPERT, 2008; ALMEIDA; SILVA; SILVA, 2015).

Os autores citados acima afirmam que a aprendizagem colaborativa teve seu surgimento e suas influências em diversas áreas do conhecimento, em especial nos trabalhos voltados à Psicologia do Processamento da Informação, e na teoria sociocultural de Vygotsky. A partir dessas influências e teorias, conceitua-se aprendizagem colaborativa como um processo de interação, no qual negociam-se e se criam significados conjuntamente e de forma autônoma para solucionar problemas, construir ou produzir algo, em especial, o conhecimento (PAPERT, 2008; ALMEIDA; SILVA; SILVA, 2015; PALAGANA, 2015).

Ao mesmo tempo em que este novo cenário da educação transparece características de modernidade aos usuários da *internet*, também causa estranhamento e resistência aos enraizados no modelo tradicional e tecnicista de educação, onde os docentes apenas transmitem conhecimento aos(às) educandos(as) (COVALSKY; MOTA, 2016).

Assim como em todas as esferas sociais há crises decorrentes de rupturas com contextos existentes para a divulgação de novos princípios e valores, a educação também tem passado por mudanças de paradigmas na ciência. Esta, há tempos, coloca o conhecimento adquirido ou construído em perspectivas determinísticas, lógicas e metodológicas. No entanto, a partir do momento em que esta modalidade de ensino tornou-se insustentável no quesito de construir o conhecimento integralmente, com todas as interfaces possíveis, novas referências passaram a ser necessárias para que o homem construísse seu conhecimento de forma mais ampla, reflexiva e problematizada (FREIRE, 2011).

O anseio vigente na educação é vincular o conhecimento tecnológico ao contexto social e cultural para que as crises externas relacionadas aos paradigmas das instituições sociais, e as internas, relacionadas às propostas pedagógicas, com seus objetivos, metodologias e avaliação sejam amenizadas ou sanadas (BARRETO; ARAÚJO, 2014; ARRUDA; ARRUDA, 2015).

Para tanto, é preciso repensar as práticas educativas que tinham como pilar a oposição entre o sujeito e o objeto do conhecimento, e salientar o investimento em uma dimensão

histórica, social, cultural e científica colaborativa e transformadora de construção de conhecimento. Com o advento da sociedade informacional, as informações e os conhecimentos são acessados e construídos constantemente, em uma contínua condição de aprendizagem (FREIRE, 2011; CASTELLS, 2016).

Essas mudanças ocorridas na sociedade e na educação fazem parte de um cenário do processo educativo permeado pelo estabelecimento de novas práticas de ensinar e aprender, preconizando ações colaborativas entre os(as) educandos(as), transferindo o modelo de aprendizado centrado na figura do(a) professor(a), para uma educação horizontalizada entre educador(a) e educando(a) (FREIRE, 2011; BARION; MARQUES, 2013).

Atrelando educação e qualificação, ciência e tecnologia, trabalho e produção, está a Educação Tecnológica, que relaciona a compreensão e a construção do progresso social nos campos de trabalho. Na Educação Tecnológica, o cidadão e o profissional é formado de maneira crítica e reflexiva, com domínio científico e visão apurada das tecnologias (LAUDARES, 2005). Dentre essas práticas educativas, busca-se prezar por uma formação libertadora, comprometida com o indivíduo enquanto ser histórico e social, imponderado pelo uso das tecnologias, preparado para se colocar criticamente diante das mesmas (FREIRE, 2011; LOPES, 2014).

Neste sentido, a Educação Tecnológica está envolvida com a emancipação e formação dos educandos (as), propiciando a aquisição de competências exigidas pelo mercado de trabalho, em uma educação não dualista, integrando conhecimento, cultura, tecnologia e trabalho a fim de oportunizar a educação como um direito de todos, e um princípio de cidadania e democracia na sociedade (LAUDARES, 2005; FREITAS et al., 2017).

Com a inserção cada vez mais significativa das TDICs no contexto educacional, novas realidades de formação e qualificação são exigidas tanto do educador (a) quanto do educando (a), corroborando com reflexões acerca da finalidade da educação profissional e da função social do trabalho. Na concepção marxista da educação como instrumento de libertação social, o trabalho resulta do investimento de força física e mental, voltada à produção de bens e serviços. Historicamente é perceptível que o trabalho humano passou por mudanças devido à evolução dos processos de produção, influenciando as concepções que o trabalhador (a) possui a respeito de sua atividade produtiva (MACHADO, 2017).

Por meio de experiências compartilhadas em contextos e situações de trabalho é que o conhecimento tem sido construído. Aprofundando nessas afirmações, o trabalho é visto desde sempre, como fonte de identidade pessoal e social, favorecendo ao homem a oportunidade de produção de objetos e serviços e também de trocas sociais. Consoante a tal fato, as atividades

laborais podem promover o desenvolvimento dos indivíduos ou até mesmo ser fonte de adoecimento aos mesmos. Por esse motivo, políticas públicas que promovam uma educação profissional que configure uma formação integral do indivíduo fazem-se imprescindíveis, oportunizando não apenas saberes tecnicistas, mas também saberes que favoreçam positivamente a subjetividade do educando (a), futuro integrante do mercado de trabalho (OLIVEIRA, 2013).

Para uma formação integral do ser humano, podemos articular a educação básica e a educação profissional e tecnológica para que o educando (a) adquira características humanistas, científicas e tecnológicas condizentes com o nosso tempo. Dessa forma, a educação profissional e tecnológica deve ser entendida e executada como uma estratégia de construção da cidadania, inserindo os jovens no mundo do trabalho e na sociedade informacional (FREITAS; MAURO; CINTRÃO, 2017).

De acordo com o Ministério da Educação brasileiro, a educação profissional e tecnológica deve ser caracterizada como uma forma de possibilitar a construção social do (a) aluno (a), em que ao mesmo tempo que qualifique o cidadão, o eduque em bases científicas e ético-políticas, para compreender a tecnologia como produção do ser social, que estabelece relações sócio históricas e culturais de poder (MEC, 1994).

Ademais, a educação profissional e tecnológica deve se apresentar a partir de um processo mediador e colaborativo que relaciona a base cognitiva com a estrutura material da sociedade, prevenindo a ocorrência do erro de se transformar em mercadoria e de considerar a educação profissional e tecnológica como adestramento ou treinamento (BONDIOLI; CARVALHO, 2015).

Uma alternativa que tem facilitado experiências educacionais e práticas educativas progressistas é a modalidade de educação a distância, a qual tem promovido ações de emancipação e transformação social por meio da educação profissional (LAUDARES, 2005).

No Brasil, a Escola Técnica Aberta do Brasil se apresentou como um programa de educação a distância lançado pelo Ministério da Educação em 2007 com o objetivo de aumentar a oferta e democratizar o acesso a cursos técnicos de nível médio, públicos e gratuitos no país, que mais tarde passou a se chamar Rede E-TEC Brasil (LOPES, 2014).

A partir de então, a oferta de programas em EAD, como a Rede E-TEC Brasil, passou a se mostrar como uma profunda alteração na maneira de pensar e praticar a educação, necessitando de mudanças na formação dos profissionais envolvidos nesta modalidade de ensino e capacitação apropriada, com o intuito de usar adequadamente as TDICs disponibilizadas e necessárias para o alcance das expectativas de melhorar todo o processo de

aprendizagem dos alunos(as), bem como a autoaprendizagem por parte dos próprios profissionais do ensino a distância (PORTES, 2016).

Adentrando um pouco mais no ensino a distância, têm-se a prática de escrita colaborativa em rede que é utilizada nesta modalidade de ensino. Tal prática vem sendo possibilitada pelo uso das ferramentas tecnológicas na internet e dos seus recursos, entre os estudantes que se apropriam do acesso às TDICs, utilizando-as nas mais diversas formas de relacionamento, sejam elas sociais, educacionais ou profissionais (MUNHOZ, 2011). O uso das TDICs em redes sociais ou plataformas virtuais de ensino, promove a exploração de seus benefícios e gera grandes inovações em rede, por meio de um processo de produção colaborativa do conhecimento (RABELLO; OKADA, 2014).

As práticas de escrita colaborativa em rede usam tecnologias voltadas ao exercício da colaboração. Dois exemplos de plataformas colaborativas podem ser citados: *Google Drive* e *Wiki do Moodle*, cujas funcionalidades não só disponibilizam e transmitem conteúdos, mas também permitem uma produção conjunta de conhecimentos científicos e tecnológicos, concretizando uma aprendizagem dialógico-problematizadora em rede (BORTOLOZO, 2016).

Em um modelo de ensino colaborativo, o estudante necessita deixar de ser consumidor passivo de informação, desenvolvendo uma produção colaborativa do conhecimento, tornando-se arquiteto das suas práticas cognoscitivas. A colaboração sugere uma maior participação dos estudantes no processo de construção do conhecimento, proporcionando autonomia de decisão e responsabilidades mais sugestivas no processo de ensino e aprendizagem.

Ademais, por colaboração, entende-se a construção do conhecimento de forma horizontal entre estudante e professor(a), assegurando um ambiente onde os alunos(as) possam reconhecer e refletir sobre suas próprias ideias, integrando saberes diferentes, conduzindo e orientando todo o processo de aprendizagem (FREIRE, 2011; CASTELLS, 2016).

As plataformas de colaboração abertas podem aumentar o alcance, a velocidade e o sucesso da inovação no processo educacional, pois torna possível a interação e reflexão crítica dos educandos (as) nas suas salas de aula virtuais, fazendo com que o processo de aprendizagem passe a ser mais aberto à participação dos estudantes na produção colaborativa nos ambientes virtuais, proporcionando sucesso em inovação tecnológica e autonomia na construção de conhecimento (SANTOS, 2008; CASTELLS, 2016).

No *Google Drive*, além de criar planilhas, apresentações e documentos, é possível aos internautas trabalhar de forma colaborativa visualizando as alterações realizadas pelos diferentes autores. Esse ambiente permite acessar os documentos de qualquer lugar com acesso à Internet, com acesso simultâneo, com o histórico das suas versões e um sistema de conectores,

utilizando diversos dispositivos e sistemas operacionais. Além disso, o ambiente de produtividade e colaboração no *Google Drive* é gratuito, não sendo necessário qualquer tipo de licenciamento, permitindo intercâmbio de ideias, fortalecendo a troca de informações e experiências significativas, e possibilitando o "ser autor", o "construir", o "interferir" e o "contra argumentar" na escrita do "eu colaborativo" (FREIRE; AMANTE, 2016).

Nesse contexto de educação a distância, o professor (a) deve ser ousado em transgredir as práticas tecnicistas e viabilizar espaços de conhecimento abertos, flexíveis e colaborativos, contribuindo significativamente para o avanço educacional e para a autonomia digital dos educandos (as) (PEIXOTO; CARVALHO, 2011; PORTES, 2016).

A *Wikipédia*, um outro exemplo de plataforma colaborativa, é um espaço livre disponibilizado na Internet que facilita a produção colaborativa de conhecimento por meio de um processo de produção mais universal, em que, qualquer cidadão do mundo pode colaborar na escrita das informações divulgadas (WIKIVERSIDADE, 2015). Oposto a este espaço universal, porém com a possibilidade de uma escrita colaborativa diferente da que pode ser praticada com a Wikipédia, tem-se a ferramenta *Wiki* na plataforma *Moodle*, no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), no qual os (as) alunos(as) e os (as) professores(as) constroem conhecimentos conjuntamente sobre determinados temas de estudo (SEIXAS; VICARI, 2002; FISS; AQUINO, 2013).

De encontro a estas ideias, existem evidências de que a produção colaborativa de textos no ambiente educacional ainda não se atingiu o almejado, no sentido da pouca utilização, talvez também pelo fato de a escolaridade estar centrada na individualidade e competitividade e não na colaboração entre os pares educador (a) - educando (a); educando (a) – educando (a); e educador (a) – educador (a). Neste sentido, fomentar o uso de ferramentas de colaboração em ambientes virtuais, pode gerar mudanças no cenário educacional, a fim de romper com o modo produtivo tradicionalista dos estudantes e professores(as) e provavelmente gerar qualidade na construção do conhecimento (CLARK; HERGENRADER; REIN, 2015; COVALSKY; MOTA, 2016).

Engajado neste rompimento estão as possibilidades de inserção de uma educação mais reflexiva e crítica, estreitando-se a uma pedagogia envolvida nos processos de emancipação social, intervindo e modificando o *status quo* vigente. Uma educação humanista e libertadora tem como ponto de partida a concepção do diálogo como um processo dialético-problematizador (FREIRE, 2011).

Ser autônomo é libertar-se do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um tempo de oportunidades, que pode descrever o ressurgimento de novas ideias na educação,

sendo um processo de humanização que se constrói historicamente através de decisões; ou seja, a autonomia é a experiência da liberdade, impulsionada pelo pensamento crítico e problematizador que permite consequentemente a transformação social, cultural e educacional (FREIRE, 2011; LOPES, 2014).

Os processos educacionais colaborativos em rede podem gerar um pensamento autônomo, crítico e problematizador no universo do educando (a). Ancorados nessa afirmação, os professores(as) devem escolher temas geradores de reflexões ou conteúdos programáticos que estejam atrelados a uma postura dialógica, com o objetivo de realizar a leitura de mundo do educando (a) (MARTINS; SILVA, 2016).

Nesse contexto de sociedade informacional, de autonomia e colaboração na produção de conhecimento, faz-se necessário pensar práticas pedagógicas em prol de gerar transformações sociais por meio do ensino, sendo capaz de recriar significados por meio de conteúdos programáticos, de debates e reflexões, estando estes em conformidade com a realidade autônoma e construtivista dos educandos (as) que é marcada pelo uso expressivo das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (MARTINAZZO, 2014).

1.1 JUSTIFICATIVA

O cenário educacional, nos últimos tempos, tem sido motivado a sofrer transformações em termos concepcionais, paradigmáticos e estruturais. Uma sala de aula, antes vista sob um panorama estático e bastante rudimentar, com o uso de quadros negros, giz, cadeiras e mesas enfileiradas, com alunos(as) sentados e desmotivados em relação à figura autoritária do professor(a), deveria ser vista sob uma ótica bastante flexível e tecnológica, onde o professor(a) busca promover o diálogo com seus alunos(as) utilizando diversas ferramentas tecnológicas em suas aulas, abrindo espaço para a reflexão dos estudantes neste processo de construção conjunta do conhecimento. No lugar do quadro negro, veem-se lousas brancas nas quais são projetados textos, imagens, áudios e vídeos que são compartilhados entre educandos (as) e educadores (as) em um espaço colaborativo de conhecimento (CASTELLS, 2016).

E neste cenário de mudanças, as tendências tecnológicas mundiais se direcionam a aplicações e serviços em diversas áreas, como para educação a distância, para o ensino técnico profissionalizante, para a informática em diversos setores, como a computação em nuvem, aplicativos inteligentes, transmissão de vídeo aulas, vídeos *on-line* e novos instrumentos de colaboração como salas de aula virtuais, plataformas criadas em ambientes virtuais de

aprendizagem (AVAs), promovendo interação, diálogo e construção conjunta de conhecimento (ABED, 2012).

Nos dias atuais existem algumas pesquisas que estão concentradas na forma de criação e melhorias destes ambientes virtuais de ensino e na criação de diversas ferramentas web colaborativas, na busca da melhoria principalmente da interação e diálogo entre alunos(as) e professores(as), facilitando mediações através da utilização de conteúdos midiáticos, através de tecnologias de compartilhamento de conteúdos, como áudios, vídeos, transmitidos pela *internet, Webconferências*, *Web TV, Web rádio,* podendo ser gerenciadas e acessadas através de dispositivos móveis inteligentes (*Smartphones*, *Iphones*, *tablets*). Porém, devemos pesquisar no meio acadêmico, em que medida, o uso destas tecnologias na educação, contribui para o desenvolvimento da autonomia digital e produção de conhecimento destes alunos(as) (BARBOSA; SILVA, 2013)

Com toda esta convergência tecnológica, quando uma única infraestrutura de tecnologia passou a prover serviços, que no passado requeria diversos equipamentos, protocolos, começaram a permitir, no âmbito da educação, que alunos(as) tivessem acesso à informação de qualquer lugar e de qualquer meio de comunicação com uma interface única, fez com que uma grande massa da população mundial economicamente ativa, fizesse uso constante de dispositivos móveis, tais como *smatphones*, *tablets*, *Ipads* . E, na educação, os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) proporcionam o acesso a um grande número de ferramentas tecnológicas em prol do ensino a distância, devido às melhorias nas formas de interação, ao acesso facilitado através de dispositivos móveis, nas práticas pedagógicas colaborativas (construção de conhecimento em conjunto, através por exemplo, do *Wiki do Moodle* e/ou do *Google Drive*, não fazendo mais da EAD uma modalidade de ensino isolada, com apenas reprodução do conhecimento (BAYTIYEH, 2011).

Muitas outras inovações educativas sempre acontecerão no campo desta modalidade de ensino com o uso de tecnologias móveis e os seus resultados estarão condicionados às suas propostas metodológicas alternativas, com novas práticas pedagógicas que irão enriquecer as aprendizagens

e a avaliação de desempenho destes alunos(as), podendo gerar autonomia, rapidez e independência na produção do conhecimento por parte dos alunos(as), se tornando uma ferramenta tecnológica importante para o apoio aos professores(as) nas suas práticas pedagógicas (CHAGAS; LISBOA; FURTADO, 2011).

Esta pesquisa analisa o que ainda necessita de um pouco mais de atenção: “Em que medida o domínio na utilização destas tecnologias influencia significativamente a produção de conhecimento por parte dos alunos(as) do curso Técnico de Segurança do Trabalho”?

O foco da pesquisa está na utilização das práticas de escrita colaborativa realizadas pelos professores (as) e alunos (as) do ensino técnico profissionalizante, subsequente ao ensino médio, no curso de Segurança do Trabalho, nas suas Práticas de Escrita Colaborativa em Rede e construções conjuntas de conhecimento, na sua obtenção de autonomia digital para conduzir bem o curso na modalidade de educação a distância, pelo Instituto Federal do Sul de Minas, campus da cidade de Machado.

Com estas novas práticas educacionais, o conhecimento é produzido não só pelo educador (a), mais pelo educando (a) também (RABELLO; OKADA, 2014).

O professor(a) não é mais visto como o único detentor de conteúdos e informações, mas sim, concebido como um facilitador no processo de aprendizagem. Nesse contexto, o universo educacional entre educador (a) e educando (a) pode ser facilitada pelo uso de tecnologias que já são bastante presentes no espaço escolar (COVALSKY; MOTA, 2016).

Nesse contexto de EaD, a Prática de Escrita Colaborativa em Rede tende a ser um princípio educacional, visto que nestes ambientes há fóruns, *chats*, questionários, *Wikis*, entre outros aplicativos, que com a sua utilização, podem motivar os integrantes do curso diariamente a interagirem na plataforma virtual, buscando se tornarem estudantes autônomos na construção de seus conhecimentos (COVALSKY; MOTA, 2016).

A prática de escrita colaborativa usada em ambientes virtuais, pode ser mais facilitada do que aquela desenvolvida em ambientes presenciais de forma manuscrita. Os textos produzidos nestes ambientes virtuais podem ser editados e transformados em qualquer momento da escrita e são marcados pela objetividade, visibilidade, flexibilidade, navegabilidade e interatividade em tempo real entre educadores (as) e educandos (as) (CLARK; HERGENRADER; REIN, 2015).

Os autores divergentes afirmam que o conhecimento produzido em ambientes virtuais pode ser frágil devido à facilidade de editoração que os textos possuem; mas como o processo de aprendizagem é mediado pelo educador(a), as possibilidades de vieses de conhecimento podem ser reduzidas pela moderação entre o educador (a) e os (as) estudantes nas aulas. Reitera-se com essa afirmação a importância da figura do (a) educador (a) mediador no processo de aprendizagem (SANTOS; SCHNEIDER, 2014; COVALKY; MOTA, 2016).

Algumas ferramentas virtuais como o *Wiki do Moodle* e o *Google Drive* podem contribuir para o processo de aprendizagem, pois possibilitam o uso de ferramentas interativas

entre duas ou mais pessoas concomitantemente, estimulando a colaboração, o trabalho em grupo, a autonomia e a reflexão do conteúdo abordado. Além disso, cabe salientar que a prática de escrita colaborativa tende a promover à inclusão digital e estimular a produção autônoma dos estudantes, contribuindo para a emancipação social dos seus usuários (FREITAS *et al*, 2017).

A produção de textos *online* tem, muitas vezes, a pretensão de vincular o texto construído ao ambiente virtual, ou aceitar pequenas intervenções do leitor. Assim, acredita-se que, ao vincular um texto no ambiente virtual, diferentes leitores podem atualizar e intervir na escrita à medida que atualiza tais questões. Nesse sentido, ferramentas de escrita colaborativa possibilitam a construção de textos na medida em que é colocada e praticada nos processos pedagógicos dos educadores (as). Ademais, a escrita colaborativa em rede, mediada pelas tecnologias exigem dos envolvidos autonomia e criticidade, nos mesmos termos da modalidade presencial de ensino (ALMEIDA; SILVA; SILVA, 2015).

Nesta construção colaborativa de conhecimentos, os estudantes podem participar ativamente da construção de conteúdo, uma vez que as ferramentas virtuais permitem o compartilhamento de documentos para um grupo fisicamente próximo ou não, sendo que cada participante é responsável pelo resultado obtido em grupo. Algumas ferramentas tecnológicas, tais como as ferramentas do *Google Drive* possuem aplicativos para criação de textos, imagens, áudios e vídeos, apresentações de slides, construção de planilhas virtuais, que em conjunto, corroboram com as práticas pedagógicas colaborativas (OSKOZ; ELOLA, 2016).

Ao passo que não se torna mais favorável pensar a educação desprovida das tecnologias digitais, realizar pesquisas científicas que abordem o uso das mesmas na educação são necessárias e vigentes no contexto atual, com uma análise mais profunda dos efeitos do uso destas ferramentas tecnológicas, analisando melhor seus resultados (CARVALHO, 2016).

Há que se investigar as práticas educacionais vinculadas ao uso de tecnologias para fomentar a produção científica nesta área e, principalmente, para que os processos de ensino e de aprendizagem sejam cada vez mais compreendidos e enriquecidos pelos novos modos de se desenvolver a educação (MILL, 2013).

1.2 OBJETIVOS

Nesta seção abordamos os objetivos gerais e específicos desta pesquisa com suas ideias centrais pautadas em referenciais teóricos e em dados de estudos com temáticas semelhantes.

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender a percepção docente e dos estudantes sobre as práticas de escrita colaborativa em rede, para o desenvolvimento da autonomia digital e da produção de conhecimento dos estudantes, aplicadas em duas disciplinas do curso Técnico de Segurança do Trabalho, modalidade a distância, do Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado, polo Alfenas, Minas Gerais, Brasil.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

a) identificar as práticas de escrita colaborativa em rede que vem sendo desenvolvidas pelos docentes nas disciplinas de Biossegurança e Prevenção e Combate a Incêndios no curso técnico de Segurança do Trabalho.

b) compreender o uso das ferramentas digitais para a escrita colaborativa de textos no contexto docente.

c) identificar os principais desafios da implementação das práticas de escrita colaborativa em rede para o desenvolvimento da produção de conhecimento dos (as) educandos (as).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção abordamos a fundamentação teórica desta pesquisa destacando a utilização das práticas de escrita colaborativa nos cursos técnicos EAD, assim como a sua importância para uma educação que transcenda os muros da escola técnica profissionalizante, transformando os estudantes em participantes ativos no processo de ensino e aprendizagem.

2.1 Prática de escrita colaborativa em rede

Com o suporte das tecnologias digitais, a colaboração se tornou muito importante nos processos educacionais. Com a prática da escrita colaborativa em rede nos ambientes virtuais

coloca-se em evidência um processo de hibridização das funções dos (as) leitores (as) e autores (as). Devido à criação de equipamentos e sistemas que promovem tais metodologias e formas de escrita, com distintas possibilidades de ação, estas ferramentas ganharam destaque na *Web* e nos processos educacionais na modalidade de educação a distância (RABELLO; OKADA, 2014).

Segundo alguns autores, a prática de escrita colaborativa em rede, quando envolve um esforço em grupo, precisa de uma base individual e de uma liderança para administrar toda a complexidade deste processo. Mesmo com a escrita colaborativa se apresentando de forma dinâmica e muitas vezes não linear, percebe-se uma progressão linear, onde existe um ponto de partida e outro de chegada, não podendo fazer previsões sobre o que pode acontecer entre estes pontos (SEIXAS; VICARI, 2002; BORTOLOZO, 2016).

Existem muitas estratégias e atividades de escrita com modos diferentes de trabalho e papéis diferentes assumidos pelos participantes, tornando o processo de escrita colaborativa em rede um pouco complexo. E toda esta complexidade de modos de trabalho e papéis distintos dos sujeitos neste processo, exige que todas as atividades sejam bem administradas neste espaço tempo, para não causar a perda de motivação do grupo de trabalho (SANTOS, 2008; ALMEIDA; SILVA; SILVA, 2015):

a) com o envolvimento de vários grupos de trabalho a fim de realizar uma tarefa em comum de escrita, a escrita colaborativa em rede é um ato social que precisa de outras atividades que não estão envolvidas na escrita autor-único, como a construção de um consenso;

b) a escrita colaborativa se estende sobre a escrita autor-único que desenvolve algumas atividades mínimas de elaboração, de planejamento e revisão;

c) e a escrita autor-único envolve atividades mínimas de planejamento, elaboração e revisão;

d) uma experiência de escrita colaborativa em rede eficaz necessita de coordenação, comunicação, negociação, socialização, pesquisa em grupo, monitoramento, gravações, reencaminhamento e punições, uma vez que diversos sujeitos estão trabalhando em um mesmo objetivo comum;

e) as tarefas de grupos para se realizarem de maneira ideal, inclui atividades de "pré-tarefa" para finalizar a entrega de tarefas;

f) e estas tarefas de grupos exigem planejamento, execução e finalização.

Nesse sentido, a escrita colaborativa representa um processo interativo e social com um objetivo comum de coordenação, negociação e comunicação durante a criação de um documento. Além desta aplicabilidade, propõe-se a utilização de três estratégias para o

desenvolvimento de uma escrita colaborativa: a escrita de autor-único do grupo (*group single-author writing*), a escrita reativa (*reactive writing*) e a escrita paralela (*parallel writing*) (FISS; AQUINO, 2013).

Uma pessoa apenas se torna responsável por escrever o texto na escrita "autor-único". Trata-se de um grupo que trabalha em um consenso coordenado com a responsabilidade de apresentar o resultado que é atribuído a apenas uma pessoa da equipe, por isso, esta escrita é qualificada como colaborativa. Existe uma variação desta estratégia com a chamada "escrita sequencial", que acontece no decorrer do trabalho quando a responsabilidade da escrita é alternada sequencialmente entre os participantes do grupo em relação a distribuição de tarefas, que gera uma falta de consenso do grupo, tanto em relação às ideias quanto a materialidade dos textos, podendo haver falta de controle de versões (FREIRE; AMANTE, 2016).

Na atividade de "escrita paralela" cada pessoa do grupo, desde o início da atividade, se torna responsável por uma parte do texto, que não precisa corresponder a seções separadas. O que pode acontecer é alguma desatenção de algum membro, excesso de informação, ruídos na comunicação e diferenças estilísticas, mesmo que esta estratégia possa garantir certa autonomia de trabalho e anonimato (CANHOTO *et al*, 2016).

Existem duas variações da escrita paralela: a escrita de divisão estratificada, onde as inclinações de cada membro (revisor, editor, escritor) são exigidas antes da divisão dos textos e a escrita de divisão horizontal, onde um dos membros do grupo fica responsável pela unidade e revisão final do texto, que foi distribuído anteriormente em seções (CANHOTO *et al*, 2016).

Na atividade de "escrita reativa", não existe um planejamento prévio significativo ou uma coordenação explícita como nas estratégias supracitadas. Acontece uma produção de texto em tempo real sugerida por escritores no decorrer dos trabalhos realizados, reagindo às contribuições de cada membro participante, fazendo o ajuste do texto conforme o consenso do grupo. Com este tipo de metodologia, se torna possível a construção de um consenso baseado na livre expressão dos seus participantes, promovendo a construção da criatividade. Quando se tratar de um grupo grande, a coordenação destas contribuições para o desenvolvimento da versão final torna-se uma tarefa árdua e difícil (MACHADO, 2017).

Têm-se, a seguir, os papéis que cada participante pode desempenhar no processo de escrita colaborativa (SABOIA et al., 2014):

a) Escritor: responsável pela escrita de uma parte do texto escrito de forma colaborativa;

b) Consultor: membro que fornece comentários e conteúdos, podendo ser um participante externo ao grupo, não tendo propriedade no texto que está em construção;

c) Editor: pessoa responsável pela produção global do texto, que pode fazer alterações em seu conteúdo e/ou no estilo do texto;

d) Revisor: membro interno ou externo de um grupo de escrita colaborativa que aponta feedbacks para alguns conteúdos específicos;

e) Líder do grupo: participante de um grupo de escrita colaborativa com a responsabilidade que vai desde a autoria até os trabalhos de revisão, conduzindo o trabalho com o planejamento adequado e motivador.

f) Facilitador: é um participante externo que, com planejamento, lidera um grupo de escrita colaborativa, mas não faz feedbacks aos conteúdos dos textos.

A concepção de texto é adotada como um evento comunicativo na qual convergem ações sociais, linguísticas e cognitivas. O texto é um sistema de conexões com diversos elementos como palavras, significados, sons, participantes do discurso, ações em um plano, entre outros. A partir desta definição de texto, define a ação como sendo a utilização do conhecimento de mundo e de habilidades cognitivas em busca de controlar a produção de sentido com os recursos linguísticos disponíveis (MILLS; EXLEY, 2014).

As definições dialogam numa compreensão de texto e contexto; o sentido se revela e se constrói em seu contexto. Na mente humana, redes de significação transitórias são configuradas: quando se ouve uma palavra ativa de imediato na mente humana, uma rede de outras palavras, com modelos e conceitos e também com lembranças, afetos, sensações proprioceptivas, odores, sons e imagens, entre outros, criam significação transitória (LÈVY, 2010; MILL, 2014).

Por exemplo, citando a palavra “pera”, podem se ativar uma rede de imagens e conceitos a partir de todos os ouvintes, selecionados em um contexto, emergindo significados na consciência humana. Esta ativação de uma vasta rede semântica é possibilitada pelo contexto dos usuários da língua que se reconfiguram por causa destas novas informações e suas interpretações. Cada palavra não somente modifica, como ajuda na construção ou remodelagem da topologia da rede ou na composição dos seus nós (MILLS; EXLEY; 2014).

Também se encontra na literatura que a assunção da comunicação em rede é um princípio organizador da mente e da escrita, assim se pronunciando sobre este novo diálogo: Se as estruturas lineares e hierárquicas dominam a escrita atual, surge uma terceira estrutura, a rede como uma estrutura visível e operacional. A rede como um princípio organizador tem sido latente em todos os textos escritos, e a poesia oral homérica mostra que a rede é mais antiga que a própria escrita. Estabelecida pela repetição na mente do poeta e do público, a rede homérica continha todos os personagens mitológicos e suas histórias (SABOIA et al, 2014).

Existe a compreensão ou integração de diferentes redes dentro de uma rede maior. Após a invenção da escrita no mundo antigo, tornou-se tarefa do (a) escritor (a), estabelecer sua própria rede composta de referências e alusões dentro do texto e conectada à rede maior, formada por outros textos na cultura. A partir desse momento até o advento da escrita eletrônica, a rede referencial existiu entre as linhas do texto, isto é, na mente de leitores (as) e escritores (as) (SABOIA et al., 2014).

No que tange ao seu caráter cognitivo, processual e interacional, a noção de texto e de discurso se misturam, pois, a compreensão do texto como rede aproxima-se da discussão sobre a implementação e integração de espaços referenciais. Assume-se aqui a noção de texto-discurso como um evento intercomplementar, constituinte de um cenário enunciativo. Na base do conceito de *hipertexto* está a afirmação de que este texto-discurso se processa em rede (BORTOLOZO, 2016).

A comunicação acontece por meio de uma *rede hipermidiática*, que está em constante construção e renegociação. Nós interagimos através de uma rede de significados aberta, não linear, composta de *links* interligados em uma série de remissões, associações, analogias e relações. A escrita e a leitura em hipertexto, textos em blocos com palavras, sons e imagens no meio digital, são atividades pessoais, construtivas e socialmente construídas. Em evidência está a grande importância do *hipertexto* como sendo um novo espaço de escrita (BORTOLOZO, 2016).

Dado que o *hipertexto* é colaborativo, os participantes são motivados a construir não um sentido fixo, porém, vários sentidos nestas atividades de escrita. O *hipertexto* dá a oportunidade de seus usuários se integrarem em um ambiente de escrita colaborativa. "Colaborativo" é qualquer escrita realizada coletivamente, por mais de uma pessoa que é usado para produzir um único texto; e pode ser definida a escrita como qualquer atividade que leve a um documento completo, incluindo *brainstorming* e geração de ideias, coletando pesquisa, fazendo planejamento, organização, elaboração, revisão e edição dos textos produzidos (ALMEIDA; SILVA; SILVA, 2015).

O caráter social e ativo do conceito acima, da escrita colaborativa, fica em destaque, tendo em vista que a sua produção envolve uma equipe de pessoas, podendo surgir de diferentes áreas do conhecimento e possuir perspectivas diferentes em relação a um mesmo referente. Com esta visão, descreve-se que a escrita colaborativa é interdisciplinar, pois ultrapassa as fronteiras das áreas de conhecimento e seus meios de transmissão, além de proporcionar simultâneos e diferentes níveis de aprofundamento temático. Com o fato da escrita colaborativa se apoiar em pelos menos três padrões de textualização, ganha relevo seu aspecto processual

com as atividades de planejamento, elaboração do texto e revisão (MARCHIORI; GREEF, 2013).

Mesmo que a Escrita Colaborativa em Rede seja dinâmica e não linear, seu sistema de produção ainda segue uma progressão linear: com um ponto de partida e outro de chegada. O que pode acontecer neste intervalo é difícil de prever. De um projeto para o outro mudam-se as estratégias, os objetivos e os papéis dos participantes da escrita colaborativa (CANHOTO et al, 2016).

Devido à complexidade destes processos, deve ser levado em conta as múltiplas estratégias de escrita, tais como os papéis dos participantes, os processos de trabalho, as atividades de escrita e as formas de controle dos documentos. Os trabalhos com o *hipertexto* demandam reflexão sobre as atividades de escrita e de leitura, correlacionados às condições de produção de discurso, à fatores de contextualização (relevância, coerência, coesão), e ao modo de constituição e funcionamento de gêneros textuais (MARCHIORI; GREEF, 2013).

A busca da autonomia do conhecimento com a utilização das tecnologias educacionais e com as práticas de escrita colaborativa, hoje em dia, são colocadas em prática em diversas escolas públicas, disseminando estas novas metodologias em diversos municípios brasileiros, cada um com as suas dificuldades e sucessos alcançados, numa tentativa de reinventar a escola, o currículo, a profissão docente e a gestão escolar (HASHEMI; CEDERLUND, 2016).

Uma conquista importante que é colocada em destaque é a autonomia gerada em todo este processo educacional, principalmente relacionado ao currículo. Tudo que integra o currículo escolar precisa ter uma gestão coletiva e democrática, garantindo a participação e a contribuição crítica e reflexiva de todos os sujeitos envolvidos neste processo, principalmente aqueles que fazem uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) em suas práticas pedagógicas (OLIVEIRA, 2016).

Isto pode ser considerado uma opção frente às práticas de obedecer às ordens que vêm de cima, de modo impessoal e técnico, dogmático e autoritário. A prática do direito de modificar, refletir, sugerir, interferir, participar, reinventar os processos pedagógicos com a reflexão, com a criticidade dos que trabalham com o processo educativo, no seu dia a dia, faz com que as Práticas de Escrita Colaborativa se tornem práticas pedagógicas cheias de conteúdo, metodologias gerais e fundamentais, com a utilização das tecnologias da informação e comunicação (TICs) (LOPES, 2014).

Poder trabalhar na construção do aprendizado, com estas Práticas de Escrita Colaborativa, aliadas às novas tecnologias educacionais, pode despertar nos sujeitos a prática do ouvir para conseguir ser ouvido e a respeitar as ideias e as práticas dos outros em um

processo mútuo de respeito. O conhecimento é construído em conjunto, a necessidade de acompanhar a evolução do nosso tempo se faz com a adequação e uso das ferramentas tecnológicas, contudo, priorizando o treinamento e o desenvolvimento do senso crítico sobre a tecnologia utilizada (LOPES, 2014).

Receber e armazenar os textos de tal forma a proporcionar aos seus usuários possibilidades de adição e edição de novos conteúdos é garantida pela escrita colaborativa em rede, que é a criação de textos online entre duas ou mais pessoas, nas plataformas virtuais de aprendizagem, por exemplo, o *MOODLE* "(*Modular Object Oriented Dynamic Learning Enviroment*)" (BAIA et al, 2017).

Para que a ferramenta descrita funcione com eficiência e seja eficaz, o processo educacional precisa ser mediado e estruturado pelos (as) professores(as), o que vai garantir a produção de conhecimento e a participação de todos os envolvidos (MACHADO, 2017).

A autonomia dos participantes, os tipos de interação utilizados, as características das tarefas realizadas, os participantes envolvidos e a composição dos grupos, precisam ser considerados em todo processo. É preciso reconhecer as habilidades envolvidas no aprendizado destas ferramentas, que vai gerar uma visão sistêmica entre os sujeitos, chegando perto de um objetivo comum (SEIXAS; VICARI, 2002; SANTOS, 2008).

O gênero discursivo fórum *online* de discussão, necessita por sua natureza dialógica, da produção de estruturas discursivas que permitam a presença dos *footings* dos agentes de interação em suas construções linguísticas, apresentando uns aos outros as intenções comunicativas pertinentes ao gênero e as maneiras de interpretá-las, conforme as inferências produzidas no instante da interação virtual. Devido ao fato de que os gêneros possuem uma classe de eventos comunicativos em cujas instâncias discursivas falantes e ouvintes compartilham objetivos ou propósitos comuns (MARCUSCHI, 2002; SWALES, 1990), os gêneros virtuais, enquanto instâncias discursivas que se aproximam dos gêneros textuais, são construídos socialmente e, apesar de escritos, apresentam características da oralidade.

Em se tratando do fórum, o dialogismo seria sua característica de maior destaque, porém em uma gradação inferior ao dialogismo do gênero *chat*, pois, como se destacam nossas análises, alguns pontos discursivos não conseguem impulsionar a interação, talvez pelo fato de os interlocutores virtuais não levarem em consideração de forma espontânea, a relação entre *footing* e tópico discursivo, e sua importância para a manutenção da interação. Desta maneira, analisar os footings dos agentes de interação virtuais presentes na produção de seus discursos, proporciona meios de identificar novas formas de perceber como os interacionistas virtuais, de

um lado, co-constroem seus discursos e, de outro, ajudam a constituir sistemas discursivos que tipifiquem o gênero discursivo fórum *online* de discussão (PAIVA, 2004).

A partir do conceito *goffmaniano de footing*, procura-se identificar nos turnos das conversas *online* pistas linguísticas que demonstrem como os *footings* dos interlocutores virtuais se expressam, acrescentando a esse conceito o caráter de virtualidade. Antes disso, apresentamos o conceito de *footing* e seu desdobramento para os estudos do discurso e da interação, a noção de gênero virtual e fórum *online* e como o *footing* virtual se dá nesse ambiente interacional (OLIVEIRA; PAIVA, 2004).

De acordo Lemert e Branaman (1997), o nome "*Goffman*" trazia a concepção de que nossas experiências cotidianas são, na verdade, experiências interacionais com um grupo de sujeitos sociais com os quais nos intercomunicamos. Nesta perspectiva, Goffman destaca que nossas relações interacionais não são eventos discursivos isolados, mas, ao contrário são eventos constituídos segundo a participação dialógica dos interlocutores envolvidos na interação.

Em seu artigo *Footing* (1979/2002), Goffman afirma que uma troca ou mudança de *footing* implica numa relação entre linguagem e interação (1979:5).

Uma vez que "*footing*" representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do 'eu' de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção" (RIBEIRO; GARCEZ, 2002), tornando-se evidente o caráter dinâmico dos *footings* dos interlocutores e suas relações com o outro, num jogo interacional de intenções comunicativas e inferências interpretativas. Em resumo *footing* seria uma outra maneira de expressar a relação entre linguagem em uso (discurso) e indexação, ou seja, o processo através do qual relacionamos os enunciados a momentos, lugares e sujeitos sociais particulares, incluindo, neste sistema, nosso próprio "*eu"* e suas múltiplas formas de expressão em interação (sentimentos de emoção, distância afetiva, crença, ceticismo, sinceridade, ironia, dentre outros) (cf. Duranti, 1997:294-307)

Os ambientes colaborativos Fóruns são chamados de "sistemas de conferências", mostrando-se como espaços de trabalhos individuais ou em grupos compartilhados. Estes espaços podem ser interconectados a outros arquivos, regiões, permitindo a navegação entre eles, como acontece na *Web* (SEIXAS; VICARI, 2002; FREIRE; AMANTE, 2016).

O Fórum possibilita ao usuário a construção de conhecimento, compartilhamento de ideias, criar atividades de construção do conhecimento de forma colaborativa entre os educandos (as) de forma direta, sem a necessidade de criação ou entendimento dos usuários sobre linguagem de programação específica, como o *HTML* por exemplo. O Fórum oferece

diversas opções para os diferentes tipos de *links*, como os endereços na *Web,* arquivos de texto, gráficos, planilhas e diversos outros recursos. Por meio dos *links* pode-se indicar a leitura de conteúdos disponíveis na internet que estão fora dos ambientes virtuais de aprendizagem, como conteúdos extras para enriquecer o conhecimento (SEIXAS; VICARI, 2002; FREIRE; AMANTE, 2016).

Este ambiente pode proporcionar a tomada de decisões, questionamentos, respostas a problemas, representação de mapas mentais, consensos, priorizações, entre outros. Uma situação comum para a utilização dos Fóruns nas disciplinas seria aquela em que um questionamento é colocado na plataforma virtual para ser analisado ou trabalhado em grupos de alunos(as). O resultado é como descrever sobre um determinado conceito da disciplina em estudo, a margem do que foi solicitado pelos (as) professores(as), destacando observações e opiniões críticas sobre estes temas (FREITAS; MAURO; CINTRÃO, 2017).

O *WIKI* é uma das ferramentas da plataforma *MOODLE* utilizada para práticas educacionais colaborativas que engloba uma série de documentos em formato de vídeo, imagem e textos, produzidos de forma colaborativa. A construção coletiva de conteúdos em rede pelos participantes, possibilita a alteração dos conteúdos a qualquer momento. O *WIKI MOODLE* possui uma função que mantém o histórico destas modificações, sendo utilizado como um recurso avaliativo, que permite um processo formativo de reflexão e transformação na construção coletiva de novos conhecimentos (BORTOLOZO, 2016).

No *Moodle*, os *Wikis* são ferramentas eficazes para o trabalho colaborativo em educação. Uma turma inteira pode editar um documento de maneira coletiva, criando um produto feito pela turma. Por outro lado, cada aluno (a) pode ter seu próprio *wiki* e trabalhar nele com a colaboração de seus colegas. Além disso o professor (a) também pode participar guiando a turma, fornecendo ideias e colocando conteúdos.

Wikis estão sendo destacados como uma tecnologia acessível, com alto potencial de interação e que possibilita o aprendizado em conjunto, a partir da reflexão colaborativa. É uma ferramenta usada para a prática colaborativa, se comparadas a *blogs* e fóruns *online*, mais efetivas em termos de aprendizado em grupo, constituindo-se em nova forma de sala de estudo em grupo (SCHONS, 2008).

O *wiki* do *Moodle*, que é uma versão do *ErfurtWiki*, permite a organização das tarefas de estudo em grupos separados ou não, o que requer ainda mais a presença docente. A principal diferença da ferramenta de tarefas *wiki* em relação às outras do *Moodle*, tais como fóruns e *blog*, é que as contribuições podem ser permanentemente revisadas por todos (as) os (as) colaboradores (as) conforme vão sendo construídas, permitindo o acompanhamento, a todo o

instante, de todo progresso produtivo, que é uma característica que fortalece a essência da colaboração, mobilizando a participação ativa no processo colaborativo. Uma das principais características do *wiki do Moodle* em relação às demais versões é que para as atividades de estudo, são desenvolvidos planejamentos e projetos prévios para que os envolvidos colaborem ativamente (ABEGG; BASTOS, 2010).

Além de criar documentos, apresentações e planilhas de forma colaborativa, assíncrona ou síncrona, podendo analisar e visualizar as alterações realizadas em tempo real, o serviço chamado até então de *Google Docs*, em 2012 passa a se chamar *Google Drive*, com novas tecnologias e novos recursos e nos dias atuais, passou a chamar *Google One* proporcionando o acesso a documentos de qualquer lugar com acesso à internet (FREIRE; AMANTE, 2016).

O *Google Drive* é um espaço para a sincronização e armazenamento de arquivos criado pela empresa *Google.* O *Google Docs* agora faz parte do *Google Drive*, com uma gama de aplicações destinadas a produtividade, com a edição de documentos, apresentações, folhas de cálculo e outras funções. O *Google Drive* é uma evolução natural do *Docs*, onde a empresa *Google* aumentou sua capacidade de armazenamento tanto de *e-mail*, quanto de armazenamento em nuvem no *Google Drive* para 15 GB de forma gratuita, acima disto, é necessário fazer uma compra de espaço para 100 GB com o pagamento de uma taxa mensal (FREIRE, AMANTE, 2016).

2.2 A Sociedade em Rede de Manoel Castells

O estudo do surgimento da Sociedade em Rede, descrita aqui por Manoel Castells, é de grande valia para esta pesquisa, pois as TDICs vieram para introduzir um novo sistema simbólico de reorganização da nossa visão de mundo, apresentando-nos outras formas de se viver, de agir e pensar, modificando nossos hábitos cotidianos, nossas crenças e valores, constituindo-se em elementos estruturantes das nossas relações sociais; potencializando processos de construção do conhecimento e de práticas educativas que podem gerar autonomia, produção de conhecimento e a emancipação dos sujeitos (BONILLA,2005, p.32).

Castells, em seu livro “A Sociedade em Rede”, diz que as redes se configuram em uma nova forma de se viver em sociedade, e que as mesmas modificam operações, resultados de processos produtivos, poder e cultura. Por mais que a organização social em rede já exista desde há muito tempo, atualmente a tecnologia da informação tem se expandido de forma penetrante em toda estrutura social (CASTELLS, 2016).

Nesse contexto, há uma nova ordem econômica e social, centrada nas revoluções tecnológicas provenientes da inserção das tecnologias da informação e comunicação. O enquadramento do novo desenho das economias mundiais surgiu a partir do colapso do estatismo soviético, da reestruturação do capitalismo, do aumento da concorrência econômica global, da integração dos mercados financeiros, de um novo sistema de comunicação digital e do crescimento exponencial das redes de computadores (LEVY, 2010).

Na esfera social, mudanças importantes também aconteceram. Houve a queda do patriarcalismo, uma nova consciência ambiental, a crise da legitimidade dos sistemas políticos e a dissolução dos movimentos sociais. Essas transformações têm sido confusas do ponto de vista da construção da identidade individual ou coletiva dos seres humanos. Estes se organizam com base no que são, ou acreditam ser. Nesse sentido, há uma oposição bipolar entre a Rede e o Ser (CASTELLS, 2016; DANIELS; THISTLETHWAITE, 2016).

A sociedade não é determinada pela tecnologia, mas sim incorpora-a, cria-a e a utiliza. No entanto, o Estado pode criar obstáculos ao desenvolvimento "*sine qua non*" entre sociedade e tecnologia. A China, por exemplo, inovou sua sociedade nos processos de fundição, tecelagem, energia hídrica, bússola, pólvora, medicina, papel, imprensa, dentre outros, porém se apresentou preocupada com o conservadorismo tecnológico provocado pelo receio dos seus impactos destrutivos na estabilidade social. O Estado Soviético também encontrou dificuldades para dominar a revolução tecnológica, enfraquecendo seu poderio militar e sua capacidade produtiva (CASTELLS, 2016).

A emergência da Sociedade de Informação significou uma mudança de paradigmas em relação ao direcionamento tradicional de evolução socioeconômica e educacional das sociedades modernas. Especialmente desenhada a partir de uma veloz evolução das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), a Sociedade da Informação se consolida em um cenário essencialmente pós-moderno, informatizado, onde os sujeitos percebem certa angústia diante dos impactos gerados pela velocidade com que as tecnologias têm evoluído e disponibilizado as informações, através dos meios de comunicação (CASTELLS, 2016).

A informação passou a ser compartilhada de forma muito rápida e sua disponibilidade aumentada de maneira exponencial. Tão grande é a sua importância, que o acesso à informação se tornou um ponto incontestável de atualidade, de sintonia com as tendências atuais, um atestado aceito de qualificação para o futuro, de competência profissional, de eficiência e qualidade. A atualidade destes avanços tecnológicos, aliadas às mudanças dos padrões econômicos e produtivos, nos leva a um grande questionamento educacional, que envolve discutir não somente as instituições como também as práticas de ensino. O olhar educacional

consolidado historicamente, baseado na ideia de que o (a) professor(a) transfere um conjunto fixo de informações aos estudantes, tem sido trocado por um enfoque educacional voltado para os processos de construção, gestão e disseminação do conhecimento, com foco no “aprender a aprender” e no aprendizado ao longo da vida (DUDZIAK, 2001).

Os processos de globalização possibilitaram a visualização das diferenças entre as nações privilegiadas e as menos favorecidas, aumentando significativamente este grande buraco social, econômico e educacional entre elas. O grande acesso à informação gera a oportunidade de constituição de uma sociedade mais consciente de sua cidadania, capaz de reagir às desigualdades e a transformar-se. A Educação a Distância (EAD) é uma realidade. Diminui as distâncias e fazendo chegar as informações e conhecimento com rapidez a populações antes isoladas, que não tinham perspectivas e motivações educacionais animadoras. Nos países com grande extensão territorial essa modalidade de ensino tem sido uma alternativa valiosa à educação presencial. O conhecimento e uso destas ferramentas tecnológicas são essenciais nos dias de hoje (LEVY, 2010).

Alia-se a isso tudo, a progressão geométrica de informações disponibilizadas e a grande necessidade de atualização constante, que gerou nos sujeitos sociais, estresse informacional e estabeleceu a importância de aprender a se relacionar com a informação, buscando sua pertinência, compreensão, relevância e síntese. A finalidade da educação era formar profissionais para um trabalho estável prontos para exercer funções específicas, hoje cresce cada vez mais a demanda por profissionais flexíveis, capacitados, proativos e capazes de aprender ao longo da vida. Qualquer sujeito social precisa aprender a mobilizar para a sua vida a sua subjetividade, a sua identidade pessoal, a sua capacidade e competência, ou seja, o seu valor enquanto sujeito. Entretanto, a competência se localiza na esfera de um comportamento harmônico. Os meios mobilizáveis pelas pessoas destinados à obtenção de suas competências não se traduzem apenas aos saberes constantes de sua individualidade (saber-saber, saber-fazer e saber- ser). Acham-se também fora das próprias pessoas, localizados em diferentes ambientes onde se inserem socialmente (DANIELS; THISTLETHWAITE, 2016).

O momento histórico exige um olhar de um mundo multifacetado, mutante, uma visão sistêmica. Ver esse mundo como um sistema interconectado insere a educação na realidade social e econômica dos indivíduos. Admite-se assim a noção de processo, de dinâmica permanente. Pedagogos, psicólogos e educadores vêm trabalhando há algum tempo, num novo paradigma educacional capaz de suprir as necessidades atuais da sociedade, do mercado de trabalho e do indivíduo/cidadão. As práticas pedagógicas buscam hoje, mais do que nunca, a transferência do foco de aprendizagem do docente para o aprendiz e dos conteúdos para os

processos de aprendizado, enfatizando o aprendizado significativo e a formação totalizante do indivíduo: conhecimentos, habilidades e valores (MASETTO, 1998).

A educação de qualidade privilegia o aprender a aprender e a capacidade de intervenção alternativa, baseada numa cultura educacional que prioriza a atitude de pesquisa, de autonomia crítica, a busca criativa, além de “

> [...] ligação ostensiva entre teoria e prática, capacidade de questionamento crítico, participação evidente em atividades que fomentem a cidadania com base na construção de conhecimento; prática crítica da ciência” (DEMO, 1994, p.111.)

Assim, para entender a realidade em que vivemos, depende do acesso e uso da informação de forma inteligente. Desse modo, motivar essas competências naturais e orientar o seu desenvolvimento sistemático e gradual permitirá aumentar a disposição para a educação contínua e a capacidade de obter e inovar o conhecimento, o que se pode resumir na aquisição de uma cultura da informação, do conhecimento e da aprendizagem. Estamos vivendo a chamada Era da Inteligência Conectada e isso não significa simplesmente “a interconexão de tecnologias” e, sim, da interconexão de seres humanos pela tecnologia. Não é uma era das máquinas inteligentes, mas de seres humanos que, pelas redes podem unir sua inteligência, seu conhecimento e sua criatividade para avançar na criação de riqueza e desenvolvimento social. Não é apenas uma era de conexão de computadores, mas de interconexão da inteligência humana (CEBRIÁN, 1998).

Considerando-se esse aspecto caracterizado pela existência de múltiplos aspectos em relação ao manejo da informação para a produção do conhecimento na sociedade atual a questão que devemos ressaltar é: Como proceder para que o ensino e aprendizagem possam estar apoiados em novos paradigmas e abordagens inovadoras e que contribuam efetivamente para um trabalho inter, multi e transdisciplinar entre educadores (as) e profissionais da informação, especialmente no sentido de desenvolver um conjunto de atitudes e condutas que auxiliem os sujeitos sociais aprendentes no uso e domínio da informação? Espera-se despertar a consciência sobre a questão colocada e que, tanto educadores (as) como os profissionais da informação possam estar envolvidos na busca de respostas na forma de ações integradas e adequadas à inovação na sociedade contemporânea, onde as tecnologias são instrumentos da potencialização das capacidades humanas, a informação é um bem de valor e a educação o meio para o exercício da cidadania e do bem coletivo (CASTELLS, 2016).

A partir do momento em que as pessoas se apropriam da tecnologia e a redefinem, o ciclo de realimentação entre a introdução de uma nova tecnologia, seu uso e seu desenvolvimento em novas configurações ampliam o poder e a difusão da tecnologia no mundo.

Nesse contexto, a mente do ser humano no geral é uma força visível de produção e não somente um elemento decisivo na tecnologia, na economia, na cultura e na sociedade como um todo, embora algumas camadas sociais não estejam conectadas ao novo sistema tecnológico, cuja estratificação representa fonte de desigualdade social (LEVY, 2010; OLIVEIRA, 2016).

Com o desenvolvimento da Sociedade em Rede (CASTELLS, 2016), um novo paradigma social foi criado e tem como características:

1) a informação é a matéria prima fundamental: são tecnologias para agir sobre a informação e não apenas informação para agir sobre a tecnologia.

2) a penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias: o processamento de informação torna-se presente em todos os domínios de nosso sistema eco social e, por isso, o transforma.

3) a lógica de redes: morfologia bem adaptada à crescente complexidade das interações e a modelos imprevisíveis de desenvolvimento.

4) a flexibilidade, entendida como a capacidade de reconfiguração constante sem destruir a organização.

5) a convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado.

Castells, percorrendo a trajetória da tecnologia no mundo, descreve acerca da nova economia informacional, que une informacionalismo e capitalismo, produtividade e lucratividade, onde a produtividade é a geradora de riqueza das nações e a tecnologia é um conjunto de fatores que levam a sociedade à produtividade. (CASTELLS, 2016; BRITTO et al, 2016). Quatro fatores são apresentados pelo autor acerca da dinâmica e das formas de concorrência na nova economia global (CASTELLS, 2016):

1 – Capacidade Tecnológica, que se refere à articulação adequada de ciência, tecnologia, gerenciamento e produção, sistemas estes abastecidos por um sistema educacional que provê recursos humanos com qualificação e em quantidades necessárias;

2 – Acesso a um grande mercado afluente integrado;

3 – Diferencial entre os custos de produção no local de produção e os preços no mercado de destino; e

4 – Capacidade política das instituições nacionais e supranacionais para impulsionar a estratégia de crescimento desses países ou regiões.

Associada a essa nova dinâmica, um novo modelo de divisão internacional do trabalho surge, definindo trabalhadores de alto valor com base no trabalho informacional; produtores de grande volume devido ao trabalho de baixo custo; produtores de matérias primas que se baseiam em recursos naturais; e produtores reduzidos ao trabalho desvalorizado. Todos os países são penetrados pelas quatro posições. A posição não depende, no entanto, das particularidades do

país, mas das características de sua mão-de-obra e de sua inserção na economia global. Assim, as ações dos governos e dos empreendedores são decisivas nesta questão. A nova divisão do trabalho é organizada com base em trabalho e tecnologia, mas é implementada por governos e por empreendedores (MILL, 2015).

As grandes empresas, na atual economia, não são mais autônomas e suficientes, suas ações são desenvolvidas juntamente com outras empresas, conduzindo parcerias relativamente iguais, cooperando e competindo entre si, vivenciando adversidade e amizade em um mesmo ambiente (BRITTO et al, 2016).

As organizações são transformadas em redes articuladas de centros multifuncionais e decisórios no gerenciamento superior da nova economia. Nesse contexto, os erros de articulação devem ser evitados ao máximo, embora haja dificuldade em evitá-los visto que a Sociedade em Rede tem se desenvolvido com crescente interconectividade e extrema descentralização dos processos. As grandes empresas, neste caso, com um nível de informações e conhecimentos adequados, agregam mais possibilidades de cuidar desses erros que as redes fragmentadas e descentralizadas (FREITAS; MAURO; CINTRÃO, 2017).

Muitos desses problemas de articulação são amenizados pelo uso da rede de computadores interconectados, direcionando os softwares para os processos de produção e gerenciamento.

De acordo com Castells (2016), o trabalho informacional pode ser caracterizado da seguinte forma: o valor agregado é gerado pela inovação tanto de processos, quanto de produtos; a inovação em si depende de duas condições: potencial de pesquisa e capacidade de especificação; a execução de tarefas é mais eficiente quando é capaz de adaptar instruções de níveis mais altos a sua aplicação científica e quando pode gerar *feedback* para o sistema; a maior parte das atividades ocorre nas organizações; há capacidade de gerar tomada de decisão estratégica flexível e capacidade de conseguir integração organizacional entre todos os elementos do processo produtivo; a tecnologia da informação torna-se ingrediente decisivo porque determina uma enorme capacidade de inovação, possibilita a correção de erros e de *feedbacks* durante a execução e fornece infraestrutura para flexibilidade e adaptabilidade.

A tecnologia da informação não causa desemprego, porém, com a inserção da mesma na sociedade, os tipos de emprego mudam em quantidade, qualidade e natureza do trabalho executado. A estrutura ocupacional atinge um melhor nível e exigiu dos trabalhadores melhor qualidade de ensino e mais qualificações profissionais. Porém, a grande massa de trabalhadores não acompanhou o aumento de flexibilidade e adaptabilidade e ficou cada vez mais dependente

das condições individuais de negociação, em um mercado de trabalho em mudança constante (ALMEIDA; SILVA; SILVA, 2015).

Nesse contexto surge a cultura da virtualidade real, com a formação da grande mídia e sua interação com a cultura e o comportamento social. A transformação para a "nova mídia" apresenta um sistema de comunicação baseado nas redes de computadores e suas comunidades virtuais, por meio da influência do novo sistema de comunicação, mediado por interesses sociais, políticas governamentais e estratégias de negócios. A TV é caracterizada por Castells como a grande mídia, sendo um poder centralizador e potencial instrumento de propaganda (MILL, 2015).

A TV representou o fim da Galáxia de *Gutenberg*, um sistema dominado pela mente tipográfica e pela ordem do alfabético fonético. Segundo o autor, as análises sobre a predominância da televisão neste sistema de comunicação têm pelo menos dois pontos de convergência: a televisão tornou-se o epicentro cultural das sociedades; e a modalidade de comunicação da televisão é um meio caracterizado pela sua sedução, estimulação sensorial da realidade e fácil comunicabilidade, na linha do modelo do menor esforço psicológico (LEVY, 2010; MILL, 2015).

As novas tecnologias que surgiram nos anos 80 representam a nova mídia e são caracterizadas por um novo modelo de comunicação, onde a audiência tende a escolher suas mensagens. Com o surgimento dessas inovações, a sociedade em massa passa a ser segmentada, e devido à diversidade da mídia e à possibilidade de visar um público alvo, o autor afirma que no novo sistema de mídia, a mensagem é o meio. Assim sendo, o presente e o futuro da televisão é a descentralização, a diversificação e a adequação ao público alvo (CLARK; HERGENRADER; REIN, 2015).

A *internet* é a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores dos anos 90. Embora haja grande divergência quanto ao número de usuários (as) conectados na internet, há convergência na afirmação de que ela tem potencial de explodir para centenas de milhões de pessoas. Quando a tecnologia digital permitiu a compactação de todos os tipos de mensagens, inclusive sons e imagens, formou-se uma rede capaz de comunicar todos os símbolos, sem o uso de centros de controle (OLIVEIRA, 2013).

Abrangendo todo o espectro da comunicação humana, hoje existem milhares e milhares de micro redes no mundo. Nos anos 90, as empresas perceberam o extraordinário potencial da Internet e, em pouco tempo a *World Wide Web* tomou a forma de uma rede flexível, formada por redes, onde instituições, empresas, associações e pessoas físicas criam seus próprios *sites*. O processo de formação e difusão da internet moldou de forma definitiva a estrutura do novo

veículo de comunicação na arquitetura de rede, na cultura de seus usuários e nos padrões reais de comunicação. Este é um exemplo de como a produtividade da cooperação tecnológica através da rede acabou por aperfeiçoá-la (CASTELLS, 2016).

Este sistema de comunicação eletrônica, a *internet*, formado na década de 90, uniu a mídia de massa personalizada globalizada com a comunicação mediada por computadores, perfazendo a multimídia, que é caracterizada pela integração de diferentes veículos de comunicação e seu potencial interativo. Seu advento é equivalente ao fim da separação e até da distinção entre mídia audiovisual e mídia impressa, cultura popular e cultura erudita, entretenimento e informação, educação e persuasão. Todas as expressões culturais, da mais elitista a mais popular, vêm juntas nesse universo digital que liga, em um super texto histórico, as manifestações passadas, presentes e futuras da mente comunicativa, construindo um novo ambiente simbólico, fazendo da virtualidade a realidade (QUINTON; ALLEN, 2014).

Teletrabalho, telecompras, telemedicina e telebancos são citados por Castells como exemplos que não estão se desenvolvendo conforme o esperado, e escolas e universidades são as instituições menos afetadas pela lógica virtual embutida na tecnologia da informação. Apesar de a tradição ser a "centralidade na casa", nessa nova lógica, locais de trabalho, complexos médicos, *shopping centers* e escolas continuarão existindo e as pessoas irão de um lugar ao outro com mobilidade crescente devido à flexibilidade garantida pelos novos sistemas de trabalho e pela integração social em rede (MILLS; EXLEY, 2014).

Castells, 2016, define espaço de fluxos como sendo um circuito de impulsos eletrônicos, seus nós e a organização espacial das elites gerenciais dominantes. Os impulsos eletrônicos são a microeletrônica, as telecomunicações, o processamento computacional, os sistemas de transmissão e o suporte em alta velocidade. Nessa configuração, a lógica e o significado dos lugares são absorvidos. Os nós são os centros de importantes funções estratégicas e centros de comunicação, e neles estão as funções estrategicamente importantes que constroem uma série de atividades e organizações locais em torno de uma função-chave da rede. A organização espacial das elites gerenciais dominantes, exercem as funções direcionais em torno das quais esse espaço é articulado. A especificidade histórica de cada local é substituída pelo ambiente simbólico criado pelas elites, as quais constituem comunidades simbolicamente segregadas e criam um estilo de vida e projetam formas espaciais para unificar o ambiente simbólico da elite em todo o mundo.

As sociedades contemporâneas ainda estão em grande parte dominadas pelo conceito do tempo cronológico, mas esse tempo linear, irreversível, mensurável e previsível está sendo fragmentado na sociedade em rede, afirma Castells (2016). O tempo é visto como fonte de

valor. Busca-se comprimir o tempo de cada operação (*just-in-time*), a mão de obra qualificada passa a gerenciar seu tempo de maneira flexível, a competitividade está ligada ao período de adaptabilidade à demanda do mercado. O tempo é gerenciado como recurso. Nas empresas de alto desempenho, o tempo não é apenas comprimido: é processado.

A tendência predominante nas sociedades é apagar a morte da vida. A meta é adiar e combater a morte e o envelhecimento em cada minuto da vida, com o apoio da ciência médica, do setor de saúde e das informações da mídia. O tempo intemporal ocorre quando as características de um dado contexto, ou seja, o paradigma informacional e a sociedade em rede, causam confusão sistêmica na ordem sequencial dos fenômenos sucedidos naquele contexto. E, por mais que a lógica emergente da nova estrutura social objetive a contínua suplantação do tempo como uma sequência ordenada de eventos, a maioria da sociedade em um sistema global interdependente permanece à margem do novo universo (CASTELLS, 2016).

2.3 Autonomia digital

O uso de tecnologias digitais na aprendizagem, associado à Educação a Distância em ambientes virtuais, faz o conceito de autonomia digital (domínio na escolha e utilização das ferramentas tecnológicas) sempre aparecer, pois, muitos autores entendem que as TDICs e a EAD podem transgredir as práticas educacionais reprodutoras, favorecendo o desenvolvimento da autonomia e da autoria, com a liberdade de escolha do educando (a) em escolher a ferramenta tecnológica disponível em seu ambiente virtual de aprendizagem na execução das suas atividades educacionais (AVA) (SERAFINI, 2012).

Em todas as dimensões humanas, as tecnologias iniciam etapas de mudanças profundas em todos os seus contextos. Nunca existiram tantos aparatos tecnológicos com tamanha capacidade para processar, veicular, armazenar e realizar intercâmbios de informações de forma rápida, segura e instantânea, em qualquer período da história (CARVALHO, 2016).

No livro “A nova desordem digital” de Weinberger (2007), o autor fez uma análise destes novos conceitos que estão reescrevendo a educação, a ciência, a cultura, a política e os negócios. Descreve-se no livro sobre o valor de uma informação quando disponibilizada de forma virtual, quando estas representam as potencialidades do mundo digital. Porém, traz consigo a ideia de que não existe uma forma correta de organização mundial, porque as ordens estão condicionadas ao universo físico das coisas e que esta preocupa-se com a elaboração do plano físico organizado. O autor apresenta as fragilidades e a simplicidade da organização das

coisas no mundo físico, dos átomos, as quais não são aplicáveis e apropriadas ao mundo digital, ou seja, dos bits. O mundo é diferente demais para existir apenas um sistema de classificação para todas as culturas, por isso, ele transmite a ideia de que, a forma que o conteúdo organizado não condiz com a forma de organização dos usuários e, por isso, estamos sujeitos a tudo que está em volta do ambiente em que vivemos e convivemos (ELSEVIER, 2007).

Descreve que estamos vivenciando uma transposição do mundo físico para um ambiente virtual e essas mudanças colocaram a vida de diversas pessoas de cabeça para baixo, como se tudo tivesse se transformado numa miscelânea de informações.

Com a inserção deste novo mundo, o autor descreve que o momento atual são o das escolhas rápidas, e consequentemente, muito exigente de autonomia por parte de todos (as). O mundo de hoje se tece em teias altamente complexas, a partir do ponto em que são decifrados os códigos da complexidade advindos desta realidade; contribuindo e deixando rica a compreensão desta questão da autonomia. Nesta alta complexidade, a capacidade autônoma acontece em processos de "autoecoorganização", de forma que nenhum organismo biossocial possui autonomia absoluta e plena (MORIM, 2007; WEINBERGER, 2007; OLIVEIRA, 2016).

Podem ser considerados estes organismos todos autônomos, porém, ao mesmo tempo, se colocam dependentes de fatores internos e externos. A compreensão do significado de autonomia dos organismos descreve a autonomia como uma característica própria dos sistemas biofísicos e na atualidade, de máquinas altamente inteligentes que podem ser explicadas por alguns primórdios de complexidade (WEINBERGER, 2007; OLIVEIRA, 2016).

A lógica da composição da vida e da noção de organização dos sujeitos são orientados pela compreensão sistêmica e complexa nos caminhos destes princípios. Essa explicação é importante para entender um pouco sobre esta noção do processo de aprendizagem e da autonomia individual. A dependência e a autonomia não podem ser consideradas dimensões excludentes entre si e, muito menos, dimensões absolutas (MORIM, 2007; MARTINAZZO, 2014).

E isso tudo pode ser considerado também para os casos da autonomia humana. A dependência humana condiciona sua autonomia; com isso ela se constitui de forma complementar e antagônica na dependência. A ideia de um ser totalmente autônomo foi criada com a concepção moderna do eu racional, autorreferente e autossuficiente (FREIRE, 2011; OLIVEIRA, 2016).

Estudiosos chegaram à conclusão, em meados do século XX, sob o mesmo ponto de vista da natureza humana, que não somos seres totalmente autônomos e independentes, dependentes da nossa carga hereditária, das condições sociais e culturais e do meio ambiente.

E essa nossa dependência está relacionada a fatores externos e fatores internos (OLIVEIRA, 2013).

Nossos condicionantes sociais e histórico-culturais demonstram a forma de se "viver" e de 'ser" dos seres humanos. Estes condicionamentos compõem e explicam a natureza social dos sujeitos. Para que possamos ser nós mesmos, necessitamos aprender um saber, uma cultura, linguagens, juntamente com uma cultura bem diversificada para que possamos fazer escolhas no nosso depósito de ideias existentes em nossos pensamentos, para podermos criar situações de reflexão de maneira autônoma (MORIM, 2007; PEIXOTO; CARVALHO, 2011).

Sob a visão desta teia complexa que se formam os organismos vivos, a autonomia e a dependência se autorretroalimentam. A autonomia se alimenta da dependência e vice-versa. Uma vez que a autonomia só acontece com base na dependência e tendo em vista que nenhum ser vivo está totalmente fechado e nem totalmente aberto com relação a si próprio ou ao meio que o cerca, a autonomia não poderá ser entendida como um estado absoluto, independente e isolado (MORIM, 2007; OLIVEIRA, 2016).

A autonomia precisa ser entendida com os conceitos concorrencial, antagônico e complementar para com a dimensão da dependência. Morremos, e de forma igualitária vivemos repletos de contradições. As dimensões sobrevivem na contradição, na dialógica, no local-global, na unidade-dualidade, no interior-exterior, na subjetividade-objetividade e em muitos outros dualismos (OLIVEIRA, 2016).

A evolução humana, a organização e a gênese integram uma rede de significados, pois são estágios complexos que não se descrevem apenas a partir da compreensão de um conceito isolado de natureza e de autonomia. A compreensão da autonomia de uma organização, de um ser vivo, do próprio homem, é permitida pela idéia sistêmica de emergência de novas formas, de retroação entre causa e efeito e de organização. A ideia de auto-organização e de autoprodução não retira o status da dependência em relação ao mundo externo, pelo contrário, provoca-a (FREIRE, 2011; OLIVEIRA, 2016).

A complexidade biológica ou a auto-organização pode ser considerada uma aptidão morfogênica que dispõe aos seres vivos a possibilidade de criar estruturas novas e criar formas com aumentos crescentes de complexidade. A autonomia é o resultado de um processo contínuo e constante de complexidade biológica e não é um ponto absoluto, que fundamenta a nossa liberdade, ponto de partida ou de chegada, de criatividade e decisões. A diminuição ou o aumento desta complexidade de um organismo que representa menor ou maior autonomia está ligado ao espaço, ao tempo, e a outros condicionantes socioambientais. Em alguns organismos

seus elementos são mais complexos que os outros, principalmente os que asseguram a decisão e o controle (MORIM, 2007; MARTINAZZO, 2014).

A autonomia pode sofrer mudanças de acordo com a diferenciação das espécies e dos organismos, representando componentes de uma complexidade mais baixa ou mais alta. Os objetos não são apenas objetos, as coisas não são mais, apenas, coisas, com base nesta compreensão complexa da realidade, tudo é concebido em função da sua organização, de seu ambiente e da sua ecologia (MORIM, 2007).

Devemos diferenciar esta individualidade autônoma de um ser existencial e ao mesmo tempo, apontar o fato dela ser um elemento, um estado e um momento existente num sistema de sistemas, estando ligada de forma organizada a uma espécie, a um ambiente e, no nosso caso, como seres humanos, ligados a uma sociedade, conforme descreve Morin (2007). A autonomia viva se desenvolve de forma paradoxal, aponta o autor. O entendimento de que os organismos são sistemas abertos e fechados ao mesmo tempo e que se produzem por processos de endoecocausalidade, induz a este contexto paradoxal da autonomia (MORIM, 2007; MARTINAZZO, 2014).

E é esta característica paradoxal do organismo como um sistema fechado ou aberto ao mesmo tempo, segundo o autor, o ponto mais importante desta nova noção de autonomia: um sistema aberto que pode alimentar sua autonomia, porém, mediante a dependência em relação ao meio externo. Não existe organismo com autonomia plena sem qualquer dependência, da mesma forma não existe um determinismo de dependência sem autonomia, principalmente quando adotamos esta ideia de sistema que se auto-organiza em anel, recorrente com os diferentes fatores externos e internos, deixando possível superar a crença simplificadora em relação às questões de dependência e de autonomia (MORIM, 2007; OLIVEIRA, 2016).

A noção de autonomia só pode ser apresentada em relação à ideia de dependência, pois uma não existe sem a outra. A nossa vida é constituída de uma grande trama de dependências por mais autônomos que aparentamos ser. E a partir das dependências, que os seres vivos adquirem organização, conhecimento, aprendizagem, energia e liberdade, após configurar limitações, ameaças e obstáculos ao mesmo tempo (MORIM, 2007; OLIVEIRA, 2016).

Aquilo que produz autonomia é também produtor de dependência da autonomia. E com isso fazemos descobertas científicas com aparatos tecnológicos que pode nos dar autonomia, por exemplo, em relação a superar as distâncias, ao bem-estar e lazer, as formas de saúde e aos processos produtivos (MARTINAZZO, 2014).

Infelizmente podemos nos tornar dependentes destes mesmos aparatos que descobrimos e ao mesmo tempo acabamos autonomizados por estas técnicas modernas. O meio e o reino dos

genes auto organizam-se sob a conquista da autonomia e de dependência recíprocas. As polidependências não garantem que os homens sejam submetidos a comportamentos previsíveis e programados, como a de uma máquina qualquer. Ao contrário, estas polidependências mostram o enredamento humano frente a processos individuais e transindividuais, tornando-o autônomo e relativamente dependente (MORIM, 2007).

De acordo com Morim (2007), nossa vida humana, fica ziguezagueando no uso criativo da capacidade de modificar e de escolher essas opções, com a capacidade da consciência de facultar esta proximidade ou se colocar num metaponto observante; na facilidade de capitalizar e de adquirir novas experiências, na capacidade de criar estratégias de comportamento, de aprendizagem e de conhecimento.

É inegável que após entrada das TDICs promovendo a interatividade, sobretudo com a web 3.0 pressupõe-se que seja desenvolvida, em paralelo, a autoria, a autonomia e colaboração dos estudantes online, através por exemplo, de práticas de escrita colaborativa ou trabalhos colaborativos em grupos. Dessa forma, os estudantes com uso de tecnologias a partir das ferramentas da *Web 3.0*, precisam estar preparados para integrar as tecnologias com os demais interagentes em favor de promover tais autonomias a partir de colaborações e autorias. (SILVA, 2006).

O autor descreve que o homem não é uma ilha, não é um arquipélago, mas sim, um ser peninsular, braço dependente e autônomo de um continente; uma máquina não trivial. A autonomia humana e as suas características de liberdade não surgem do nada, mas aparecem pela dependência anterior (patrimônio hereditário), superior (cultura), exterior (ecológica), que juntas coproduzem, alimentam e permitem, limitando-a, subordinando-a e correndo o risco de submetê-la e de destruí-la (MORIM, 2007).

A autonomia é uma emergência que pode brotar ou perder o vigor nos homens a partir de algumas condições internas e externas, assim como a consciência, a liberdade e as sucessivas emergências. Tornam-se, portanto, estados provisórios de processos contínuos de autoecoorganização. O grande desafio imposto para a educação escolar contemporânea, que podemos descrever a partir desta compreensão, seria: organizar ambientes pedagógicos favoráveis com processos educativos compatíveis, promovendo o desenvolvimento de emergências mais complexas e ricas nos educandos (as), promovendo a autoconstrução da autoaprendizagem e da autonomia (MORIM, 2007; FREIRE, 2011; OLIVEIRA, 2016).

A educação e a dinâmica de funcionamento da escola foram influenciadas pela sociedade em rede e pelo mundo (CASTELLS, 2016). Como educadores, este talvez seja o grande problema, os docentes não foram acostumados e educados a trabalhar em rede, num

mundo de interdependência e de processos auto organizadores e complexos. O trabalho docente, os processos de ensino e de aprendizagem, a dinâmica das infraestruturas educacionais, os papéis desempenhados por professores(as) e alunos(as), o planejamento curricular, afetam e repercutem na realidade e no mundo como totalidades estruturadas e enredadas (BARION; MARQUES, 2013; MACHADO, 2017).

Em forma de processos autorreguladores, as novas tecnologias colocam o homem no mundo das interconexões e dos universos virtuais em contínuos fluxos de mudança não lineares. A concepção antiga e moderna da escola centralizada na organização vertical e em círculos caracterizados nesta perspectiva de um programa fragmentado e linear apresentam possibilidades desafiadoras para a nossa educação escolar. As tecnologias causam preocupação e apreensão por se apresentarem como algo inovador, desafiador e algo novo (PAPERT, 2008; CARVALHO, 2016).

Com a possibilidade de organizar a educação escolar presencial ou a distância com o aparato das tecnologias num mundo sistêmico e complexo, podemos gerar novos cenários para o desenvolvimento da aprendizagem e da autonomia. O espaço virtual da interconexão dos computadores produzido pela imersão na rede faz a intermediação da realidade que é conhecida por nós e a realidade virtual, que só existe por causa desta confluência. Espaço transacional, descrito por alguns teóricos, um enorme hipertexto com conexões múltiplas (BARBER; TAYLOR; BUCHANAN, 2014).

Educar para a autonomia necessita que professores(as) e alunos(as) encontrem seus ritmos próprios de aprendizagem com as práticas de diálogo e de cooperação para trabalhos em grupos, desenvolvimento de pesquisas de forma conjunta, participação em projetos e intercâmbio de ideias, compreendendo o verdadeiro sentido e o lugar desta autonomia na escola (LOPES, 2014).

Educar para a autonomia é ter confiança nesta responsabilidade do processo autopoiético de cada indivíduo e atuar em interdependência. Cabe a escola e aos professores(as), auxiliarem os alunos(as) para que eles aprendam a perceber esta realidade, a construir conhecimentos de forma pertinente e a processar esta gama de informações disponibilizadas pelo uso das tecnologias. O conhecimento é produto desta interligação de saberes, da argumentação, da interdependência e da religação destes saberes, pressupondo que os alunos(as) devam aprender esta complexidade da realidade interconectada, nos princípios básicos para um conhecimento complexo (LOPES, 2014; FREITAS et al, 2017).

A produção de conhecimento não é apenas ter a posse de muitas informações e muitos dados. Uma produção de conhecimento pertinente não é garantida pela quantidade de

informações nas quais temos acesso, mas sim, pela capacidade que temos de produzir compreensões transdisciplinares desta realidade, posicionando o conhecimento de forma correta em seus contextos (MORIM, 2007; BARBER; TAYLOR; BUCHANAN, 2014).

2.4 Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)

As montagens de cursos com acesso via internet são feitas por softwares chamados de ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), do inglês, *Virtual Learning Environment*. Estes *softwares* permitem o acompanhamento do progresso dos estudantes e se tornam um instrumento para a educação a distância. O *MOODLE* é a plataforma de ensino mais usada no mundo por ser gratuita e ter código aberto, permitindo o desenvolvimento de melhorias, de acordo com as necessidades que forem surgindo e também são usadas, para complementar as aulas presenciais que acontecem nos polos presenciais. Contribuem também para a administração dos cursos e auxiliam os professores(as) no gerenciamento dos seus conteúdos (MARTINAZZO, 2014).

Comunidades virtuais em interação dialógica configurando planos de consistência criados pela linha desterritorializante da interação, apontam justamente para a relevância do aumento das possibilidades de conexões entre as múltiplas linhas de sentido que se encontram e se cruzam nesses planos. Condições para tal parece que são: - abertura para reunião de heterogêneos, propiciando encontros com o estranho, com o outro (alter.) da alteridade, numa relação interacional dialógica; - liberdade para realizar tais encontros entre estranhos mediante composições variadas, deixando que as conexões cresçam de um modo autônomo sem regimes fortes de sobredeterminação (COSTA, 2005).

Uma comunidade virtual é uma comunidade que estabelece relações a partir de meios de comunicação à distância. Caracteriza-se pela aglutinação de um grupo de indivíduos com interesses comuns que trocam experiências e informações em ambiente virtual. Um dos principais fatores que potencializam a criação de comunidades virtuais é a dispersão geográfica dos membros (SILVEIRA; AXT, M, 2006).

Diversas questões passaram a ser debatidas em busca de melhorias nesta modalidade educacional devido aos avanços destas novas formas de educação a distância, principalmente as que fazem a utilização da internet e seus principais questionamentos, como por exemplo, sobre o papel dos professores(as) e alunos(as) neste novo ambiente virtual de aprendizagem, sempre em busca de melhorias para este modelo educacional (MARTINAZZO, 2014).

Toda comunidade disponível pela internet pode ser considerada um sistema de educação a distância. Com a criação e o crescimento dos *Ciberespaços*, da inteligência coletiva e da interconexão marca-se inicialmente a formação das Comunidades Virtuais (LEVY, 2010). E o estabelecimento de uma cultura de educação a distância é justificado pela criação destas Comunidades Virtuais.

A criação de Comunidades Virtuais de Aprendizagem não são apenas a formação de grupos de estudo pela Internet, existem diversos outros interesses e aplicações, desde a distribuição de notícias até a realização de entretenimento. É um princípio essencial, de acordo com Levy, para ir além de uma simples agregação eletrônica de pessoas; para se transformar e gerar as Comunidades Virtuais de Aprendizagem (MILL, 2014).

Com as Comunidades Virtuais nos *Ciberespaços*, numa busca de atualizar a discussão, seus integrantes dividem um espaço simbólico e telemático (*websites*, *newsgroups*, *chats* e listas) com certa permanência de tempo, oportunizando que seus membros se sintam parte de um agrupamento comunitário (MILL, 2014).

Para que uma simples agregação de pessoas se torne uma Comunidade Virtual de Aprendizagem e atinja seus objetivos educacionais, são necessários que princípios de comportamento favoreçam esta aprendizagem, tais como: regras de resolução de conflitos, construção coletiva, existência de interesse mútuo permitindo que uma simples agregação eletrônica possa se tornar uma Comunidade Virtual de Aprendizagem (BAIA et al, 2017).

Uma Comunidade Virtual redefinida e orientada de forma específica para os processos de aprendizagem é uma tarefa difícil. As múltiplas trocas que ocorrem nestas comunidades virtuais refletem diferenciados e inúmeros tipos de aprendizagem para seus membros. Três hipóteses são muito importantes nas comunidades que possuem fins educacionais: a cooperação, a interação e a colaboração *online* (DANIELS; THISTLETHWAIT, 2016).

Com o advento da *internet*, sugiram diversos *softwares* para a agregação de pessoas que automaticamente facilitaram a criação destas Comunidades Virtuais. Alguns voltados para a transmissão de notícias, outros exclusivos para os sistemas de ensino e aprendizagem com a utilização da *internet*, e outros apenas para entretenimento. Estes programas trouxeram com eles o desenvolvimento de metodologias educacionais com interação via *web* (QUINTON; ALLEN, 2014).

Pelo fato de oportunizarem o controle de aulas, apresentações, manuseio e diversas discussões, *softwares* como o *Moodle*, *Solar*, *Sócrates*, *Teleduc*, entre outros, conquistaram espaço no dia a dia dos (as) educadores (as) virtuais. Com a missão de dar suporte às atividades mediadas pelas tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs), os ambientes

virtuais de aprendizagem, são sistemas computacionais que estão disponíveis na internet. Disponibilizam a elaboração e socialização de produções com vistas a atingir objetivos determinados, permitindo uma apresentação de informações de maneira organizada com suas linguagens e recursos e a integração de múltiplas mídias (COVALSKY; MOTA, 2016).

Estes ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) são mídias que utilizam os *Ciberespaços* para transmitir seus conteúdos e promover a interação entre todos os atores neste processo educacional. Neste contexto, a educação a distância adquiriu a possibilidade de se organizar de forma mais ajustável com seus cursos, mesclando aulas presenciais com aulas a distância, podendo se tornar aulas totalmente virtuais, com a integração e a possibilidade de interagir via *internet*, somado a aproximação proporcionada entre professores(as) e alunos(as) no processo educativo, tudo isso, dentro dos chamados AVAs (ARENHARDT et al, 2017).

As ferramentas disponíveis nestes ambientes virtuais crescem a cada dia. São utilizados *blogs*, *wikis*, arquivos de textos, conferências, *chats*, fóruns, *e-mails*, dentre diversas outras ferramentas. Vale aqui colocar em destaque, que estas ferramentas podem circular de maneira a integrar e potencializar o poder da arte de educar através dos meios de comunicação. E com o aumento deste raio de conhecimento através destes *hiperlinks* em rede, aumentara-se também, o campo de conhecimento ofertado a inúmeros alunos(as) que optaram por estudar na modalidade de educação a distância (COVALSKY; MOTA, 2016).

Os *hiperlinks* podem ser trabalhados dentro destes ambientes virtuais de aprendizagem com textos indicados pelos (as) professores(as) ou com discussões através dos Fóruns nas disciplinas, como também de fora para dentro ou de dentro para fora (nas situações de pesquisas mais extensas com grandes discussões internas, onde se pode levar ou trazer este conteúdo desenvolvido para a discussão). A educação desenvolvida a distância permite diferenciar inclusive suas principais nomenclaturas com esta gama de recursos que podem ser utilizados nestes ambientes virtuais (OSKOZ; ELOLA, 2016).

Um novo modelo de escola vem surgindo gradualmente devido às influências advindas com a *internet*. As distâncias foram reduzidas notoriamente entre alunos e professores. Criou-se uma nova dimensão e significado para as salas de aula. A ampla divulgação proporcionada pela *internet* fez com que se assimilasse uma enorme base de dados complementares, com todos os (as) alunos(as) coletando informações úteis para a realização de diversos tipos de trabalhos escolares, contribuindo fortemente para a construção dos conhecimentos.

As três nomenclaturas utilizadas para a modalidade de educação a distância (*E-Learning*, Educação a distância e Educação *On-line*) são termos conhecidos na área da

educação, porém, são diferentes quanto a seus conceitos (HASHEMI; CEDERLUND, 2016; ARENHARDT et al, 2017):

• Educação a distância (EAD): acontece e se realiza por diversos meios (computador, *internet*, televisão, rádio, correspondência eletrônica ou postal, fax, dentre outros), se tornando um termo muito abrangente, mantendo o debate da relação entre espaço e tempo (físicos) dentro do processo de ensino, não se estabelecendo como regra dentro do ambiente virtual com o uso da *internet*.

• Educação *Online*: necessita do uso obrigatório da *internet* num papel principal como um meio, podendo ser trabalhada de forma síncrona e assíncrona. Possui algumas características que são colocadas em destaque, como a velocidade na troca de informações, o nível de interatividade proporcionado e alcançado e o *feedback* entre os professores e alunos.

• *E-Learning*: é um tipo de educação a distância que trabalha com o suporte da *internet*, muito utilizado em processos de treinamento de funcionários, e seleção de pessoal em empresas. Seu objetivo principal é disponibilizar recursos hipermidiáticos e organizar materiais didáticos.

Educação *online* é o termo mais utilizado pelo público em geral. Apesar de serem semelhantes ao *e-Learning*, terminologia comum em ambientes acadêmicos e corporativos, os cursos online tendem a ser construídos por pessoas físicas para pessoas físicas, na intenção de venda ou distribuição de conhecimento. Os formatos de conteúdo para cursos *online* são os mais variados, como PDFs, apresentações em *Power Point* ou vídeos no *YouTube*. Aqueles que estão querendo disponibilizar cursos mais atrativos para os alunos e profissionalizar a distribuição, utilizam uma ferramenta de autoria para mesclar vídeos, conteúdos interativos e animações (CEDERLUND, 2016).

Dentro do conceito de Educação *Online* na modalidade de educação a distância, a definição o mostra como o mais interativo, exigindo das ferramentas utilizadas o desenvolvimento ideal da autonomia e da construção coletiva do conhecimento. Com isso, reforça-se a grande importância da existência destes ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), que fazem parte juntamente com diversas outras ferramentas de comunicação difundidas na *internet* para o uso na educação (OLIVEIRA, 2013).

A utilização das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) na educação trouxe não somente a potencialização dos conceitos de construção coletiva e de autonomia, como também melhorou em grande parte a permanência dos (as) alunos(as) nos cursos disponibilizados nas instituições de ensino. Através do uso destas ferramentas tecnológicas, existe a possibilidade da participação dos (as) alunos(as) e professores(as) neste processo educacional, reforçando a responsabilidade e o compromisso de se construir o conhecimento

em conjunto. Dentro da modalidade de Educação *Online* existe um padrão pré-estabelecido de comportamento a ser seguido para uma convivência e desenvolvimento tranquilo destes cursos nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) (OLIVEIRA, 2016).

Nos *ciberespaços,* com a união dos sujeitos que estão conectados, com interesses específicos, podem ser criadas comunidades virtuais com o estabelecimento de restrições, com sentimentos de acolhimento e pertencimento a estes grupos, com a chamada "netiqueta", envolvida por regras, valores, limites, usos e costumes (RABELLO; OKADA, 2014).

Não há restrições quanto ao uso de algumas ferramentas tecnológicas e de *internet* nestes ambientes virtuais por parte dos (as) professores(as), mas sim, a necessidade de que o conjunto de comportamentos e regras de convivência e utilização esteja presente nas atividades educacionais via internet e nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), independente de quais instrumentos tecnológicos estarão sendo utilizados (ARENHARDT et al, 2017).

Outro aspecto importante é que nestes tempos da internet e evolução tecnológica, aproveitar as funcionalidades dos AVAs para a educação é estar atualizado com a evolução tecnológica da própria educação, pois se constitui em excelente canal de disseminação de conhecimentos para aqueles que quiserem e estiverem dispostos a trilhá-lo, o que vem impactando positivamente os processos de aprendizagem dos educandos (as) (CARVALHO, 2010).

2.5 TDICs e produção de conhecimento

Em busca de não sermos apenas reprodutores de informação e de conhecimento, a proposta pedagógica se apresenta como um processo que prevê a condição de reelaborar o que vem de um determinado dado; incluindo em nós a capacidade de elaborações novas, reconhecendo e trazendo à superfície o que é virtual o que pode estar mal desenhado na sociedade, com seus contornos borrados (BARBER; TAYLOR; BUCHANAN, 2014).

O conhecimento nos leva à construção de uma visão que atinja todos os fatos, os inter-relacionando em todas as esferas existentes da sociedade, demonstrando que o que está acontecendo em cada uma delas, é o produto da dinâmica da interação de todas as outras, dentro das suas possibilidades daquela formação social e naquela situação histórica. Possibilita perceber que os diversos fenômenos da vida social fixam suas relações apoiados na referência da sociedade como um todo. Estas informações fragmentadas não são suficientes, conforme podemos perceber. As informações são constituídas por conjuntos finitos de dados que possuem

semântica. São influenciadas por diversos fatores, tais como o tempo, formas de transmissão e pelos suportes tecnológicos utilizados e sua significação, se diferindo de acordo com a interpretação que cada sujeito tem no acesso a ela (FISS; AQUINO, 2013).

O conhecimento possui uma qualidade dinâmica refletiva, descrita em verbos como compreender, lembrar, esquecer e aprender; as informações fragmentadas não são suficientes para a sua produção. Dessa forma, o conhecimento se espelha na inter-relação e não na fragmentação. O conhecimento diz respeito a um conjunto de informações, se refere a sua totalidade, altamente integradas, podendo ser reformuladas para a elaboração do novo, daquilo que ainda é virtual. Ou seja, algo a ser realizado. Podemos apontar, quando o assunto for a distribuição de conhecimento, a importância de analisar como seu contexto de interpretação será compartilhado entre os agentes humanos que constroem o conhecimento e os disponibiliza para os outros. Para se fazer o uso efetivo das tecnologias da informação e comunicação (TICs) nos atos de comunicar o conhecimento, será necessário que o seu contexto interpretativo seja compartilhado da mesma forma.

A eficácia da comunicação do conhecimento por meio dos canais de mediação digital será maior quanto mais comunicadores compartilharem conhecimentos anteriores, experiências e conhecimentos similares. Nos sistemas de educação a distância, o ambiente de aprendizagem será projetado, levando em consideração a necessidade de ofertar para seus usuários, espaços virtuais com contextos interativos e compartilhados (CARVALHO, 2016).

A produção dos conhecimentos tácitos e explícitos e o compartilhamento acontecem devido a esta mediação, que permite aos participantes do curso, interagirem mutuamente. Quando direcionamos o debate para a educação a distância, é evidente esta correlação entre a produção, a colaboração e o compartilhamento do conhecimento explícito ou do conhecimento tácito. A produção do conhecimento, ao contrário do que muitas pessoas pensam, deve basear-se na relação social entre os seus indivíduos e não apenas no estudo individualizado (FREIRE; AMANTE, 2016).

O modelo de criação do conhecimento possui quatro modos de conversão, que deve acontecer também nos cursos oferecidos na modalidade a distância, de forma parcial ou total. Em relação às práticas de educação a distância, os modos de internalização, conversão, externalização e socialização serão descritos abaixo (GARCIA; JUNIOR, 2015).

A socialização surge quando o conhecimento explícito é convertido em tácito. Esta socialização traduz-se no compartilhamento de habilidades mentais e compartilhamento de modelos com suas trocas de experiência. É um processo de trocas de experiências, a partir da

criação do conhecimento tácito, com habilidades técnicas compartilhadas e com modelos mentais (GARCIA; JUNIOR, 2015; FREIRE; AMANTE, 2016).

Os aprendizes praticam com seus mestres e aprendem as suas artes através da prática, da imitação e da observação. Na educação a distância as experiências dos professores(as) são compartilhadas com os (as) alunos(as). E os (as) alunos(as), por sua vez, aprendem compartilhando e fazendo também seus conhecimentos (MARTINS; SILVA, 2016).

Em um curso na modalidade de EAD, a socialização acontece em sessões de *Web* ou videoconferência ou em sessões de *chat* com diálogos interativos favorecendo a troca de experiências e o aumento da confiança mútua entre os envolvidos (PORTES, 2016).

A externalização é a transformação do conhecimento tácito em conhecimento explícito. Os autores descrevem que este mecanismo de transformação é um processo perfeito de obtenção do conhecimento: a partir do momento em que o conhecimento tácito se transforma em conhecimento explícito, expresso nas formas de modelos, hipóteses, conceitos, analogias e metáforas (GARCIA; JUNIOR, 2015; FREIRE; AMANTE, 2016). Esta externalização pode ser vista nos processos de elaboração e de definição de conceitos, motivados pelas práticas da reflexão ou dos diálogos coletivos nos cursos a distância. São vistos comumente nos Fóruns, quando são bem organizados. Nosso terceiro instrumento de transformação é a combinação, representando a transformação de conhecimento explícito em explícito. O processo de sistematização de conceitos em um sistema de conhecimento, chamamos de combinação. Envolve a combinação de conjuntos diferentes de conhecimento explícito, neste modo de conversão do conhecimento. Quando o planejamento pedagógico na EAD prevê esta produção conjunta de conhecimento, a combinação se faz presente na educação a distância (GARCIA; JUNIOR, 2015; FREIRE; AMANTE, 2016).

Esta produção promove a reconfiguração de informações por meio da categorização do conhecimento explícito, da combinação, do acréscimo e da classificação (como acontece, por exemplo, num banco de dados de um computador) podendo com isso, levar a conquista de novos conhecimentos. Neste caso, promove-se a motivação dos (as) alunos(as) quanto ao uso dos hipertextos para este tipo de produção. Para a troca de informações, além disso, nos ambientes de aprendizagem, é preciso oferecer uma grande variedade de recursos (sala de produção, diários de bordo e correios eletrônicos) para facilitar o gerenciamento das informações e a comunicação (BARION; MARQUES, 2013).

Por fim, a internalização é o processo de transformação do conhecimento explícito em conhecimento tácito, com uma ligação estreita com o “aprender fazendo”. A internalização está intimamente ligada ao processo de aprendizagem pela prática. As experiências através da

socialização, da combinação e da externalização transformam-se em ativos valiosos quando são internalizados nas bases do conhecimento tácito dos indivíduos, sob a forma de modelos mentais ou *know-how* técnicos compartilhados (SABOIA et al, 2014).

A internalização traduz todo o processo que é construído em um curso a distância, envolvendo a integração dos outros tipos de transformação. Significa dizer que o aprendizado, por parte de cada aluno (a), acontece a partir do compartilhamento de conhecimentos explícitos e tácitos, de forma geral em um grupo como um todo (BARBER; TAYLOR; BUCHANAN, 2014). Aprendendo e sentindo com as experiências compartilhadas, através dos processos de internalização, professores(as) e alunos(as) adquirem conhecimento tácito. Para complementar a internalização, na educação a distância, é indubitável haver uma diagramação e verbalização do conhecimento de cada indivíduo participante, sob a forma de documentos, em geral, relatos de experiências, imagens, resenhas, artigos, entre outros (MILL, 2014).

Diante das realizações e das evidências dos (as) professores(as) e alunos(as), o portfólio ou a sala de produção deverá estar sempre em processos de atualização. Uma atividade motivadora para a internalização seria criar exercícios que estimulem o trabalho concorrente entre grupos de alunos(as), com a finalidade de produzir um projeto, fazendo com que os (as) alunos(as) recorram a todos os conceitos teóricos que foram vistos durante o andamento do curso (OLIVEIRA, 2016).

2.6 Educação a distância (EAD)

As novas formas de organização social e a difusão do conhecimento aconteceram devido à revolução das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs). A ressignificação dos conceitos e das relações com o conhecimento aconteceu devido à apropriação das tecnologias da informação e comunicação com destaque ao cenário da educação a distância (EAD). É a partir da utilização das ferramentas tecnológicas e de suas mediações positivas e eficientes que a força das potencialidades pedagógicas emerge no cenário educacional, oportunizando uma educação sem distâncias, num espaço de formação democrático e inclusivo. A aprendizagem a distância (*e-learning*) ou a Educação a distância (EAD), ao longo do tempo, sofreu alterações de nomenclatura, mas a expressão EAD é algo bastante antigo (GARCIA; JUNIOR, 2015).

Diversos autores já propuseram a discussão a respeito da dificuldade na definição de uma terminologia mais adequada ou que pelo menos melhor expresse esta modalidade de

ensino. Consideram-se as duas primeiras expressões: Educação a distância e aprendizagem a distância inadequadas pois a aprendizagem e a educação em si, são processos que acontecem dentro das pessoas e não são realizados a distância. Não há como entender ou sequer fazer, "Teleeducação" e/ou "Teleaprendizagem", pois tanto a educação como a aprendizagem (termos conceitualmente vinculados) acontecem onde quer que estejam aprendendo ou educando (ARRUDA; ARRUDA, 2015; BONDIOLI; CARVALHO, 2015; GARCIA; JUNIOR, 2015).

Para alguns autores, o termo mais adequado é ensino a distância. Para o autor ensinar a distância, hoje em dia, é perfeitamente possível, pois ocorre, constantemente, por exemplo, por meio da leitura de um livro, através de um filme, quando se assiste a um programa de televisão, ou a um vídeo que foi produzido para ensinar alguma coisa. Quem está ensinando, o "ensinante" está espacialmente distante (e também distante no tempo) de quem está aprendendo, o "aprendente", fazendo com que a expressão "ensino a distância" faça perfeito sentido (BARBER; TAYLOR; BUCHANAN, 2014; CARVALHO, 2016).

O termo "distância" foi originalmente descrito para se referir ao espaço, podendo ser igualmente aproveitado para se referir a tempo. As relações do estudante com a edificação compartilhada do conhecimento acontecem com as interações dialógicas, não apenas com o conteúdo disponível, mas também com a interação entre os colegas no ambiente virtual de aprendizagem, com os (as) professores(as) e tutores (as), onde foi adotada a nomenclatura educação a distância, dando ênfase ao processo educativo como um todo. O início da educação a distância pode ser delimitado como uma nova modalidade no cenário do século XIX. Com os avanços do processo de industrialização da sociedade, fez-se necessário alfabetizar grande parte da população, que não tinha acesso à escola, para oportunizar uma mão de obra mais qualificada atendendo as necessidades desta sociedade que estava em formação e estava se consolidando (OLIVEIRA, 2013).

De acordo com G. DOHMEN (1967) *apud* DOMINGO (2010) a modalidade de Educação a distância (EAD) é uma forma de sistematização de um auto estudo, onde o discente adquire conhecimento a partir do material didático de estudo que lhe é fornecido juntamente com a supervisão das atividades dos estudantes realizadas pelos professores(as). Esta modalidade pode acontecer através do uso de diversos meios de comunicação com o potencial de atingir longas distâncias, tais como: Televisão, Rádio, Satélites de transmissão direta, teleconferências, áudio conferências e videoconferências (*ITV-Interactive Television*), etc.

De acordo com a nossa Legislação, o Ministério da Educação (MEC), com o Decreto Lei nº 5.622 / 2005, apresenta o conceito de educação a distância, da seguinte maneira:

> Educação a distância como modalidade de ensino com a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem, acontece com a utilização das tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em diversos lugares ou tempos diferentes (MEC, 2005).

Segundo afirma Petters (1973) a educação a distância se centraliza no uso dos meios de comunicação, com a construção do conhecimento advindo do trabalho mútuo do professor(a) e do aluno (a), se beneficiando da direção, planejamento e instrução da organização do ensino não presencial.

Na EAD busca-se interação com atividades complexas tais como: reflexão, questionamento crítico, resolução de problemas, comprometimento, argumentação, construção de proposições e desenvolvimento da criatividade. Tendo em vista uma concepção interacionista, com um modelo centrado no aluno (a), a tendência é libertá-lo da dependência do professor(a), gerando um aumento na sua responsabilidade, autodirecionamento e controle do seu aprendizado, contribuindo para a sua autoconfiança e para o aprender a aprender, propiciando ao aluno (a) flexibilidade nas escolhas dos temas, de acordo com seus interesses e necessidades (MOSER, 2003).

A EAD é um processo de ensino e aprendizagem mediado pelas tecnologias que reduzem as barreiras de falta de tempo e oportuniza a reintegração educacional para aqueles que deixaram seus estudos por diversos motivos, exigindo uma nova postura de todos os participantes deste processo educacional (WEIDLE, 2011).

Segundo Holmberg (1977) a EAD é uma forma de estudo não supervisionada presencialmente pelos professores(as), os alunos(as) não estão no mesmo local ao mesmo tempo. Hoje em dia se torna impossível colocar em debate a educação sem pelo menos citar a educação a distância devido aos avanços tecnológicos que propiciaram maior interatividade e fizeram a EAD deixar de ser uma alternativa para as pessoas obterem uma educação formal e passou a ser uma modalidade de ensino mais flexível, com uma metodologia inovadora e de qualidade (HUBBARD, 2008).

A separação física entre aluno (a) e professor(a) aliada a possibilidade de encontros ocasionais, é colocada em destaque por Keegan (1991), onde o autor define a EAD como esta separação física, distinguindo-a do ensino presencial como uma comunicação de mão dupla, com os estudantes se beneficiando das novas formas de diálogo e de novas iniciativas nos processos pedagógicos dos professores(as) com a possibilidade de encontros presenciais ocasionais, nova didática e socialização do conhecimento (RODRIGUES, 2010).

Esta separação física entre professores(as) e alunos(as) e o uso das tecnologias de telecomunicação na educação são ressaltadas por Chaves (1999), que aponta a EAD como um processo onde os (as) professores(as) e os (as) alunos(as) estão separados no tempo e espaço, enfatizando mais a distância no espaço com a proposta que ela seja contornada através da utilização das tecnologias de telecomunicação e transmissão de dados (voz e imagem com a inclusão de vídeo e televisão), com todas estas tecnologias nos dias de hoje, convergindo para a utilização dos computadores.

Alguns conceitos da Educação a Distância ao longo do tempo, a partir de Dohmen (1967), são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 - Conceitos da EAD ao longo do tempo. (Continua)

CONCEITOS DE EAD	CARACTERÍSTICAS	
G. DOHMEN (1967)	Os (as) alunos(as) adquirem conhecimento a partir do material didático de estudo que é fornecido e com a supervisão dos (as) professores(as).	Sistematização organizada de um autoestudo. As informações eram transmitidas através da televisão, rádio e teleconferências.
PETTERS (1973)	O conhecimento se centraliza no uso dos meios de comunicação advindos do trabalho conjunto de professores(as) e alunos(as), onde se beneficia da direção, planejamento e instrução da EAD.	Interação com a prática de atividades mais complexas: reflexão, questionamento crítico, comprometimento e argumentação. Com vistas a uma concepção interacionista, com o modelo centrado no aluno (a), na expectativa de libertá-lo da dependência do professor(a).
MOORE (1973)	A EAD ganha destaque em cursos de ensino superior, com a atualização de diversos paradigmas educacionais.	O processo de ensino e aprendizagem passa a ser mediado pelas tecnologias rompendo as barreiras de espaço e tempo, exigindo novas práticas pedagógicas aos docentes.

Quadro 1 - Conceitos da EAD ao longo do tempo. (Continuação)

CONCEITOS DE EAD	CARACTERÍSTICAS	
HOLMBERG (1977)	A EAD é uma forma de estudo sem a supervisão física do professor. Com uma metodologia de ensino mais flexível, com uma metodologia inovadora e de qualidade.	Os avanços tecnológicos propiciam uma maior interatividade, se tornando uma alternativa a mais para as pessoas obterem uma educação formal.
KEEGAN (1991)	Analisa a EAD sobre diversos ângulos: alguns ângulos se embasam nas características comunicacionais, outros nas organizações dos cursos e outros nesta separação física entre aluno (a) e professor(a).	A utilização de determinada tecnologia como suporte à EAD, não constitui em si, uma revolução metodológica, mais reconfigura o campo das possibilidades educacionais.
CHAVES (1999)	Ocorre quando ensinantes e aprendentes estão separados no tempo e espaço. Com ênfase maior nesta distância no espaço, situação que deve ser contornada com a utilização efetiva das tecnologias da informação e comunicação.	Tem o foco na utilização de instrumentos de telecomunicação e transmissão de dados (voz, imagem, vídeo e televisão). Com todas estas tecnologias convergindo para o uso dos computadores.

Fonte: Do autor.

No século XX, com o término da Segunda Guerra Mundial, foi que a educação a distância passou a ser vista como mais uma opção de se estudar e aprender. Com o aprimoramento dos serviços dos correios, dos meios de transporte e do desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs), ocorreu um aumento mundialmente notável da EAD. Com a análise deste trajeto apresentado, conclui-se que o desenvolvimento desta modalidade de ensino só foi possível devido ao avanço das tecnologias disponíveis, de acordo com seus momentos históricos (GARCIA; JUNIOR, 2015).

Hoje em dia é notória a crescente expansão da EAD no mundo. Nas pesquisas realizadas em sites acadêmicos, pode-se notar a distribuição das Instituições que compõem a EAD em diversos continentes: na Europa, são oferecidos diversos programas de diferentes níveis, nos diversos campos do saber, como por exemplo, a *Universidade de Hagen* (Alemanha), a *Open University* (no Reino Unido), a Universidade Aberta de Portugal (Portugal). No continente asiático, pode ser citado o Sistema Integrado de Educação a distância com a *Central China Rádio and Television University* (China). Na África, os projetos de EAD ainda são muitos

iniciais devido aos poucos recursos econômicos da grande parte dos países que compõe o continente (OLIVEIRA, 2016).

Na Oceania, em destaque temos a Austrália, que realiza programas a distância integrados a algumas universidades americanas. Já na América Latina, destaca-se a importância destas instituições: os Programas de Educação a distância da Universidade de Buenos Aires (Argentina), o Sistema de Educação a distância de Honduras (Honduras), o *Sistema de Educación Abierto da Colombia* (Colombia), a Universidade Nacional a distância da Costa Rica (Costa Rica), a Universidade de Havana (Cuba), a Universidade Autônoma do México (México) e a Universidade de Chicago (EUA) (OLIVEIRA, 2016).

O desenvolvimento dos meios de comunicação no Brasil e em diversos outros países é o que marca o desenvolvimento e a evolução histórica da EAD. Não há no Brasil um marco histórico da criação da EAD, sendo assim, destaca-se esse momento ao surgimento das Escolas Internacionais, no ano de 1904. A implementação da educação a distância (EAD) a partir da utilização de tecnologias do meio impresso foi caracterizada pela criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, de 1922 a 1925 (OLIVEIRA, 2013).

A sociedade civil, por meio de diversos movimentos sociais no início da década de 1960, tentou consertar o cenário de descaso com a educação popular por parte dos governantes, buscando melhorar os processos de incentivo à produção cultural, a capacitação profissional, a alfabetização, entre outros. É a partir desta época, que estão registrados ações educacionais pautadas por ideias com concepções da modalidade a distância (LOPES, 2014).

Diante deste contexto da existência de vários projetos marcados por sucessos e insucessos (provocados pela falta de políticas públicas específicas para esta modalidade de ensino) procura-se demonstrar essa trajetória por meio dos dados apresentados através da Quadro 2, com adaptação de Lopes (2014).

Quadro 2 - Trajetória da EAD (Educação a Distância) no Brasil. (Continua)

Trajetória da EAD ao longo do tempo no Brasil	
Anos/período	**Contextualização Histórica da EAD no Brasil**
1904	A educação a distância se inicia com a instalação das **Escolas Internacionais** representando as organizações norte-americanas. A EAD acontecia por meio de recebimento e troca de materiais didáticos impressos através de correspondência.
1923 a 1927 e 1932	A partir da criação da **Rádio Sociedade do Rio de Janeiro** foram criados os cursos de telefonia, Literatura Francesa, Radiotelegrafia e curso de Línguas. A criação da **Comissão de Cinema e Educação** em 1927, o lançamento do **Manifesto da Escola Nova** em 1932, propuseram a utilização do rádio, impressos e cinema na educação Brasileira.

Quadro 2 - Trajetória da EAD (Educação a Distância) no Brasil. (Continuação)

Trajetória da EAD ao longo do tempo no Brasil	
Anos/período	**Contextualização Histórica da EAD no Brasil**
1937	Surge o **Serviço de Radiodifusão Educativa** do Ministério da Educação com a doação da **Radio Sociedade do Rio de Janeiro** para os Ministérios da Saúde e Educação.
1939	Surgem os primeiros cursos a distância no ramo da **Eletrônica**, oferecidos com a criação do **Instituto Monitor**.
1941	É criado o Instituto **Universal Brasileiro (IUB),** um dos primeiros a realizar uma formação profissional de **nível elementar e médio**, com a utilização de material impresso.
1969	Surge o Sistema **Avançado de Tecnologias Educacionais** com o emprego da televisão, do rádio e de outros meios aplicáveis. Logo após, através do **Ministério das Comunicações**, é publicada uma portaria criando o tempo obrigatório e gratuito para programas educativos.
1972	Criou-se o **Programa Nacional de Tele-educação (PRONTEL)** que teve pouco tempo de existência, sendo substituído pela **FUNTEVÊ** – Centro Brasileiro de TV Educativa.
1994	A coordenação da **Fundação Roquete Pinto** modifica totalmente o **Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa**, passando a coordenar todas as suas ações.
1995 a 2012	De acordo com a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (**Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**), surge a educação a distância como modalidade de ensino através da criação da **Secretaria Nacional de Educação a Distância**, com o surgimento da **Universidade Aberta do Brasil (UAB)** e com o **Projeto Veredas**.

Fonte: Lopes (2014).

Aqui destaca-se a importância do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia (IDERB), financiado pelo governo baiano e pela Agência Canadense de Desenvolvimento Internacional, e o Programa Nacional de Telecomunicação (PRONTEL) pelos trabalhos no processo de formação de professores(as), onde oferecia a formação geral e de professores(as) com a utilização da televisão como instrumento de monitorias presenciais e como mídia (LOPES, 2014; PORTES, 2016).

Podem-se citar outros programas nesta linha: Entre 1972 e 1976, o Projeto Satélite Avançado de Comunicações Interdisciplinares, organizado pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (INEP), que produzia aulas gravadas, em formato de telenovelas transmitidas por satélite; em 1973, em destaque, o Projeto *LOGOS* com a utilização de material impresso sendo

substituído pelo Programa de Valorização do Magistério (PVM) em 1990. Há também, em 1985, o Centro Brasileiro de TV Educativa (FUNTEVÊ), patrocinado pelas secretarias estaduais e municipais de educação, com a utilização de recursos como o rádio, os vídeos, a televisão e os materiais impressos; e em 2002, criado em Minas Gerais, o Projeto Veredas, por meio de parcerias das Universidades Federais, instituições de ensino superior do Estado de Minas Gerais, juntamente com a Secretaria Estadual de Educação (SEE-MG) e secretarias municipais (LOPES, 2014; PORTES, 2016).

Juntamente com estes programas de formação profissional citados acima, cabe aqui destacar o Centro de Educação Técnica de Brasília (CETEB) financiado pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) – (1976 – 1978), o Sistema Aberto de Educação a distância (SAED) em 1978, patrocinado pela Sociedade Israelita Brasileira, empresas e organizações governamentais, o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e o Ministério da Educação e Cultura (MEC) (LOPES, 2014).

A Constituição Federal, as Leis, os Decretos e as Portarias são quem regem e amparam legalmente a educação brasileira com a intenção de regulamentar e garantir uma educação de qualidade, tanto no ensino presencial como no ensino a distância, pois as duas modalidades fazem parte da educação nacional (ARRUDA; ARRUDA, 2015).

A Lei Maior, a Constituição Federal de 1988, capítulo III, descreve sobre Educação, Cultura e Desporto, seção I, artigo 206 – inciso II, dizendo sobre o direito à liberdade de aprender, pesquisar, ensinar, divulgar o pensamento, a arte e o saber. Podendo ser considerado um ponto de partida quando se faz reflexões acerca da regulamentação da educação a distância no Brasil, quando afirma o teor do artigo sobre a liberdade de aprender e de ensinar, dando autonomia (liberdade) a este processo educacional. Com isso, afirmam que as modalidades de ensino não são concorrentes uma das outras, mas se unem e se completam em prol de contextos educacionais bem distintos (LOPES, 2014; ARRUDA; ARRUDA, 2015).

A EAD passou a ser integrada de forma plena como uma modalidade de ensino brasileiro a partir do dia 20 de dezembro de 1996, com a promulgação da LDB nº 9.394 (LOPES, 2014).

Com a regulamentação do artigo 80 da LDB, Lei nº. 9.394 / 96, que inicialmente se fez pelo Decreto nº. 2.494/98 e posteriormente foi alterada, precisamente no dia 27 de abril de 1998 pelo Decreto nº. 2.561, modificou a redação de alguns dos seus artigos.

O MEC publicou a portaria nº 2.253 de 18 de outubro de 2001 que regulamenta o ensino superior, a criação de disciplinas a distância, fazendo com que a educação a distância ganhasse cada vez mais espaço. Estas disciplinas passaram a atender até 20% dos cursos presenciais

reconhecidos, com a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) (LOPES, 2014).

A Portaria nº. 4.059 de 10 dezembro de 2004, no seu artigo 2º, descreve que a oferta das disciplinas deverá incluir aprendizagem, métodos e práticas de ensino que façam uso integrado de tecnologias da informação e comunicação para alcançar seus objetivos pedagógicos (LOPES, 2014).

Os Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a distância, descritos pelo MEC, não possuem valor legislativo, todavia são referenciais norteadores para subsidiar os atos legais do Poder Público referentes aos processos específicos de supervisão, avaliação da modalidade a distância e regulação, se tornando orientações importantes para a implementação da EAD no Brasil (CHAQUIME; MILL, 2015).

A EaD passa a ganhar espaço em grandes discussões de pesquisadores, na criação e implementação de novos cursos e na Legislação, diante do cenário desta sociedade informacional, marcada pela utilização cada vez maior das tecnologias da informação e comunicação (TICs), apoiadas de início com a promulgação da LDB nº. 9.396 de 20 de dezembro de 1996 (ARRUDA; ARRUDA, 2015).

Com relação ao ensino técnico profissionalizante, no Brasil foi instituída a REDE E-TEC por meio do Decreto nº. 7.589 de 26 de outubro de 2011. O programa foi lançado oficialmente pelo Decreto nº. 6.301 de 12 de dezembro de 2007, com o objetivo de ampliar a oferta e democratizar a acesso aos cursos técnicos de nível médio, públicos e gratuitos no país. Foi modificado pelo Decreto nº. 7.589 de 26 de outubro de 2011, como a designação de REDE E-TEC BRASIL e não mais apenas como um simples programa (LOPES, 2014; ARRUDA; ARRUDA, 2015).

A REDE E-TEC teve um edital publicado em 2007, e no ano seguinte, foi reorganizado o sistema para melhor disponibilizar a oferta de cursos técnicos, desenvolvidos de acordo com o Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos, que tem a função de orientar e estabelecer as regras de oferta de cursos técnicos no país (LOPES, 2014).

A Educação Profissional Técnica de nível médio descrita na LDB nº. 9.394/96, Seção IV – A, artigo 36 – B, faz referências que regulamentam a educação profissional no Brasil. A educação profissional técnica, de acordo com o disposto, pode ser desenvolvida articulada ao ensino médio ou subsequente, em cursos desenvolvidos e destinados a quem já conclui esta etapa.

A educação profissional técnica articulada de nível médio pode ser desenvolvida integralmente para aqueles sujeitos que já tenham terminado o ensino fundamental. O curso

deverá ser organizado de modo a dirigir o aluno a sua qualificação profissional técnica de nível médio, na mesma Instituição de Ensino, de forma concomitante, ofertada a quem ingressar no ensino médio ou a quem já esteja cursando; com as matrículas separadas para cada curso, que poderá acontecer na mesma instituição de ensino, ou em instituições de ensino diferentes, através de convênios firmados de complementaridade internos, visando o planejamento e o desenvolvimento pedagógico unificado (CARVALHO, 2016).

Com o objetivo de capacitar e formar técnicos de nível médio, preparados (as) para a prática de atividades profissionais, os cursos propostos no programa são do tipo subsequente. As disposições do Decreto nº. 5.154, de 23 de julho de 2004, dizem que os cursos técnicos terão a carga horária mínima de 800 horas no ano letivo, de acordo com a resolução nº. 1, que modifica as Diretrizes Curriculares Nacionais definidas pelo Conselho Nacional de Educação para os níveis médio e para a Educação Profissional Técnica de nível médio (ARRUDA; ARRUDA, 2015).

A REDE E-TEC BRASIL foi criada com a finalidade de promover a educação profissional e tecnológica na modalidade de educação a distância, com o intuito de democratizar e ampliar o oferecimento e o acesso a uma educação profissional pública de qualidade, gratuita no nosso país (BARRETO; ARAÚJO, 2014; LOPES, 2014), com as seguintes finalidades:

a) incentivar a oferta da educação tecnológica e profissional, na modalidade a distância, em todo o país;

b) aumentar e democratizar a oferta da educação tecnológica e profissional, especialmente para a periferia das áreas metropolitanas e interioranas do país;

c) promover a capacitação profissional inicial e continuada, para os estudantes matriculados e para os egressos do ensino médio, e também para a educação de jovens e adultos;

d) estimular o ingresso, permanência e conclusão do ensino médio por jovens e adultos;

e) permitir às instituições públicas de ensino desenvolver projetos de pesquisa e de metodologias educacionais na modalidade de educação a distância, na área de formação inicial e continuada de professores(as) para a educação tecnológica e profissional;

f) incentivar o desenvolvimento de projetos de produção de materiais pedagógicos e educacionais para a formação inicial e continuada de professores(as) para a educação tecnológica e profissional;

g) promover, junto às instituições públicas de ensino, o desenvolvimento de projetos de produção de materiais pedagógicos e educacionais para estudantes da educação tecnológica e profissional;

h) autorizar o desenvolvimento de cursos de formação inicial e continuada de professores(as), gestores (as) e técnicos administrativos da educação técnica e profissional, na modalidade de ensino a distância.

Na REDE E-TEC BRASIL, de acordo com as tecnologias disponíveis, propiciam-se atividades letivas concentradas em Polos de Apoio Presenciais, onde os estudantes se encontram para participar das aulas presenciais, pré-gravadas ou ao vivo, com uma maior ou menor interação (CHAQUIME; MILL, 2015).

A gestão de pessoal inclui tutores (as) a distância que são auxiliares diretos dos professores(as), hoje chamados de professores(as) mediadores e tutores (as) de conteúdo, e os (as) tutores (as) presenciais, também professores(as) mediadores (as), porém, atuam apenas nos Polos presenciais, auxiliando os (as) alunos(as) na execução de suas atividades nas disciplinas. Os (as) professores(as) coordenadores (as) de Polo e professores(as) formadores (as), titulares nas disciplinas, se dirigem até os polos de apoio presenciais, fazendo visitas, colhendo as demandas de melhoria dos cursos descritos pelos (as) alunos(as) e acompanham as atividades de laboratório assistidas (SANTOS; SCHINEIDER, 2014; CHAQUIME; MILL, 2015).

Os Polos de apoio presencial se localizam em municípios pequenos e médios, em bairros rurais e em locais onde os recursos de comunicação são pequenos em função da grande diferença de inclusão digital que ainda existe no Brasil, pois o programa possui uma abrangência nacional e pretende chegar a parcelas da população que não possui acesso a estes cursos técnicos profissionalizantes. Destas diferenças, resultam a grande quantidade de tecnologias utilizadas por estes cursos, suas inovações e adaptações em torno do modelo básico, gerando um sistema forte de experimentos metodológicos e inovações (OLIVEIRA, 2013).

A REDE E-TEC BRASIL propicia um acesso ao ensino público de qualidade e totalmente gratuito, e desde a sua implantação vem sendo ampliada e bem distribuída em lugares estratégicos em busca de uma educação profissionalizante, tecnológica e inclusiva (BONDIOLI; CARVALHO, 2015).

O uso e desenvolvimento das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) são evidentes nas suas formas célebres e potentes de uso das mídias de informação e comunicação, aliadas também ao uso da *internet*, onde se apresentam expressivamente alicerçadas. O campo educacional também é estimulado pelo uso de diversas mídias de potencial educativo (CLARK; HERGENRADER; REIN, 2015).

Ao se trabalhar com a formação de pessoas através da educação, não podemos deixar de lado estas relações existentes entre os indivíduos e as tecnologias e tem-se o dever de oferecer uma educação de qualidade, e também, fazer uma análise das reconfigurações que

podem se tornar efetivas nos âmbitos social e particular, surgindo, a partir daqui, grandes desafios a serem enfrentados (FREITAS *et al*, 2017).

Propor novas metodologias de ensino, rever as novas relações que podem ser criadas para trabalhar o conhecimento, reestruturar as práticas pedagógicas, reorganizar as novas formas de aprender e de ensinar nesta sociedade informacional (CASTELLS, 2016), fez com que os profissionais da educação fizessem grandes reflexões sobre estas mudanças no atual cenário educacional (HASHEMI; CEDERLUND, 2016).

A adoção destas novas práticas educacionais na forma de ensino formal e informal poderá ser realizada com um aprendizado praticado em rede e em redes sociais (FISS; AQUINO, 2013).

O desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs), com destaque para as ferramentas que promovem a interação, permite dizer que as redes sociais podem fazer parte deste novo "fazer pedagógico" com professores(as) de todos os níveis de educação. As plataformas de redes sociais possuem ferramentas e aplicativos com funções semelhantes àquelas já usadas nos ambientes virtuais de ensino e aprendizagem (AVEAs) (CARVALHO, 2016).

Em especial, na educação a distância, esta interação dos estudantes com as tecnologias da informação e comunicação são positivas e contribuem bastante com o processo de ensino e aprendizagem. A interação social é considerada o ponto de partida para parcerias concretas e produtivas entre alunos(as) e professores(as). A partir destas interações com outros sujeitos participantes que compartilham os mesmos interesses, determina-se a possibilidade de aprender colaborativamente, vantagem existente nas redes sociais (CANHOTO et al, 2016).

Os ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), com a associação de materiais didáticos, podem promover uma boa educação aos estudantes e verificar todo esse suporte em busca de uma comunicação eficiente e eficaz entre todos os envolvidos, com o desenvolvimento de uma aprendizagem colaborativa, com práticas interativas, eficientes, eficazes e expressivas, com a aprendizagem trazendo mais autonomia aos educandos (LOPES, 2014).

A presença da interação e afetividade se faz essencial em todo processo de aprendizagem. No que diz respeito a afetividade, esta pode e deve constar nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) através de uma utilização eficaz das ferramentas interacionais. A solidificação dos laços afetivos dos usuários do ambiente virtual de aprendizagem (AVA), acontece a partir da utilização das ferramentas de interatividade. Esta afetividade, ao contrário do que todos podem pensar, não se condiz apenas a gestos de carinho, ternura, emoção e simpatia, ela também pode ser vivida através da interação, da vivência, e não

precisa ser especificamente física, podendo acontecer também nestes espaços virtuais de ensino e aprendizagem (ALMEIDA, 2017).

A presença desta interação nos processos de ensino é também defendida por Freire (2011): Faz-se necessário que estas ações pedagógicas, em todo processo de aprendizagem, deixem de lado o que chamamos de "educação bancária" onde o (a) educador (a) é aquele que possui o saber, passando este para os (as) educandos (as), e estes recebendo as informações passivamente. Para Freire, este processo de ensino e aprendizagem deve acontecer por meio de ações dialógicas, com uma educação repleta de questionamentos, engajamento efetivo, afetividade e conscientização com a intenção de proporcionar transformações sociais e mudanças na realidade dos (as) educandos (as).

A interatividade descreve a possibilidade de os sujeitos envolvidos nestas ações dialógicas trocarem experiências nas relações: homem-máquina e/ou homem-máquina-homem, gerando uma troca de informações e sustentação de conhecimentos, proporcionados na educação a distância. A interatividade concebe uma comunicação efetiva, a reciprocidade e o diálogo (LEVY, 2010).

Alguns autores diferenciam os conceitos de interatividade e interação: Interatividade, usada algumas vezes como sinônimo de interação, se apresenta como um neologismo que surgiu com o início das tecnologias da informação e comunicação (TICs) e da chamada geração digital, sendo usada em relação à possibilidade de interagir com uma máquina ou com outros indivíduos no cenário do Ciberespaço (LEVY, 2010; MILL, 2014).

E a interação surge das ações e relações entre os componentes de um determinado grupo ou entre grupos na sociedade. Um dos fundamentos do mundo digital na qual vive-se atualmente é esta proposta de interatividade. Para que aconteça a interatividade, o uso das tecnologias não é o fator principal, apesar de contribuir para que esta interação aconteça, mas o mais importante é o professor(a) entender a necessidade de se estabelecer uma nova pedagogia, apoiada neste caso, na modalidade de educação a distância, que pressupõe esta interatividade, a participação, a bidirecionalidade, a multiplicidade de conexões, a cooperação entre os sujeitos envolvidos e as informações colocadas à disposição (MACHADO, 2017).

No contexto de ensino da educação a distância (EAD), cabe colocar em destaque, que a interatividade pode ser um dos componentes mais importantes, com o debate fundamentado em função da sua expansão e práticas apresentadas no Ciberespaço, colocando em evidência uma reflexão crítica sobre as funções sociais dos sujeitos participantes deste processo educacional e as situações de incorporação das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) e as suas diversas linguagens na prática pedagógica (QUINTON; ALLEN, 2014).

3 METODOLOGIA

A partir dos estudos do pesquisador, da problematização do tema e do referencial teórico apresentados, é descrito o percurso metodológico desenhado nesta pesquisa.

O desenho deste percurso metodológico é a estrutura fundamental da pesquisa científica, pois trata da definição de um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos para a construção do conhecimento (GIL, 2008). A pesquisa científica é um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais" (MARCONI; LAKATOS, 2007).

Conhecer a realidade ou a descoberta de verdades parciais, permite que avancemos nas conclusões e proposições para o objeto investigado. É baseado na investigação sistemática de uma situação em seu contexto, com fundamentação teórica e rigor científico, que se pode começar a difundir um novo conhecimento. De acordo com Demo (2000, p. 20), a pesquisa é entendida tanto como procedimento de construção do conhecimento quanto como procedimento de aprendizagem (princípio educativo e científico), sendo parte integrante de todo processo reconstrutivo de conhecimento.

Esta pesquisa é um estudo de caso único sobre as percepções dos docentes e alunos (as) da escola técnica profissionalizante municipal, ETEC-CAIC Polo Alfenas, do curso técnico de Segurança do Trabalho, dos conceitos e pressupostos teóricos investigados sobre as práticas de escrita colaborativas praticadas no ambiente virtual de aprendizagem *AVA-MOODLE* com a mediação das TDICs na educação.

Segundo Severino (2007), antes de buscar um objeto de pesquisa, o pós-graduando, pesquisador já deve ter feito uma reflexão do mundo, indagando-se criticamente a respeito de sua situação, bem como da situação de seu projeto e de seu trabalho na sua realidade social.

3.1 Etapas da pesquisa

Solicitou-se, primeiramente, a autorização do Instituto Federal do Sul de Minas para a realização da pesquisa e, posteriormente, o projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alfenas (CEP- UNIFAL-MG).

Após a autorização do ítem ética pelo CEP da Universidade, iniciou-se a coleta das informações, cuja compilação se apresenta neste presente estudo (BRASIL, 2012).

3.2 Delineamento da pesquisa

Para alcançar os objetivos deste trabalho, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e a técnica de observação não participante pelo pesquisador em buscar de coletar informações sobre as percepções dos professores (as) e alunos (as) sobre as práticas de escrita colaborativa na plataforma virtual do curso (*AVA-MOODLE*), e suas influências na produção de conhecimento nas aulas práticas das disciplinas de Biossegurança (BIOSEG) e Combate e Prevenção de Incêndios (PCI), com os registros feitos em diários de campo, sendo estas as escolhidas por serem as 2 (duas) matérias de maior carga horária de trabalho, tanto no ambiente *AVA MOODLE* (sala de aula virtual), como na execução das aulas presenciais no Polo CAIC em Alfenas-MG, exigindo uma participação mais efetiva dos alunos(as) nas atividades obrigatórias e avaliativas.

Para a análise de dados é aplicada a estratégia de análise de conteúdo de Bardin. Foi escolhida a análise de conteúdo como estratégia da pesquisa pela sua adequação aos objetivos deste trabalho. Para Appolinário (2009), a análise de conteúdo é um:

> [...] Conjunto de técnicas de investigação científicas utilizadas em ciências humanas, caracterizadas pela análise de dados linguísticos. [...] Normalmente, nesse tipo de análise, os elementos fundamentais da comunicação humana são identificados, numerados e categorizados (p. 27)

Segundo Dionne e Laville (1999), a análise de conteúdo é um processo que possui três etapas: recorte dos conteúdos, definição das categorias analíticas e categorização final das unidades de análise.

Após a seleção dos conteúdos das entrevistas e dos diários de campo das disciplinas, a primeira etapa da pesquisa foi o recorte dos principais conteúdos, realizado por meio de diversas e repetidas leituras, visando iluminar os segmentos de informações relacionados às práticas de escrita colaborativa em rede e as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs), objetos deste trabalho. “Os elementos assim recortados vão constituir as unidades de análise, ditas também, unidades de classificação ou de registro” (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 216).

Após o recorte, os conteúdos analisados são agrupados em categorias analíticas. Laville e Dione (1999) definem as categorias analíticas como “rubricas sob as quais virão se

organizar os elementos de conteúdos agrupados por parentesco de sentido" (p. 219). Por fim, é feita a categorização final das unidades de análise. "Trata-se de considerar uma a uma as unidades à luz dos critérios gerais de análise, para escolher a categoria que convém melhor a cada uma" (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 223).

A etapa final da pesquisa é a construção dos resultados e conclusões, com a análise dos conteúdos elaborados de acordo com a metodologia acima descrita e com o referencial teórico que fundamenta este trabalho.

3.3 Tipo de pesquisa

Este trabalho é um estudo de caso único, com técnica de observação não participante, registro em diário de campo, com uso de entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo de Bardin.

3.3.1 Estudo de caso

Pelo fato de que esse método permite avaliar de forma mais visível e mais próxima o objeto de estudo (COIMBRA; MARTINS, 2013), escolheu-se o estudo de caso único para poder apresentar o contexto real das práticas de escrita colaborativa em rede do curso técnico de Segurança do Trabalho.

O estudo de caso investiga os fenômenos contemporâneos dentro de um contexto real quando as fronteiras entre os fenômenos e os contextos não estão claramente comprovadas e onde diversas fontes de evidências são utilizadas, segundo Yin (2001).

Bonoma (1985), afirma que em se tratando do método de estudo de caso, o que se tem é a descrição e a classificação (desenvolvimento de tipologia), e não a enumeração ou a quantificação, mas também, o desenvolvimento teórico e o teste limitado da teoria. No estudo de caso, de acordo com Ponte (2006):

> A investigação se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser especial ou única, se assume como particularística, pelo menos em certos pontos, procurando descobrir o que há de mais característico e essencial e, dessa forma, contribuir para a compreensão global de um certo fenômeno de interesse" (PONTE, 2006, p. 2).

De acordo com estudos de Yin (2001), existem quatro aplicações para o método de Estudo de Caso, são eles: para explorar aquelas situações onde as intervenções avaliadas não possuam resultados específicos e claros; para fazer uma avaliação, mesmo que de forma descritiva; para apresentar o contexto real no qual a intervenção ocorreu e para explicar ligações causais nas intervenções.

Segundo Ponte (2006), o estudo de caso pode ser único ou múltiplo, usando como unidades de análise uma ou mais organizações, grupos e indivíduos. Mesmo quando mais de um caso estiver sendo pesquisado, esta individualidade, de cada caso, será mantida, buscando sempre analisar o contexto real das intervenções dos docentes nas práticas dos alunos(as).

O estudo de caso pode ser descrito com algumas características: possibilita a exploração de um grande número de variáveis; é adequado para o estudo de processos; é apropriado quando os limites entre o contexto e o fenômeno não são evidentes, reduzindo o estudo de caso para fenômenos contemporâneos, é conduzido em grande detalhe, baseando-se em diversas fontes de dados; e pode associar vários métodos para a coleta de dados, tais como: uso de dados secundários, técnicas de histórias de vida, observação, questionários e entrevistas (COIMBRA; MARTINS, 2013).

Nos processos educacionais, o estudo de caso surge nas décadas de 60 e 70 como um estudo descritivo de uma unidade: uma sala de aula, um (a) professor(a), uma escola. Podemos destacar como um marco inicial para esta modalidade de pesquisa na área educacional, a Conferência Internacional que foi realizada em Cambridge, Inglaterra, no ano de 1972, de acordo com estudos de André (2005).

E quando falamos sobre uma forma de estudo de caso, devemos levar em consideração esta perspectiva da *Conferência de Cambridge* citada acima: o Estudo de Caso sempre envolverá uma instância em ação. Constitui-se um conceito muito amplo, que pode, segundo André (2005), levar a conclusões trocadas, confusas ou equivocadas. O Estudo de Caso não se tornou um método específico de pesquisa ou uma escolha metodológica, mas sim, uma forma particular de estudo, uma escolha de um objeto a ser estudado (ANDRÉ, 2005).

É preciso e se torna muito importante, conhecer o que se está aprendendo ao estudarmos o caso, com a necessidade de se realizar um estudo da complexidade de um caso singular e da sua particularidade, o que nos levará a compreender suas atividades dentro de importantes circunstâncias. O Estudo de Caso é uma investigação empírica, uma forma de análise que abrange tudo: as técnicas de coleta de dados, os planejamentos e análise dos resultados, segundo Yin (2001).

O conhecimento que pode ser criado a partir de um Estudo de Caso é diferente do conhecimento adquirido com outras formas de pesquisa, pois é considerado mais voltado para a interpretação dos (as) leitores (as), mais contextualizado, mais concreto e baseado em populações de referência que são determinadas por estes próprios leitores (as). O Estudo de Caso qualitativo possui quatro características essenciais: heurística, descrição, particularidade e indução (ANDRÉ, 2005; COIMBRA; MARTINS, 2013).

A particularidade condiz ao fato de que o Estudo de Caso dá enfoque a uma situação, a descrição de um fenômeno particular, tornando o Estudo de Caso um tipo de estudo ideal para investigação de problemas práticos. A heurística traduz a ideia de que o Estudo de Caso ilumina e facilita as compreensões dos (as) leitores (as), sobre os fenômenos em estudo, podendo fazer a descoberta de novos significados, confirmar o que já é conhecido ou estender a experiência dos (as) leitores (as) (ANDRÉ, 2005).

A indução significa na maioria dos casos, que estes estudos de casos se sustentam na lógica indutiva. Os estudos que partem de pressupostos teóricos iniciais, procuram se manter constantemente atentos a existência de novos elementos emergentes e muito importantes para a discussão dos problemas em questão. Podemos entender o Estudo de Caso como uma estratégia de pesquisa e de análise muito relevantes para os processos educativos (ANDRÉ, 2005; COIMBRA; MARTINS, 2013).

Podemos observar na literatura que existem diferentes classificações sobre os tipos de estudo de caso. O estudo de caso poderá ser intrínseco (quando o (a) pesquisador (a) apresenta um interesse inerente a aquele caso em particular); coletivo (quando o (a) pesquisador (a) não se atenta a um só caso, mais estuda vários casos) ou instrumental (quando a intenção do (a) pesquisador (a) for responder a uma questão que o caso poderá ajudar a responder) (ANDRÉ, 2005).

Yin (2001) descreve o estudo de caso como único e múltiplo. Segundo André (2005) o estudo de caso é dividido em quatro grandes grupos, são eles: o de ação (aquele que busca dar a sua contribuição para o desenvolvimento do caso através de *feedbacks*); o educacional (quando as intenções dos (as) pesquisadores (as) estão voltadas para a compreensão dos atos das ações educativas); o avaliativo (quando um caso ou um conjunto de casos são estudados de forma intensa, com o objetivo de trazer aos atores educacionais, as informações que os vão auxiliar no julgamento dos valores de políticas, méritos, instituições ou programas); e o etnográfico (quando é realizado um estudo de caso bem profundo com a técnica de observação participante).

3.3.2 Observação não participante

O ato de observar é um ato comum e normal a todos nós. Ao observarmos as pessoas, as paisagens e nossos atos, podemos abstrair muito das coisas que sabemos. Realizar a observação é tão comum a todos nós, que também pode ser um método de coleta de dados científico. Mas como fazer de uma ação tão simples, se tornar uma parte da pesquisa ou de um artigo científico? Esta técnica de transformação será descrita a seguir, relatando que muitas vezes, esta técnica pode ser a única que contribui para nossos estudos de situações complexas e de comportamentos (GIL, 2008).

Aprender além do que é dito, analisar os bastidores da fala, do comportamento e até nos momentos em que os sujeitos não dizem nada, mas seus atos falam por si só, a observação para fins de cientificidade, terá um significado muito maior do que apenas ver e ouvir. Consiste numa ação simples, mas que exige alguns cuidados ao ser executada. A observação como um método de coleta de dados na escola pode ser feita pelos próprios professores(as) ou por um (a) observador (a) que esteja de fora do processo.

Para isso, é preciso dar uma atenção ao grau de influência do (a) observador (a), pois a sua presença pode mudar o contexto ou a situação a ser observada. Poderemos colocar o observador algumas vezes em sala de aula, para que os (as) alunos(as) e professores(as) possam se acostumar, mas com isso, a influência da presença do (a) observador (a) mudará o ambiente da sala de aula.

Cinco dimensões classificam os procedimentos de observação (GIL, 2008):

1) Observação sistemática e observação não sistemática: obedece a um padrão ou deve ser feita sem rigidez nos seus processos;

2) Observação *in natura* (laboratório) e observações artificiais e: O local deve ser natural ou as situações devem ser direcionadas para serem observadas;

3) Observação aberta e observação oculta: Acontecem em relação ao objeto de estudo ou ao estudado, se ele sabe ou não que está sendo observado. O (a) observador (a) pode estar oculto ou visível;

4) Observação não participante e observação participante: Quando o (a) pesquisador (a) não faz parte do grupo em que pretende estudar, não está integrado, recolhendo e analisando os dados imparcialmente ao que está acontecendo. Quando o (a) pesquisador (a) faz parte do grupo, alguns comportamentos, situações podem passar sem serem percebidas, pois seu olhar já está familiarizado;

5) Observação de outros e auto-observação: na maioria das vezes, são outras pessoas que são observadas e, dessa forma, a atenção é destinada à auto-observação reflexiva do pesquisador (a), para embasar teoricamente ainda mais a interpretação do que é observado.

A observação poderá ser semiestruturada ou estruturada, segundo o autor. A técnica de observação estruturada acontece em laboratórios, onde todas as ações podem ser controladas. As observações semiestruturadas acontecem em campo de pesquisa, com o apoio de *check-lists*, fazendo com que o (a) pesquisador (a) saiba precisamente o que vai observar nos grupos, seus pontos mais significativos, com a meta de traçar o planejamento para o registro das observações e para a coleta de dados (GIL, 2008).

Traçando a meta de padronizar esta observação como não participante, o (a) pesquisador (a) se posiciona apenas como observador (a) frente aos (as) pesquisados (as). Mantendo-se afastado para não interferir no processo de coleta de dados, evitando qualquer distração nos (as) pesquisados (as), porém, perto o bastante para fazer a observação das falas e dos comportamentos dos sujeitos de pesquisa, com a maior clareza possível. O (a) pesquisador (a) escolhe o nível dos detalhes na qual ele pretende descrever estas observações. Acontece de fato uma redução substancial das suas interferências. Sem que haja manipulação dos (as) pesquisados (as), faz-se uso de instrumentos de coleta de dados (entrevistas, questionários). Com isso, se consegue expandir o controle e o alcance das variáveis observadas (ANDRÉ, 2005).

Há que se analisar com atenção sobre a utilização da observação como técnica de pesquisa, pois, como cada pesquisador (a) possui a sua marca, a sua forma de trabalhar, suas impressões na forma de observar; isso pode levar a introdução de possíveis erros sistemáticos na apresentação dos seus dados, às vezes com efeitos desastrosos para as suas pesquisas. Um exemplo que ocorre com bastante frequência é o que chamamos de "*efeito halo*", que é a transferência de impressões generalizadas sobre a situação ou a característica de uma pessoa para outras pessoas, podendo gerar compreensões pouco confiáveis (ANDRÉ, 2005; GIL, 2008).

3.4 Diário de campo

Utilizado para o uso individual do profissional e/ou do (a) aluno (a), o diário de campo é uma forma de registrar observações, reflexões e comentários, podendo ser utilizado também, para fazer registros dos processos de trabalho ou o registro de atividades de pesquisa. De acordo

com Falkembach (1987), o diário de campo nos ajuda a criar o hábito de observar com atenção, refletir, descrever com precisão, os principais acontecimentos de um dia de trabalho. O diário de campo deve ser utilizado todo dia para que possa garantir uma maior sistematização e detalhamento possível de todos os fatos ocorridos no dia e nos bastidores das falas dos sujeitos participantes durante a intervenção.

O diário de campo além de ser utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador (a), o gênero diário é, em geral, utilizado como forma de conhecer o dia a dia dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. O diário é um dispositivo na investigação, pelo seu caráter subjetivo, intimista.

O ideal é que sejam datadas todas as observações, descrevendo sempre o local e a hora (FALKEMBACH, 1987.). O diário de campo pode ser dividido em três partes, são elas: descrição; as interpretações dos (as) observados (as), onde será importante observar, conceituar e explicitar, estabelecer as relações entre as consequências e entre os fatos; registro das dúvidas, dos imprevistos, das conclusões preliminares, e dos desafios tanto para a equipe ou para um profissional em específico, quanto para os sujeitos envolvidos neste processo e para a Instituição.

O diário de campo traz outros pontos de vista para o cotidiano dos profissionais relatores, pois as observações das discussões coletivas entre os usuários dos serviços ou entre os profissionais, ou ainda entre instituição e usuários serão registradas nos diários de campo. É importante destacar ao fazer o registro das informações, se existe algum ponto importante para o processo ou para a pesquisa de trabalho, que ainda não foi considerado (ANDRÉ, 2005; GIL, 2008).

Poderão ser utilizados diversos recursos, tais como: desenhos, recortes e fotografias, desde de que os mesmos permitam e registrem os dados para que possam transmitir as informações que foram observadas e serem entendidas, por isso considera muito importante esta interação do (a) aluno (a), ou do profissional, como uma forma de registro através dos diários de campo (FALKEMBACH, 1987).

Esse caráter intimista e subjetivo do diário de campo permite observar e apreender os significados das situações vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa. As notas de campo consistem em dois tipos de materiais. O primeiro é descritivo, em que a preocupação é captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo a parte que apreende mais o ponto de vista do (a) observador (a), as ideias e preocupações.

Existem variações na apreensão de conteúdos teóricos, de compromissos, de experiências por parte do (a) aluno (a) ou do profissional, com isso, haverá mudanças nas formas de análise e interpretação dos dados coletados. O diário de campo também pode ser um bom instrumento de registro de atividades de pesquisa. O diário de campo é uma forma de complementação das informações, onde a pesquisa se aplica e onde estão os sujeitos envolvidos, fazendo o registro de todas as informações que não sejam aquelas específicas, coletadas em entrevistas formais e em contatos; na realização de grupos focais e em aplicação de formulários e de questionários (GIL, 2008).

Todas as anotações feitas nos diários de campo, condizentes a processos de intervenção ou a pesquisa, poderão ser entendidas como todos os processos de coleta e análise destas informações. Estariam compreendidas as descrições de fenômenos sociais, a compreensão da totalidade das situações que estão sendo estudadas ou que estão sendo atendidas e as explicações levantadas sobre os mesmos (GIL, 2008).

As anotações descritivas, feitas nos diários de campo possuem a missão de transmitir com exatidão a exposição dos fenômenos sociais, que é uma exigência essencial das pesquisas qualitativas e de quando se faz intervenções profissionais não apenas com ações imediatas, mas trabalhando o planejamento das mesmas. Se trata, portanto, de um primeiro passo para poder explicar a compreensão da totalidade do fenômeno em estudo direto em seu contexto, absorvendo as suas relações e o seu dinamismo (ANDRÉ, 2005).

Podemos entender que estas reflexões avançam na procura de explicações e significados dos fenômenos capturados tanto na execução da pesquisa como nas situações de atendimento de rotina na intervenção profissional. Já as anotações de cunho analítico e reflexivo, advindas da observação dos processos e dos acontecimentos, vão apontar quais as questões deverão ser aprofundadas a partir de maiores indagações ou informações (FALKEMBACH, 1987).

Uma vez reunidas estas informações, elas podem escrever elementos significativos para a interpretação e leitura em momentos posteriores e também para a compreensão do universo de trabalho, por isso, fica em destaque a importância deste registro de como foram feitos os contatos e receptividade dos sujeitos envolvidos na pesquisa. As informações de natureza tanto reflexiva quanto descritiva, apresentam um caráter genérico aos diários de campo, se tornando a imagem de todo o processo de desenvolvimento de uma pesquisa ou dos processos de intervenção dos profissionais em diferentes contextos (GIL, 2008).

Para evitar que se detenham mais informações descritivas do que analíticas reflexivas e vice-versa, o esquema de cores ajuda os profissionais ou os (as) pesquisadores (as) a

equilibrarem as quantidades de informações referentes às estas duas dimensões (FALKEMBACH, 1987).

Nesta pesquisa é utilizado o diário de campo em duas disciplinas do curso Técnico de Segurança do Trabalho, modalidade EAD, do Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado, com o intuito de registrar os dados recolhidos susceptíveis de serem interpretados, sistematizando as experiências dos estudantes vividas com o andamento das disciplinas, para posterior análise dos resultados. Descrevo as ideias desenvolvidas, transcrições, esquemas, apontando nos diários aquilo que é possível observar ao longo do seu processo de investigação, para depois fazer a análise e estudá-lo de maneira mais profunda.

3.5 Entrevista

A entrevista é um encontro entre pessoas, com o objetivo de que uma delas obtenha informações a respeito de determinados assuntos, ou uma conversa de natureza profissional. A finalidade da entrevista é coletar informações que não podem ser capturadas somente por questionários ou por observação. A entrevista é definida como um processo de interação social entre duas pessoas onde uma delas, o entrevistador, tem por finalidade a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado (GIL, 2008).

Com a entrevista, o entrevistado apresenta suas crenças, atitudes, valores, que noutros tipos de coleta de dados, como numa observação, por exemplo, seria mais complicado ou até mesmo impossível, pois a entrevista visa obter informações subjetivas para o que se busca responder com as pesquisas (ANDRÉ, 2005).

Nos prepararmos para as entrevistas constitui um importante passo para este tipo de método. O (a) pesquisador (a) precisa pensar sobre como conduzirá os questionamentos, quem serão os entrevistados, como fará as perguntas, refletir sobre o que realmente precisa saber, antes de se encontrar com os sujeitos que serão entrevistados (GIL, 2008).

A entrevista pode não acontecer de forma planejada, exigindo que o pesquisador saiba contornar possíveis problemas como a recusa em responder algum tipo de questionamento, falta de empatia entre os envolvidos e a falta de interação do entrevistado, fazendo com que o pesquisador se prepare para enfrentar estas possibilidades (GIL, 2008).

As entrevistas estruturadas são aquelas onde o (a) pesquisador (a) segue um roteiro que é previamente estabelecido, não se afastando das perguntas pré-determinadas. Os tipos de entrevistas mais utilizadas são as entrevistas estruturadas, citadas acima, as entrevistas

semiestruturadas, entrevistas projetivas, as histórias de vida e as entrevistas com grupos focais, devido à possibilidade de comparação deste mesmo conjunto de perguntas em outros grupos de entrevistados.

Nas técnicas de entrevistas semiestruturadas, os (as) entrevistados (as) são livres para debaterem os temas propostos. Neste modelo de entrevista, a forma de condução das entrevistas é muito semelhante a um bate papo. O (a) pesquisador (a) precisa fazer a combinação das perguntas abertas e fechadas, fazendo com que o entrevistado possa ter a possibilidade de debater sobre o tema (GIL, 2008).

Na entrevista semiestruturada, o pesquisador trabalha uma lista de questões (guia da entrevista) a serem respondidas pelos alunos(as) e professores(as) com muita flexibilidade, não seguindo a uma ordem pré-determinada, podendo inclusive, colocar questões que não se encontravam na lista, de acordo com o decorrer das entrevistas. Com a entrevista semiestruturada, os participantes possuem a liberdade para construir as suas respostas de acordo com seus direcionamentos, explorando de forma aprofundada, os aspectos que considere mais relevantes (MINAYO, 1994).

As entrevistas semiestruturadas possibilitam o acesso a uma grande riqueza de informações de forma contextualizada através das palavras dos atores (as) e das suas perspectivas sobre os diversos aspectos, o que uma entrevista mais estruturada pode não permitir o pesquisador (a) alcançar seus objetivos. Podem se tornar, geradoras nas fases iniciais de qualquer tipo de estudo, de pontos de vista, orientações e hipóteses para o aprofundamento da investigação, a definição de novas estratégias e a seleção de outros instrumentos (GONÇALVES, 1994).

A entrevista aberta é aquela onde o (a) entrevistador (a) apresenta um tema e os entrevistados vão debater sobre ele com a total liberdade. Torna-se uma técnica de entrevista muito interessante quando queremos ouvir os (as) alunos(as) de uma escola sobre um determinado tema e as questões vão aparecendo dentro de conversas informais, com o mínimo de paralisações do (a) entrevistador (a) (ANDRÉ, 2005; GIL, 2008).

As técnicas de entrevistas com grupos focais possuem o intuito de estimular os participantes a discorrerem sobre um assunto de interesse em comum, relevante para todos os participantes da pesquisa. Por exemplo, questões que atingem o cotidiano escolar, poderão ser debatidas em um grupo focal de professores(as) (ANDRÉ, 2005; GIL, 2008).

As histórias de vida possuem o objetivo de deixar o (a) entrevistado (a) contar a sua trajetória como uma retrospectiva. É um modelo de entrevista que tem a intenção de fazer a análise profunda das instituições, dos grupos e dos sujeitos, requerendo que os (as)

pesquisadores (as) promovam a interação com os (as) entrevistados (as) algumas vezes. E de forma mais próxima, os (as) pesquisadores (as) ficam mais inteirados (as) sobre os assuntos podendo adquirir revelações interessantes, impossíveis em uma única aproximação (ANDRÉ, 2005; GIL, 2008).

As entrevistas projetivas são aquelas com a característica principal da utilização dos recursos visuais, como o auxílio de vídeos, fotos, etc. Os (as) entrevistados (as) descrevem estes itens e os (as) pesquisadores (as) possuem a chance de investigar sobre pessoas, de forma indireta e sobre determinados locais (ANDRÉ, 2005; GIL, 2008).

Através das entrevistas semiestruturadas com os (as) alunos(as) de Segurança do Trabalho, promoveu-se um debate livre sobre os objetivos da pesquisa, buscando por meio do diálogo e da interação com os (as) entrevistados (as), organizar as questões sintetizadas, das que surgiram no decorrer dos debates com os estudantes.

3.6 Análise de conteúdo

Nos dias atuais, a análise de conteúdo é descrita como um conjunto de técnicas de análises das comunicações, em constante mudança e aperfeiçoamento, que se dedica a analisar as diferentes fontes de conteúdo (não verbais ou verbais). A análise de conteúdo quanto às formas de interpretação, caminham entre dois polos: a fecundidade da subjetividade e o rigor da objetividade (BARDIN, 2011).

A análise de conteúdo é uma técnica refinada que requer do (a) pesquisador (a), dedicação, tempo e paciência. É necessário também que haja certo nível de criatividade, imaginação e de intuição, principalmente nas definições das categorias de análise. Não podemos esquecer da ética e do rigor, que deverão ser fatores essenciais. A fim de que se possa conferir e dar significação aos dados coletados, a condução da análise destes dados, atingirá várias etapas (BARDIN, 2011; SILVA; FOSSÁ, 2015).

Alguns autores diferenciam-se no uso de terminologias quando se referem às fases da análise de conteúdo, porém, apresentam certas semelhanças. Optamos por tomar como ponto de partida deste estudo, as etapas da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011), uma vez que é uma das metodologias muito trabalhadas em pesquisas qualitativas na área de educação. No que se refere às diferentes etapas inerentes à análise de conteúdo, autores utilizam diferentes terminologias, as quais são bastante semelhantes.

Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo é organizada em três fases: a) Pré-análise; b) Exploração do material; c) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise é desenvolvida para sistematizar as ideias iniciais apontadas pelo referencial teórico e estabelecer indicadores para a interpretação das informações coletadas. A fase compreende a leitura geral do material eleito para a análise, no caso de análise de entrevistas, estas já deverão estar transcritas. De forma geral, efetua-se a organização do material a ser investigado onde a sistematização servirá para que o analista possa conduzir as operações sucessivas de análise. Esta fase compreende:

a) Leitura flutuante: é o primeiro contato com os documentos da coleta de informações, momento em que se inicia o processo de conhecer os textos, entrevistas e demais fontes a serem analisadas pelos (as) pesquisadores (as);

b) Escolha dos documentos: consiste na escolha do *corpus* de análise;

c) Formulação das hipóteses e objetivos: são descritas a partir da leitura inicial dos dados;

d) Elaboração de indicadores: a fim de compreender o material coletado;

É importante destacar que a seleção dos dados a serem analisados, deve obedecer a uma orientação das seguintes regras (BARDIN, 2011; SILVA; FOSSÁ, 2015):

- Exaustividade: diz respeito à deferência de todos os componentes constitutivos do *corpus*. O ato de exaurir, de exaustar, significa não deixar fora da pesquisa qualquer um de seus elementos, independentemente de quais forem as razões.
- Representatividade: com a escolha de um número muito elevado de dados, podemos empreender uma amostra, desde que o material a isto lhe sirva. A amostragem é rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial.
- Homogeneidade: os documentos e as transcrições retidas devem ser homogêneos, devem obedecer a critérios rigorosos de escolha e não apresentar excessiva singularidade fora dos critérios.
- Pertinência: significa analisar se as fontes de documentos correspondem adequadamente aos objetivos desencadeados pela análise, ou seja, esteja tocante com o que se propõem com o estudo.

Com vistas às regras de seleção do corpus de análise, composta pelos documentos selecionados na análise durante a coleta de informações (falas dos (as) pesquisados (as), rotinas, experiências, registros) é necessário preparar todo material, numa fase intermediária com vistas a preparação formalizada dos textos. As observações realizadas pelo (a) pesquisador (a) são de suma importância para a análise dos textos, pois expressam com clareza todos os cenários da comunicação (BARDIN, 2011; SILVA; FOSSÁ, 2015).

Com a conclusão deste primeiro momento, partimos para a exploração do material, nosso segundo momento. Representa a construção das operações de codificação, onde levamos em conta, os recortes dos textos em unidades de registros, associação das informações em categorias temáticas ou simbólicas, classificação e agregação e as definições de regras de contagem (BARDIN, 2011; SILVA, 2015).

Codificação é a transformação, por meio de recortes, enumeração e agregação, baseadas em regras precisas sobre as informações contidas nos textos, representativas das características dos conteúdos, de acordo com Bardin (2011).

Neste momento, todo o material coletado, os textos das entrevistas são recortados em unidades de registro. Os parágrafos de cada entrevista tornam-se unidades de registro juntamente com as anotações de diários de campo e com os textos de documentos. E nestes parágrafos, as palavras chaves são localizadas, onde se faz a análise de cada parágrafo proporcionando a realização da primeira categorização.

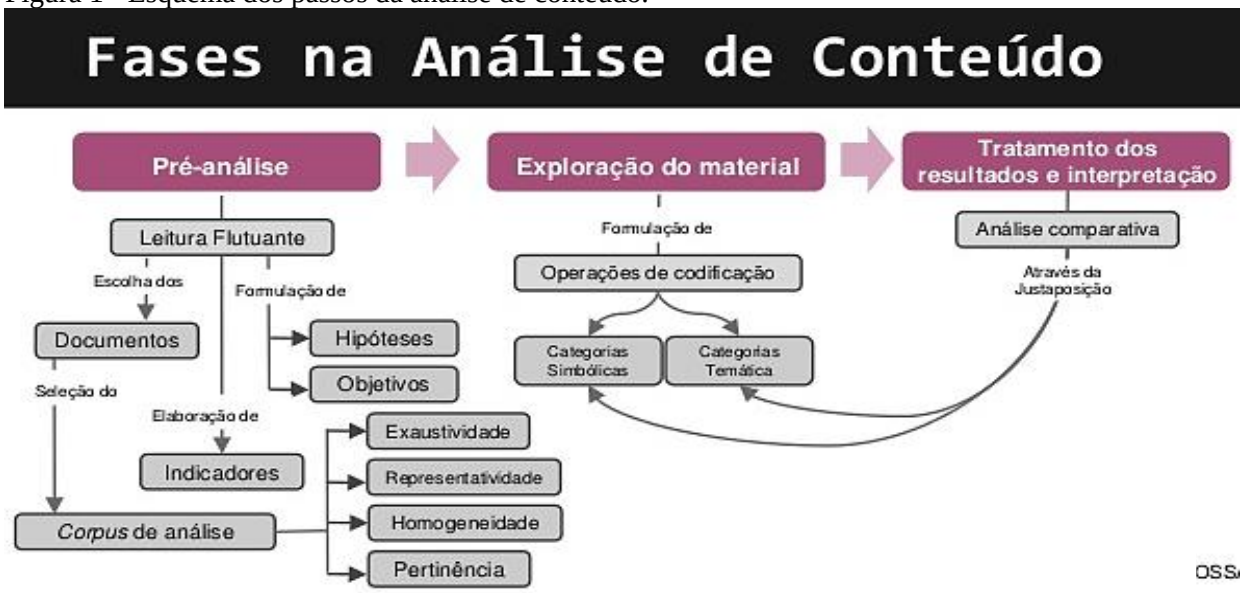
As categorias iniciais são agrupadas tematicamente, originando as categorias intermediárias e estas últimas também aglutinadas em função da ocorrência dos temas resultam nas categorias finais. Assim, o texto das entrevistas é recortado em unidades de registro (palavras, frases, parágrafos), agrupadas tematicamente em categorias iniciais, intermediárias e finais, as quais possibilitam as inferências. Por este processo indutivo ou inferencial, procura-se não apenas compreender o sentido da fala dos (as) entrevistados (as), mas também buscar-se-á outra significação ou outra mensagem através ou junto da mensagem primeira (SILVA; FOSSÁ, 2015).

Neste processo de inferência ou de indução, busca-se não apenas compreender os sentidos das falas dos (as) entrevistados (as), mas também, outras significações ou outras mensagens juntas às mensagens iniciais (SILVA; FOSSÁ, 2015).

No terceiro momento, vamos compreender o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, que consiste na captação dos conteúdos manifestos e ocultos nos materiais coletados (observação, documentos e entrevistas). O que vai descrever quais aspectos a serem considerados como semelhantes e os que são descritos como diferentes são as análises comparativas, realizadas com a justaposição das diversas categorias existentes em cada análise (BARDIN, 2011; FOSSÁ, 2015).

A ilustração abaixo, esquematiza os passos da análise de conteúdo, na intenção de tornar mais clara a sequência dos passos previstos, conforme podemos verificar através das etapas descritas na Figura 1, apresentada por Portela (2018).

Figura 1 - Esquema dos passos da análise de conteúdo.



Fonte: https://pt.slideshare.net/karineportelaportela/tecnica-analise-de-conteudo (2018)

Nesta pesquisa foi adotado a ordem dos passos para a realização da análise de conteúdo, descrita por Bardin (2011), devido a sua grande utilização nas pesquisas qualitativas em Educação.

A análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise de comunicações entre os sujeitos de pesquisa, com o passar dos anos, sofreu diversas mudanças desde seus primeiros mandamentos até os dias atuais, com o surgimento de uma análise mais contemporânea, com fortes influências devido a utilização dos computadores. Os processos de codificação dos dados e os processos de organização dos dados, nos dias atuais, contam com o suporte de diversos softwares que lhes dão suporte para a sua aplicabilidade (BARDIN, 2011; SILVA; FOSSÁ, 2015).

3.7 Amostra

Foram sujeitos desta pesquisa os professores e estudantes do curso Técnico de Segurança do Trabalho, modalidade de educação a distância (EAD), do Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado-MG, com uma faixa etária bem diversificada, com alunos (as) entre 16 a 60 anos, advindos em sua maioria de escolas públicas e com renda familiar de 1 (um) a 3 (três) salários mínimos de renda familiar, que cursam suas aulas presenciais no Polo de apoio

presencial na Escola Técnica Municipal CAIC, pertencente a Prefeitura Municipal de Alfenas, localizado no bairro Jardim Eunice.

A pesquisa contou com a participação de 10 (dez) professores(as) do Centro de Educação a Distância (CEAD) do Instituto Federal de Machado, docentes no curso Técnico em Segurança do Trabalho e 20 (vinte) alunos(as), de faixa etária de 16 anos a 60 anos, de 2 (duas) turmas diferentes que estão cursando o Curso Técnico de Segurança do Trabalho; uma turma no início do curso (módulo I) e a segunda turma na chegando ao encerramento do curso (módulo IV), totalizando 30 participantes entrevistados (20 alunos e 10 professores) pelo pesquisador por meio de sorteio aleatório tanto dos alunos(as) quanto dos professores(as), realizado no Polo Caic com o apoio da coordenação geral do Polo Alfenas, por meio da professora e coordenadora Tânia Venga Mendes, com a aplicação da técnica de entrevista semiestruturada.

Cada módulo equivale a aproximadamente 4 (quatro) meses e ao final do quarto módulo iniciam-se os momentos do estágio obrigatório fazendo com que o curso tenha a duração de aproximadamente 2 (dois) anos. Como critério de escolha dos estudantes, foi realizado um sorteio na sala de coordenação da escola técnica, com a presença da coordenadora geral da E-TEC, para selecionar todos os participantes, onde foram sorteados os professores(as) e os alunos(as) que iriam participar das entrevistas semiestruturadas agendas para acontecer na própria Escola Técnica com dia e horário marcados, (em 80% dos casos, as entrevistas aconteceram no período da noite no Polo CAIC em Alfenas.

3.8 Cenário de estudo

A pesquisa aconteceu na Escola Técnica Municipal de Alfenas (E-TEC), pertencente à Secretaria de Educação do município, fundada no ano de 2008, numa parceria entre Prefeitura Municipal e os Institutos Federais de Ensino do Sul e Sudeste de Minas (antigos IFEs Sul e Sudeste, hoje Institutos Federais) que se apresentam num grande processo de expansão, e oferta de cursos técnicos profissionalizantes subsequentes ao ensino médio na modalidade a distância (EAD), se mantendo em crescimento de oferta destes cursos até os dias atuais.

A escola técnica no município contava em fevereiro 2016, com 16 (dezesseis) cursos técnicos a distância, com mais de 1.500 (um mil e quinhentos estudantes) matriculados em diversas turmas, em diferentes áreas do conhecimento, nas diferentes Instituições de Ensino parceiras da Secretaria de Educação de Alfenas. Hoje este número se encontra em aproximadamente 910 alunos (as) devidos aos cortes de orçamento feitos pelo MEC.

A escola possui 2 (dois) Laboratórios de Informática com 50 (cinquenta) computadores no total, sendo utilizados 25 (vinte e cinco) em cada laboratório de apoio aos estudantes, mais a sala de refeitório, o auditório para palestras e aulas inaugurais, as salas da Coordenação do Polo e da Secretaria e mais 3 (três) salas de aula para as aulas presenciais que acontecem quinzenalmente ou mensalmente de acordo com a matriz curricular de cada curso.

3.9 Coleta de informações

As informações foram levantadas a partir da observação das atividades práticas, desenvolvidas em grupos pelos estudantes no Polo CAIC durante a execução das aulas presenciais e pelo registro em diários de campo das disciplinas de Biossegurança e Combate e Prevenção de Incêndios do curso Técnico de Segurança do Trabalho, modalidade a distância, no período de 4 (quatro) semanas.

Estas disciplinas foram escolhidas por serem disciplinas obrigatórias na grade curricular do curso e não eletivas, com maior carga horária no curso, exigindo dos estudantes uma atenção mais efetiva, com um maior número de tarefas e atividades para serem desenvolvidas pelos alunos(as) com o uso de práticas de escrita colaborativa no ambiente AVA MOODLE e trabalhos colaborativos em grupo, permitindo ao (a) pesquisador (a) uma observação com mais eficiência e eficácia. As atividades observadas foram as práticas de escrita colaborativa em rede, desenvolvidas nas aulas presenciais do curso durante 4 (quatro) meses na escola técnica municipal, com a utilização do *Wiki Moodle* pelo professor da disciplina de Biossegurança e resenhas desenvolvidas em grupos presenciais na sala de aula, com a utilização do *Google Drive* sugerida pelo professor de Combate e Prevenção de Incêndios no encontro presencial que acontece 1 (uma) vez por mês no Polo Caic em Alfenas-MG. A proposta da aula presencial consistia na construção de conhecimento pelos (as) alunos(as) utilizando-se das práticas de escrita colaborativa em rede por meio do *WIKI* no *MOODLE* e da construção de resenhas dissertativas em grupos com o uso do *GOOGLE DRIVE*, onde o professor fazia a mediação das construções das resenhas, mediando a construção de conhecimento, tirando as dúvidas e corrigindo ao final da disciplina, os textos finais postados na plataforma do curso de Segurança do Trabalho.

Complementando a coleta de informações, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os (as) professores(as) e com os estudantes, com a gravação dos áudios das conversas para a posterior transcrição das mesmas, com o consentimento dos participantes,

documentados através do preenchimento dos Termos de Consentimento Livres e Esclarecidos (TCLEs).

3.10 Análise e apresentação dos resultados

Os resultados serão apresentados e discutidos a partir da aplicação do método de análise de conteúdo de Bardin, por meio da categorização das falas dos (as) entrevistados (as) e da técnica de observação não participante do (a) pesquisador (a), que não interagiu com os estudantes para não influenciar no resultado final das atividades avaliativas presenciais dos estudantes no Polo presencial em Alfenas.

Os resultados obtidos foram tabulados e categorizados com base na análise de conteúdo de Bardin, com a mediação das planilhas do *Excel* e tabelas do *Word*, pacote *office* do *Windows*, e também através do software *Google Drive*. Os participantes da pesquisa foram nomeados por "Aluno (1) " e "Professor (1) ", com numeração de 1 ao 20 e de 1 ao 10, respectivamente; por exemplo, "Aluno 1", "Aluno 2", até " Aluno 20"; e "Professor 1", " Professor 2", até "Professor 10". O diário de campo foi feito em duas disciplinas que serão identificadas como "Disciplina 1" e "Disciplina 2".

3.11 Questões éticas

Esse estudo foi desenvolvido após a autorização do Instituto Federal do Sul de Minas (APÊNDICE A), e do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) (ANEXO I). Os estudantes e professores(as) colaboradores (as) dessa pesquisa, que forneceram as informações solicitadas, somente participaram, após as devidas explicações e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B), e do Termo de Autorização para Gravação de Voz (APÊNDICE C) em conformidade à Resolução nº 466, de 12/12/2012, pelo Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012).

Este estudo, considerado de riscos mínimos a todos os (as) colaboradores (as), em momento algum, fará a divulgação das informações coletadas nas entrevistas com os (as) alunos(as) e professores(as) de forma nominal, fazendo uso de siglas (A1 e P1) para apresentação das informações coletadas. Foi-lhes proporcionado autonomia em suas decisões, e a Instituição Federal pesquisada terá resguardada sua identidade. Os dados dessa pesquisa

serão divulgados em periódicos nacionais e eventos científicos para contribuição e apreciação científica.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscamos nesta pesquisa compreender as percepções dos professores (as) e alunos (as) sobre as práticas de escrita colaborativa em rede, nos ambientes AVA-MOODLE, para a obtenção de conhecimento no curso técnico profissionalizante de Segurança do Trabalho, subsequente ao ensino médio, modalidade de ensino a distância (EAD), do Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado. No entanto, foi necessário buscar informações, de como os professores(as) e alunos(as) desta Instituição de ensino, compreendiam sobre as práticas de escrita colaborativa em rede.

A partir das entrevistas semiestruturadas realizadas com 20 (vinte) alunos(as), de A.1 até A.20, e com 10 (dez) professores(as), de P.1 a P.10 (conforme são denominados na metodologia desta pesquisa), e com a prática de observação não participante pelo pesquisador, com os registros em diários de campo nas disciplinas de Combate e Prevenção de Incêndios (Disciplina 1) e Biossegurança (Disciplina 2), obtivemos bastante conteúdos referentes à metodologia de ensino relacionada a escrita colaborativa praticada em rede e as suas principais características, na visão dos (as) alunos(as), dos (as) professores(as) e do pesquisador.

Os alunos (as) participaram das atividades *Wiki* e dos Fóruns avaliativos das disciplinas respondendo ao questionamento principal criado pelo professor (referente ao conteúdo da disciplina), depois tinham de comentar criticamente a 2 (duas) postagens realizadas pelos demais colegas de forma complementar, também foi utilizado o *Google Drive* para a realização das resenhas críticas das Normas Regulamentadoras (NRs) do Ministério do Trabalho, buscando assim, a construção de conhecimento de forma conjunta e colaborativa, em um total de 3 (três) postagens para cada participante nos Fóruns avaliativos, mais a contribuição individual de cada participante dos grupos nas resenhas críticas propostas pelo professor a serem realizadas no *Google Drive* com a supervisão dos tutores presenciais e a distância. O professor estabelece um tema para discussão, divide a sala de aula em pequenos grupos de 5 (cinco) alunos e vai realizando a mediação das atividades intervindo nas discussões e dando sugestões de melhoria para os participantes do grupo.

Na disciplina de Combate e Prevenção de Incêndios (PCI) o professor trabalhou na aula presencial a utilização do *Google Drive* para orientar os alunos(as) que tivessem mais

dificuldades com a criação dos textos iniciais e mais dificuldades com o uso das tecnologias, para fazerem as postagens no *Wiki Moodle* posteriormente com mais facilidade, e também à todos interessados em aprender a usar melhor a ferramenta *Google Drive*, orientando e tirando as dúvidas destes estudantes via e-mail pelo programa. No *Wiki* na plataforma do curso, as postagens foram feitas de forma fragmentada e as vezes em blocos, devido aos complementos sugeridos pelo professor, que em alguns momentos, fazia suas intervenções, observando os alunos(as) que podiam estar saindo da sua linha de raciocínio e no *Google Drive* na disciplina de PCI, interferia da mesma forma, fazendo sua mediação via *e-mail* aos estudantes.

Os significados encontrados nas falas e nos registros dos (as) professores(as) e alunos(as) sobre suas percepções em relação ao que sejam as práticas de escrita colaborativa em rede, foram categorizados em 4 (quatro) temas, descritos a seguir, no Quadro 3, juntamente com suas definições e com as falas transcritas que caracterizam o padrão de resposta:

Quadro 3 - Resultados e discussão dos achados da pesquisa, Alfenas, Minas Gerais, 2018. (Continua)

Categoria	**Definição/Discussão**	**Exemplo**	**Observação não participante do pesquisador**
Confusão no entendimento do que são as Práticas de Escrita Colaborativa em rede e os Trabalhos Colaborativos realizados pelos (as) professores(as) e alunos(as).	Apontamento das ideias e práticas confusas dos (as) professores(as) e alunos(as) sobre o que são e como trabalhar com estas práticas de escrita colaborativa, nas salas de aula virtuais. As práticas de escrita colaborativa em rede significam a possibilidade de criar textos em ambiente virtual de aprendizagem a partir da colaboração dos (as) alunos(as), mediados pelos professores(as), em uma construção conjunta de conhecimento (SEIXAS; VICARI, 2002; BORTOLOZZO, 2016). E a execução de Trabalhos Colaborativos são práticas pedagógicas com a distribuição de tarefas realizadas em grupos de estudantes, buscando essencialmente a solução de problemas (OLIVEIRA; PASSOS, 2017).	"*Esta prática de escrita colaborativa obriga a gente a pesquisar, a aprender mais, buscar diversas fontes de conhecimento... é um trabalho colaborativo e de interação entre nós alunos. O professor nos dá um tema, no fórum ou no Wiki, e temos que pesquisar sozinhos sobre o tema para depois postar na plataforma junto com o texto do colega, para no final se tornar um texto só, com o ok do professor"* (A.2, p.218). *"Eu trabalho com práticas de escrita colaborativa nas aulas presenciais da minha disciplina; eu gosto de dividir os alunos em grupos para execução de solução de problemas relacionados a minha disciplina onde, através destas práticas colaborativas, os estudantes finalizam com a apresentação de um texto final postado em formato de texto online na plataforma"* (P.8, p.197).	O professor procurava praticar a escrita colaborativa com os (as) alunos(as), estimulando-os a interagirem uns com os outros e a buscarem fontes de pesquisa diversificadas que falassem dos temas propostos na semana de estudo. Porém, a execução destas tarefas nas aulas virtuais e presenciais se aproximavam mais de trabalhos colaborativos do que de práticas de escrita colaborativa em rede, pois o professor mantinha seu foco apenas na formulação e na resolução de problemas, com um sistema de perguntas e respostas em Fóruns, por exemplo, sem o uso real da criticidade, da reflexão e da interatividade na construção de conhecimento.

Quadro 3- Resultados e discussão dos achados da pesquisa, Alfenas, Minas Gerais, 2018. (Continuação).

Categoria	**Definição**	**Exemplo**	**Observação não participante do pesquisador**
Dificuldade de implementação das Práticas de Ecrita Colaborativa (PEC) em Rede pelos (as) docentes.	Dificuldades apresentadas pelos (as) professores(as) em desenvolver as PECs no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), devido ao pré-requisito da utilização e mediação das tecnologias digitais nas tarefas das disciplinas, à falta de tempo para desenvolver essas práticas e ao provável desconhecimento de como e com quais ferramentas desenvolvê-las (MARCHIORI; GREEF, 2013; MILL, 2014).	*"uma das dificuldades maiores talvez seja o aluno não saber o que são as ferramentas virtuais como o fórum, ou o Wiki para postar realmente a sua resposta e, depois de encontrado, tentar fazer essa troca de informação com outro colega sem saber se o que postou está realmente certo ou foi apenas copiado e colado da Internet... além disso, muitos não sabem nem ligar o computador... o analfabetismo digital é muito grande entre os alunos. E nós professores precisamos nos capacitar mais, buscar novas práticas pedagógicas inovadoras, conhecer melhor nossa sala de aula virtual, e as ferramentas de escrita colaborativa do AVA-MOODLE "* (P.1, p.142). *"mas tem professores que não aceitam muito este tipo de trabalho, se sentem com medo destas novas tecnologias, acham muito difícil de corrigir... sei lá, acho que não sabem usar muito bem as novas tecnologias...ou não têm tempo para desenvolvê-las com a gente"* (A.17, p.284).	Observada grande dificuldade de utilização das tecnologias por parte dos (as) alunos(as) na realização das atividades *Wikis* na plataforma, e na confecção de resenhas postadas como tarefas a serem feitas com o auxílio do *Google Drive*. Os estudantes transpareceram dominar apenas o uso das redes sociais, tais como o *Facebook* e o *Whatsapp*. E alguns professores também demonstraram possuir apenas conhecimentos básicos sobre as tecnologias, as quais, caso fossem dominadas pelos mesmos, poderiam se tornar mediadoras das suas práticas pedagógicas (tanto no *Wiki* quanto no *Google Drive*). Ademais, o fator demanda maior de tempo para a execução destas práticas educacionais também foi uma fonte de reclamação feita pelos docentes, refletindo ainda mais as dificuldades de implementação das PECs.

Quadro 3- Resultados e discussão dos achados da pesquisa, Alfenas, Minas Gerais, 2018. (Continuação).

Categoria	**Definição**	**Exemplo**	**Observação não participante do pesquisador**
Escrita Colaborativa em rede enquanto geradora de autonomia digital	Percepções dos (as) professores(as) e dos (as) alunos(as) quanto às práticas de escrita colaborativa em rede como geradoras de autonomia digital, por considerarem que a mediação das tecnologias nas atividades do curso facilita a realização das mesmas. Quanto maior a utilização e o domínio destas tecnologias, mais autonomia se constrói nas tomadas de decisão sobre o uso destas ferramentas (FISS; AQUINO, 2013).	*"(...) eles vão construindo os textos, por exemplo, de uma atividade que eu apliquei sobre a NR 18, do Ministério do Trabalho, onde eles tinham que produzir um texto colaborativo dissertativo na plataforma Moodle, sobre os pontos positivos e negativos desta norma regulamentadora. E eles acabam que vão se tornando mais autônomos ao longo do curso, pois vão aprendendo a manusear as ferramentas digitais com mais facilidade, para a realização das tarefas que eu aplico" (P.2, p.160).* *"Trabalhamos com estas práticas colaborativas somente no início do curso, onde o professor deu pra gente uma tarefa de criação de um glossário que era pra ser construído em grupo. No início, eu tive dificuldades pois não sabia usar o computador direito, e com o passar das tarefas das semanas, eu fui aprendendo a mexer com os recursos da plataforma; conheci o Wiki e o Glossário. Quando cheguei no terceiro módulo do curso, as coisas ficaram mais fáceis, pois eu já sabia como funcionavam as aulas... o difícil pra mim não foi o conteúdo, ou trabalhar junto com meus colegas, mas foi depender das tecnologias para desenvolver as tarefas que o professor pedia, e quando eu adquiri facilidade em trabalhar com o computador e com a plataforma, tudo se tornou mais fácil para mim e menos estressante..."* (A.13, p.264).	Foi perceptível que, com o andamento semanal das atividades de escrita colaborativa em rede das disciplinas, os estudantes passaram a ter uma autonomia maior de decisão sobre a utilização das ferramentas tecnológicas no seu processo de construção conjunto de conhecimento. Eles passaram a participar das atividades *Wikis*, dos Fóruns Avaliativos, da criação de Glossários e da confecção de resenhas críticas com o suporte do *Google Drive* com mais facilidade, tornando-se mais independentes e autônomos na escolha das ferramentas tecnológicas digitais com as quais iriam trabalhar nas disciplinas, nas aulas presenciais e nas tarefas da plataforma *MOODLE*. A escrita colaborativa em rede, por permitir a construção conjunta de conhecimento, com a mediação dos docentes, torna-se uma importante ferramenta para integrar as dificuldades dos alunos e saná-las mutuamente em um ambiente autônomo de construção de conhecimento.

Quadro 3- Resultados e discussão dos achados da pesquisa, Alfenas, Minas Gerais, 2018. (Conclusão).

Categoria	**Definição**	**Exemplo**	**Observação não participante do pesquisador**
Escrita Colaborativa em rede enquanto geradora de conhecimento	Percepções dos (as) professores(as) e dos (as) alunos(as) de como as práticas de escrita colaborativa em rede podem gerar e construir conhecimento (SANTOS, 2008; ALMEIDA; SILVA; SILVA, 2015; FREIRE; AMANTE, 2016).	*" E a gente vai aplicando as tarefas para os alunos, e eles mesmos vão produzindo os textos que serão postados na plataforma. Estes resumos e resenhas críticas são construídos através de pesquisas em outras fontes virtuais, além dos nossos materiais didáticos. Acaba que a atividade se torna uma construção de conhecimento em conjunto, pois cada estudante dá a sua contribuição na elaboração do texto solicitado; e ao pesquisar para contribuir, o conteúdo vai sendo assimilado pelo aluno e o conhecimento construído neste processo"* (P.4, p.174). *" (...) durante a execução dos trabalhos colaborativos em grupo que ajudam muito a gente a aprender os conteúdos da disciplina, ajuda a gente a obter mais conhecimento sobre o tema que estamos estudando. ...mas os professores não praticam muito com a gente esses trabalhos...quando a gente faz essas tarefas, aprendemos mais, trocamos informações, e construímos conhecimento sobre o conteúdo da disciplina de forma bem mais fácil, pois a gente conversa mais, reflete sobre o que escrevemos, vamos corrigindo um ao outro, e vamos buscando sozinhos e em grupo pesquisas sobre o tema que o professor pede pra gente estudar...e assim a gente constrói, através destes bates papos com o colegas, mais conhecimento, sobre o tema em debate na disciplina do professor"*(A.2, p.218).	As atividades trabalhadas pelos (as) professores(as) e alunos(as) são realizadas em grupos, num processo de construção conjunta do conhecimento. Cada aluno (a) faz a sua parte do trabalho e ainda tem a oportunidade de ajudar seu colega que está com dificuldade. O professor propõe um tema, cria os grupos, e em cada grupo há atuação de todos os envolvidos para construir cada fase do texto, com originalidade e sem plágio da *Internet*. Porém, estas práticas de escrita colaborativa ainda são pouco utilizadas pelos docentes do curso devido ao grande trabalho de mediação que elas exigem dos (as) professores(as). E a participação dos (as) mesmos (as) nestas atividades são de suma importância para que os alunos(as) alcancem seus objetivos. Esta produção de conhecimento através das práticas de escrita colaborativa, neste caso, em rede, com o auxílio da *Internet* e de diversas outras ferramentas tecnológicas, somente pode se tornar um trabalho eficaz, quando professores(as) e alunos(as) se unem em busca dos seus objetivos e metas, pois o texto é escrito em conjunto, sendo cada aluno dono de um parágrafo, que deve estar coerente e coeso com os parágrafos dos outros colegas e do professor. Caso não haja cooperação, o texto não é construído e, consequentemente, o conhecimento também não.

Fonte: Do autor.

Os resultados serão apresentados e discutidos a seguir por seção, de acordo com a categorização temática realizada, e com o que foi descrito e relatado nos diários de campo das disciplinas selecionadas, servindo de apoio para as análises de conteúdo tematizadas. Será feita também uma discussão final a partir da observação do pesquisador neste estudo.

4.1 Tema 1: Confusão no entendimento do que são as práticas de escrita colaborativa (PEC) e trabalhos colaborativos realizados pelos (as) professores (as) e alunos (as).

Trabalho colaborativo pode se tornar uma prática pedagógica onde o docente distribui tarefas para serem realizadas por grupos de estudantes com o objetivo de resolver problemas, construir projetos, aplicar experiências de forma colaborativa e reflexiva. Para desenvolver um trabalho colaborativo, o grupo deve estar aberto ao diálogo, às críticas e às sugestões vindas de todos os participantes do grupo, ou seja, a comunicação é essencial. No ambiente virtual de aprendizagem (*AVA-MOODLE*), o trabalho colaborativo também pode ser realizado a partir da colocação de um problema pelo professor(a) e solução deste mesmo pelos estudantes, compartilhando diferentes entendimentos, concepções alternativas e habilidades complementares, gerando resultados que talvez não pudessem ser construídos individualmente (OLIVEIRA; PASSOS, 2017).

Embora a sala de aula presencial seja o local mais comum para a realização de trabalhos colaborativos, de acordo com Siqueira e Alcântara (2003), existem diversas outras formas de se trabalhar de forma colaborativa e na educação a distância podemos criar diversos ambientes colaborativos, com algumas vantagens advindas do uso das tecnologias.

De acordo com Varella et al. (2002), as tecnologias aliadas aos trabalhos colaborativos podem potencializar momentos em que alunos(as) e professores(as) façam mais pesquisa, construam conhecimento de forma individual e coletiva, diferindo os trabalhos colaborativos online dos praticados de forma presencial.

O trabalho colaborativo pode promover entre os estudantes um espírito investigativo e resolutivo, ressignificando os métodos de ensino e aprendizagem em suas aulas. Estes mesmos autores citam o uso do trabalho colaborativo no ensino de matemática e de português evidenciando em suas práticas pedagógicas a colaboração entre os estudantes e o diálogo problematizador. Há também menção nestes estudos de que estas práticas pedagógicas podem ser facilitadas pela mediação entre docente e discente por meio do uso de tecnologias em rede, as quais potencializam a aquisição e a produção de conhecimento. O trabalho colaborativo

então, parte essencialmente da resolução de problemas e pode ser facilitado pelo uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) (MARQUES, 2015; OLIVEIRA; PASSOS, 2017).

Por outro lado, a prática de escrita colaborativa em rede não é essencialmente guiada pela resolução de problemas, e sim, poderá ser direcionada para uma construção colaborativa de textos a partir de um tema sugerido pelo professor(a). Essa prática pode ser realizada por meio do uso de diversos editores de textos, com ou sem o auxílio das tecnologias, caracterizando este processo de construção, na maioria das vezes, como assíncrono e não linear, exigindo um cuidadoso planejamento do professor mediador. O texto elaborado em conjunto é segmentado entre os estudantes durante a sua composição, demandando esforços posteriores de integração de conteúdo. A complexidade desta proposta está em criar um texto composto de várias partes, vindas de diferentes pessoas. O desafio então é gerar um resultado íntegro e que reflita os esforços efetivamente colaborativos e construtivos utilizados na construção do conhecimento, analisando o uso contínuo e as funções das ferramentas tecnológicas que podem impactar diretamente seus resultados (MARCHIORI; GREEF, 2013).

As práticas de escrita colaborativa envolvem esforços em grupo, com a necessidade de criação de uma base individual, ou seja, a busca individual do conhecimento de forma autônoma, onde posteriormente o conhecimento construído individualmente será compartilhado coletivamente no texto colaborativo. Os conteúdos buscados de forma segmentada, ou seja, individualmente, serão unidos em um só texto online, com a mediação do professor(a). Administrar toda a complexidade deste processo é um desafio ao docente pois, tanto os (as) educadores (as) quanto os (as) educandos (as) precisam tornar fundamental a colaboração a partir do uso das tecnologias digitais. Além do mais, partindo do pressuposto de que essa prática possui uma base individual, cada um dos envolvidos deve se esforçar para contribuir na construção do conhecimento, partindo do individual para o coletivo (BORTOLOZO, 2016).

A confusão entre a ideia da prática de escrita colaborativa em rede e a prática de trabalho colaborativo pode ser evidenciada, na discussão a seguir:

A fala do A.2 reflete o significado da Prática de Escrita Colaborativa em Rede, com o uso do *Wiki*, no qual parte-se do conhecimento individual, para a construção do conhecimento coletivo a partir da união de textos segmentados com a mediação do professor(a). Já quando o aluno (a) menciona o uso do fórum, ele está se referindo a trabalho colaborativo em que o professor(a) realiza uma pergunta-problema, e os (as) alunos(as) respondem com possíveis soluções.

> " *Esta prática de escrita colaborativa obriga a gente a pesquisar, a conversar mais com os colegas, a aprender mais, buscar diversas fontes de conhecimento... é um trabalho colaborativo e de interação entre nós alunos. O professor vai nos corrigindo e ajudando a montar este texto, como se cada parágrafo fosse um tijolinho de cada aluno"* (A.2, p. 218).

Da mesma forma é observável esta confusão entre a concepção de escrita colaborativa em rede e trabalho colaborativo pelo professor(a), conforme pode ser observado nesta fala a seguir:

> *" Eu trabalho com prática de escrita colaborativa em rede nas minhas aulas com o uso de fóruns, google drive e Wiki, mas confesso que utilizei estes dois últimos apenas nas minhas aulas iniciais, pois os alunos têm muita dificuldade com o uso destas ferramentas e com o desenvolvimento das tarefas em grupo. Eu utilizo mais os fóruns pois vejo que eles participam mais, interagem mais com os colegas, é uma ferramenta mais fácil de ser utilizada pelos estudantes e mais fácil para eu corrigir a postagem dos alunos"* (P.1, p. 148).

As práticas de escrita colaborativa nas disciplinas de Biossegurança (BIOSEG) e Combate e Prevenção de Incêndios (PCI) no curso técnico de Segurança do Trabalho envolvem atividades dinâmicas e muitas vezes não lineares. O professor inicia uma discussão do tema em estudo com os alunos(as) sem saber ou prever qual será a conclusão final da atividade proposta. Por exemplo, em uma prática de escrita colaborativa em rede, aplicada pelo professor(a) e realizada em grupo pelos estudantes na plataforma *Moodle* do curso de Segurança do Trabalho, os textos são criados num processo de colaboração com a mediação dos professores(as) no *Wiki,* o qual pode ser configurado de forma individual para cada grupo de estudantes, facilitando a leitura das produções textuais dos participantes; porém, se conhece apenas o ponto de partida destes trabalhos, não sendo possível mensurar, neste primeiro momento, possíveis resultados para o ponto de chegada ou finalização das tarefas (FREIRE; AMANTE, 2016; BAIA et al, 2017).

O P.2 descreve que sabe o que é escrita colaborativa e exemplifica, por meio de sua fala, a dinamicidade desta prática:

> "*peço aos alunos para fazerem a produção de um texto sobre a Construção Civil; um texto colaborativo... aí um aluno faz a introdução, outros dois alunos fazem a parte do desenvolvimento, e os outros dois fazem a conclusão; mas tudo isso, para que o aluno faça e tenha condições de fazer a conclusão, ele vai ter que saber todo o conteúdo, interagir com os colegas de curso, fazer a sua parte no trabalho no Wiki ou no Google Drive, para depois chegar a uma conclusão. Nesse processo, eu geralmente não sei como será o texto final criado pelos grupos de alunos, porém, vou mediando a construção deste conhecimento a partir da contribuição colaborativa de cada estudante, dizendo: isto não ficou legal, refaça este parágrafo ou busque mais informações com pesquisas pela internet* " (P.2, p.160).

Percebe-se que o ponto de partida na prática de escrita colaborativa em rede é dado pelo professor(a), com o lançamento do tema da disciplina a ser estudado com uma introdução básica sobre o conteúdo e o ponto de chegada só é definido quando o texto final é construído pelo grupo de estudantes, mediado e corrigido no final pelo professor(a) (BAIA et al, 2017).

A escrita colaborativa em rede pode ser desenvolvida de forma síncrona ou assíncrona, significando respectivamente, a construção de conhecimentos em um mesmo momento, por exemplo, no uso do *Word Online ou no Wiki,* com a construção de conhecimento por pessoas diferentes ou em momentos diferentes, como no caso do *Microsoft Office Word*, que não é uma ferramenta digital online (MARCHIORI; GREEF, 2013).

O caráter ativo e social da escrita colaborativa tem na sua produção o envolvimento de uma equipe de pessoas, que podem advir de diferentes áreas de conhecimento e possuir perspectivas diferentes a respeito de um mesmo referente. Sob essa ótica, a escrita colaborativa é também interdisciplinar, pois transcende as fronteiras entre as áreas do conhecimento e os meios de transmiti-las, além de ofertar diferentes e simultâneos níveis de profundidade temática. Ganha relevo também o seu aspecto processual, já que a escrita colaborativa deve se apoiar em, pelo menos, três padrões de textualização: planejamento, elaboração do texto e revisão (FARACO, 2014).

De acordo com o P.2, em uma atividade que ele solicitou para que os alunos(as) fizessem uso do *Word online*, aconteceu uma interação simultânea entre o professor(a) e os estudantes na digitação de um texto sobre a Norma Regulamentadora (NR) 18, sobre trabalhos na Construção Civil, conforme pode ser observado na fala do professor(a) a seguir:

> "*eles foram construindo os textos sobre a NR-18, onde eles tinham que produzir um texto colaborativo dissertativo, sobre os pontos positivos e negativos desta norma regulamentadora... eu, juntamente com eles, fomos descrevendo estes pontos, no Word Online, e a correção do texto acontecia conforme íamos modificando e ajustando os textos construídos de forma colaborativa, como uma atividade avaliativa de acordo com a participação dos membros dos grupos nas discussões da semana"* (P.2, p. 160) .

Foi observado na disciplina de Prevenção e Combate a Incêndios o desenvolvimento de fóruns avaliativos, onde o professor(a) da disciplina inseriu um tema para discussão entre os estudantes, sendo observado que em cada postagem dos alunos(as), havia sempre pelo menos 3 (três) comentários reflexivos, sendo que, um comentário era feito em resposta ao professor(a) e os outros dois comentários, em resposta a outros dois alunos(as) que já haviam dado a sua contribuição na plataforma. O processo acontece por exemplo da seguinte maneira: o professor insere no fórum uma questão a ser respondida pelos alunos(as): "Qual a importância de serem seguidas as normas da NR-18 (que trabalha com assuntos relacionados à Segurança do Trabalho

em serviços da Construção Civil) pelos colaboradores (as) da empresa? E o professor pode ir complementando o questionamento com a inserção de outras perguntas quando elas forem necessárias durante as semanas em que o fórum estiver aberto para a realização desta atividade. Esses fóruns avaliativos eram percebidos pelo professor como uma prática de escrita colaborativa em rede, demonstrando esta confusão no entendimento entre as formas de se trabalhar com a prática de escrita colaborativa e trabalho colaborativo pelo professor.

O gênero discursivo fórum *online* de discussão necessita, por sua natureza dialógica, da produção de estruturas discursivas que permitam a presença dos *footings* dos agentes de interação em suas construções linguísticas, apresentando uns aos outros as intenções comunicativas pertinentes ao gênero e as maneiras de interpretá-las, conforme as inferências produzidas no instante da interação virtual. Devido ao fato de que os gêneros possuem uma classe de eventos comunicativos em cujas instâncias discursivas falantes e ouvintes compartilham objetivos ou propósitos comuns (MARCUSCHI, 2002; SWALES, 1990), os gêneros virtuais, enquanto instâncias discursivas que se aproximam dos gêneros textuais, são construídos socialmente e, apesar de escritos, apresentam características da oralidade.

> Em se tratando do fórum, o dialogismo seria sua característica de maior destaque, porém em uma gradação inferior ao dialogismo do gênero *chat*, pois, como se destacam nossas análises, alguns pontos discursivos não conseguem impulsionar a interação, talvez pelo fato de os interlocutores virtuais não levarem em consideração de forma espontânea, a relação entre footing e tópico discursivo, e sua importância para a manutenção da interação. Desta maneira, analisar os *footings* dos agentes de interação virtuais presentes na produção de seus discursos, proporciona meios de identificar novas formas de perceber como os interacionistas virtuais, de um lado, co-constroem seus discursos e, de outro, ajudam a constituir sistemas discursivos que tipifiquem o gênero discursivo fórum on-line de discussão (PAIVA, 2004).

Conforme Oliveira e Passos (2017), os fóruns são caracterizados como trabalhos colaborativos, pois focam apenas na resolução de problemas imediatos, através dos diálogos entre os alunos(as) sem a necessidade de reflexão e criticidade, não se caracterizando neste caso, como escrita colaborativa.

Na disciplina de PCI, foi proposta pelo professor(a) a construção de uma planta baixa de uma residência. A sala foi dividida em 5 (cinco) grupos de 4 (quatro) alunos(as) cada.

O trabalho foi esboçado em papel, em uma aula presencial no Polo de apoio. Com o auxílio do professor(a) os estudantes iam desenhando manualmente nos trabalhos em grupos, e foi finalizado com a construção da planta baixa no programa virtual *AUTOCAD*, por aquele aluno (a) com noções básicas de trabalho com o programa, auxiliado pelo professor(a) que é engenheiro e tinha domínio da ferramenta. A planta final foi postada no ambiente virtual de aprendizagem *MOODLE*, no espaço destinado às tarefas para a avaliação do professor(a) em formato de imagem PNG, e o texto final explicativo da Planta Baixa, postado como texto online

no *Wiki* da plataforma. Nestes registros realizados por meio do diário de campo, foi possível observar um trabalho em grupo e não uma prática de escrita colaborativa.

É importante colocar em evidência que a criação de atividades *Wiki* no *Moodle* não garante o sucesso na escrita colaborativa de textos aos participantes, pois, processos de produção em grupo sempre são confrontados com práticas destrutivas, o que pode ocorrer nas atividades *Wikis* também. O que exige dos (as) professores(as) uma análise profunda do problema, fazendo a separação dos alunos(as) que fizeram as atividades de forma construtiva, daqueles colegas que não gostam de atividades *Wiki* como uma ferramenta de escrita colaborativa das suas atividades educacionais (ABEGG, 2009).

O que diferencia uma atividade *Wiki* de uma atividade Fórum no Moodle, são que no Wiki as atividades não podem ser feitas em tempo real, em um processo interacional de troca de conhecimento em rede, instantâneo, e nos Fóruns do Moodle as contribuições podem ser alteradas e revisadas de forma permanente pelos alunos(as) e professores(as) de acordo com seus processos de construção dos textos. Permitindo o acompanhamento da produção dos estudantes fortalecendo a essência da colaboração, com a participação ativa de todos (as) neste processo de produção (COLE; FOSTER, 2007).

A ferramenta *Wiki do Moodle* por se tornar uma ferramenta de produção colaborativa em um escopo competitivo com o ambiente escolar, sem estar integrado a este cotidiano, nem sempre ela é consultada ou usada como instrumento de colaboração. De acordo com Lund e Smordal (2006) o professor(a) continua a ter um papel muito importante nestas práticas pedagógicas escolares mediadas pelas ferramentas *Wikis* ou outras tecnologias. E sua missão será negociar o conteúdo e a racionalidade argumentativa, na busca por consensos nos tópicos desenvolvidos de forma colaborativa, fundamental para o desenvolvimento das habilidades críticas e do pensamento dos estudantes (ALBERTI, 2009).

Por mais que os professores(as) e os alunos(as) dissessem entender e praticar a construção de textos colaborativos em rede, percebemos importantes pontos de confusão entre as verdadeiras concepções de trabalho colaborativo e prática de escrita colaborativa em rede. Conforme foi definido no início desta categoria, estas concepções são diferentes, mas ambas podem promover a construção de conhecimento de forma colaborativa e podem ser complementadas e facilitadas pelo uso das tecnologias digitais. Apesar das confusões percebidas, concluímos que os professores(as) que praticavam a escrita colaborativa em rede, mesmo com essa confusão sobre como trabalhar com mais eficiência estas práticas nas salas de aula virtuais, nas turmas do curso de Segurança do Trabalho, o alcance do conhecimento construído de forma autônoma e individual pelos estudantes era mais perceptível.

Uma atividade tão complexa requer o enfrentamento de diferentes desafios. Embora a escrita colaborativa seja dinâmica e frequentemente não linear, em seu processo de produção ela ainda segue geralmente uma progressão linear: existe um ponto de partida e outro de chegada. Entretanto é difícil predizer o que acontece nesse intervalo. Os objetivos, estratégias e dos participantes de escrita colaborativa mudam de um projeto para outro. A complexidade desse processo deve considerar as múltiplas estratégias de escrita, atividades de escrita, formas de controle dos documentos, papéis dos participantes e processos de trabalho (LOWRY; CURTIS, LOWRY, 2004).

Em resumo, tanto para professores(as) e alunos(as), as práticas de escrita colaborativas em rede demandam uma construção textual coletiva, interação entre os estudantes participantes para a produção de um texto único no final. Isso está de acordo com Bortolozo (2014) que descreve a prática de escrita colaborativa como um esforço em grupo, pois os textos são construídos em colaboração nestes coletivos.

Ao contrário desta concepção, estas práticas colaborativas se aproximam mais de um trabalho colaborativo, de acordo com que apresenta Oliveira e Passos (2017), que as descreve como um trabalho colaborativo, práticas pedagógicas onde o professor(a) faz apenas a distribuição de tarefas para serem realizadas em grupos de alunos(as) com o objetivo de construir projetos e resolver problemas através de suas experiências de trabalho colaborativo em grupo.

4.2 Tema 2: Dificuldade de implementação das PECs pelos(as) docentes

A construção de um texto de forma colaborativa em rede pode ser feita por um editor de textos simples, como por exemplo o *word*, em um processo assíncrono e não linear, ou por um aplicativo mais aprimorado, que permite compartilhamento instantâneo e multiusuário, e que exige um pouco mais de cuidado e planejamento. A *Microsoft* disponibiliza suas ferramentas de maneira *online*, além do *Word*, estão disponíveis o *Excel* e o *Power Point*, além do *OneNote* e outras ferramentas que podem ser trabalhadas de forma colaborativa. Ele funciona de maneira similar ao *Google Docs*; basta selecionar o produto que deseja utilizar, fazer *login* com uma conta e começar a criar ou editar algum documento. As ferramentas de compartilhamento e comentário também estão disponíveis.

Um texto elaborado em conjunto necessita de integração de conteúdo, visto que esse mesmo texto é construído de forma decomposta, em vários segmentos de conteúdo. Nessa

prática, há um processo contínuo de exposição de ideias, negociações e argumentações, de forma problematizadora e respeitosa entre os integrantes do grupo (MARCHIORI; GREEF, 2013).

A coautoria em rede, por ser visualizada pelo professor (a), pelo tutor (a) e pelos outros colegas do grupo, tendendo a ser uma realidade desafiadora no manejo das postagens, dos ajustes, das correções, das inserções de conteúdos realizadas e no uso das novas tecnologias. Além disso, há desafios técnicos relacionados à criação de páginas e à disponibilização de *links* de hipertextos internos e externos ao editor. A mediação do professor(a) pode ser desafiada pelos (as) alunos(as) pois estes (as), tendem a apresentar dificuldades relacionadas ao produzir coletivamente pelo fato de muitos incluírem parágrafos sem se atentar à coesão textual, e por não se sentirem à vontade em interferir no texto postado pelo outro colega (MARCHIORI; GREEF, 2013; MILLS; EXLEY, 2014).

Nesse contexto, o desempenho do grupo se torna efetivo quando seus membros navegam de forma consistente pelos recursos tecnológicos e são conduzidos e orientados por um professor (a) ou tutor (a) mediador (a) (MARCHIORI; GREEF, 2013; COVALSKY; MOTA, 2016).

A seguir, serão apresentadas as falas referentes a essa categoria temática, bem como a discussão referentes às mesmas, onde é percebido que as práticas de escrita colaborativa em rede, por exigirem certo trabalho tanto dos docentes quanto dos discentes, e mais disponibilidade de tempo pelos professores(as) no acompanhamento destas atividades nos ambientes virtuais, são pouco exploradas na EAD, corroborando com a literatura (MARCHIORI; GREEF, 2013):

Na execução das aulas presenciais das disciplinas do curso de Segurança do Trabalho que acontecem no Polo de Alfenas, foi perceptível a dificuldade dos professores(as) em implementar as práticas de escrita colaborativa devido ao desconhecimento de grande parte dos alunos(as), das tecnologias digitais que podem ser usadas como mediadoras da aprendizagem nas práticas pedagógicas desenvolvidas em salas de aula, tais como o *Wiki do Moodle*, *Google Drive*, *OneDrive*, etc.

No ponto de vista dos educandos (as), foi observável suas preocupações em não conseguirem fazer as atividades avaliativas da aula presencial, tanto no *Wiki*, quanto nas outras ferramentas de mediação que foram sugeridas pelo professor, como as versões online do *Word, Excel* ou no *Google Drive* por falta de conhecimento ou prática de escrita colaborativa com o uso destes instrumentos.

As dificuldades iam desde fazer pesquisa com ferramentas específicas de busca (*Google, Yahoo, Bing)*, até as postagens dos textos colaborativos realizados em grupos de alunos(as) de forma correta, com criticidade e reflexão na criação dos resumos e das resenhas solicitadas como atividade avaliativa. Em alguns momentos percebia-se um certo receio dos (as) alunos(as) em usar as tecnologias disponíveis por falta de domínio e conhecimento da ferramenta e de autonomia na tomada de decisões.

Os professores(as) do curso em alguns momentos das aulas presenciais também pareciam estar com dificuldades para orientar os educandos (as) no manuseio do *Wiki*, e em algumas situações, do *Word* e *Google Drive*.

Baseado nas práticas e tarefas semanais das disciplinas no curso de Segurança do Trabalho, o A.1 relata que os professores(as) não trabalham com práticas de escrita colaborativa*: "os professores da minha turma não trabalharam com práticas de escrita colaborativa, somente com a aplicação de alguns fóruns avaliativos, devido a facilidade de responder e maior participação dos alunos"*, confirmando o que o autor Portes (2016) diz sobre os desafios que os professores(as) têm ao trabalhar com as TDICs, onde os mesmos preferem atuar com metodologias de ensino mais tradicionais, mesmo em salas de aula virtuais, como é o caso de preferir os fóruns às práticas de escrita colaborativa em rede.

Confirmando essa pouca prática das PECs já mencionada pelo A.1, o A.2 também percebe que estas mesmas são pouco exploradas no EaD:

> *"Eu acho estas práticas pouco exploradas nos cursos técnicos, pois nós não somos motivados a trabalhar com estas práticas de escrita colaborativa; os professores, na sua maioria, não gostam de usar a tecnologia ou não sabem usar"* (A.2, p. 218).

Nesta fala também fica claro que os desafios relacionados à implementação das PECs estão associados a dificuldade do (a) professor(a) em utilizar as TDICs, já que para desenvolver as PECs é necessário ter familiaridade com as tecnologias digitais (SANTOS; SCHNEIDER, 2014).

No ensino a distância, os aprendentes encontram-se em várias regiões, os encontros presenciais não ocorrem apenas para facilitar a integração, existe uma singularidade, uma expectativa que o ingresso nos cursos técnicos profissionalizantes, na faculdade ou universidade obtenha uma ascensão financeira e profissional. É preciso atentar que o contexto de alunos com perfis distintos representa níveis de apropriação do conhecimento e percepções quanto às tecnologias educacionais bem diferenciados, desafio para o docente universitário que tem como incumbência promover conhecimento significativo unificado pelas redes de aprendizagem (MASETTO, 2003, p.112).

Na busca do entendimento do novo panorama do exercício da docência nos cursos de nível superior e tecnológicos à distância perpassa pelo entendimento das práticas do processo de ensino e aprendizagem entrelaçado a tecnologia, usá-las não como problemática, mas como complemento, haja vista que: “As redes de aprendizagem estão transformando as relações, as oportunidades e os resultados do ensino e da aprendizagem” (HARASIM, 2005, p.339).

A literatura digital perfaz um pressuposto do século XXI, pois seja qual for a esfera da sociedade, dependemos do acesso, entendimento e utilidade das tecnologias de informação e comunicação no mundo pós-moderno (CARDOSO, 2009). Para o sucesso do ensino a distância, tanto universitário, quanto tecnológico profissionalizante, se faz necessário capacitar e incluir às práticas e ferramentas tecnológicas de aprendizagem, este entendimento do novo papel que não é bom ou ruim, mas diferente. O professor(a) torna-se um mediador e deixa de ser único detentor do conhecimento, quadro negro e livros apresentam-se num universo dinâmico e interativo com inúmeras possibilidades (VASCONCELOS, 2000).

O exercício da docência perpassa pela criticidade em todas as ações do ofício, demanda a prática do pensamento dialético intrínseco a reflexão e reconstrução da retórica. (HENRY GIROUX, 1983).

No cotidiano do universo do ensino tecnológico ou superior à distância acontecem intensas modificações sociais, culturais, econômicas, fruto das interações entre as criações humanas e a própria humanidade, neste aspecto, as tecnologias digitais de ensino e comunicação (TDIC) influenciam as novas formas de lidar com os fazeres que tenham relação direta com prática educativa. Assim, utilizar recursos tecnológicos disponibilizados servem para registrar as impressões, sensações, reflexões, possibilitam produzir e publicar o conhecimento construído nas análises e observações.

Acontece o equívoco no entendimento de que no ensino à distância, as ferramentas tecnológicas por si só, promoverão a aprendizagem. Porém, nesta modalidade de ensino instrucional, o desdobramento do conhecimento precisa ser coordenado pelo docente, assim como na modalidade de ensino presencial; o que vai diferenciar é sua função principal, de agente estimulador e mediador na compreensão do conhecimento e as ferramentas instrucionais que irão promovem o desenvolvimento cognitivo dos educandos (as) (MORAES, 2010).

Continuando entendendo as dificuldades apresentadas na atuação dos (as) professores(as) no uso das PECs, há referência à questão de ser necessário mais tempo despendido pelo (a) docente na mediação e no acompanhamento destas atividades colaborativas nos cursos técnicos profissionalizantes, conforme diz o A.2:

> *"E tem muita coisa boa na utilização destas ferramentas, mas exigem mais tempo para os professores para fazerem as mediações e o acompanhamento entre nós alunos, pois os textos podem ser editados pelos colegas de forma errada também, exigindo um monitoramento maior desta tarefa por parte dos professores de uma forma bem mais detalhada do que a forma comum de correção de atividades"* (A.2, p. 218).

Oliveira (2013), em seu estudo de caso, também mencionou que para a inserção de práticas pedagógicas com o uso de tecnologias digitais, nos métodos de ensino na Rede E-tec do Polo da cidade de Porteirinha, Minas Gerais, geralmente foi necessário o uso de um tempo maior na formulação de atividades que envolvem práticas de escrita colaborativa, como o *Wiki* do *Moodle ou Google Drive* e seus documentos na versão *online*, por exemplo. Nesses casos, os professores(as) das disciplinas gastavam mais tempo na inserção e no desenvolvimento dessas práticas por envolverem trabalho colaborativo e monitoramento constante do docente nas atividades dos discentes (MILL, 2014).

A ferramenta *Wiki* é, em geral, configurada para grupos separados, colocando esta atividade em prática, significa que pode ser criado um *Wiki* para cada grupo, com o acesso liberado apenas para os integrantes do grupo. Cada um desses *Wikis* vai possui sua própria página inicial, que é a primeira página visível quando acessamos a ferramenta. Ela trará na parte superior a proposta elaborada pelo professor(a) autor(a) e implementada pelos participantes da disciplina. Esse texto não pode ser editado pelos tutores, que darão apenas suporte aos alunos(as) na execução das tarefas. É proposto também ao tutor (a) que ele escreva orientações para seus alunos(as) a respeito da proposta de trabalho, requisitos, como editar a página, etc. Com exceção da proposta elaborada pelo (a) professor(a), os estudantes e os (as) tutores (as) podem alterar qualquer outra informação no *Wiki* do *Moodle* (ABEGG, 2016).

O *Wiki* é referido pelo A.3: *"O Wiki, o professor nem sequer explicou o que era para a gente e não fez uso desta ferramenta"*. E o A.4 diz utilizar o *Google Drive* e relata algumas dificuldades que observa nas práticas de escrita colaborativa:

> *"(...) eu trabalho com o Google Drive...pois os professores não fizeram uso do Wiki na plataforma do curso! (...)um ponto negativo, é que precisa ser fiscalizado pelos professores, é a questão da repetição por parte de alguns alunos de conceitos que já foram escritos lá como resposta, por isso, os professores precisam estar muito atentos na mediação dessas atividades"* (A.4, p.227).

O desconhecimento das ferramentas utilizadas nas atividades de escrita colaborativa pelos professores(as) é também descrito pelo A.4*:*

> *"Muitos professores têm muita dificuldade no uso das tecnologias também, tanto que o Wiki não foi utilizado na minha turma para atividades durante o*

> *andamento do curso. Mas não usam por falta de conhecimento desta ferramenta e nem sabem como criar uma atividade no Wiki"* (A.4, p. 228).

E o A.5 relata a preferência dos professores(as) dos cursos técnicos por atividades mais práticas e rápidas de serem corrigidas: *"Os professores gostam de coisas mais rápidas e fáceis de serem orientadas e corrigidas".*

Na percepção desses alunos(as) acima citados, observa-se que a figura do professor(a) ainda é apresentada como alguém que não conhece bem as ferramentas que são utilizadas para implementar as PECs, como o *Wiki* do *Moodle*, por exemplo, preferindo atividades mais usuais e mais práticas para aplicar aos (às) alunos(as). Nessas falas ainda é percebido que os professores(as) têm dificuldades em acompanhar o desempenho colaborativo dos alunos(as) nas atividades, visto que, o A.4, menciona que na construção do texto pode ocorrer repetições de conceitos e cópias integrais de textos da *internet*, caso o professor(a) não faça a mediação na escrita do mesmo.

Chaquime e Mill (2015) falam a respeito da docência virtual na atuação de tutores de cursos a distância, que é permeada por desafios relacionados ao acompanhamento constante exigido aos professores(as) nas atividades desenvolvidas pelos alunos(as), já que as tarefas são virtuais e podem ser feitas a qualquer momento pelo discente, mesmo em tempos em que o professor(a) não está conectado à *internet*, ou não está disponível para acompanhar a escrita colaborativa em rede dos alunos(as).

Outra questão que também desafia a implementação das PECs pelos professores(as) é a possibilidade de sobrecarga de atividades de um aluno (a) em detrimento dos outros (as) do grupo, sendo esta percepção ressaltada na fala do A.5*:*

> *"Um ponto negativo, ao meu ver, é as vezes um colega de trabalho em grupo deixar de fazer a sua parte e os demais precisam suprir aquela demanda, cobrindo a falta dele na atividade. Mas acho que isso acontece porque o professor às vezes não consegue acompanhar as nossas atividades"* (A.5, p. 232).

O cerne desta fala está na questão já discutida de o docente ter dificuldade de acompanhar o desenvolvimento da escrita colaborativa em rede pelos alunos(as).

De encontro a essas dificuldades, o A.10 faz algumas considerações e sugere que estas práticas sejam mais utilizadas:

> *"Mas acho que deviam trabalhar mais e especificar mais o que seriam estas práticas de escrita colaborativa ou trabalhos colaborativos, pois este interagir é muito bom e deve ser praticado mais vezes, não só nas aulas presenciais e nas atividades semanais"* (A.10, p. 252).

Freire e Amante (2016) corroboram com esta fala deste aluno (a) dizendo que a escrita a distância em coautoria é bastante importante para possibilitar a interação entre os docentes e discentes, mas são mais desafiadoras aos docentes, principalmente pelo fato de ter que haver um acompanhamento mais próximo dos alunos(as).

As dificuldades de trabalhar em grupo são mencionadas pelo A.14 como obstáculos às práticas de escrita colaborativa, sendo o papel mediador do professor(a) referido como de suma importância para sanar essas dificuldades*:*

> *"Um ponto negativo, é que estas práticas são muito pouco utilizadas no curso... e devemos tomar cuidado com as vaidades pessoais... com os textos que postamos, pois às vezes as pessoas postam bobagens lá e acreditam fielmente que estão certas e não aceitam críticas sobre o que elas fazem nestas atividades. Nesse momento deve entrar a figura do professor para realmente mediar nosso debate e construirmos trabalhos cada vez mais, colaborativos e com rigor textual de coisas mais relevantes"* (A.14, p. 268).

Nas falas dos professores (as) existem traços de desconhecimento, desmotivação e falta de tempo relacionado ao uso das ferramentas de escrita colaborativa, e também são feitas algumas sugestões:

> *" ... essas ferramentas... elas eram desconhecidas para gente né... Difícil pra nós professores, selecionar tudo, ver o que que é melhor, o que que é pior. O acúmulo de informação foi muito grande; uma desvantagem, pois teve um acúmulo enorme de informação, todo mundo queria mandar alguma coisa, porque era via virtual"* (P.1, p. 149).

> *"uma das dificuldades maiores talvez seja o aluno encontrar o fórum em si, ou o Wiki para postar realmente a sua resposta e, depois de encontrado, tentar fazer essa mediação com outro colega"* (P.3, p. 169).

> *"mas tem professores que não aceitam muito estes conceitos não, se sentem com medo, sei lá, desconfiam das tecnologias..."* (P.5, p. 180).

> *"O Wiki do moodle na plaforma Moodle não foi utilizado por mim na disciplina.... a maior dificuldade que eu pude observar nos alunos foi de organização, pois era perigoso um deletar uma postagem do outro que já tinha feito"* (P.8, p. 198).

> *"estas práticas deveriam ser mais utilizadas pelos professores, pois, nem todos fazem uso destas ferramentas de colaboração... o Wiki ainda é muito pouco conhecido no meio acadêmico"* (P.9, p. 202).

> *"[...] talvez porque os alunos estejam mais acostumados com este tipo e exista certo comodismo de nós professores em não querer ficar modificando demais as nossas práticas e trazer muitas novidades para o aluno, com medo de que ele fique perdido, então infelizmente não tenho usado muito não, apenas alguns momentos com o Google Drive. Então para mim estas práticas de escrita colaborativa ficam assim meio limitadas, não sei se é por comodismo ou se é por observar a dificuldade dos alunos em utilizar a informática e os recursos tecnológicos, então para não dar um nó na cabeça deles, geralmente*

> *se percebe essa escolha de não usar ou, se usar, usar moderadamente"* (P.10, p. 208).

Percebemos, a partir das falas dos (as) professores(as) e alunos(as), e da observação não participante nas disciplinas de Biossegurança e de Prevenção e Combate a Incêndios, que os desafios relacionados à implementação das PECs perpassam pelas dificuldades tantos dos alunos(as) quanto dos (as) professores(as) em utilizar as TDCIs para desenvolver as práticas de escrita colaborativa em rede; à falta de tempo dos docentes em planejar e acompanhar o desenvolvimento das escritas colaborativas pelos (as) alunos(as); e ao possível desconhecimento tanto dos docentes, como dos discentes, de como utilizar as ferramentas para implementar essas práticas e a melhor e correta forma de serem usadas no curso de Segurança do Trabalho.

4.3 Tema 3: Escrita Colaborativa em rede enquanto geradora de autonomia digital

Sabe-se que a democratização da tecnologia tem como princípio a autonomia digital, ou seja, o domínio da tecnologia. E como as classes menos favorecidas têm menos acessibilidade às TDICs, práticas digitais simples como escrever um *e-mail*, acessar redes sociais e realizar cursos na modalidade de educação a distância, ainda são barreiras à inclusão digital na educação. As pessoas devem ter acesso não somente às tecnologias, mas também devem se apoderar do potencial crítico e comunicacional que as tecnologias trazem consigo (BARRETO; ARAÚJO, 2014; SABOIA et al, 2014).

Autonomia é a "capacidade de governar a si mesmo" de acordo com (HOUAISS, 2004, p. 78). Ou seja, um indivíduo é considerado autônomo quando possui a capacidade de administrar e gerenciar seus compromissos e atividades; quando alunos(as) estabelecem ação interativa com materiais didáticos, ferramentas tecnológicas e metodologias de ensino, estimulados por ações pedagógicas de professores(as) e tutores (as) que atuam como instigadores cognitivos possibilitando uma aprendizagem colaborativa. No ambiente virtual de aprendizagem *Moodle*, os alunos(as) desenvolvem a capacidade de determinar seu ritmo, de acessar o conteúdo quando e quantas vezes forem necessárias na busca do entendimento do que desperta interesse e desejo de aprender. Como apoio na construção desse novo exercício de autonomia em EAD, os alunos (as) valem-se de ferramentas específicas que oferecem diversas formas de acessar informações e estabelecer interações com os envolvidos no processo educacional (ANDRÉ; COSTA, 2004).

Neste contexto de uma relação pedagógica que se estabelece, a autonomia digital reside na capacidade de o sujeito tomar para si sua própria formação e capacitação no uso destas diversas ferramentas que estão disponíveis aos processos educacionais. As exigências na formação de cada área profissional tendem a mudar, e o aluno (a) precisa estar preparado para se adaptar a estas transformações; cada discente tem suas formas preferenciais de aprendizagem, que são comprovadas continuamente ao longo do seu processo educacional (PRETTI, 2005).

O processo autônomo na aprendizagem, seja na educação a distância ou educação presencial, é democrático, requer muita disciplina, planejamento, decisão, organização, persistência, motivação, avaliação e responsabilidade. A aprendizagem não é processo que ocorre somente "a distância", afastada da relação com o outro, sem interação e convivência e, portanto, uma atividade "solitária"; pelo contrário, ela deve ser solidária e colaborativa. Construir conhecimento de forma autônoma tira o foco da visão passiva do educando que, neste caso, precisa ser ativo na aprendizagem e nos seus estudos. A autonomia do (a) aluno (a) é respeitada na modalidade de educação a distância, pois reconhece as mudanças na sociedade atual fornecendo os subsídios de atualização e práticas educacionais condizentes ao novo cenário de educação e trabalho com a possibilidade de mediação e uso das ferramentas tecnológicas. Os discentes quando passam a ter autonomia de escolha e de tomada de decisão para escolher as melhores ferramentas, ou as que eles mais se identificam nas suas práticas em sala de aula ou nos ambientes virtuais, aumentam seu potencial de obtenção de conhecimento com mais qualidade de forma notória e observável. Nessa perspectiva, a instituição escolar tem seus paradigmas cada vez mais pressionados em prol de revitalização do campo educacional, acompanhado as exigências da modernidade (FERREIRA; SILVA, 2014).

O fato de uma pessoa ter acesso às diversas tecnologias não significa que possua a competência para analisar e refletir criticamente conteúdos propostos, considerando que o domínio tecnológico também influencia a capacidade de analisar criticamente a informação disponibilizada. Nesse contexto, as informações são sempre muitas em ambientes virtuais, e os recursos tecnológicos também são infindáveis. Nesse sentido, quanto maior a necessidade de apropriação de informações, mais relevante se torna o domínio das tecnologias, a autonomia em fazer uso destes recursos, para evitar a caracterização de uma nova categoria de analfabetos funcionais: o analfabeto digital (SABOIA et al., 2014; ALMEIDA, 2017).

Nesse contexto, a autonomia digital perpassa primeiramente pelo acesso às tecnologias digitais e posteriormente pelo aponderamento e domínio do uso destas tecnologias (OLIVEIRA, 2016).

Fiss e Aquino (2013), referem que a escrita colaborativa em rede facilita o alcance da autonomia digital pelos alunos(as), pois, ao construir um texto de forma colaborativa é necessário saber utilizar ferramentas de digitação e de busca de conteúdo na *Internet;* e saber interpretar o conteúdo encontrado e conseguir compartilhar os conhecimentos com os colegas e com o professor(a) de forma coesa e coerente (MARTINAZZO, 2014).

Ao escrever um texto colaborativo, o processo de construção de conhecimento necessita ser feito em conjunto com outros (as) alunos(as) e com a mediação do professor(a). O próprio processo de pesquisar, interpretar, e contribuir com parágrafos no texto colaborativo exige do aluno (a) uma certa autonomia em escolher conteúdos digitais que favoreçam o texto construído em grupo. Nesse contexto, o discente seleciona informações vindas da *internet*, e as compartilha com as ferramentas colaborativas da plataforma de ensino de forma crítica e reflexiva, em um processo autônomo de aprendizagem, e de uso das ferramentas digitais (CARVALHO, 2016).

O ato de inserir textos para contribuir aos textos já postados por outros colegas, modificando-os e corrigindo-os de forma crítica e reflexiva juntamente com os professores(as), instiga o aluno (a) a utilizar diversos recursos tecnológicos, como sites de busca, como o *Google* e o *Yahoo*; a digitar seus textos com aplicativos da *Microsoft*, como o *Word Online*, por exemplo; e a escrever colaborativamente na plataforma *Moodle*, por meio da ferramenta *Wiki.* Essas ações estimuladas pelas práticas de escrita colaborativa em rede facilitam o aprimoramento do discente com o uso dos recursos tecnológicos, facilitando o alcance da autonomia digital, por meio da criação de um espaço colaborativo de construção de conhecimento (BORTOLOZO, 2016).

A seguir serão descritas as falas e a discussão que demonstram a prática de escrita colaborativa em rede como facilitadora do alcance da autonomia digital:

O A.2 relata sobre sua dificuldade inicial com as tecnologias e como superou suas limitações com o decorrer do curso*:*

> *"(...) e eu não sabia nem ligar um computador... minha dificuldade não foi com o conteúdo, e sim com as tecnologias usadas na plataforma do curso, na EAD... quando o professor dava trabalho em grupo pra nós, eu conseguia tirar minhas dúvidas com meus colegas... meus amigos me ajudaram muito nas atividades que acho que chamam de escrita colaborativa... hoje sei usar o computador e fazer as tarefas tranquilamente pois tive muita ajuda dos colegas e dos professores...ah...e principalmente do tutor"* (A.2, p. 217).

E o P. 10 confirma essa fala do aluno, dizendo:

> *"Existem alunos que entram na EAD sem sequer saber ligar e desligar um computador de forma correta, então tento aplicar trabalhos colaborativos pra eles, para que um ajude o outro, para que obtenham autonomia no uso dos*

> *recursos tecnológicos e para que eu também consiga ajudá-los mais de perto"* (P.10, p. 211).

Percebemos com essas falas acima citadas que a Prática de Escrita Colaborativa em rede, por possibilitar a realização de trabalhos colaborativos em grupo, cria espaços de ajuda mútua entre estudantes, professores(as) e tutores (as), a fim de sanar dificuldades que tendem a impossibilitar o desenvolvimento do curso. Como o princípio dessas dificuldades está no uso das tecnologias digitais, as PECs representam um bom caminho para levar o estudante a alcançar autonomia digital de forma coletiva e colaborativa (CARVALHO, 2016).

Corroborando com essa discussão, defende-se a concepção de que o mundo está interconectado em uma sociedade em rede, onde as interdependências é que levam à independência e à autonomia, esta última tão defendida por Freire (CASTELLS, 2016).

Entende-se, nesse sentido, que, no mundo virtual, assim como no mundo presencial, práticas colaborativas facilitam a construção da autonomia, em especial em ambientes pedagógicos favoráveis onde há interação constante e simultânea entre docentes e discentes (BARION; MARQUES, 2013).

O A.4 complementa esse assunto, se referindo ao sofrimento que ele teve inicialmente devido ao pouco conhecimento de informática que ele tinha para desenvolver o curso na modalidade de EAD e como ele foi auxiliado pelas práticas de escrita colaborativa em rede:

> *"(...) os que não têm um pouco de conhecimento de informática sofrem bastante no início do curso, pois as atividades são desenvolvidas no word, no excel e também nos links online... nas tarefas individuais eu sempre ia com uma nota mais baixa por não conseguir fazer a tarefa direitinho.... mas os trabalhos em grupo é que salvaram minhas notas, pois eu contava muito com a ajuda do tutor e do professor que me ajudavam a usar o computador para pesquisar, construir meu conhecimento, e postar minhas contribuições na plataforma em forma de textos em conjunto com meus colegas do curso... os colegas e os professores iam corrigindo o que a gente postava lá até formar um texto final e único..."* (A.4, p. 227).

Nesta fala do A.4 fica evidente que as dificuldades que os estudantes apresentam acerca do uso das tecnologias digitais são sanadas de forma mais efetiva quando há práticas de escrita colaborativa em rede, pois o próprio processo de construção do texto envolve a busca em conjunto pela construção do conhecimento, onde um vai ajudando e corrigindo construtivamente o outro, sendo que todos participantes do grupo se desenvolvem em sintonia, crescendo de forma unânime, juntamente com a orientação do professor(a), conforme também pensa Canhoto (2016).

Oliveira (2016) diz que autonomia significa o aprendiz ser autor, poder falar em próprio nome, e estar permeado por relações sociais, em espaços onde há oportunidade para

argumentação, discussão e construção conjunta de conhecimento, criando, modificando, construindo e tornando-se coautor na sala de aula virtual. Nesse processo, o professor(a) se encontra desafiado a acompanhar de perto a autonomia digital de cada aluno (a) pois as informações disponíveis na *internet* são infindáveis, e a coautoria de cada estudante vem carregada de percepções individuais e coletivas que são confrontadas e diluídas em textos colaborativos (MARTINS; SILVA, 2016).

O fato de ter que ligar o computador, utilizar diversos recursos tecnológicos digitais, e selecionar, interpretar e construir coletivamente o conhecimento, favorece o alcance da autonomia digital pelo estudante (OLIVEIRA, 2016; MARTINS; SILVA, 2016).

A fala do A.7 faz algumas considerações e sugestões a respeito dos desafios tecnológicos enfrentados na EAD, e exemplifica essa discussão apresentada:

> *"É necessário ter uma disciplina no início do curso específica para aprendermos a utilizar as tecnologias, pois isso poderia facilitar a vida de muita gente e fazer diminuir o número de alunos que desistem do curso por não dominarem o computador e os recursos tecnológicos do MOODLE. As atividades em colaboração e em grupos ajudam bastante a gente a querer aprender a utilizar o computador e a internet, pois os textos que os professores pedem pra gente construir junto, acabam que nos motivam e nos cobram a saber ligar e usar o computador, a saber pesquisar, a não copiar e colar da Internet, pois temos que discutir junto com os colegas as informações que acrescentamos no texto, para ficar um texto único no final… é um ajudando e corrigindo o outro...deveriam dar esses trabalhos colaborativos desde o início do curso, para que a gente aprenda a utilizar as tecnologias desde o começo de forma mais autônoma e independente"* (A.7, p. 239).

Reiterando os desafios que os educandos possuem com os recursos tecnológicos no Ensino a Distância, os professores(as) alegam que o público atendido nesta modalidade de ensino é, em sua maioria, um público carente, de faixa etária bastante diversificada e com características de analfabetismo digital, sendo que estratégias de ensino e aprendizagem que gerem a autonomia digital nas práticas colaborativas dos educandos, se tornam necessárias para sanar esses problemas, e uma das soluções é aplicar atividades que envolvam práticas de escrita colaborativa em rede (MARTINAZZO, 2014; RABELLO; OKADA, 2014; ALMEIDA, 2017).

> *"(...) quando os meninos ingressam nos cursos técnicos, essas ferramentas tecnológicas é que causam dificuldade... eles não têm ainda aquela prática básica da computação... e o nosso público, ele é um público mais carente, um público diversificado, abrangendo desde jovens até adultos que se aproximam da terceira idade… aí somos desafiados a todo momento com essas dificuldades dos alunos..."* (P.1, p.141).

> *"(...) para tentarmos resolver essa defasagem de conhecimentos tecnológicos, orientamos os alunos a fazerem cursos de informática, para aprenderem sobre as novas tecnologias… mas muitos não fazem, pois trabalham o dia*

> *todo e tem só a noite pra estudar...então temos que criar estratégias, nós mesmos, para trazer autonomia digital pra esses alunos"* (P.2, p. 162).
>
> *"(...) temos encontrado, nas práticas de escrita colaborativa em rede oportunidade para estimular os alunos a se incluírem digitalmente e alcançarem autonomia, pois quando aplico essas atividades, e os divido em grupos, um aluno vai ajudando o outro, e eu vou acompanhando-os, e eles mesmos vão aprendendo a utilizar o computador, a pesquisar o tema na Internet e a ser autor do seu próprio processo de construção de conhecimento. Quando aplico atividades colaborativas, parece que eles se sentem mais estimulados a aprender e frequentam mais o polo para aprender com o tutor a realizar as atividades… o tutor presencial reúne os alunos e todos vão aprendendo juntos a manusear as tecnologias digitais"* (P.3, p. 168).
>
> *"(...) muitos alunos sem a noção básica de utilização destas novas tecnologias, depois de realizarem atividades colaborativas, com acompanhamento constante do professor, aprenderam a ligar o computador, a pesquisar na internet, a digitar conteúdos no Word, e até a utilizar o Wiki do Moodle… é bastante trabalhoso dar atividades em grupo para os alunos… mas percebo que eles se desenvolvem mais quando trabalham em cooperação… se tornam mais autônomos e independentes digitalmente em nossas salas de aula virtuais…"* (P.4, p. 175).

Tanto as falas dos alunos (as) e dos professores (as), quanto a observação não participante do pesquisador, deram indícios de que as prática de escrita colaborativa em rede são desafiantes aos docentes e aos discentes, mas se configuram em estratégias eficazes de ensino e aprendizagem que facilitam a geração de autonomia digital na EAD. Ao ser coautor, o discente se sente estimulado e na obrigação de utilizar recursos tecnológicos digitais para realizar as atividades propostas, pois se não houver contribuição autônoma de cada componente do grupo, o texto único colaborativo não é finalizado. Por conseguinte, a autonomia digital envolve interconexões em rede, ou seja, a autonomia é gerada em um grupo interdependente onde há confrontamento de ideias, ajuda mútua nas dificuldades tecnológicas e construção conjunta de conhecimento. Portanto, os dados mostram uma tendência de que o emaranhado de ideias do texto colaborativo surge a partir da autonomia digital de cada aluno (a), mediado pelo professor(a). Quando o docente motiva o aluno (a) a buscar aprender usar as tecnologias digitais, com o andamento das atividades semanais das disciplinas, através de pesquisas e treinamento com as ferramentas disponíveis na plataforma, o educando passa a ter autonomia na execução das tarefas e desafios apresentados durante todo o curso técnico de Segurança do Trabalho.

4.4 Tema 4: Escrita Colaborativa em rede enquanto geradora de conhecimento

Atividades em grupo, de forma colaborativa, vêm sendo desenvolvidas, principalmente no Ensino a Distância (EaD), pois promovem autonomia digital, já que para colaborar nesses textos conjuntos, o aluno (a) e o professor(a) devem estar com as práticas digitais e de informática aprimoradas ou em aprimoramento; e promovem a construção transformadora de conhecimento, visto que a autonomia digital faz com que o próprio educando construa seu conhecimento de forma ativa e se torne dono do seu processo de ensino e aprendizagem (FISS; AQUINO, 2013).

Nesse modelo de trabalho, cada membro contribui na realização da atividade, com a editoração do texto de forma conjunta, interligada, com linguagem, significados e metas comuns, com as quais cada aluno (a) desenvolve uma parte do texto. Tais atividades são possibilitadas pelas tecnologias digitais dos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), que devem contar com um apoio pedagógico estratégico e cuidadoso; e com professores(as) adequadamente treinados para direcionar a produção deste conhecimento (FISS; AQUINO, 2013; HASHEMI; CEDERLUND, 2016).

Os professores(as), nas práticas de escrita colaborativa em rede, tendem a atuar como mediadores da construção de conhecimento, pois, indicam os caminhos a serem percorridos pelos alunos(as) e estes (as), com os seus próprios esforços e com a interação com os demais colegas do grupo e com o próprio professor(a), constroem seus textos *online* e seu conhecimento de forma autônoma (FISS; AQUINO, 2013; PALAGANA, 2015).

Nesse aspecto, os próprios alunos(as) pesquisam os documentos nos quais vão se apoiar para construir seu texto, e entram em acordo sobre os processos de editoração, coesão e coerência textual para que a construção final, pelos vários escreventes, seja relevante e atenda às metas planejadas (FISS; AQUINO, 2013; FREITAS et al, 2017).

O professor(a), nessas ferramentas de ensino e aprendizagem, atua organizando o tempo, os objetivos educacionais, as regras e as normas estabelecidas pelo projeto pedagógico do curso; cria ambientes sociais multiculturais que geram aprendizagem; apropria-se de habilidades para o domínio das ferramentas tecnológicas e valoriza os processos de construção do conhecimento e de aprendizagem dos alunos(as), do processo formativo e de sua atuação, que deve ser continuamente aprimorada (FISS; AQUINO, 2013; CHAQUIME; MILL, 2015).

A seguir, serão apresentados os dados coletados com categorização referente a esse tema intitulado, e a discussão realizada a partir desses achados:

O A.11 afirma que a prática de escrita colaborativa em rede possibilita a construção do conhecimento a partir das relações e das negociações entre os colaboradores do texto coletivo: *"(...) porque às vezes você concorda e discorda e os nossos entendimentos sobre os conteúdos*

da disciplina vão sendo construídos juntos, ali naquele momento". E o A.2 também complementa a fala do A.11 mencionando que as práticas de escrita colaborativa podem possibilitar a construção de conhecimento pois permitem a interação e a exposição de opiniões dos participantes do grupo:

> *"(...) é uma forma de escrita colaborativa que promove interação entre os alunos e a gente pode expor a nossa opinião e aprender mais, um junto com o outro… a gente constrói o nosso próprio conhecimento e estas práticas obrigam a gente a pesquisar, a aprender sempre mais, a buscar diversas fontes de conhecimento, promovendo um trabalho colaborativo e uma interação entre todos"* (A.2, p. 218).

Percebemos, nessas falas dos alunos(as), que as PECs criam oportunidades para a construção de conhecimento pois promovem a participação dos estudantes de forma ativa na plataforma, ou seja, eles são autores dos textos, e precisam pesquisar e colaborar por si mesmos, juntamente com a atuação dos outros colegas e dos (as) professores(as), na construção do texto coletivo. Ao pesquisar, inserir, discutir, questionar, e editar conteúdos postados de forma coletiva, o conhecimento é construído de forma autônoma e em consonância com o aprendizado adquirido pelo trabalho desenvolvido de forma coletiva. De acordo com a pedagogia Freireana, construção do conhecimento não deve ser feita como um processo de transferência bancária, do docente para o discente, mas sim, oportunizada através de espaços de cooperação e troca de saberes, sendo cada um responsável pela construção do seu próprio conhecimento, para que no final se torne um conhecimento coletivo (HASHEMI; CEDERLUND, 2016).

O rompimento das barreiras físicas entre os educandos e os educadores possibilitada pelas práticas de escrita colaborativa em rede no *Moodle* criam espaços de troca de informações e construção de conhecimento, conforme pode ser observado na fala do A.3:

> *"Cada um ia complementando a postagem do outro colega... estas ferramentas no curso, estas práticas de escrita colaborativa encurtam as distâncias entre nós alunos e os tutores, e tudo se torna mais fácil… fica sempre mais fácil de aprender quando estamos juntos, mesmo virtualmente"* (A.3, p. 223).

E a organização do conhecimento produzido, bem como a participação de todos os alunos(as) do grupo nessas práticas são referidas pelo A.14: *"Tem como você organizar todos os conceitos num lugar só, num texto só, e com uma maior participação de todos os envolvidos nesta prática colaborativa".*

O A.7 reitera a possibilidade aumentada de construção de conhecimento em grupo e explica como aconteceu a prática de escrita colaborativa no curso de Segurança do Trabalho que está realizando:

> *"(...) é uma forma de trabalhar em grupo para obter e construir um conhecimento maior, com a colaboração de todos... O professor dividia a gente em grupos de 10 pessoas, aplicava o trabalho que era a construção de resenhas sobre os temas e cada um, de sua casa, ia produzindo seus textos e postando no word online no Google Drive. O professor ia dando dicas do que ele queria e ia organizando as nossas postagens via e-mail e no final a gente publicava a resenha completa do grupo no Moodle"* (A.7, 240).

O A.8 também conta como foi a prática de escrita colaborativa da qual participou e como o conhecimento foi produzido, sendo um pouco diferente da atividade descrita pelo aluno (a) anterior:

> *"Cada um fazia sua pesquisa e ia compartilhando as partes do resumo do tema num texto on-line com a supervisão do professor... Eu postei a minha parte do resumo no Wiki da plataforma, e os meus colegas iam lá e editavam com a parte deles, e assim resumimos um texto sobre a NR-18, que trabalha questões referentes a segurança do trabalho na construção civil".* E ressalta a importância dessa prática para a construção de conhecimento, mesmo que ela seja vista como trabalhosa: *"Apesar de o professor achar essas atividades difíceis de serem corrigidas e trabalhadas, pois ele deve estar em contato conosco constantemente para ir nos supervisionando, é uma prática necessária em EaD, muito cooperativa e de interação de um aluno com o outro... que faz com que a gente aprenda muito mais e construa muito mais conhecimento"* (A.8, p. 243).

O A.6 resume as contribuições da escrita colaborativa em rede para a construção de conhecimento:

> *"Positivamente destaco que a partir das interações destas práticas, o aprendizado acontece mais rápido, o diálogo reduz as distâncias e você pode se inserir novamente, se incluir novamente nos processos educacionais, correr atrás do tempo perdido, pesquisar e compartilhar qualquer conteúdo com o colega ou com o próprio professor, de uma forma inovadora e transformadora na educação, de geração de conhecimento..."* (A.6, p.280).

Por meio dessa fala do aluno(a), observa-se a escrita colaborativa em rede como um elemento transformador na produção de conhecimento.

E o A.17 complementa a fala do professor(a) acima com alguns elogios:

> *"A interação destas práticas de escrita colaborativa, são fantásticas, a gente busca construir conhecimento com os colegas do curso de Segurança do Trabalho e a gente dialoga bastante sobre o que é melhor para as tarefas, para os textos que a gente faz em conjunto"* (A.17, p. 284).

O P.1 contribui para essa discussão caracterizando as práticas de escrita colaborativa em rede e menciona algumas diferenças entre a educação presencial e virtual, e como a mediação na construção de conhecimento é feita nesta contraposição:

> *"(...) práticas de escrita colaborativa de textos, são inovadoras...a gente vai aprendendo junto com os alunos...uma forma de educação inovadora, autônoma por nós e pelos alunos...uma forma de participação em grupo inovadora... e a gente vê a diferença gritante do presencial para o virtual.*

> *Porque no presencial a gente dá o trabalho em grupo, o professor afasta e os meninos fazem, né… e somente depois de entregue o trabalho é que corrigimos... Aqui não, o professor centraliza para organizar e mediar as contribuições do grupo nessas práticas de escrita colaborativa… num processo constante supervisão e correção na construção de conhecimento pelos alunos, juntamente com nós, professores"* (P.1, p. 142).

O P.2 relata sua experiência com a escrita colaborativa em rede e enfatiza a autonomia, relembrando Paulo Freire, na construção de conhecimento possibilitada aos alunos(as):

> *"(...) eles vão construindo os textos, por exemplo, de uma atividade que eu apliquei sobre a NR-18 do Ministério do Trabalho, onde eles tinham que produzir um texto colaborativo dissertativo sobre os pontos positivos e negativos desta norma regulamentadora. E eles acabam que têm muita autonomia... autonomia mesmo... de ir mudando, corrigindo, modificando, fazendo ajustes e correções nos textos produzidos... vão construindo seus próprios conhecimentos, interagindo um com o outro, sendo protagonistas desta produção de conhecimento e eu vou orientando e corrigindo os textos construídos"* (P.2, p. 160).

Há relato também do P.2 sobre a transformação para melhor que os (as) alunos(as) experimentam a partir dessas práticas de escrita colaborativa em rede, pois aprendem a construir conhecimento:

> *"alguns alunos que não escreviam nada... praticamente nada... e com o decorrer do curso, tanto foi melhorando a qualidade, como a forma de escrita, e de entendimento principalmente... num processo de geração constante de conhecimento… no fim, quando se junta todo o conteúdo, tem a oportunidade do outro colega olhar e opinar de forma colaborativa e complementar a postagem do colega… Porque através destas pesquisas e pelo trabalho colaborativo em grupo, um debatendo com o outro, a chance de eles aprenderem e construírem conhecimento é muito maior"* (P.2, p. 161).

As práticas de escrita colaborativa fizeram com que os alunos (as) desenvolvessem melhor suas tarefas avaliativas semanais com uma maior motivação, uma interação bem mais frequente, alcançado os resultados esperados pelos professores, que era construir o conhecimento em conjunto com seus alunos (as), buscando melhorar significativamente a qualidade do curso técnico de Segurança do Trabalho do IF Sul de Minas, campus Machado – Polo Alfenas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo de caso único, com as técnicas de observação não participante, registro em diário de campo e aplicação de entrevistas com questionário semiestruturado aos alunos(as) do curso Técnico de Segurança do Trabalho do Instituto Federal do Sul de Minas,

campus Machado-MG, modalidade EAD, Polo CAIC em Alfenas-MG, foi possível levantar e categorizar diversos conteúdos referentes às práticas de escrita colaborativa em rede, educação a distância, autonomia na produção de conhecimento, com a análise das informações feitas pelo método de análise de conteúdo segundo Bardin.

Tomando como base os pressupostos de célebres autores, tais como, Manoel Castells, Piérry Lévy, Seymour Papert, relacionando-os com a literatura atual e com os achados deste estudo, fez-se uma seleção detalhada sobre: Prática de Escrita Colaborativa, Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), Ensino a Distância (EaD), produção autônoma do conhecimento.

Obtivemos indícios de que quando as pessoas têm acesso às TDICs, o processo de ensino e aprendizagem torna-se mais dinâmico e facilitado na modalidade de ensino EAD. O ensino a distância é acessível a qualquer pessoa que faz uso da internet e tem sido desenvolvido nas mais diferentes fases educacionais, sejam elas de nível fundamental, médio, graduação, pós-graduação ou profissionalizantes.

Dentre as práticas educacionais possibilitadas pelo ensino a distância, as práticas de escrita colaborativa em rede possibilitam a construção do conhecimento, embora ainda sejam pouco praticadas pelos professores (as) e alunos (as) dos cursos técnicos profissionalizantes do Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado-MG, conforme foi observado nos resultados deste trabalho.

As práticas de escrita colaborativa (PECs) apontam uma aproximação da estratégia de escrita colaborativa reativa, onde não existe um planejamento prévio significativo ou uma coordenação explícita, permitindo a intervenção dos docentes em momentos que consideram pertinentes. Estas práticas podem possibilitar o exercício da autonomia na tomada de decisão dos discentes e construção conjunta do conhecimento, praticadas em poucas disciplinas devido a diversos fatores, tais como: falta de tempo adequado para melhor se trabalhar estas atividades de colaboração, e também, em alguns casos, conhecimentos incipientes sobre a utilização correta e mediadora das tecnologias digitais na educação por ambas as partes, tanto dos alunos(as) quanto dos professores(as).

Demonstram-se a partir das PECs, indícios da possibilidade de construção do conhecimento com mais criticidade e reflexão por parte dos alunos (os), por serem instrumentos de colaboração, se tornando eficazes com o apoio indispensável dos professores(as), atuando como mediadores dessa construção conjunta de conhecimento.

Foi colocado em debate nas aulas presenciais pelos educandos (as), a ideia e a proposta de inclusão na matriz curricular do curso de Segurança do Trabalho, a criação de uma disciplina

introdutória sobre as tecnologias digitais, o que poderia reduzir um pouco as dificuldades enfrentadas pelos (as) alunos(as) no uso da plataforma *Moodle* e das ferramentas tecnológicas mediadoras de aprendizagem nas práticas pedagógicas dos (as) professores(as) dos cursos técnicos profissionalizantes.

Sugeriu-se também, a proposta de uma capacitação continuada com os docentes do Instituto Federal do Sul de Minas, referente ao uso das ferramentas tecnológicas nos processos educacionais, pois sofrem alterações e são atualizadas de forma constante, exigindo uma reciclagem por parte dos (as) professores(as) para facilitar o planejamento das disciplinas e o auxílio aos alunos(as) tanto no ambiente *Moodle*, quanto na execução das aulas presenciais nos Polos de apoio para a realização das aulas práticas dos cursos técnicos.

A troca do ambiente AVA também foi colocado em discussão, porém, devido aos conhecimentos incipientes referentes às TDICs, tanto dos professores (as) quanto dos alunos (as), o assunto perdeu intensidade nos debates, onde a maioria dos docentes fizeram a sugestão desta proposta de formação continuada sobre a introdução das TDICs nos processos educacionais.

Os próprios educandos (as) possuem autonomia nas tomadas de decisões sobre os conteúdos das suas postagens na plataforma do curso, seja no *Wiki, Word Online* ou o *Google Drive*, juntamente com seus colegas, e através das práticas de escrita colaborativa, fomentam a construção de textos em conjunto, se tornando protagonistas das suas práticas cognoscitivas e produtores de conhecimento. As ideias descritas acima, precisam de pesquisa científica, argumentação, serem originais, coesas, coerentes e interligadas às ideias dos colegas.

Evidenciamos que as práticas de escrita colaborativa em rede podem ser construtoras de conhecimento pelos educandos (as), mediados pelos educadores (as) que se interessam por estas atividades, que procuram colocar estas práticas colaborativas nas suas atividades pedagógicas, nos seus planejamentos das disciplinas, desenvolvidas nas aulas presenciais em seus polos de apoio ou nos ambientes virtuais de aprendizagem (neste caso, no ambiente *MOODLE*) para que se dê legitimidade a esta busca por um conhecimento construído em conjunto entre professores(as) e alunos(as), tornando estas atividades muito importantes para melhorar a qualidade da aprendizagem dos cursos técnicos profissionalizantes oferecidos pela Instituição de ensino pesquisada.

Espero que este trabalho traga contribuições para a ciência e para o avanço do Ensino a Distância (EaD) nas suas práticas educacionais, aqui voltados para o ensino técnico profissionalizante e que as percepções das práticas de escrita colaborativa em rede, como elemento de possíveis transformações na construção do conhecimento, sejam mais utilizadas

nestes cursos técnicos trazendo contribuições profícuas à educação na modalidade de educação a distância como um todo, com uma possibilidade de prática complementar aos processos pedagógicos dos professores(as) nos dias atuais, em ambas as modalidades de ensino, presencial e a distância.

As tecnologias estão cada dia mais presentes em todos os segmentos da nossa sociedade, e os resultados desta pesquisa, indicam que não podemos olhar para estes processos e práticas neste mundo globalizado, sem nos atentarmos a importância de complementar os processos educacionais com a utilização das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs), para acompanharmos a evolução do nosso tempo.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (ABED). **Censo EaD Brasil 2012**. Disponível em: < http://www.abed.org.br/censoead/censo >. Acesso em: 10 jan. 2018.

ABEGG, I. **Produção colaborativa e diálogo-problematizador mediados pelas tecnologias da informação e comunicação livres**. 2009. 183 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação). Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009.

ABEGG, I.; BASTOS, F. P.; MÜLLER, F. M. Ensino-aprendizagem colaborativo mediado pelo Wiki do Moodle. **Educar em Revista**, v. 38, p. 205-218, 2010.

ABRUCIO, F. L. **Formação de professores no Brasil: diagnóstico, agenda de políticas e estratégias para a mudança.** São Paulo: Moderna, 2016.

ALBERTI, T. F. **Das possibilidades da formação profissional a distância: um estudo na perspectiva da teoria da atividade.** Projeto de (Doutorado) – Universidade federal do Rio Grande do Sul. PPGEDU/UFRGS, 2009.

ALMEIDA, A. G.; SILVA, J. C.; SILVA, K. R. **Tecnologia digital interativa na EJA: uma proposta libertária e colaborativa articulada em rede**. 2015. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

ALMEIDA, F. J. **Permanência e abandono em cursos técnicos EaD no IFRS: enfrentamento do baixo índice de estudantes concluintes**. 2017. 170f. Dissertação (Mestrado em Gestão Educacional) - Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Repositório Digital da Biblioteca da UNISINOS, UNISINOS, Porto Alegre, 2017.

ALVES, J. R. A história da EaD no Brasil. In: LITTO, F.; FORMIGA, M. **Educação à distância**. O estado da arte. São Paulo: BRASIL. Presidência da República. Editora Pearson Education, 2009.

ANDRÉ, M. E. D. **A. Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional. v. 13**. Brasília: Liberlivro, 2005.

ANDRÉ, S.; COSTA, A. C. G. **Educação para o desenvolvimento humano.** São Paulo: Saraiva, 2004.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2009.

ARENHARDT, D. L. et al. Acessibilidade digital: uma análise em portais de instituições federais de educação do Brasil. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas,** Santa Catarina, v. 25, n. 33, p. 1-28, 2017.

ARRUDA, E. P; ARRUDA, D. E. P. Educação a distância no Brasil: políticas públicas e democratização do acesso ao ensino superior. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n. 3, p. 321-338, 2015.

AXT, M. et al. Interação dialógica: uma proposta teórico-metodológica em ambientes virtuais de aprendizagem**. Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 4, n. 1, p. 1-10, 2006.

BAIA, R. S. M. et al. Moodle no processo educacional de enfermagem: avaliação na perspectiva do alunado. **Enfermagem em Foco**, v. 8, n. 2, p. 31-35, 2017.

BARBER, W.; TAYLOR, S.; BUCHANAN, S. Empowering knowledge-building pedagogy in online environments: creating digital moments to transform practice. **Electronic Journal of e-Learning**, v. 12, n. 2, p. 128-137, 2014.

BARBOSA, S. D. J; SILVA, B.S. Interação Humano-computador. Rio de Janeiro: **Elsevier**, 2013.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. **2.ed. ver. ampl. São Paulo: Edições 70**, 2011.

BARION, E. C. N.; MARQUES, M. A. R. B. Docência e tutoria: diálogos e tensões. **Revista Teoria e Prática da Educação**, v. 16, n. 1, p. 47-55, 2013.

BARRETO, V. P. F.; ARAÚJO, L. F. Democratização do Ensino Superior por meio de novas tecnologias da educação a distância: uma revisão integrativa. **Revista Aprendizagem em EAD**, Taguatinga, v. 3, n. 1, p. 1-12, 2014.

BAYTIYEH, H. Work in progress - open source usability evaluation: The case of moodle. **Proceedings - Frontiers in Education Conference**, p. 12 - 15, 2011, Rapid City, SD.

BONDIOLI, A. C. V.; CARVALHO, R. O Ensino a distância como ferramenta de inclusão social: desafios sociais e tecnológicos. In: **Anais do II Seminário Internacional de Integração Étnico-Racial e as Metas do Milênio**, v. 2, n. 1, p. 91-95, 2015.

BONOMA, T. V. Case Research in Marketing: Opportunities, Problems, and Process. **Journal of Marketing Research**, v. 22, n. 2, p. 199-208, 1985.

BORTOLOZO, C. R. F. **Práticas de escrita colaborativa em ambiente digital: proposta de educação colaborativa**. 2016. 96f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2016.

BONILLA, M. H. S. **Escola aprendente: para além da sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

BRANDÃO, C. R; STRECK, D. R. (Org). **Pesquisa Participante: a partilha do saber**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

BRASIL. **Resolução CNS 466/ 2012**. 2012. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf. Acesso em março de 2018.

BRASIL. Decreto 6.303 de 12 de dezembro de 2007**.** Altera dispositivos dos Decretos nos 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 5.773, de 9 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regula-ção, supervisão e avaliação de instituições de educa-ção superior e cursos superiores de graduação e se-quenciais no sistema federal de ensino. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 13 dez. 2007.

BRITTO, L. C.et al. Motivos da escolha da educação a distância: o aluno como consumidor. **Revista de Administração IMED**, Passo Fundo, v. 6, n. 2, p. 206-220, 2016.

CANHOTO, A. I. et al. The co-production of value in digital, university–industry R&D collaborative projects. **Industrial Marketing Management**, v. 56, p. 86-96, 2016.

CARVALHO, L. A. Tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC's) e a sala de aula. **Perspectivas Online: Humanas e Sociais aplicadas**, Campos dos Goytacazes, v. 6, n. 17, p. 22-30, 2016.

CARDOSO, F. **Gestores de e-learning: saiba planejar, monitorar e implantar o e-learning para treinamento corporativo.** São Paulo: Saraiva, 2009.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. 17ª ed. São Paulo: **Paz e Terra. 2016. 632p**.

CEBRIÁN, J. L. **A rede: como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação.** São Paulo: Summus, 1998.

CHAGAS, D. A., LISBOA, R. P.; FURTADO, E. S. Framework MAAVA: metodologia de avaliação de ambientes virtuais de aprendizagem**. In: Anais XXII SBIE - XVII WIE**, 2011, Aracaju, 2011. p. 856-859. Disponível em: <http://www.brie.org/pub/index.php/sbie/article/view/1846/1608>. Acesso: mar. 2018.

CHAQUIME, L. P; MILL, D. A docência virtual e saberes docentes: um estudo da tutoria na REDE E-TEC Brasil. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 24, n. 44, p. 97-107, 2015.

CHAVES, E. **Ensino à distância: conceitos básicos [on-line].** Campinas, 1999. Disponível na Internet: <http://www.edutecnet.com.br>. Acesso: 11 maio 2018.

CLARK, M. D.; HERGENRADER, T.; REIN, J. **Creative writing in the digital age: Theory, practice, and pedagogy**. Local: Rochester Institute of Technology, USA ,Bloomsbury, 2015.

CHELLIAH, J.; CLARKE, E. Collaborative teaching and learning: overcoming the digital divide? **On The Horizon**, Austrália, v. 19.n. 4, p. 276-285, 2011.

COIMBRA, M. N. C. T.; MARTINS, A. M. O. O estudo de caso como abordagem metodológica no ensino superior. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 24, n. 3, p. 31-46, 2013.

COLE, J.; FOSTER H. **Using moodle: teaching with the popular open source course management system**. 2. ed. Local: O'Reilly Community Press - USA, 2007.

COVALSKY, C. M.; MOTA, J. C. Limites e possibilidades de estudantes na Educação a Distância. **Revista da UNIFEBE**, Brusque, v. 1, n. 18, p. 75-87, 2016.

COSTA, R. As comunidades virtuais. **Informática na Educação: Teoria & Prática**, v. 8, n. 2, p. 61-80, 2005.

DANIELS, J.; THISTLETHWAITE, P. **Being a scholar in the digital era: Transforming scholarly practice for the public good.** Chicago: Policy Press, 2016. 176p.

DEMO, P. **Educação e qualidade**. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

DOHMEN, G. **Das Fernstudium, Ein neues pädagogisches Forschungs - und Arbeitsfeld**., Tübingen: DIFF, 1967.

DOMINGO, R. P. (org). Fomento para TICs na Educação. **Revista do NEAD,** São Luís, v. 1, p. 13-16, 2010.

DUDZIAK, E. A. **A Information Literacy e o papel educacional das bibliotecas.** São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2011.

FALKEMBACH, E. M. F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. **Contexto e Educação**, Ijuí, v. 7, p. 19-24, 1987.

FARACO, C. A. **A produção textual de um estudante ao final do ensino médio.** Encontro de Supervisores de Avaliação de Redações. Brasília: DAEB/INEP, 2014.

FERREIRA, R. B. A. S.; SILVA, I. M. M. "Didática" no contexto da educação a distância: quais os desafios? **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, São Paulo, v. 8, p. 1-14, 2014.

FISS, D. M. L.; AQUINO, I. S. Tecnologias de informação e comunicação (TIC), autoria colaborativa e produção de conhecimento no ensino superior. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 21, n. 2, p. 199-226, 2013.

FREIRE, M. P. F.; AMANTE, L. Os bastidores da escrita a distância em coautoria: percepção de estudantes de pós-graduação da Universidade Aberta de Portugal. **Educação, Formação & Tecnologias,** v. 9, n. 2, p. 21-66, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, A. Z. S. et al. O ensino emancipador com o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, v. n. 5, p. 70-83, 2017.

FREITAS, R. A; MAURO, R. A; CINTRÃO, J. F. A contribuição da Educação a Distância para o desenvolvimento profissional. **Revista Brasileira Multidisciplinar**, v. 20, n. 1, 2017.

GARCIA, V. L.; JUNIOR, P. M. C. Educação à distância (EAD), conceitos e reflexões. In: **Simpósio: Tópicos avançados para a formação e o desenvolvimento docente para professores dos cursos da área da saúde**. Capítulo I. Medicina, Ribeirão Preto, v. 48, n. 3, p. 209-213, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. [s.l] Atlas, 2008.

GIROUX, Henry. **Pedagogia radical: subsídios**. Cortez: Autores Associados, São Paulo, 1983.

HASHEMI, S. S.; CEDERLUND, K. Making room for the transformation of literacy instruction in the digital classroom. **Journal of Early Childhood Literacy,** v. 17, n. 2, 2016.

HARASIM, L. **Redes de aprendizagem: um guia para o ensino e aprendizagem on-line.** São Paulo: SENAC, 2005.

HOLMBERG, B. **Educación a distância: situación y perspectivas**. Local: Buenos Aires, Kapeluz, 1977.

HUBBARD, P. An invitation to CALL - Unit 2: Courseware evaluation, development, and implementation. **Foundations of Computer - Assisted Language Learning. Linguistics Department, Stanford University**, 2008. Disponível em: http://www.stanford.edu/~efs/callcourse/CALL2.htm. Acesso em 23 Maio 2018.

KEEGAN, D. **The foundations of the distance education**. London: Croom Helm, 1991.

LAUDARES, J. B. Educação tecnológica: os impactos nos projetos pedagógicos dos cursos técnicos dos CEFETs Minas Gerais e Paraná pelos decretos 2.208/97 e 5.154/04. In: LAUDARES, J. B.; ARANHA, A. V. S.; CUNHA, D. M. (Org.). **Diálogos sobre o trabalho, v. 1. Campinas: Papirus, 2005, vol.3, p. 57- 90.**

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Local: Belo Horizonte, UFMG, 1999.

LEITE, M. T. M. Relato de experiência: oficinas Moodle para docentes da UNIFESP. In: **Anais do 13º Congresso Internacional de Educação à Distância**. Curitiba. 2007.

LEMERT, C.; BRANAMAN, A. (ed.). **The Goffman reader**. Australia: Blackwell, 1997.

LÈVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34. 1999, 264 p.

LÈVY, P. **Cibercultura**. 3. ed. Tradução de Carlos Irineu da Costa São Paulo: Editora 34, 2010.

LOPES, A. M. **As contribuições teóricas de Paulo Freire para os estudos em Educação a Distância: um estudo de caso da Rede e-Tec Brasil do CEFET-MG**. 2014. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

LOWRY, P.; CURTIS, A.; LOWRY, M. Building a taxonomyand nomenclature of collaborative writing to improve interdisciplinar research and practice. **Journal of Business Communication**, v. 41, n. 1, p. 66 -99, 2004.

LUND, A.; SMORDAL, O. Is there a space for the teacher in a WIKI? International Symposium on Wikis. **Proceedings of the 2006 international symposium on Wikis**. Odense, Denmark, p. 37-46, 2006.

MACHADO, L. C. Ser Professor Formador de Professores a Distância: perspectivas constitutivas. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 17, n. 51, p. 251-270, 2017.

MATTA, A. E. R. Comunidades em rede de computadores: abordagem para a Educação a Distância - EAD acessível a todos **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**. São Paulo, v. 2, p. 1-9, 2003.

MARCHIORI, P. Z.; GREEF, A. C. Atividade de escrita colaborativa: percepção de alunos, princípio cooperativo de Grice e social loafing. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 467-482, 2013.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes e atividades linguísticas no contexto da tecnologia digital. **In: GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO**. Universidade de São Paulo, São Paulo: 2002.

MARQUES, E. G. **Leitura-escrita colaborativa mediada por tecnologias educacionais em rede no ensino médio politécnico**. Dissertação. 105f. Mestrado em Educação, Universidade Federal de Santa Maria. Local: Santa Maria, 2015.

MARTINAZZO, C. J. Ambientes virtuais: enfatizando a autonomia e a aprendizagem. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 12, n. 1, p. 455-469, 2014.

MARTINS, R. X. Por que eles desistem? Estudo sobre a evasão em cursos de licenciatura a distância. **X Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância**, UNIREDE. Local: Belém, 2013. Disponível em: <https://agenda.galoa.com.br/evento/x-congresso-brasileiro-ensino-superior-distancia-esud>. Acesso: 12 maio 2018.

MARTINS, J. L; SILVA, B. Narrativas da dependência nas redes de aprendizagem online: como os professores usam as redes de aprendizagem para promover a autonomia. **HOLOS, v. 1, p. 16-30, 2016.**

MASETTO, M.T. (Org.) **Docência na Universidade**. Campinas: Papirus, 1998.

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

Brasil, Ministério da Educação. **Decreto Lei Nº 5.622, 2005**. Regulamenta o art. 80 da Lei No 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (Educação a Distância). Brasília, 2005.

MILL, D. (Org.). **Estudos sobre educação: desafios e possibilidades para ensinar e aprender com as tecnologias emergentes**. São Paulo: Paulus, 2013.

MILL, D. Flexibilidade educacional na cibercultura: analisando espaços, tempos e currículo em produções científicas da área educacional. **La Revista Iberoamericana de la Educación Digital,** v. 17, n. 2, p. 97-126, 2014.

MILL, D. Gestão Estratégica de Sistemas de Educação a Distância no Brasil e em Portugal: a propósito da flexibilidade educacional. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 36, n. 131, p. 407-426, 2015.

MILLS, K. A; EXLEY, B. Time, space, and text in the elementary school digital writing classroom. **Written Communication**, v. 31, n. 4, p. 434-469, 2014.

MOORE, M. **Distance education: a systems view**. Belmont (USA): Wadsworth Publishing Company, 1973. 290 p.

MORIM, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORAES, R. C. **Educação a distância e ensino superior:** introdução a didática a um tema polêmico. São Paulo: Editora SENAC, 2010.

MOSER, A. **Tendências pedagógicas no mundo contemporâneo.** Curitiba: Facinter, 2003.

MOORE, M. G; KEARSLEY, G. **Educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MUNHOZ, A. T. Nem tudo é plágio, nem todo plágio é igual: infrações éticas na comunicação científica. **Argumentum**, v. 1, n. 3, p. 50-55, 2011.

OLIVEIRA, M. R. **O uso de tecnologias digitais na construção da aprendizagem e autonomia de egressos da REDE ETEC Brasil: uma experiência no polo de Porteirinha-MG.** Mestrado em Educação. Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

OLIVEIRA, M. R. Uso de tecnologias digitais, autonomia na aprendizagem e educação profissional a distância: uma possibilidade para a inclusão digital. In: **Simpósio Internacional de Educação a Distância (SIED). Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância (EnPED)**. 2016. Disponível em: <http://www.siedenped2016.ead.ufscar.br/ojs/index.php/2016/article/view/1566>. Acesso: mar. 2018.

OLIVEIRA, S. A.; PASSOS, C. L. B. O trabalho colaborativo e o desenvolvimento profissional de um grupo de professores dos anos iniciais: olhar para resolução de problemas. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 24, n. Especial, p. 192-207, 2017.

OSKOZ, A.; ELOLA, I. Digital stories: Bringing multimodal texts to the Spanish writing classroom. **Multimodal Environments in CALL,** v. 28, n. 3, p. 326-342, 2016.

PALAGANA, I. C. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotski: a relevância social**. São Paulo: Summus editorial, 2015.

PADILHA, M. Tipos de indicadores: um olhar reflexivo. **In: Os desafios das TIC para as mudanças na educação.** CARNEIRO, R.; TOSCANO, J. C.; DIAZ, T. (coords.). Madrid/São Paulo: OEI, Fundação Santillana, 2010. (Coleção Metas Educativas 2021).

PAPERT, S. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. São Paulo: Artmed. 2008.

PAIVA, V. L. M. O. O papel da educação a distância na política de ensino de línguas**. In: MENDES et ali (Org.) Revisitações: edição comemorativa: 30 anos da Faculdade de Letras/UFMG**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p.41-57.

PEIXOTO, J.; CARVALHO, R. M. A. A autonomia do aluno no ensino superior a distância. **Revista Digital da CVA-RICESU**, Goiás, v. 7, n. 26, p. 1-9, 2011.

PRETI, O. Autonomia do aprendiz na educação a distância. In: (Org.). **Educação a distância: construindo significados**. Brasília: Plano, 2000.

PETERS, O. **A estrutura didática da educação a distância**. São Paulo,1973.

PETERS, O. **A educação a distância em transição**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

PONTE, J. P. **Estudos de caso em educação matemática**. Bolema, v. 25, p. 105-132, 2006.

PORTES, S. A. **As tecnologias digitais da informação e comunicação na prática docente: contribuições para o processo de ensino e aprendizagem**. 2016. 139f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Bauru-SP, 2016.

QUINTON, S. R.; ALLEN, M. M. **The Social Processes of Web 2.0 Collaboration: Towards a New Model for Virtual Learning**. New York: Springer, 2013. pp 35-53.

RABELLO, C. R. L.; OKADA, A. Coaprendizagem e desenvolvimento profissional docente em ambientes abertos massivos. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 2095-2118, 2014.

RODRIGUES, M. **Universidade Aberta do Brasil**. 2010. Disponível em: <http://www.vestibular. brasilescola. com/ensino-distância/universidade-aberta-brasil. htm>. Acesso em: 10 maio 2018.

SABOIA, J. et al. Habilidades para Letramento Digital: Um Estudo Comparativo Entre Alunos de Curso Oferecido nas Modalidades à Distância e Presencial. **3º Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2014). 20ª Workshop de Informática na Escola (WIE 2014)**. Disponível em: <http://br-ie.org/pub/index.php/wie/article/view/3102/2610>. Acesso: mar. 2018.

SANTOS, R. M. R. **O processo de colaboração na educação online: interação mediada pelas tecnologias de informação e comunicação**. 2008. 174f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande-MS, 2008.

SANTOS, S. S; SCHNEIDER, N. S. Saberes e competências para a tutoria a distância reflexiva e formativa: perspectivas teóricas e estratégias para a formação de educadores na modalidade EaD. In: **Anais do 3º Congresso Brasileiro de Informática na Educação. Local: Fortaleza, 2014. p. 477-481.**

SCHÄFER, P. B.; LACERDA, R.; FAGUNDES, L. C. Escrita colaborativa na cultura digital: ferramentas e possibilidades de construção do conhecimento em rede. **Revista Novas Tecnologias na Educação,** v. 7, n. 1, p. 1-8, 2009.

SEIXAS, L. J; VICARI, R. M. Avaliação de ambientes e ferramentas de escrita colaborativa em rede. **Informática na Educação: Teoria e Prática**, Porto Alegre, v. 5. n. 2, 2002.

SERAFINI, Alessandra Menezes dos Santos. **A idealização e a Realidade. A autonomia do aluno em Educação a Distância**. Dissertação (Mestrado em Educação) PPGE, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. H; FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas rev. eletronica., v.17, n. 1, 2015.**

SILVA, M. Sala de aula interativa: **A educação presencial e a distância em sintonia com a era digital e com a cidadania.** São Paulo, SENAC, 2006.

SUNKEL, G. Las nuevas tecnologías de la comunicación y la información (TIC) en la educación. Desafíos para las políticas públicas en América Latina. División de Desarrollo Social, **CEPAL**, 2015. Disponível em: http://www.oei.es/tic/santillana/ sunkel.pdf. Acesso em: maio 2018.

SWALES, J. M. **Genre analysis**. Cambridge: University Press, 1990.

TAPSCOTT, D.; WILLIANS A. D. Wikinomics: **Como a colaboração em massa pode mudar o seu negócio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

VARELLA, P. G. et. al. Aprendizagem colaborativa em ambientes virtuais de aprendizagem: a experiência inédita da PUC-PR. **Revista Diálogo Educacional**, v. 3, n. 6, p. 11-27, 2002.

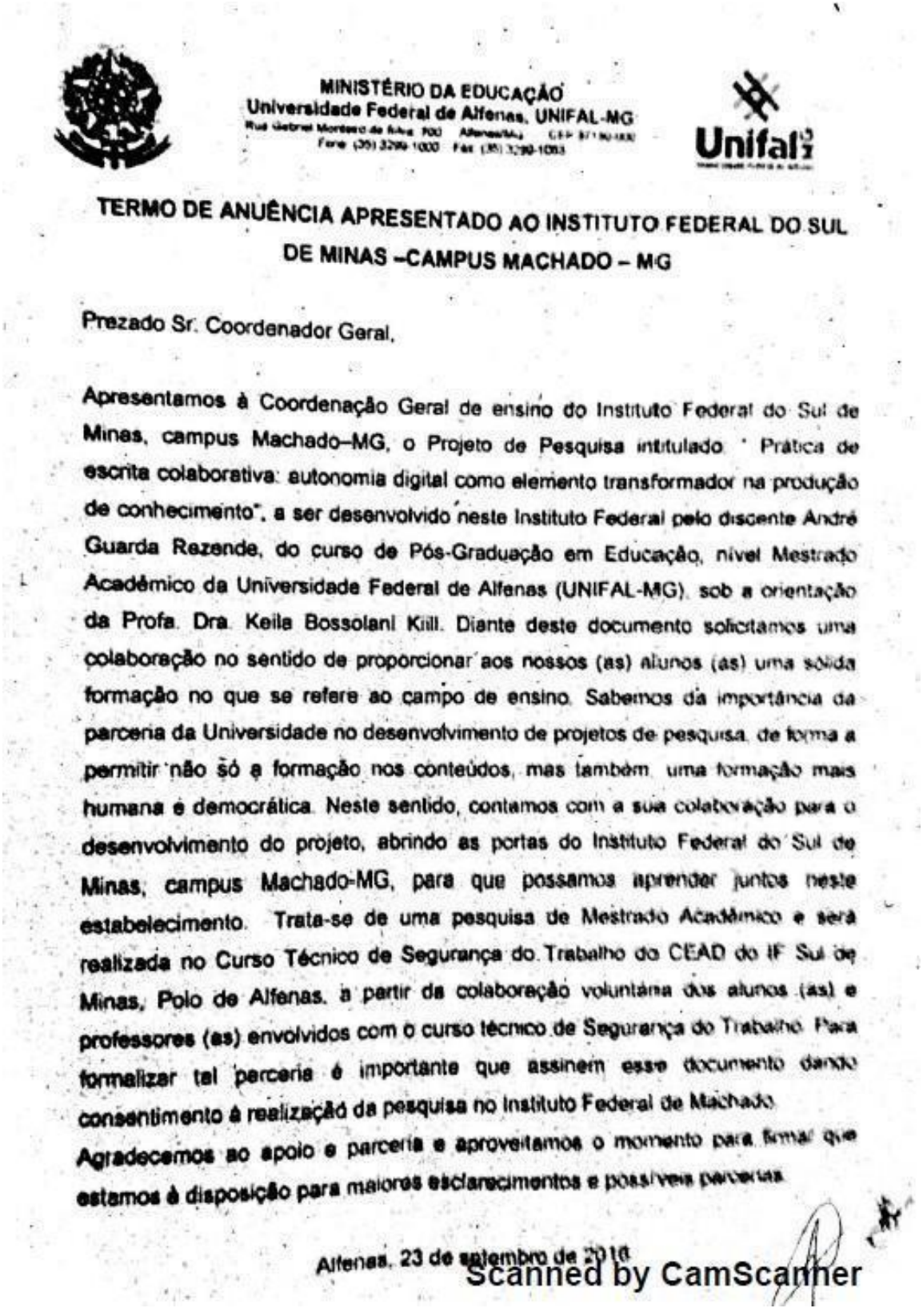
VASCONCELOS, M. L. M. C. **A formação do professor do ensino superior.** 2 Ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

WEINBERGER, D. **Anova desordem digital**. Campus Universidade Estadual do Rio de Janeiro. 1. ed. Local: Rio de Janeiro, 2007.

WEIDLE, D.; KICH, J. I. F.; PEREIRA, M. F. Projeto UAB: Uma análise estrutural dos pólos de apoio presencial do curso de Administração da UFSC**. Revista GUAL,** Florianópolis, edição especial, p. 94-114, 2011.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2 ed. Local: Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 Alfenas/MG CEP 37130-000
Fone (35) 3299-1000 Fax (35) 3299-1063

Unifal-MG

TERMO DE ANUÊNCIA APRESENTADO AO INSTITUTO FEDERAL DO SUL DE MINAS –CAMPUS MACHADO – MG

Prezado Sr. Coordenador Geral,

Apresentamos à Coordenação Geral de ensino do Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado–MG, o Projeto de Pesquisa intitulado " Prática de escrita colaborativa: autonomia digital como elemento transformador na produção de conhecimento", a ser desenvolvido neste Instituto Federal pelo discente André Guarda Rezende, do curso de Pós-Graduação em Educação, nível Mestrado Acadêmico da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), sob a orientação da Profa. Dra. Keila Bossolani Kill. Diante deste documento solicitamos uma colaboração no sentido de proporcionar aos nossos (as) alunos (as) uma sólida formação no que se refere ao campo de ensino. Sabemos da importância da parceria da Universidade no desenvolvimento de projetos de pesquisa, de forma a permitir não só a formação nos conteúdos, mas também uma formação mais humana e democrática. Neste sentido, contamos com a sua colaboração para o desenvolvimento do projeto, abrindo as portas do Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado-MG, para que possamos aprender juntos neste estabelecimento. Trata-se de uma pesquisa de Mestrado Acadêmico e será realizada no Curso Técnico de Segurança do Trabalho do CEAD do IF Sul de Minas, Polo de Alfenas, a partir da colaboração voluntária dos alunos (as) e professores (as) envolvidos com o curso técnico de Segurança do Trabalho. Para formalizar tal parceria é importante que assinem esse documento dando consentimento à realização da pesquisa no Instituto Federal de Machado.

Agradecemos ao apoio e parceria e aproveitamos o momento para firmar que estamos à disposição para maiores esclarecimentos e possíveis parcerias.

Alfenas, 23 de setembro de 2016

Scanned by CamScanner

APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa **(PRÁTICA DE ESCRITA COLABORATIVA EM REDE: AUTONOMIA DIGITAL COMO ELEMENTO TRANSFORMADOR NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO),** no caso de você concordar em participar, favor assinar ao final do documento.

Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador (a) ou com a instituição.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço do pesquisador (a) principal, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

TÍTULO DA PESQUISA: PRÁTICA DE ESCRITA COLABORATIVA: AUTONOMIA DIGITAL COMO ELEMENTO TRANSFORMADOR NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL: ANDRÉ GUARDA REZENDE

ENDEREÇO: Rua 13 de maio, 1310 – Centro – Alfenas-MG

TELEFONE: (35) 98896-1472

PESQUISADORES PARTICIPANTES: Prof(a). Dra. Keila Bossolani Kiill

OBJETIVOS: Compreender de que modo às práticas de escrita colaborativa podem contribuir para o desenvolvimento da autonomia digital dos/as estudantes do curso Técnico de Segurança do Trabalho, modalidade a distância, do Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado.

JUSTIFICATIVA: A produção de textos *online* tem, muitas vezes, a pretensão de vincular o texto construído ao ambiente virtual, ou aceitar pequenas intervenções do leitor. Assim, acreditamos que, ao vincular um texto no ambiente virtual, diferentes leitores podem atualizar e intervir na escrita à medida que atualiza tais questões.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: A pesquisa será realizada com alunos e professores do curso Técnico de Segurança do Trabalho do Instituto Federal do Sul de Minas, campus de Machado, modalidade a distância, no Polo Caic em Alfenas-MG. Serão inseridos pelos professores(as) do Instituto, atividades para a prática de escrita colaborativa de textos em suas disciplinas e aplicados questionários para análise dos dados aos alunos(as) do curso de Segurança do Trabalho. Os dados serão analisados e seus resultados estarão disponíveis para a apreciação do corpo docente do Instituto e descrito na dissertação de mestrado.

RISCOS E DESCONFORTOS: Os riscos desta pesquisa são mínimos, podendo resultar apenas na não aceitação, por parte dos professores(as) e alunos(as), em participar da pesquisa

ou responder ao que se pede neste termo de consentimento livre e esclarecido. Todos os dados coletados serão mantidos no mais absoluto sigilo.

BENEFÍCIOS: A presente pesquisa busca contribuir qualitativamente para os processos pedagógicos dos cursos técnicos federais e particulares, aplicados na modalidade de ensino a distância, buscando contribuir para a melhoria da qualidade de ensino e aprendizagem.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: Não haverá nenhum gasto com sua participação. As consultas, exames, tratamentos serão totalmente gratuitos, não recebendo nenhuma cobrança com o que será realizado. Você também não receberá nenhum pagamento com a sua participação.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Será garantida total confidencialidade e sigilo assegurando a privacidade dos sujeitos pesquisados, quanto aos dados confidenciais fornecidos nesta pesquisa, com a garantia de que não serão divulgados.

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____

Eu, , declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado(a) pelo **pesquisador(a)** dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa, concordando ainda em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/assistência/tratamento. Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento. Poderei consultar o pesquisador responsável (acima identificado) ou o CEP- UNIFAL-MG, com endereço na Universidade Federal de Alfenas, Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700, Centro, Cep - 37130-000, Fone: (35) 3299-1318, no e-mail: comite.etica@unifal-mg.edu.br , sempre que entender necessário obter informações ou esclarecimentos sobre o projeto de pesquisa e minha participação no mesmo. Os resultados obtidos durante este estudo serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados.

LOCAL E DATA:

_____ _____

(Nome por extenso) (Assinatura)

NOME E ASSINATURA DO SUJEITO OU RESPONSÁVEL

APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

TÍTULO DA PESQUISA: PRÁTICA DE ESCRITA COLABORATIVA EM REDE: AUTONOMIA DIGITAL COMO ELEMENTO TRANSFORMADOR NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: ANDRÉ GUARDA REZENDE

ENDEREÇO: Rua 13 de maio, 1310 – Centro – Alfenas-MG

TELEFONE: (35) 98896-1472

PESQUISADORES PARTICIPANTES: Prof(a). Dra. Keila Bossolani Kiill

PATROCINADOR:(se houver) - não

OBJETIVOS: Compreender de que modo às práticas de escrita colaborativa podem contribuir para o desenvolvimento da autonomia digital dos/as estudantes do curso Técnico de Segurança do Trabalho, modalidade a distância, do Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado.

JUSTIFICATIVA: A produção de textos *online* tem, muitas vezes, a pretensão de vincular o texto construído ao ambiente virtual, ou aceitar pequenas intervenções do leitor. Assim, acreditamos que, ao vincular um texto no ambiente virtual, diferentes leitores podem atualizar e intervir na escrita à medida que atualiza tais questões.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: A pesquisa será realizada com alunos e professores do curso Técnico de Segurança do Trabalho do Instituto Federal do Sul de Minas, campus de Machado, modalidade a distância, no Polo Caic em Alfenas-MG. Serão inseridos pelos professores(as) do Instituto, atividades para a prática de escrita colaborativa de textos em suas disciplinas e aplicados questionários para análise dos dados aos alunos(as) do curso de Segurança do Trabalho. Os dados serão analisados e seus resultados estarão disponíveis para a apreciação do corpo docente do Instituto e descrito na dissertação de mestrado.

RISCOS E DESCONFORTOS: Os riscos desta pesquisa são mínimos, podendo resultar apenas na não aceitação, por parte dos professores(as) e alunos(as), em participar da pesquisa ou responder ao que se pede neste termo de consentimento livre e esclarecido. Todos os dados coletados serão mantidos no mais absoluto sigilo.

BENEFÍCIOS: A presente pesquisa busca contribuir qualitativamente para os processos pedagógicos dos cursos técnicos federais e particulares, aplicados na modalidade de ensino a distância, buscando contribuir para a melhoria da qualidade de ensino e aprendizagem.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: Não haverá nenhum gasto com sua participação. As consultas, exames, tratamentos serão totalmente gratuitos, não recebendo

nenhuma cobrança com o que será realizado. Você também não receberá nenhum pagamento com a sua participação.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Será garantida total confidencialidade e sigilo assegurando a privacidade dos sujeitos pesquisados, quanto aos dados confidenciais fornecidos nesta pesquisa, com a garantia de que não serão divulgados.

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____

B) CONSENTIMENTO (do sujeito de pesquisa ou do responsável legal – neste caso anexar documento que comprove parentesco/tutela/curatela)

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação (direta ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo. Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo, permitindo que os pesquisadores relacionados neste documento obtenham fotografia, filmagem ou gravação de voz de minha pessoa para fins de pesquisa científica/ educacional.
Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, não devo ser identificado por nome ou qualquer outra forma. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do pesquisador (a) pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Nome completo:_____

RG:_____ Data de Nascimento:___/___/_____
Telefone:_____
Endereço:_____
CEP:_____Cidade:_____Estado:_____

Assinatura:
_____ Data: ___/___/_____

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador: _____ Data: _____

Nome completo: _____

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações do sujeito pesquisado: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alfenas (CEP UNIFAL-MG)**.** REITORIA: Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. CEP: 37130-001, Alfenas-MG.

APÊNDICE D – ENTREVISTAS COM PROFESSORES

Entrevista 1:

Pesquisador: Bom, então a gente pensou o seguinte: Pensando neste contexto de ambiente virtual um pouco engessado né, que se configura, é... e que se estas ferramentas que eu já disse, estas práticas de escrita colaborativa como algo que pudesse colaborar com a produção do conhecimento de uma forma mais autônoma por parte de seus usuários, o que você pensa sobre isso, o que você pensa em relação as práticas de escrita colaborativa de textos?

Professor(a) 1: As práticas colaborativas de textos, elas são inovadoras, tem muito pouco tempo de uso, apesar delas existirem a mais tempo, que são utilizadas mesmo, elas utilizaram aqui pra nós na educação a distância, a partir de 2007, então quer dizer, a população de Alfenas não sabia como elas eram utilizadas, então, nem a gente, a gente foi aprendendo junto com os alunos, certo? Então o que acontece: e assim, uma maneira inovadora, uma forma de educação inovadora, uma forma de participação em grupo inovadora, uma forma de adquirir conhecimento inovadora, então, tudo que se refere a estas práticas colaborativas, como elas são utilizadas nos dias de hoje, tudo é novo.

Pesquisador: entendi. Você poderia falar um pouco da sua experiência né, você está aqui desde a abertura?

Professor(a) 1: Estou aqui desde 2007 aqui, foi um projeto em termos de cooperação do Instituto Federal de Juiz de Fora com a Prefeitura de Alfenas, então, Juiz de Fora é pioneira em educação a distância em Minas Gerais, não vou falar no Brasil porque tem o IFPR que foi o pioneiro em Florianópolis, Santa Catarina, então, aqui no sul de Minas, ele é pioneiro. E ele começou aqui com 2 (dois) cursos, curso técnico de Enfermagem e curso técnico de Segurança do Trabalho, todos estes cursos plataforma AVA-Moodle e utilizando até as técnicas colaborativas né. Então usa o Wiki, o Fórum, questionário, tudo que podia usar, só que essa nomenclatura,esse, essas ferramentas elas eram desconhecidas pra gente né, e os meninos vão adaptando com o passar do tempo eles vão adaptando devagar, até hoje quando os meninos ingressam nos cursos técnicos, essas ferramentas é que causam dificuldade. Tá, eles não estão acostumados a mexer, eles não tem ainda aquela prática básica da computação, tá? E a gente trabalha, o nosso público, ele é um público carente, é um público que tá afastado a muito tempo

dos bancos da escola, é um público formado pela EJA, é um público mais velho que a tecnologia, um público mais novo, tá acostumado com a tecnologia, público mais velho tem mais dificuldade de adaptação, então ai o que que acontece: primeiro, eles estão a muito tempo fora da escola, e isso já dificulta bastante adquirir o conhecimento, porque até que eles vão acostumando de novo como ele é adquirido, eles vão ter que ter, eles vão ter que fazer isso todo dia. Tem de ser uma constante pra eles, porque eles vão ter de se adaptar a nova forma de estudar. E nem do tempo deles isto era, professor era presente, professor respondia pergunta pra ele na hora em que ele perguntava, ou senão ele nem perguntava de vergonha do professor, o que não acontece quando é virtual, que eles gostam, porque eles são atendidos individualmente, então não tem importância fazer uma pergunta, ele mesmo nem vai esticar a pergunta que ele fez, isso daí com o passar do tempo, ele já sabe que ele pode perguntar que ele vai obter a resposta sem ter crítica, tá?

Pesquisador: entendi.

Professor(a) 1: Então a gente fala, isso aqui por exemplo, isso aqui foi feito para quem não tem tempo, tá? Já que o , a educação a distância ela é feita pra quem tem pouco tempo, pra que não tem tempo de voltar para a escola todos os dias, então ele pode fazer a atividade dele no horário em que ele tem disponível.

Pesquisador: entendi.E você é professora no curso?

Professor(a) 1: É eu, eu já fui, agora sou coordenadora.

Pesquisador: Mais você foi professora no curso de Segurança do Trabalho?

Professor(a) 1: sim.

Pesquisador: E qual a sua experiência com o ambiente virtual?

Professor(a) 1: O ambiente virtual pra mim, eu também tive de fazer um curso em Lavras, pra eu fazer, pra montar a plataforma, que era uma ferramenta desconhecida para mim, tá? E ela tem toda uma, tem todo um método pra gente ingressar o conteúdo na plataforma, então, a gente fez um curso em Lavras, Federal de Lavras disponibilizou um curso pra nós de 3 (três) meses,

nós fizemos, praticamos todas as ferramentas e outra coisa: lançar em EAD o conteúdo, ele tem de ser um conteúdo resumido, um conteúdo claro, um conteúdo interessante, a gente tem que fazer com que o aluno se interesse por aquilo que eu tô falando, e não pode ser também, causar dúvidas, menos dúvida possível. Então ele é: conciso, claro e interessante, então você reunir estas características para você conseguir que seus alunos aprendam e não se afastam da plataforma, certo? As perguntas que eles fizerem, tem os forúns onde eles vão interagir entre eles, onde um fala, depois outro fala, sem a gente recriminar, sem a gente, mesmo porque a gente orienta, mais não discrimina. Mesmo que a ideia dele não seja uma ideia verdadeira, a gente pergunta: será que você não poderia pensar dessa maneira, será que se você pesquisar, olhar em tal lugar se isso é assim, leia em tal lugar se é assim, se você quer mudar a sua idéia, mais a gente não pode é desrespeitar a opinião mesmo que a opinião seja errônea, certo? Por que a gente precisa orienta e as tarefas, tudo que tem nos Institutos Federais eles disponibilizam o conteúdo virtual e o conteúdo impresso. A maioria dos nossos alunos tem a dificuldade de leitura virtual, pois eles gostam do conteúdo impresso eles imprimem com o dinheiro deles, porque eles ainda não se adaptaram a leitura virtual. Acham ela cansativa, não concentram, eles acham que não conseguem concentrar com a leitura virtual, mais o que que eles tem? Eles tem a impressa junto. Então se eles vão responder uma tarefa, mesmo que tenha o conteúdo virtual, eles põe a apostila de lado para responder. Entendeu?

Pesquisador: entendi.

Professor(a) 1: Tá lá, então é assim, eles tem dificuldade de abrir 2 (duas) páginas no computador, porque eles podiam colocar, que o virtual, aqui a tarefa, lendo de cá e respondendo de cá, mais não, eles gostam de ter o impresso. Se não tiver eles imprimem. Então é assim, e assim, eu acho assim: esse método de ensino, a pessoa pensa que é fácil e não é fácil, ele é bem mais difícil que o modelo presencial, porque o próprio aluno que vai adquirir o conhecimento, ele não tem jeito de culpar ninguém. Ele não tem jeito de culpar o professor que não ensina, ele não tem jeito de culpar (risos....) que está de greve, não tem jeito de culpar nada, ele é responsável por seu conhecimento. Ta lá tudo que ele tem de fazer para ele adquirir o conhecimento. Então o único responsável por ele não fazer é ele próprio.

Pesquisador: entendi.

Professor(a) 1: Então essa busca de conhecimento individual, acaba que vai se transformando em conhecimento em grupo, pois eles trocam ideias, eles fazem grupo aqui (no polo) quando a atividade é muito difícil, então eles trocam ideia mais assim, eles pegam o professor para orientar, mais não para ensinar. Então o professor passa a ser um participante do conhecimento, não um transmissor de conhecimento.

Pesquisador: entendi. Deixa eu só seguir aqui as nossas questões. Gostaria que você falasse um pouco da sua experiência, da sua graduação, sua formação.

Professor(a) 1: Ó... eu sou formada em, a minha primeira formação foi Administração de Empresas, a segunda é pedagogia, depois eu fiz 3 pós- graduações: porque no meu tempo não tinha essa facilidade de se fazer mestrado e doutorado, como temos nos dias de hoje, mais eu fiz Metodologia de Ensino Superior, Psicopedagogia e Artes Plásticas na UFMG. Então acaba que agora que eu estou fazendo pós-graduação em Gestão em EAD, mais eu ainda não conclui.

Pesquisador: entendi. Fala um pouco, acho que você já falou um pouco sobre isso, em relação a sua experiência profissional em EAD.

Professor(a) 1: Então, a minha experiência profissional em EAD, ela apareceu em minha vida como uma segunda opção de trabalho, porque eu já era professora, só que eu dava aulas só na parte da manha.

Pesquisador: Você ainda continua como professora?

Professor(a) 1: Atualmente não, porque aqui cresceu muito e eu estou em desvio de função, eu fiquei trabalhando na EAD e sendo professora no período da manha e trabalhando na EAD a tarde e a noite, por 6 anos mais ou menos eu fiz isso. Eu estou aqui a 9 anos, tá? Então o que que acontece a EAD ela é nova, ela surgiu na minha vida como uma segunda opção de trabalho, que eu não sabia como funcionava. Mais como eu gosto muito desta área de educação, o desafio me cativou e eu disse eu vou tentar. E ai o que aconteceu? Surgiu a oportunidade de ser professor de EJA, como eu já te falei, nós fizemos curso em Lavras para aprender a mexer na plataforma, lógico que hoje, já tem os professores que vem vindo agora, já estão aprimorando as suas práticas, porque a gente já viu tudo que deu certo e o que não deu, porque nunca no início a gente foi aprendendo por erro e tentativa, tá? Então a gente põe e não deu certo, a gente

vai melhorando e se 1 (um) dia não deu tempo, a gente deixa 2 (dois) ou a gente deixa uma semana, pro aluno fazer a atividade. Há, se não deu para ele entender por escrito, agora a gente busca vídeos no You Tube, porque é fácil, então a gente busca vídeo no You Tube, a gente busca, é coloca, nem que seja charges, que nas aulas de português usa muito, busca historinha em quadrinhos, busca tudo que você precisar e tamem os Institutos agora tem os laboratórios de projeção e de construção das disciplinas. E não o professor dá aula falando com o aluno, mais em vídeo, também esclarecendo as dúvidas. Então assim, foi buscando novas alternativas, mais isso, tudo por erros e tentativas. Eu não tinha modelo anterior que a gente pudesse, é... se espelhar. Então, a gente foi fazendo por erros e tentativa, então a gente coloca questionário, hoje não, os fóruns são mais assim, mais participativos, mais interessantes, que a gente busca ocultar atualidades relacionando com aquilo que ele está estudando, pra chamar a atenção dele, para ser interessante, tá? Então é isso que acontece.

Pesquisador: E há quanto tempo você é professora?

Professor(a) 1: Eu sou professora a 21 anos e a 9 anos eu estou na EAD.

Pesquisador: E a quanto tempo você é professora no curso Técnico de Segurança do Trabalho?

Professor(a) 1: Sou professora a 6 (seis) anos, a 6 (seis) anos só, agora estou só coordenadora.

Pesquisador: Você começou a falar, mais não sei se tem outra coisa, falar sobre estas dificuldades de ensino na modalidade de educação a distância.

Professor(a) 1: O que que eu coloquei aqui (fez anotações num papel), olha: o que que acontece com a dificuldade da educação a distância. Primeiro nós alunos que vem de escolas, do EJA, sabe muito bem que é um terceiro turno, é uma escola que passa o aluno só por presença, então quer dizer, ele já tem, eu acho que ele já tem um conhecimento assim de conteúdo deficitário, segundo o contato dos alunos com o computador, tá? Porque a população sendo carente, tem até o contato com o celular e com o computador, mais ela não tem internet. Então ela não tem jeito de fazer pesquisa. E essa EAD ela prioriza o que? Pesquisa. O menino tem de pesquisar para fazer tarefa, ele não pode copiar e colar. Tem que ler, pesquisar para responder. Então primeiro eu acho que ele necessita, assim a primeira coisa, é que ele necessita de ter conhecimento sobre as técnicas básicas de computação. Primeiro, depois, sobre o que a

plataforma vai oferecer, o que que é fórum, oque que é Wiki, o que que é tarefa, o que que é, o que que ele tem de fazer, que jeito que ele pode fazer, certo?
É, outra coisa, adaptar com os meios novos de aprendizagem porque ele vai estudar sozinho, não tem o professor para ensiná-lo todo dia, ficar falando com ele, ficar dando aula lá na frente, ou dormindo aqui atrás ele não vai aprender, tá? E autonomia que ele vai ter, porque, ele é, o responsável pelo seu conhecimento, tá? E eu acho que isso tudo aí só funciona com uma comunicação muito clara? Tá? Se não for uma comunicação clara o aluno mais velho, o aluno que vem de escola pública e mesmo assim, os alunos de qualquer maneira se não for clara, eles não sabem responder. Pode causar conflito, ele não faz por ele acha que esta difícil, mais não está difícil, não está é claro, a dificuldade não esta no conteúdo, esta na clareza no pedido das informações, certo?

Pesquisador: Ai a outra, é o que você pensa sobre o AVA, no que se refere as dificuldades de aprendizagem?

Professor(a) 1: Então, eu falo assim, o AVA é uma plataforma muito boa, acho muito simples, muito boa, muito fácil de mexer. Só que eu gostaria de apontar as dificuldades do AVA: Primeiro, é, a nomenclatura dela que o aluno não sabe, o que é e o que significa. Qual é o significado da plataforma mesmo em si, o aluno não sabe. E ele não sabe também, ele tem que ambientar, primeira coisa que eu acho é que ele tem de ambientar com essa nomenclatura. Depois, o conteúdo tem de ser interessante, igual eu te falei, a dificuldade da plataforma AVA é o seguinte: lá é uma coisa que ele vai ler, então, a gente tem; os olhos, tem de agradar os olhos, então, tem de ter colorido, tem que ter filme, interação, vai ter de ser uma plataforma interessante e s vezes ela não é, ta? Insuficiência assim de informação, então tem professor que coloca informações insuficientes na plataforma para o aluno responder. Outra coisa também, retorno nos questionamentos. A plataforma AVA-Moodle, você pergunta para depois o professor responder. Se ele demora muito para responder, o brasileiro é imediatista, ele gosta que responde pra ele na hora. Então, se o professor demora muito para responder, ele vai se sentindo abandonado, abandonado, e isso não vai para a frente, ce tem que ter um respaldo ai de tutoria, um respaldo do próprio professor para esclarecer as dúvidas mais rápido possível. Segundo, ele tem ainda aquela antiga filosofia de professor, ele acha que o tutor presencial que está em nosso polo é o professor dele. Então, ele vem aqui para dúvida, qualquer dificuldade. Então, se esse professor for uma pessoa agradável, uma pessoa solícita, uma pessoa amável, esse menino, pode ter certeza que irá terminar o curso. Se for uma pessoa assim, que não seja

muito amável, ou que ele não goste da pessoa, ele... Porque ele ainda tem aquela índole brasileira engajado nele de que professor, tem que ter professor para ter escola, tá? Deu eu ver aqui, nosso aluno também tem muita dificuldade de trabalhar em grupo, por que o grupo nessa plataforma, ele é virtual. Então ela acha que para ter grupo, tem que olhar na pessoa para ter grupo, não serve ser um grupo virtual. Então quando o professor tenta dar algum trabalho em grupo para esse aluno, primeiro ele que fazer assim: ele tem montar o grupo, ele tem que ser o centro do grupo. Porque quando a gente monta grupo na sala, o que que o professor faz? Ele afasta e deixa os alunos trabalhando em grupo. No ambiente AVA o professor tem que ficar no centro e ir puxando o aluno para o grupo, até que o grupo se engaje e consiga concluir a tarefa. É uma dificuldade, essa daí, porque ele é quem vai engajar os meninos todos, pra montar os grupos, para fazer o trabalho em grupo, se não não sai o trabalho. Só que a gente ve a diferença gritante do presencial para o virtual. Porque no presencial a gente dá o trabalho em grupo, o professor afasta e os meninos fazem, né. Aqui não, o professor, centraliza, depois que ele afasta certo?

Pesquisador: Certo. A próxima: você tem trabalhado ou já trabalhou com prática de escrita colaborativa?

Professor(a) 1: Já. Eu trabalho com prática de escrita colaborativa em rede nas minhas aulas com o uso de fóruns, google drive e Wiki, mas confesso que utilizei estes dois últimos apenas nas minhas aulas iniciais, pois os alunos têm muita dificuldade com o uso destas ferramentas e com o desenvolvimento das tarefas em grupo. Eu utilizo mais os fóruns pois vejo que eles participam mais, interagem mais com os colegas, é uma ferramenta mais fácil de ser utilizada pelos estudantes e mais fácil para eu corrigir a postagem dos alunos. Por exemplo: Nesta plataforma moodle tem todas as escritas colaborativas, fora destas escritas colaborativas que tem dentro desta plataforma, já trabalhei com o Google Drive, entre os professores da rede particular, lugar que a gente tinha, por exemplo: a gente monta um projeto, os professores encarregados deste projeto, nós montamos no Google Drive, ai faz o projeto, objetivos, e aí a gente vai interagindo virtualmente, então a gente escreve lá, não muda aqui, faz ali, então a gente montou projetos com o Google Drive, e no Google One, a gente fez questionário, aqui no polo também, pra ver que curso que os meninos querem fazer, então a gente manda pra várias pessoas, eles mandam um link, através disso a gente sabe da nossa demanda. Fora da plataforma que você usa todas as linguagens colaborativas, não tem nenhuma que não seja usada, eu ainda

usei esse aqui fora aqui do Polo, na escola particular e esse daqui para fazer questionário aqui no Polo.

Pesquisador: Assim, você poderia citar, dar um exemplo de uma vez que você usou algumas destas ferramentas, como é que foi este processo?

Professor(a) 1: Então olha, quando a gente, vou falar pra você do Google Drive que foi do colégio porque já falei muito da EAD. No colégio a gente fez o que? Nós tínhamos que fazer um projeto da água, naquela de toda a seca da represa, tudo isso, então o que que era: estava os nonos anos na escola ficaram encarregados de fazer o projeto da água, encarregados eram os professores de Geometria, professor de Português, a professora de ciência de física de Química, nós todos estávamos responsáveis por este projeto e os meninos, o que que nós fizemos, nós montamos um grupo no Google Drive, onde nós pedimos para os meninos fazerem as pesquisas e ir lançando as pesquisas, isso em gestões dentro desse grupo. O que que aconteceu? Depois que eles lançaram tudo dentro desse grupo que nós fizemos, nós fomos separando o que que a gente ia fazer com cada grupo. Aí nós fizemos, com este grupo nós fizemos coleta seletiva, nós fomos na berada da represa, com outro grupo para ver como estava a mata ciliar, certo? Então quer dizer, mais nós para montar estes grupos, pais não gostam de grupos nas casas deles, então nós montamos estes grupos, tudo dentro do Google Drive. Então um conversava com outro dentro do Google Drive e a gente ia orientando os meninos, depois saiu teatro, saiu reportagens, saiu texto no Power Point, saiu música, entendeu? Então assim, sem ter que ser presencial e tudo isto no extra turno.

Pesquisador: E qual você acha que, quais foram as vantagens disso pros meninos?

Professor(a) 1: Primeiro eu acho que o menino que eu trabalhei do sexto ao nono, ficou interessante trabalhar assim. Porque eles vivem o dia inteiro no computador, o método mais fácil de você encontrar menino é no whatsapp, nós temos grupo no whatsapp também. Então quer dizer o que que acontece? Eu já mandava eles colocarem as fotos, escolher as melhores, tudo aqui, então o que que acontece? Falou que pra um menino que é pra ele mexer utilizando o computador, ele já achou melhor do que ele ter que fazer na sala de aula, ou escrito no caderno, tá? Melhorou pra ele 90 %, mexer com filmagem no celular, eles mandavam os filminhos para nós, para gente montar, então quer dizer assim, eu achei que os meninos ficaram assim, acharam muito interessante, muito bom. Essas ferramentas... elas eram desconhecidas pra gente né...

Difícil pra nós professores, selecionar tudo, ver o que que é melhor, o que que é pior. O acumulo de informação foi muito grande, uma desvantagem, pois teve um acúmulo enorme de informação, todo mundo queria mandar alguma coisa, porque era via virtual. Se ocê mandasse escrever eu duvido que o acúmulo seria ou fosse igual foi. Mais como a gente mandou fazer tudo virtual, achei muito interessante, eles gostaram muito, foi positiva a nossa experiência.

Pesquisador: E esta experiência, vc teria no curso Técnico de Segurança do Trabalho?

Professor(a) 1: Olha, no Técnico de Segurança do Trabalho, o que que acontece? Os meninos eles conseguem ver in loco, os acidentes do trabalho, por exemplo, você monta um vídeo no You Tube que mostra tudo que aconteceu num acidente do trabalho, porque que ele tem que usar aquele equipamento. Primeiro aí, entendeu?

Pesquisador: entendi.

Professor(a) 1: Ele vai fazer um trabalho de Estatística, ai tem um professor no You Tube que vai mostrando pra ele como que faz, calcula, faz os cálculos de estatística tudo, mais o que eu acho interessante, são os vídeos que entram dentro disso tudo aqui e a pesquisa que é feita porque eles sabem tudo onde aconteceu, porque que aconteceu? Onde que tava? Então, assim, apesar de eu achar o curso de Segurança do Trabalho muito teórico, porque tem muita NR, o menino tem de saber muito porque é igual a um código, igual a um código de ética. Então a NR é a NR do Trabalho, então ele tem que saber as várias NRs para ele aplicar na empresa, porque que usa aquele equipamento e o que que acontece se não é usado, certo? Então, o que que acontece? Nesse ponto eu acho que os meninos veem isso muito de perto, parece que a informação tá muito próxima.

Pesquisador: Então o Google Drive ele é utilizado, você o utilizou para levantar informações em relação aos acidentes do trabalho?
Pode ser utilizado para levantar o número de acidentes do trabalho, quer dizer, vem muita informação e ele consegue ver in loco.

Pesquisador: Tá e aí, quem é que trabalha essa informação?

Professor(a) 1: Olha o que que aconteceu? Essa informação foi trabalhada aqui no caso, no acidente do técnico de segurança do trabalho pelos alunos. Eles fazem um trabalho, que é uma tarefa, tipo um trabalho em grupo, uma tarefa que eles precisam mostrar resultados e o que que é a culminância disso: eles vão lá em Machado (IF) e lá eles vão utilizar os equipamentos, eles vão ver o que que acontece em cada acidente, então lá tem que combater incêndios, tá? No Instituto Federal, eles vão lá depois que eles viram tudo que é usado, onde que são usadas as NRs, pra que que é, como que põe o equipamento, pra que que serve o equipamento, tem a culminância, eles vão lá fazer na prática isso, então quer dizer, se eles aprenderem bem aqui, lá na prática eles não terão dificuldade nenhuma, e se tiver, o professor tá lá para explicar.

Pesquisador: A forma deles aprenderem foi organizá-los num grupo e aí apresentar informações sobre um determinado equipamento?

Professor(a) 1: isso.

Pesquisador: de posse destas informações, qual seria o próximo passo?
De posse destas informações ver se eles realmente sabem pra que que esse equipamento serve e como ele é utilizado nas indústrias, nas empresas.

Pesquisador: Eles demonstram esses acidentes!

Professor(a) 1: Sim eles simulam os acidentes.

Pesquisador: Eles vão em busca de tal equipamento que poderia ter evitado aquele acidente?

Professor(a) 1: E lá no Instituto eles vão ver as soluções, que você pode utilizar, para convencer a pessoa a usar, porque usar e como este equipamento é utilizado. Tem os fóruns também que eles conversam né, tiram dúvidas uns com os outros.

Pesquisador: Isso eu já comecei a perguntar para você que é a nossa questão número 10, onde você disse que acontecem práticas colaborativas no curso Técnico de Segurança do Trabalho!

Professor(a) 1: Sim, muitas.

Pesquisador: E aí, você relatou um pouco umas das suas experiências com a prática, com a ferramenta do Google Drive. Com a ferramenta do Wiki você tem alguma experiência que você poderia relatar?

Professor(a) 1: O que que acontece: O Wiki, o que que a gente usa no Wiki? A gente produz mais arquivos de texto colaborativo, os fóruns para troca de conhecimento, os arquivos, é o conhecimento teórico, a gente usou muito a construção de textos colaborativos teóricos com o Wiki, construção de textos. O que que acontece? Conhecimento teórico, ele vai lá e constrói o texto, porque tudo que ele faz não pode ficar só na fala, tem de ter o texto que acompanha isso daí, com o Wiki, para que que o Wiki serve? Pra você contextualizar aquilo que você tá fazendo na prática. Então e outra coisa: Como que eles conseguiram isso? Um ajudando o outro, pois foi uma tarefa feita em grupo, tudo através do Wiki.

Pesquisador: Entendi. E como, quais você acha que sejam as principais dificuldades, que você observou na realização destas práticas no curso de Segurança especificamente?

Professor(a) 1: Primeiramente: Eu achei que a dificuldade maior não é a ferramenta, é a instabilidade da internet, é a instabilidade da plataforma. O eu que acontece? Choveu, vamos supor, o sinal da internet piorou ou caiu no Instituto, o menino tem aquele horário, porque ele trabalha para fazer, caiu o que que aconteceu? Ele não conseguiu fazer a atividade avaliativa daquela semana. Então a instabilidade da plataforma, da internet ainda aqui na nossa região, porque tem gente que mora em Zona Rural, tem gente que mora em cidade menor, tem gente que mora em locais da cidade que o sinal da internet é pior. O que que acontece? A maior dificuldade que eu acho é a seguinte: eles marcam por exemplo, 10 horas da noite nós vamos fazer isso, 10 horas da noite lá na casa do coitado lá caiu a internet, se não eles vão lançar as coisas na plataforma caiu a plataforma lá em Machado, por exemplo, por falta de luz, entendeu? A maior dificuldade que eu achei até agora não é da ferramenta. É do acesso a ferramenta.

Pesquisador: Você acha que no desempenho da função desta ferramenta não há dificuldade, os alunos não tem dificuldade?

Professor(a) 1: O que que acontece? Como o passar do curso, porque é assim, o aluno acaba se acostumando. O que que acontece com o Wiki: o Wiki é um whatsapp, um MSN antigo mais aprimorado, ela não tem mais do que isso. Ele é uma ferramenta super simples. O Wiki é uma

ferramenta super simples, é uma ferramenta onde você pergunta e o outro responde, o que você fala o outro responde, o que você escreve o outro complementa. É assim que funciona o Wiki, só que você consegue chegar, por exemplo, para um aluno daqui de Alfenas, com um aluno como eu tenho que é lá de Manaus, ele conversa com o daqui de Alfenas, né, assim, através do Wiki. Então quer dizer a facilidade dele em estar em contato com os próprios colegas mesmo que os colegas sejam de outra cidade, de outra rua, sem ele sair da casa dele. Isso é a facilidade, agora o que que prejudica mais esta ferramenta? A instabilidade da conexão.
Pesquisador: E o Google Drive também?

Professor(a) 1: Todos precisam de uma conexão boa de internet.

Pesquisador: Assim, a dificuldade seria em termos isso, a conexão?

Professor(a) 1: Sim. Porque o Google Drive é outra ferramenta muito simples da Google, não tem onde ser mais simples, ela é muito simples, né? É só, ter um administrador que compartilha o arquivo com os outros e qualquer um pode entrar lá e colocar sua participação, igual ao Whatsapp que é por telefone, só que o Google Drive é por e-mail. Você passa seu e-mail e o administrador faz o cadastro do seu e-mail e você pode entrar. Então ele entra na hora em que ele quer e coloca a informação para você. Então eu acho que a ferramenta não tem dificuldade, mais todas elas precisam de uma boa conexão.

Pesquisador: Em termos de aprendizagem, quais os aspectos positivos da utilização destas ferramentas?

Professor(a) 1: Então, eu falo assim, o aluno buscar o conhecimento individual eu acho que ele aprende mais, porque você mesmo procurar, por exemplo ele procura pesquisar, procura livro, ele procura os amigos, dependendo da tarefa ele vai procurar, ele vai na empresa fazer uma entrevistas, ele faz uma visita técnica, então quer dizer, o conhecimento dele acaba sendo maior do que o presencial. Ele não ficam esperando o conhecimento do professor. Nestes tipos de ferramentas, eles não esperam o conhecimento do professor, ele é quem vai pesquisar o conhecimento, ele vai te perguntar se ele tiver alguma dúvida, mais ele buscar o conhecimento pra mim é o que acontece no curso EAD.

Pesquisador: Qual o aspecto positivo das ferramentas em si?

Professor(a) 1: A ferramenta, eu ainda acho que é a autonomia dele buscar o conhecimento sozinho. Eu acho que tudo que você procura sozinho, sem a ajuda de ninguém tem mais valor para quem faz a pesquisa. E você grava mais, porque tem aluno que é só ouvinte, né, ele só ouve o que você tá falando. Igual eu brinco com meus alunos: gente presta a atenção: vocês tem 2 ouvidos, um pra entrar e outro pra sair o conteúdo, mais eu quero que fique. Agora se ele mesmo buscar o conhecimento, ele não vai perder o tempo dele de ler por ler, ele vai aprender alguma coisa. Então eu acho que ele lendo, ele escrevendo, ele fazendo, a pessoa fazendo, eu acho que aprende mais do que a pessoa esperar pronto, tá? Outra coisa, eu penso assim, eu acho assim que o Wiki é muito bom para conclusão de trabalho em grupo, que você não precisa que o grupo tenha disponibilidade, mesmo horário, você não necessita que o grupo seja no mesmo local e não necessita de ninguém pra orientar esse trabalho em grupo. Cada um pode fazer no seu lugar, na sua casa. Então quer dizer a abrangência da ferramenta ela é muito maior do que uma sala de aula, muito maior, tá? Você consegue ter experiência de vários lugares, por exemplo a minha realidade é uma aqui em Alfenas, a realidade do aluno que está lá em Parintins é outra, a realidade do outro que tá la na roça de Campo do Meio é outra, então quer dizer, ele não fica restrito ao núcleo da sala, só com a influência de um professor, as influências culturais são maiores.

Pesquisador: Teria mais alguma coisa que você gostaria de falar em relação a estas ferramentas colaborativas?

Professor(a) 1: Eu acho que estas ferramentas são o futuro da educação. Eu acho que futuramente, assim como as Universidades, assim como os nossos cursos técnicos são assim, eu falo, o técnico é a base do trabalho no Brasil, eu acho que futuramente já tá sendo usadas estas ferramentas em pesquisas, já conversa, já tenta, já faz trabalho colaborativo com pessoas de outros países, de outras Universidades. E como que ele faz isso? Através destas ferramentas colaborativas, sem elas não existissem como eles poderiam fazer isso? Eles teriam que ir lá in loco. E agora atualmente a gente consegue uma evolução melhor, tanto no trabalho técnico, como no trabalho de base, né? Como no trabalho específico, que são das Universidades, que a gente vê nos Institutos Federais, eles trazem novidades de outros lugares, tudo isto daí, são permitidas através destas ferramentas colaborativas. Senão você consegue conversar com todas as pessoas de vários lugares, trazendo informação de outros lugares pra dentro dá, o conteúdo fica mais rico, o conteúdo vai ser mais bem aproveitado, eu acho, qualquer conteúdo se você

tiver influência de vários outros lugares, né? De vários outras pessoas, quanto mais gente pensando melhor o resultado.

Entrevista 2

Pesquisador: O contexto atual de ensino dos ambientes virtuais de aprendizagem se configura como um ambiente engessado, podendo colaborar com a produção do conhecimento de forma autônoma por parte dos alunos(as) e seus usuários. O que você pensa sobre isso?

Professor(a) 2: Eu não acho que seja engessado porque hoje em dia com a globalização, com essa busca que a sociedade, a população; até mesmo os alunos né, buscam assim, uma maior interação. Então no meu ponto de vista não é engessado porque é uma coisa assim livre, tranquila né? Todo mundo hoje em dia quer ter uma tecnologia que o ajude no dia a dia e facilite sua vida. Hoje temos o whatsapp, os alunos querem ter um acesso bom à internet, as redes sociais como o facebook também. Então é uma coisa, eu no meu ponto de vista vejo como uma coisa tranquila, não como uma coisa rígida, engessada, uma coisa que a pessoa queira ficar livre. Isso traz autonomia pois faz seus usuários procurarem, fazer mais pesquisa na internet, procurar novas informações com o auxílio da internet, gerando novos conteúdos e conhecimento. Contribui e muito, o que acontece? Em BH neste momento, em questão de segundos aqui em Alfenas, o aluno, a pessoa, não somente o aluno, mais qualquer pessoa esta tendo acesso a novos conhecimentos, acontecimentos ao redor e até mesmo em grandes distâncias, de forma autônoma sem o ajuda do professor. Isso colabora, no meu ponto de vista não é um processo engessado. O aluno que procura seu horário de estudar, ele as vezes tem um tempinho de sobra na hora do almoço, ao invés de ficar as vezes com conversa, batendo papo de assuntos banais, ele procura buscar novos conhecimentos, novas culturas, as vezes no intervalo do lanche, no horário de intervalo do, a saída de um serviço para o curso, para o polo de apoio presencial, ele pode aproveitar o que está fazendo e buscar conhecimentos além dos que são ofertados no curso de segurança do trabalho por exemplo.

Pesquisador: Entendi. Fale um pouco da sua formação/graduação:

Professor(a) 2: Eu sou formada em Letras, Estudos Sociais, sou formada Geografia, tenho Pós Graduação em Educação e também História. Estes primeiros cursos que falei, fiz na Fundação Educacional de Machado e o curso de História, fiz pelo UNINCOR da cidade de Três Corações. Eu fiz estes cursos em sequência e logo terminando um, começando o outro, terminando um começando outro, todos foram custeados por mim mesma, com os meus recursos, pois eu venho de família de pessoas muito simples e meus pais não tinham condições de pagar uma faculdade

e eu comecei a dar aula muito cedo com 18 anos, então,o dinheiro que eu ganhava com estas aulas, naquele tempo, era melhor em termos do que hoje os salários do magistério, dava para eu pagar a faculdade e ainda tinha de ajudar em casa. Então foi uma sequência de 9 anos de cursos.

Pesquisador: Certo. Fale um pouco da sua experiência profissional na educação a distância:

Professor(a) 2: Eu iniciei na Educação a distância trabalhando na secretaria de uma escola a distância e isso faz mais ou menos 9 anos. E vendo a atuação dos tutores, dos professores, né, da coordenação, eu também resolvi, fazer um curso a distância, além de trabalhar na secretaria, eu fiz o curso técnico a distância de Turismo, da Universidade Federal de Viçosa e gostei muito, ai eu falei, vou tentar também né, uma tutoria, vou tentar e fiz uma inscrição no Instituto Federal do Sul de Minas e consegui a vaga de tutora e até hoje estou em exercício, exercendo a função e adoro esta nova modalidade de ensino, adoro trabalhar, trabalho na educação a 33 anos e me identifiquei muito, nestes 9 anos trabalhando na educação a distância. Me identifiquei mais com a modalidade a distância, do que com a modalidade presencial.

Pesquisador: Entendi. A quanto tempo você é professor(a)?

Professor(a) 2: Sou a 33 anos.

Pesquisador: A quanto tempo você é professor(a) na modalidade a distância?

Professor(a) 2: Sou professor(a) na modalidade a distância a 2 anos.

Pesquisador: A quanto tempo você é professor(a) no Curso Técnico de Segurança do Trabalho do Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado?

Professor(a) 2: No Instituto Federal do Sul de Minas eu estou atuando como professor(a) a 2 anos no Curso Técnico de Segurança do Trabalho.

Pesquisador: Fale sobre as principais dificuldades de ensino na modalidade de educação a distância:

Professor(a) 2 : É.... as dificuldades, o que agente sempre depara é que, alguns alunos, não tem ainda uma internet de boa velocidade e de qualidade. Não tem o acesso a uma boa internet para assistir com mais qualidades as vídeos aulas deixadas pelos professores na plataforma AVA do curso. Então o que os alunos estão sempre questionando, que as vezes, estão com trabalhos prontos, estão fazendo as atividades em casa e tem problema na internet, não conseguem assistir as vídeo aulas e perdem todo o trabalho que foi feito, não concluindo as atividades avaliativas do curso. Então é difícil pra ele ter acesso ao Polo devido a distância da sua localização, as vezes ele não tem condições financeiras para pagar uma condução para vir até o Polo, as vezes mora longe, distante em outra cidade, então, essa é uma das maiores dificuldades. É...quando ele tem a internet, pois o computador, o celular, o tablet, quase todos tem ou já teve acesso. Muitos não dominam as funções do Office do Windows, como o Word, o Power Point e o Excel, que são os aplicativos tecnológicos utilizados pelos alunos e professores de todos os cursos aqui da escola técnica municipal, da ETEC-CAIC. Ai nós direcionamos estes alunos com dificuldades de se trabalhar com os aplicativos do OFFICE para fazerem os cursos básicos de informática da Universidade Aberta Integrada né, a UAI-TEC aqui no bairro Santa Luzia em Alfenas, antigo CVT. Aliado a este grande problema de acesso a internet da má qualidade, principalmente nas suas casas, seus lares.

Pesquisador: Entendi. Com relação a utilização das tecnologias, elas não podem ser causadoras de dificuldades na aprendizagem dos alunos?

Professor(a) 2: A sim. Ele tem assim, muitos alunos que eu encontro e converso, falam sobre isso. Muitos reclamam de não ter um curso na grade curricular ou separado, não sabem, as vezes tem a internet boa, mais não sabem e não tem habilidade, não tem é, o conhecimento específico da melhor forma de se trabalhar com estas tecnologias, as vezes mal sabem digitar no computador, então não tem o acesso assim, não sabe nem usar as redes sociais como meio de informação e comunicação. Usam somente o whatsapp, então não tem um conhecimento mais profundo de informática.

Pesquisador: Entendi. O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE), no que se refere às dificuldades de aprendizagem?

Professor(a) 2: É... No início do curso, na plataforma virtual, os alunos encontram muita dificuldade e mais tudo isso é momentâneo, é questão de tempo devido ao problema da falta de

inclusão digital que deveria ser feita da forma correta e gradualmente, lentamente, sem a velocidade das tecnologias de hoje. Com as práticas durante o curso, ele vai se desenvolvendo, tudo que parece assim um bicho de sete cabeças, vai clareando a medida que ele vai praticando, que ele vai mexendo, que ele vai buscando, que ele vai tendo curiosidade, é..., em dois meses mais ou menos, após o início do curso, ele vai adquirindo habilidade em estudar pela plataforma do curso, começando a querer dominar as funções da plataforma, gradualmente, e vai adquirindo autonomia. Então, quanto mais ele se dispõe , arruma um tempinho, vai buscando o conhecimento, ele vai conseguindo deslanchar na plataforma.

Pesquisador: Certo. Na sua opinião, a utilização das tecnologias que se encontram no ambiente AVA MOODLE, faz com que o aluno adquira autonomia na produção do conhecimento?

Professor(a) 2: Olha a autonomia com o tempo ele tem uma disciplina que chama: Ambientação na modalidade EAD, onde com o tempo, durante 2 meses com a ajuda dos tutores e do professor né, orientador, ele vai ter 2 meses só para treinar né, só para manusear, então ele adquiri autonomia sim.

Pesquisador: Esta disciplina de Ambientação na modalidade EAD, você acha que ela é uma disciplina completa ou precisa ser melhorada reformulada?

Professor(a) 2: Olha pelo pouco tempo, ao meu ver, a disciplina na plataforma é completa, mais ela não é atualizada de acordo com as novas tecnologias que surgem a cada dia neste universo que é a tecnologia. Outras fontes, outros meios de ir interagindo, de ir aprendendo, com cursos complementares, pois o tempo é curto para muitos alunos para ficar ali na plataforma, então ele tem de buscar outras formas de ajuda, acompanhando a evolução das tecnologias, porque senão o aluno não consegue concluir de forma eficaz o curso, o aluno fica desestimulado.

Pesquisador: Você tem trabalhado ou já trabalhou com práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 2: Sim. Uma vez por mês, principalmente nas aulas presenciais, que acontecem a cada 30 dias, uma vez por mês, a gente faz este tipo de trabalho. Ai eu explico como que deve ser feito né, sempre reforço porque o aluno vive nessa vida corrida, neste tumulto, e o trabalho em grupo só tem ganhos, então eles se reúnem, as vezes de grupos de 4 ou 5 alunos e utilizam

o Google Drive ou o Wiki na plataforma de Segurança do Trabalho quando o professor faz a liberação na plataforma, quando não usamos somente o Google Drive mesmo. Estes a gente utiliza sempre no decorrer do curso, mais a cada 30 dias nas aulas presenciais, nos encontros presenciais, os alunos utilizam e também, independente destes encontros, eles vão fazendo essa interação nos fóruns, nas atividades de escrita colaborativa que acontecem durante a disciplina.

Pesquisador: Nesta aula presencial, você ensina a produção do texto colaborativo com a utilização do Google Drive?

Professor(a) 2: Exato, porque aí tem alunos de várias partes , tem alunos vamos supor de Santa Rita de Caldas, nós temos alunos de Barbacena, temos alunos do Estado de São Paulo, então eles vão construindo os textos, por exemplo, de uma atividade que eu apliquei sobre a NR 18 do Ministério do Trabalho, onde eles tinham que produzir um texto colaborativo dissertativo sobre os pontos positivos e negativos desta norma regulamentadora... eles foram construindo os textos sobre a NR-18, onde eles tinham que produzir um texto colaborativo dissertativo, sobre os pontos positivos e negativos desta norma regulamentadora... eu, juntamente com eles, fomos descrevendo estes pontos, no Word Online, e a correção do texto acontecia conforme íamos modificando e ajustando os textos construídos de forma colaborativa, como uma atividade avaliativa de acordo com a participação dos membros dos grupos nas discussões da semana. E eles acabam que tem autonomia de ir mudando, corrigindo, modificando fazendo alguns ajustes, correções e vão interagindo e eu vou orientando, vou perguntando a eles porque não participaram ainda, vou motivando e dando uma direção, pedindo para que eles participem, incentivando, porque às vezes alguns alunos encontram dificuldades e pensam até em desistir do curso, falam assim, a não tá muito difícil, não vou continuar, hoje a noite tenho que parar, pegar a NR 18 ler, reler, fazer as mudanças, então eu como professor(a) fico com a função de incentivá-los. Não verdade a dificuldade maior é com o uso da tecnologia mesmo, pois a maioria dos alunos usam somente o Whatsapp e as redes sociais em geral.

Pesquisador: Entendi. Quais foram as suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 2: Eu sempre faço o seguinte: Como as atividades são semanais, todo domingo as 23 horas e 59 minutos se encerram. Então a gente faz da seguinte forma: eu dou uma atividade, por exemplo: peço aos alunos para fazerem a produção de um texto sobre a Construção Civil;

um texto colaborativo... aí um aluno faz a introdução, outros dois alunos fazem a parte do desenvolvimento, e os outros dois fazem a conclusão; mas tudo isso, para que o aluno faça e tenha condições de fazer a conclusão, ele vai ter que saber todo o conteúdo, interagir com os colegas de curso, fazer a sua parte no trabalho no Wiki ou no Google Drive, para depois chegar a uma conclusão. Nesse processo, eu geralmente não sei como será o texto final criado pelos grupos de alunos, porém, vou mediando a construção deste conhecimento a partir da contribuição colaborativa de cada estudante, dizendo: isto não ficou legal, refaça este parágrafo ou busque mais informações com pesquisas pela internet... mas tudo isso, para que o aluno faça e tenha condições de fazer a conclusão, ele vai ter que saber todo o conteúdo, interagir com os colegas de curso, fazer a sua parte no trabalho no Wiki ou no Drive, para depois chegar a uma conclusão. Então os alunos vão se interagindo, não é que fica a conclusão para um só aluno fazer, o desenvolvimento só para o outro, a introdução para o outro, ambos vão se interagindo, um tem que saber o que outro está fazendo, tem de dar sugestões de melhora no texto, enriquecer o conteúdo, pra chegar a um consenso. Ai eles vão modificando à medida que vão, é desenvolvendo o trabalho.

Pesquisador: Quais os aspectos positivos observados nos alunos(as) do curso Técnico de Segurança do Trabalho após estas práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 2: Um ponto positivo, muito interessante, é a melhora na escrita dos textos, pois quanto mais o aluno escreve, melhor a escrita é claro. Porque tinham alguns alunos, no caso aqui no Polo que eu vi e no curso Técnico de Segurança do Trabalho, assim que eu iniciei como professor(a) do curso, tinham alguns alunos que não escreviam nada, praticamente nada, e com o decorrer do curso, tanto foi melhorando a qualidade, como a forma de escrita, o entendimento, a colocação, então foi se ajustando né, foi aparecendo uma escrita mais clara, então no meu ponto de vista, este é um ponto positivo. A outra coisa positiva e visível foi a autonomia que gerou nos alunos para a produção do seu conhecimento. Quanto mais escreviam, quanto mais lê, mais conhecimento os alunos iam adquirindo. Leitura e escrita são fundamentais para a produção destes textos em grupo de forma colaborativa.

Pesquisador: Você pode citar algumas dificuldades que puderam ser observadas com estas práticas?

Professor(a) 2: Olha, é... tinha aluno que escrevia assim, com muitos erros né, embora hoje em dia com essa correria, muita gente continua ainda, colocando muitas abreviações né, tudo assim mais reduzido e então com o decorrer do tempo, foi melhorando assim a parte mesmo de, a escrita mesmo, escreviam frases muito erradas, a parte de digitação com a utilização do computador, apareciam com muitos erros né, e hoje em dias eles já tem assim aquele cuidado, né, de escrever corretamente, depois ele leem o que foi escrito, formatam os textos, gerando um texto mais claro , que no início isso não acontecia, a gente ficava até mesmo assim assustado com a quantidade de erros e na forma em que eram escritos. No início a falta da inclusão digital também tem importante papel nestas primeiras dificuldades dos alunos. Hoje já melhorou muito, pois orientamos os alunos a fazerem cursos de informática que são gratuitos aqui em Alfenas, oferecidos pela Prefeitura. Outra coisa positiva é que o aluno, ele é que faz seu horário de estudos né, é o aluno que faz seu horário, então ele adquiri com o decorrer do tempo, ele adquiriu um hábito de estudo, arruma um tempinho pra estudar a noite, a tarde ou de manhã, ele se disciplina e faz o seu tempo para se comunicar com os colegas de curso através das tecnologias que são ofertadas nas disciplinas. Ele corre atrás né, enquanto na educação presencial, o professor que fica correndo atrás e agora aqui no curso de Segurança do Trabalho, eu tenho visto o quanto que o aluno corre atrás do professor, ele busca né, ele busca o conhecimento.

Pesquisador: Entendi. Fale mais sobre as dificuldades encontradas nestas práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 2: No inicio, como já foi falado, ele tinha problema na parte de, como, na utilização das tecnologias e problemas sérios com o acesso a internet de baixa qualidade. Outra falha também, ao meu ver, é o suporte técnico contínuo que deveria existir para os alunos tirarem suas dúvidas sobre o uso do Google Drive ou do Wiki quando os professores fizerem uso destes recursos. Embora hoje o aluno tem mais facilidade na parte de digitação e com mais conhecimento tecnológico, mais falta o suporte, as vezes a falha poderia ser corrigida com uma pessoa ou um curso sobre a correta utilização deste recursos. As ele está utilizando a internet em casa, uma internet mais lenta, tendo mais esta dificuldade de domínio desta tecnologia, isso acaba que desestimula o aluno, então ele fica meio perdido com o curso.

Pesquisador: Certo. O uso destas tecnologias digitais pode interferir na construção da autonomia da aprendizagem?

Professor(a) 2: E muito, porque hoje em dia a gente vê que em tudo e todos locais que a gente chega, seja num consultório médico, farmácias, sala de aula, esses dias mesmos eu estava num consultório onde o médico pediu um laudo né, através do celular, do smartphone. Então é tudo assim muito rápido, tudo muito prático.

Pesquisador: O uso de tecnologias pode potencializar a inclusão digital?

Professor(a) 2: Sim pode. É...chegam alunos assim em que vão fazer inscrição para os cursos técnicos a distância, as vezes escolhem, hoje nós temos muitos cursos disponíveis né, eles escolhem por exemplo: Segurança do Trabalho e falam assim: ai vou desistir, vou deixar de fazer porque eu não tenho habilidade com o computador, então a inclusão hoje acontece em vários locais e de diversas formas, aqui em Alfenas temos o UAI-Tec, tem estes cursos de dois meses, cursos rápidos de word e de digitação, no Programa Cidade Escola da Prefeitura também. Então hoje em dia para os alunos adquirir conhecimento na parte de informática, de tecnologia, tá prático, tá rápido, em pouco tempo se ele tiver boa vontade, rapidinho ele adquire conhecimento, podendo resolver este problema de inclusão digital.

Entrevista 3

Pesquisador: O contexto atual de ensino dos ambientes virtuais de aprendizagem se configura como um ambiente engessado, podendo colaborar com a produção do conhecimento de forma autônoma por parte dos alunos(as) e seus usuários. O que você pensa sobre isso?

Professor(a) 3: Boa noite André. A plataforma, na minha opinião, acredito que ela fornece sim, é, muito conhecimento ao aluno a partir do momento que o aluno começa ter a visão que realmente aquela plataforma vai contribuir para ele. Ou seja, sair da mesmice, sair realmente do estar parado, da comodidade e buscar conhecimento através de seus atrativos, dos seus arquivos em PDF , documentos que estão ali realmente on-line, enfim, a plataforma fornece, porém, a partir de que o aluno em si sai desta comodidade, sai da mesmice, né? Hoje a gente vê que mesmo o curso presencial tem muita coisa parada, né? O aluno fica parado em sala de aula, mesmo que seja no modelo presencial e a oportunidade que os alunos têm hoje de se qualificar é em EAD. Buscar isso, sair desta comodidade e buscar realmente o conhecimento. A plataforma moodle pode trazer autonomia para o aluno para buscar conhecimento sim. Traz autonomia, traz viabilidade, né? Traz tempo para ele poder produzir conhecimento.

Pesquisador: Entendi. Fale um pouco da sua formação/graduação:

Professor(a) 3: Bom, eu fiz graduação em Filosofia pelo Centro de Estudos Dom José Alberto na cidade de Guaxupé né? Hoje vejo, que a partir do momento que eu fiz Filosofia, eu me tornei um ser humano mais completo, tendo em vista que estudos me tornaram um ser humano mais crítico, isso com que realmente a gente busque mais conhecimento. Para gente buscar conhecimento hoje, é você realmente tornar mais real, mais verdadeiro, mais livre para você pensar algo diferente e transformar o mundo com a sua forma de pensar.

Pesquisador: Entendi. Fale um pouco da sua experiência profissional na educação a distância:

Professor(a) 3: É... Profissionalmente faz pouco tempo, mais eu posso dizer assim que a minha caminhada na educação a distância realmente tem uma vasta caminhada, muito bom, porque quando eu comecei a fazer cursos a distância, isso foi me fornecendo realmente **conhecimento** próprio e vi que eu tinha realmente autonomia para isso. E essa autonomia me fez que eu pudesse crescer mais com isso, não só como um educando, mais também como um educador e

aí sim, entrei na área da EAD hoje como professor na área de EAD, sinto-me lisonjeado em poder contribuir de uma forma assim tão tranquila, assim, para que a produção de conhecimento chegue aos vários personagens. Não só ao personagem presencial que vem até ao Polo trabalhar conosco, mais que a gente possa chegar este conhecimento ao outro que esta na outra tela né? De uma forma mais branda, mais tranquila, a partir do momento que, o outro também queira aprender.

Pesquisador: Certo. A quanto tempo você é professor(a)?

Professor(a) 3: Estou como professor(a) desde 2005. Estou na EAD desde o início de 2015 e hoje me sinto assim muito feliz nessa área, tranquilo realmente em poder trabalhar, em poder ajudar os que estão realmente trabalhando com a plataforma né? Como eu disse: fui realmente educando e hoje me tornei um educador, mais não deixei de buscar o conhecimento mesmo sendo um educador, sempre estou buscando mais conhecimento, fazendo cursos realmente, concomitantemente com a nossa tutoria, com a nossa docência aqui. Na modalidade presencial leciono desde 2005, lecionando em ensino fundamental, ensino médio, lecionei também em ensino técnico é, em escola particular em outra cidade que favoreceu uma vasta experiência para mim. Que eu tive realmente estes campos até chegar hoje no ensino técnico na EAD. Assim desde o ensino fundamental passando pelo fundamental II, ensino médio e ensino técnico presencial, trouxe uma grande bagagem e essa bagagem eu vejo que realmente eu consigo hoje, é alinhar isso e trazer esta prática que eu tive juntamente com a teoria da EAD. A diferença da modalidade a distância com relação a modalidade presencial, é que você não tem ali esse contato físico né, com aqueles educandos, mais estou amando, é uma experiência diferente na vida da gente como educador né, e agente aprende muito, claro, que a gente sente falta deste contato. Eu tive contato durante 10 anos com a aula realmente presencial e com alunos; e hoje eu vejo que a educação a distância favorece também este conhecimento, porém sem muito contato com os educandos.

Pesquisador: Entendi. A quanto tempo você é professor(a) no Curso Técnico de Segurança do Trabalho do Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado?

Professor(a) 3: Desde o início de 2015, a praticamente um ano e meio, dois anos, eu estou lecionando aqui sendo professor mediador do curso Técnico de Segurança do Trabalho, uma área na qual eu tenho muita, que eu tenho chamado a atenção de meus alunos, uma área que vai

ganhar muito mercado né, é uma área muito interessante que eu gosto e amo o que eu faço mesmo. Sou técnico de Segurança do Trabalho, trabalho e executo minhas atividades na área, as minhas atribuições como técnico de Segurança do Trabalho e como assessor na área de Segurança do Trabalho.

Pesquisador: Fale sobre as principais dificuldades de ensino na modalidade de educação a distância:

Professor(a) 3: Neste curto período que estou tendo como professor(a) mediador na EAD, eu vejo assim, apesar da viabilidade que nós temos, com o tempo, noto que realmente muitos educandos vão tendo muita dificuldade em EAD, em acesso a plataforma, em encontrar alguns ícones né, mesmo tendo as explicações necessárias vindas de outros professores no AVA né, a falta de deixar, eu posso deixar para depois. Então essa dificuldade que o aluno, isso aqui é fácil demais eu vou tentar deixar para depois, não executando as atividades realmente em tempo hábil, então dificulta talvez o aluno em dar continuidade no curso em que ele inicia né? Isso faz com que realmente o professor mediador tenha um pouco mais de cuidado com isso né, estou perdendo alunos por que? Por que que o aluno está saindo de qual curso, então a gente tem que analisar e buscar a raiz do problema, ver da onde está havendo tanta evasão de alunos em EAD né? E buscar estas raízes dos problemas de evasão é ponto mais delicado de todo professor mediador, principalmente na área EAD, porque isso? Tendo em vista que realmente a função nossa é estar ali e ajudar mesmo que estando a distância, colaborar porque o aluno te condições de dar continuidade, juntamente com o professor a distância, mais muitos não enxergam isso, muitos enxergam que estou sozinho né, e aí acaba que desistindo né, acha que realmente tem que ter um professor próximo dele, acho que tem que ter o professor presencial e mesmo sabendo que realmente exista um Polo que ele possa contar com o tutor, que ele possa contar com várias pessoas para ajuda-lo na formação do seu conhecimento, muitos desistem porque não querem estar presentes na escola, querem uma coisa assim mais simplória na sua casa mais não acessam as vezes por falta de computador, por falta muitas vezes por falta de tempo, por falta de internet que muitas vezes não é viável para todas as famílias. Então estas dificuldades de hoje, agente tem que ter um estudo mais formal delas e tentar encontrar a raiz para que a gente possa diminuir esta evasão que nós estamos tendo. Com relação ao domínio do uso das tecnologias, hoje nós temos exemplos de alunos que são de inclusões digitais. E são alunos que são nossos pupilos talvez assim da nossa escola, porque muitos alunos que tinham condições de dar continuidade no curso, que tem acesso a várias tecnologias, sabem fazer o uso, buscar

informações de como usar o computador desistem e outros que querem realmente dar continuidade, estão dando continuidade porque passaram por aquele processo da inclusão, ele aprenderam a ligar e usar o computador, fazer uso de um mouse, olhar a tela como ela funciona, então, esses alunos as vezes, chegam realmente até o ápice de um curso, que a formatura do muitos que já sabem. Então eu vejo um ponto crucial assim no curso que eu acho muito importante, é a inclusão, acho que a gente trabalhar a inclusão digital hoje de algumas pessoas é fundamental para que realmente o curso cresça e as vezes a pessoa que não saiba mexer no computador, é aquela realmente mais interessada em estudar a distância. E tem as coisas em casa e muitas vezes não fazem o uso de um curso porque não sabem manusear uma plataforma, não sabem acessar realmente o link , então esta pessoas realmente precisam ser trabalhadas realmente com muito respeito né, para que elas possam ter mais compromisso, diferentemente de outras, que a gente as vezes deu o exemplo, que sabem mexer em tudo entre aspas e não continuam o curso né, por que? Porque não querem continuar, pegam a vaga de outro, acham que aquilo ali realmente é uma fantasia somente, é um oba-oba e desistem rapidamente.

Pesquisador: Com relação à utilização das tecnologias, elas podem ser causadoras de dificuldades na aprendizagem dos alunos?

Professor(a) 3: Com relação específica ao uso do computador, muitos alunos nossos, eu vejo hoje que estão dominando melhor né, por isso eu tenho uma grande sugestão para que a gente sempre passa realmente para o nosso, para nossas escolas ai, é realmente fornecer uma aula de informática mais compatível para os alunos que estão aqui, independente do curso que vão iniciar, porque muitos alunos não tem essa capacidade para isso.

Pesquisador: Entendo. O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE), no que se refere às dificuldades de aprendizagem?

Professor(a) 3: Muitos ainda encontram alguma dificuldade por falta de explicação, por falta de ambientação, ele não encontrar o ícone né, onde que eu encontro isso, onde eu encontro aquilo né, talvez por falta de uma explanação geral melhor por parte dos educadores que estão a frente da disciplina de ambientação para explicar como que funciona o AVA corretamente né, ele não possui tanta dificuldade, mas pra nós educadores que já possuímos uma certa experiência, mais pra quem ta começando, talvez assim, são grandes sugestões feitas por nós professores mediadores ao professores formadores, coordenadores das disciplinas, embasar

mais, praticar mais com os alunos para que realmente possam, dar continuidade melhor, não encontrar tanta dificuldade assim.

Pesquisador: Entendi. Você tem trabalhado ou já trabalhou com práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 3: Sim, trabalhamos com a realização de fóruns e os fóruns ele tem realmente um método muito importante, muito significativo né? Sempre nós pedimos a réplica, onde um aluno responde e o posterior a ele vai realmente responder a pergunta que o professor formador está solicitando e depois vem realmente solicitado para os alunos após a sua resposta, uma réplica, ou seja, um contraponto que ele tem com outro colega, eles vão **interagir ali. E na maioria das vezes, já notei também, professores pedindo** também até uma tréplica, que realmente ele ainda interagindo com um terceiro ainda, aluno, então é muito importante esta interação, não só um com o primeiro lá de cima, mais o aluno ele estando ali dentro do Fórum, ele estando ali realmente atuando diariamente, observando quem está respondendo aquilo, para que ele possa cada vez mais ali, fazer a sua parte contribuindo com a sua resposta. É, eu concordei com isso, discordei daquilo, ou seja, fazendo a réplica e a tréplica ao mesmo tempo. Os alunos são divididos em grupos e a gente vai organizando as atividades e ia fazendo a mediação da produção das respostas dos fóruns, e essa mediação é importante para que? Porque o conhecimento está ali se formando cada vez mais, a opinião de um não é a do outro, então um realmente dá uma opinião e outro faz uma réplica e outro dá outra resposta e assim o professor mediador vai interagindo entre eles, o que que você acha disso, o que que você acha daquilo. Tal aluno não deu a tal resposta, tem somente a opinão de um aluno por lá, o que você achou da resposta dele e assim a formação do conhecimento ele é mais grandiosa. Temos encontrado, nas práticas de escrita colaborativa em rede oportunidade para estimular os alunos a se incluírem digitalmente e alcançarem autonomia, pois quando aplico essas atividades, e os divido em grupos, um aluno vai ajudando o outro, e eu vou acompanhando-os, e eles mesmos vão aprendendo a utilizar o computador, a pesquisar o tema na Internet e a ser autor do seu próprio processo de construção de conhecimento. Quando aplico atividades colaborativas, parece que eles se sentem mais estimulados a aprender e frequentam mais o polo para aprender com o tutor a realizar as atividades… o tutor presencial reúne os alunos e todos vão aprendendo juntos a manusear as tecnologias digitais

Pesquisador: Certo. Quais foram as suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 3: Eu tive enquanto discente, enquanto aluno, trabalhando realmente com o Wiki que era uma função, uma prática muito interessante, a princípio eu não sabia, desconhecia da mesmo, quando os professores da época me puseram realmente a conhece-lo, esta ferramenta, eu achei assim muito interessante. E nosso grupo na época pegou uma cor, fazia de cores diferentes, laranja, azul, amarelo, então a gente foi colorindo aquele wiki lá de uma forma que o texto ficasse assim bastante bonito até, fazendo do assunto teoricamente, faziam com que aquele texto no Wiki que a gente chamava ali ficava diferente, ficava uma cor colorida e a impressão do mesmo depois, depois de impresso, ficou mais nítido e interessante ainda. Porque você poderia perceber que aquele grupo azul, você veria suas respostas, ou seja a réplica dentro do Wiki chamava a atenção. E o professor ia interagindo era sempre de uma cor só e os grupos respondiam cada pergunta dele dentro do Wiki.

Pesquisador: Certo. Quais os aspectos positivos observados nos alunos(as) do curso Técnico de Segurança do Trabalho após estas práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 3: Eu vejo que uma das dificuldades maiores talvez assim, seja o aluno encontrar o fórum em si ou o Wiki para postar realmente a sua resposta e depois de encontrado tentar fazer essa mediação com outro colega né? Talvez ele tenha, ele responde e não quer saber mais daquilo, ou seja, há necessidade de um terceiro que seja o professor mediador, que seja alguma outra pessoa para chamar a atenção do aluno para que ele possa entrar novamente no Wiki, possa entrar novamente no fórum, a fazer uma nova versão daquela pergunta, porque muitas vezes entra lá postando a sua pergunta e coloca a sua resposta e esquece de retornar a aquele assunto, de ver como ficou, se alguém comentou algo a respeito daquilo para que realmente o conhecimento possa ser mais produzido, o conhecimento possa ser mais avançado né? E parou ali , ai a função do professor mediador entra ai, de começar esta interação, de começar realmente a moderação, não deixar que o alunos poste apenas uma resposta, a pergunta não para ali, a mediação e interação, ela é necessária entre os alunos, os discentes. Essa dificuldade precisa ser trabalhada, esta dificuldade precisa ser trabalhada na raiz, porque não fique só aquela mesmice de uma resposta só. A interação entre eles e a troca de informações e conhecimento são os pontos positivos que eu notei mais em evidência.

Pesquisador: O uso destas tecnologias digitais pode interferir na construção da autonomia da aprendizagem?

Professor(a) 3: Acredito que sim. Acredito que pode e muito. Porque a partir do momento em que você usa a tecnologia você vai fazendo com que realmente o próprio intelecto humano se desenvolva melhor. E sem preguiça nenhuma, estas tecnologias fazem com que o aluno saia da mesmice, é uma coisa nova para ele, atrativa para ele, e as vezes esta novidade inicialmente vai gerar um certo medo tudo gera medo, tudo que é novo, mais estas novidades podem gerar algo maior ali na frente. Ele pode amar a ideia, pode ter mais prazer por esta ideia de tecnologia e gerar mais conhecimento e esta geração de conhecimento que a gente, que é o ápice nosso hoje né? Formar alunos críticos, formar alunos que são capazes de pensar, alunos pensantes, não queremos que o aluno apenas absorva conhecimento, amis que o aluno pense, critique, busque mais né, esta é a intenção acho que de todo o grupo do curso, seja ele na modalidade presencial, ou seja, ele na modalidade a distância.

Pesquisador: Certo. O uso de tecnologias digitais é fundamental na educação dos dias de hoje?

Professor(a) 3: Acredito que sim. O uso de tecnologias na educação é de fundamental importância nos nossos dias atuais para fazer o aluno desenvolver a autonomia de conhecimento. O aluno precisa de ter mais autonomia né? É lógico que ele vai precisar de um suporte, este suporte virá através de um tutor, de tutoria, através de um professor mediador, mais que isso vai favorecer vai.

Pesquisador: O uso de tecnologias pode potencializar a inclusão digital?

Professor(a) 3: Acredito que sim. Acredito que a inclusão digital nesse ponto, neste quesito, ela deixa de ser inclusão digital. A partir do momento em que o aluno busque cada vez mais e tenha suporte para isso. Hoje, esta muito presente a inclusão digital, de diversas formas são oferecidas aos alunos , as vezes eles acham que não, mais esta presente né? Hoje realmente, muitos alunos estão buscando somente redes sociais virtuais, e tem de sair desta preguiça de ficar somente em redes sociais. Claro, gera conhecimento , talvez sim, depende da forma em que o aluno a usar, podendo buscar algum texto em alguma rede social para que você possa fazer algum estudo talvez você consiga, mais buscar outras tecnologias , sair realmente desta mesmice de redes sociais, acredito que é fantástico para nós enquanto professores né? E o uso de tecnologias sim, é uma ferramenta importante. Presencialmente eu já utilizei os celulares em sala de aula, numa escola em outra cidade na qual eu lecionava para pesquisa. Era uma grande

dificuldade o celular em sala de aula, porém, eu fiz uso, fizemos acesso a internet e fiz realmente com que os alunos pegassem seus próprios celulares e faziam as pesquisas na área de Filosofia. E gostaram, dividiram a sala em grupos na época, fizemos trabalho de pesquisa com isso, ganhamos até premio para a escola com trabalho na época lá, então assim, eu acho que foi interessante. Acho que a gente usar a gente tem que fazer com que a ferramenta que está na mão do aluno, seja uma ferramenta que ele possa fazer com que ele tenha um suporte para a vida dele né, não ir contra a ferramenta tecnológica que ele possui mais que seja realmente um suporte que possa ajuda-lo da melhor forma possível.

Entrevista 4

Pesquisador: O contexto atual de ensino dos ambientes virtuais de aprendizagem se configura como um ambiente engessado, podendo colaborar com a produção do conhecimento de forma autônoma por parte dos alunos(as) e seus usuários. O que você pensa sobre isso?

Professor(a) 4: Na minha visão, eu acredito que sim. Só que geralmente, assim, o aluno que vem fazer um curso, que vai ter um primeiro contato com a EAD, geralmente eles se dedicam mais, eles se esforçam mais, eles buscam mais o conhecimento. E a partir dos outros cursos, que é mais prazeroso a gente ver, é o aluno que faz um curso ele provavelmente procurará outro curso, mais outros cursos, as vezes dentro da sua área de atuação, ou de outra área que ele tem interesse, ele já não vai ser tão assíduo como ele foi no primeiro curso. Talvez pelo formato de todos os AVAs utilizados nos cursos técnicos são muito parecidos, quase todos iguais, que ali eles tem uma maior facilidade, então eles já possuem autonomia para utilizar a plataforma da melhor forma possível, eles não terão mais dificuldades para estar buscando ajuda para usar a plataforma, para buscar as informações, eles não terão dificuldade para estar utilizando as ferramentas. O domínio do AVA ajuda o aluno a adquirir autonomia na produção de conhecimento sim, porém, tem essa dúvida em relação ao porque os alunos perder o interesse em buscar mais informações a partir dos outros cursos que eles fazem no Moodle, talvez por acomodação: Ah! Eu sei como fazer as tarefas e faço do meu jeito e bem mais rápido agora. O aluno fica mais acomodado a partir deste domínio desta ferramenta.

Pesquisador: Fale um pouco da sua formação/graduação:

Professor(a) 4: Eu sou formada em Ciências Contábeis. Estou encerrando a minha Licenciatura em Pedagogia e possuo o Magistério que é de nível técnico também.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional na educação a distância:

Professor(a) 4: Bom. Eu estou como professor(a) na EAD já há algum tempo, já trabalhei além da Segurança do Trabalho com outros cursos, como o de Agropecuária, por exemplo, técnico de Serviços Públicos e Agropecuária. E agora, atualmente estou no curso Técnico de Segurança do Trabalho do Instituto Federal de Machado.

Pesquisador: A quanto tempo você é professor(a)?

Professor(a) 4: Estou como professora na modalidade EAD desde 2009 e no geral, na modalidade presencial há 12 anos. Eu já trabalhei na modalidade presencial tanto com cursos técnicos, quanto na educação infantil e fundamental I. Eu fui professora no curso Técnico de Contabilidade, na Escola Módulo, e eu era professora de Economia e Mercado, de Organização e Técnicas Comerciais e de Contabilidade Geral, todas na Escola Módulo aqui em Alfenas mesmo.

Pesquisador: A quanto tempo você é professor(a) na modalidade a distância?

Professor(a) 4: Sou professor(a) na modalidade EAD a aproximadamente 9 anos.

Pesquisador: A quanto tempo você é professor(a) no Curso Técnico de Segurança do Trabalho do Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado?

Professor(a) 4: Sou professor(a) do curso Técnico de Segurança do Trabalho do IF de Machado a 2 anos, que eu venho trabalhando com Segurança do Trabalho. Iniciei minha segunda turma de Segurança do Trabalho no inicio deste ano de 2017.

Pesquisador: Quais as dificuldades de ensino na modalidade de educação a distância?

Professor(a) 4: Eu acho que a principal dificuldade na EAD é a questão da organização do tempo. Muitos dos nossos alunos chegam, digamos com que dificuldades, não conhecem muito

bem ainda um computador, ou não tem destreza em utilizar o computador né, esse recurso, ele chega imaginando uma coisa da educação a distância e derrepente ele vê que não é aquilo, ainda tem um certo preconceito, pois o aluno que procura a EAD, na minha opinião, ele chega pensando que as coisas acontecerão no mesmo ritmo da modalidade presencial né? E na EAD não, ele tem de buscar conhecimento, ser mais autônomo, ter mais dedicação e priorizar um tempo para estudar, pois ele terá de ter aquele tempo diário para estudar como uma regra para ele. Não é simplesmente chegar ali na frente do computador e dizer em 15 minutos eu faço esta atividade, esta tarefa, ele terá de buscar mais, pesquisar, ir bem mais além, se doutrinar a estudar todo dia num horário determinado. Por exemplo: Das 4 as 6 vou pesquisar, estudar, ler minha apostila impressa, mais as vezes o aluno chega no polo, senta na frente do computador, só lê a pergunta e já responde a atividade. Eu acho que ainda precisa ser muito trabalhada esta questão do planejamento e organização do tempo e as melhores formas de se realizar uma atividade na EAD, porque na EAD depende mais dele do que nós professores.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE), no que se refere às dificuldades de aprendizagem?

Professor(a) 4: No início dos cursos os alunos tem uma dificuldade em utilizar a plataforma do curso e seus recursos que estão lá disponíveis. Como eu disse, no primeiro contato, a pessoa não tem noção de como trabalhar corretamente ali naquele ambiente virtual. Mais a partir do momento que a gente passa pelo primeiro módulo de qualquer curso, o aluno passou do primeiro módulo, ele vai ter mais facilidade e agilidade em estar utilizando esta plataforma. A partir do momento em que ele conhece de verdade a plataforma, ele fica mais, digamos que independente. Quando ele domina este recurso ele se torna um aluno mais independente, na minha opinião sim. Já no começo eles já são mais dependentes de nós professores né? Porque não conhecem o ambiente, as vezes nunca viu falar o que que é fórum, não sabem fazer as postagens de arquivos no moodle, não sabem anexar estes arquivos para serem enviados e registrados como atividade realizada e concluída, não sabem responder aos fóruns, acabam que abrem outros tópicos de discussão sem responder direito ao primeiro tópico que é aberto pelo professor, que é o objetivo principal da atividade destinada a ser feita naquela semana normal do curso.

Pesquisador: Você tem trabalhado ou já trabalhou com práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 4: Sim. Eu já trabalhei e ainda trabalho com estas práticas de escrita colaborativa. Um exemplo que eu posso dar é o uso que faço do Wiki na minha disciplina no curso de Segurança do Trabalho. Que possibilita ao professor estar pedindo aos alunos a produção de textos, com a ajuda de todo o grupo e cada um vai dando a sua contribuição, a sua opinião ao tema proposto para estudo, cada um vai escrevendo um pedacinho e no final, a gente faz uma conclusão em conjunto, um apanhado de todo o assunto que foi discutido pelos alunos na tarefa. Inclusive fizemos a algum tempo atrás, uma tarefa sobre as Normas Regulamentadoras do Ministério do Trabalho, e foi muito interessante, os alunos ficaram bastante empolgados e participativos. Além do Wiki, costumo as vezes usar o Google Drive, temos os chats, os fóruns, hoje em dia o whatsapp, os grupos criados no Facebook, que todas estas ferramentas são utilizadas dentro do curso de Segurança do Trabalho. O Google Drive utilizei algumas vezes, fui fazendo a mediação da troca e compartilhamento de informações dos alunos, para que no final a gente concluísse a disciplina com os resultados sendo postados na plataforma através da ferramenta do Wiki. Eles rascunhavam no Google Drive, para eles aprenderem mais, conhecerem melhor a ferramenta, pois a maioria dos alunos nem sabia da existência destas ferramentas e para fazermos as correções por ali, e transcrevermos os resultados finais com a utilização do Wiki, sem aquela necessidade de estar os alunos reunidos presencialmente, pois temos alunos de diversas partes, de diversas cidades, não temos somente de Alfenas. Inclusive um dos melhores grupos eram compostos por alunos de Alfenas, de Paraguaçu, de São Paulo, um de Ribeirão Preto e eles fizeram as atividades neste formato, utilizando estas tecnologias, estas ferramentas, cada um na sua casa, dando a sua contribuição na produção do conhecimento, na produção do texto. Cada um, eles se organizavam por dia e horário, cada dia um teria de fazer a sua parte no trabalho, para depois juntos finalizarmos a atividade. Cada um na sua casa. O mais interessante que eu achei que além destas 2 ferramentas, eu perguntei a eles, quais outras ferramentas que eles utilizaram para estar efetuando o trabalho? E eles utilizaram também o whatsapp e grupo da disciplina no Facebook como suporte para a aprendizagem deles.

Pesquisador: Quais foram as suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 4: Então, eu já trabalhei tanto na modalidade EAD, quanto na modalidade presencial com as práticas de escrita colaborativa. Eu utilizei na presencial um pouquinho da EAD apresentando aos meus alunos estas ferramentas do Google Drive, que como também, pelo fato de ser um curso presencial, era noturno, nós tínhamos alunos de várias outras cidades e eu apresentei a eles pois eles tinham de estar montando uma empresa fictícia né, e depois eles

estariam apresentando para os demais colegas através de um pequeno seminário. Eu achei muito interessante de ver o interesse dos alunos a partir do momento que começaram a conhecer esta ferramenta por parte deles, aumentou assim grande parte do trabalho, eles ficaram motivados, eles ficaram mais interessados, eles produziram mais e no final nos tivemos um trabalho de excelente qualidade a nível mesmo de um trabalho de uma Universidade. Quando eles conseguiram tomar o trabalho com o Google Drive, na minha visão, foram produzindo com mais eficiência, com bem mais eficiência. E com os meninos da EAD no trabalho das Normas Regulamentadoras, que já citei anteriormente, e que despertou um certo interesse neles, com todos os alunos querendo opinar, sempre querendo mudar, não vamos fazer assim, assim acho que fica melhor.

Pesquisador: Quais os aspectos positivos observados nos alunos(as) do curso Técnico de Segurança do Trabalho após estas práticas de escrita colaborativa? Cite algumas dificuldades que puderam ser observadas com estas práticas?

Professor(a) 4: Bom, eu vou começar falando a respeito das ferramentas que a gente encontra no ambiente virtual de aprendizagem, que são mais utilizadas, o chat e os fóruns. Quando a gente falava estas 3 terminologias aos alunos, é tipo assim: eles se assustavam, eles não entendiam, o que estas palavras iriam trazer para eles dentro da EAD. A partir do momento que eu apresentei a eles um grupo do curso no Facebook e no Whatsapp, eles tiveram menos dificuldade para estar trabalhando com estas ferramentas, porque eu consegui mostrar a eles que o que eles fazem nas redes sociais é muito parecido com que eles precisam de estar fazendo dentro da plataforma de Segurança do Trabalho, lógico que, utilizando o que eu chamo de " Netqueta" , porque eles não poderiam escrever com as mesmas palavras os que eles faziam no Facebook e no Whatsapp. Ai, logo depois, que eles conscientizaram sobre isso, eu, na minha opinião, eu pude perceber que a evasão dos alunos do curso de Segurança do Trabalho diminuiu, que eles se mostraram mais interessados e mais participativos nestas 3 ferramentas. A partir deste momento que eu apresentei a eles o Google Drive, que eles passaram a entender mais ainda sobre estas práticas de escrita colaborativa. Muitos alunos sem a noção básica de utilização destas novas tecnologias, depois de realizarem atividades colaborativas, com acompanhamento constante do professor, aprenderam a ligar o computador, a pesquisar na internet, a digitar conteúdos no Word, e até a utilizar o Wiki do Moodle… é bastante trabalhoso dar atividades em grupo para os alunos… mas percebo que eles se desenvolvem mais quando

trabalham em cooperação… se tornam mais autônomos e independentes digitalmente em nossas salas de aula virtuais…

Pesquisador: Entendi. O uso destas tecnologias digitais pode interferir na construção da autonomia na aprendizagem?

Professor(a) 4: Sim. Eu acredito que sim. Bem, como um exemplo que acontece muito no cotidiano de todos nós aqui da escola técnica municipal, derrepente a gente está preparando uma aula, uma atividade, uma tarefa para os alunos, ou montando um processo, ai vem por exemplo um termo, uma palavra na qual a gente não lembra o significado dela, qual o sentido, ou se ela é desconhecida. Geralmente a gente ao invés de ir lá procurar no velho dicionário, com letras minúsculas, bem pequenas, a gente para o que está fazendo, corre vai ao site da Google faz uma pesquisa e a incluímos dentro da atividade na qual estamos realizando.

Pesquisador: O uso de tecnologias pode potencializar a inclusão digital?

Professor(a) 4: Eu acredito que sim. As maiorias dos nossos alunos chegam com dificuldades, acontece, pois estamos com a tecnologia tão avançada, nós ainda encontramos muitas pessoas que não tem o domínio do computador, não sabem às vezes nem ligar um computador. A partir do momento que ele começa, que ele aprende, que ele vai se interessando mais, que ele vai interagindo, que ele vai conhecendo todo o processo né? Ele vai evoluindo, e quem que não gosta de evoluir né? Acho que deveria haver uma disciplina especifica que ensinasse a usar estas tecnologias que estão na educação. Pois hoje em dia, tudo o que vamos fazer a gente depende da tecnologia e infelizmente, como eu disse, ainda possuímos no nosso dia a dia, não só no nosso dia a dia, no Brasil inteiro, muitos analfabetos digitais, por isso seria necessário ter na grade curricular destes cursos, a disciplina que respondesse por estas deficiências. No meu ponto de vista é isto. E não só nas Universidades, mais em todos os cursos técnicos, ensino médio, desde a educação básica até o encerramento da nossa formação estudantil.

Entrevista 5

Pesquisador: O contexto atual de ensino dos ambientes virtuais de aprendizagem se configura como um ambiente engessado, podendo colaborar com a produção do conhecimento de forma autônoma por parte dos alunos(as) e seus usuários. O que você pensa sobre isso?

Professor(a) 5: Eu penso que o aluno mesmo com esse ambiente muitos achando que engessado, estando ali sem conseguir ampliá-lo, sempre fixo com seus recursos, mais ajuda muito o aluno porque através desta facilidade sendo maior, ele tem mais chance de aprendizado e mais chance de fazer uma pesquisa melhor, usar melhor um apostila, de olhar o material do curso. E com isso traz ao aluno uma autonomia no seu aprendizado devido a esta facilidade de utilização deste ambiente virtual, dele mexer, acessar e fazer as atividades propostas pela disciplina, olhar melhor o material disposto na plataforma, vídeos aulas, que ele está estudando. Por mais que ele seja engessado há um ponto positivo nisso tudo, que ajudam os meninos.

Pesquisador: Entendi. Fale um pouco da sua formação/graduação:

Professor(a) 5: Eu sou formada em Matemática, sou formada em Pedagogia, já trabalhei como orientadora, trabalho numa escola como professora de Matemática e como professora na educação a distância. Eu trabalho aqui no Polo, eu me formei em Matemática em Varginha e Pedagogia em Machado. Fiz Matemática na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Varginha, Pedagogia na Faculdade Professor José Augusto Vieira em Machado, pós-graduação na Faculdade São Luiz de Jaboticabal. Não fiz um curso atrás do outro, pois teve um intervalo para Pedagogia com 6 anos.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional na educação a distância:

Professor(a) 5: A educação a distância eu comecei, como eu já trabalhava aqui no Polo, achei muito interessante este curso e me inscrevi no processo seletivo para tutora né, e consegui, e acho muito legal para poder ajudar o pessoal que tá começando, que tá recuperando o tempo perdido, trabalhando primeiramente como tutora depois me tornando professora, depois desta experiência me tornei professora de Estatística aplicada a Segurança do Trabalho e como eu gosto muito dessa área de Segurança, eu me sinto realizada podendo trabalhar com os alunos e passar um pouco de conhecimento. Já trabalhei como professora também na modalidade

presencial no Colégio Sagrado Coração de Jesus na cidade de Alfenas e no Colégio Anglo. Trabalho até hoje desde 2003 no Colégio Sagrado Coração de Jesus e desde 2010 no Colégio Anglo de Alfenas. Exerço a função de professora contando o tempo que trabalhei também como professora do Estado, tenho 26 anos de dedicação como professora. Já a 26 anos de experiência como professora, divididos entre a modalidade de ensino a distância e na modalidade de ensino presencial, a EAD é mais recente.

Pesquisador: A quanto tempo você é professor(a) na modalidade a distância?

Professor(a) 5: Sou professora no curso Técnico de Segurança do Trabalho a 3 anos e estou gostando bastante, é muito bom pois a educação a distância é uma oportunidade para aquele menino que não está frequentando uma escola normalmente né, diariamente, ele tem esta nova oportunidade, ainda mais através da plataforma que é fácil de usar e que ajuda muito a chance que ele tem de concluir um curso. A educação a distância, na minha opinião, é uma educação inclusora, que dá oportunidade a quem não teve oportunidade. Principalmente pelo fato de, muitas vezes o menino perdeu a oportunidade antes, não faz, não conseguiu fazer um curso superior ou não quis, qualquer coisa deste tipo, hoje em dia o curso profissionalizante é muito valorizado. Então eu acho que abriu um campo muito grande e isso faz com que se tenha aberto um leque muito grande para qualificação técnica e profissional através da educação a distância.

Pesquisador: Entendi. Fale sobre as principais dificuldades de ensino na modalidade de educação a distância:

Professor(a) 5: A primeira que eu acho, a principal, é que o aluno precisa ser muito assíduo, porque mesmo sendo a distância, as vezes ele acha que não precisa ter assiduidade, não precisa estar com aquele responsabilidade e não pode ficar acumulando matéria, se ele vai acumulando ele não vai dando conta, vai acumulando dependências das disciplinas dos módulos. Então acho que este aí é um ponto que dificulta a aprendizagem na EAD. Devido a ausência, ao pouco tempo que ele tem para produzir seus trabalhos na plataforma, pois alguns deixam para resolver sobre seu trabalhos no último dia de serem anexados no ambiente virtual de ensino, num último momento. Se a plataforma sai fora do ar, pode acontecer um monte de coisa para atrapalhar, um monte de imprevistos, ele já fica sendo prejudicado, mais por ele mesmo. Esse no meu ponto de vista é o principal ponto de dificuldade enfrentada na EAD: a disciplina em ter de estudar todos os dias na educação a distância. A internet também pode ser um problema para o

aluno, pois se cai a internet como o aluno faz? Muitos dele usam uma internet de baixa velocidade e o menino estando na educação a distância ele já esta aprendendo além do conhecimento, aprendendo a mexer com as ferramentas tecnológicas, que é através do computador, da internet, cada dia ele acaba tendo uma visão nova, destas novas ferramentas. O acesso ao computador e a informática, também é um problema, muitos alunos chegam sem saber mexer direito com o computador, por isso que já tem o tutor e eles vão ser auxiliados né? Aqueles que não tem conhecimento, mais grande parte dos alunos nos dias de hoje já sabem, já acessam e já tem a facilidade de seguir os passos necessários. São poucos alunos que tem muita dificuldade de se adaptar ao uso do computador para estudar, na escola técnica são poucos, mais a maioria faz o uso errado do computador.

Pesquisador: Entendi. O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE), no que se refere às dificuldades de aprendizagem?

Professor(a) 5: A plataforma é um ambiente fácil, o aluno não tem dificuldade com ela, somente no início. Se o aluno entendeu a primeira vez como ele vai fazer, os passos a serem seguidos na plataforma, ele não tem dúvida, tá bem claro depois que ele entra, as dificuldades se encontram apenas nos primeiros acessos, para fazer login e senha, ver aonde vai, onde posta, como responde, como que faz. Depois que ele entrou na plataforma ele não tem mais tanta dificuldade. Geralmente para o aluno que tem dificuldade é feita aulas no polo com o tutor presencial, onde o aluno se desloca até o polo né, e tira suas dúvidas. Porque para tirar por telefone, se ele já não sabe, não tem como você mandar por e-mail, mesmo falando na plataforma não tem jeito. Você manda mensagem mais se ele não sabe entrar na plataforma como é que faz para ele ler a mensagem que você mandou? Aí nesse ponto dificulta para o professor acompanhar o desenvolvimento do aluno na disciplina. Os recursos da plataforma são fáceis de serem utilizados. Quando ele acessa a disciplina, ele acessou as disciplinas, ali dentro tem as atividades, os vídeos que são jogados lá, mais se ele já tem essa facilidade, ele não terá dificuldades. Agora a dificuldade é ele aprender a mexer na plataforma, pois os fóruns são fáceis de serem respondidos, basta eles estudarem os conteúdos das disciplinas, pois eles têm muita facilidade de participar e debater dentro de Fórum avaliativo. Eu acho que a plataforma proporciona muito isso aí.

Pesquisador: Você tem trabalhado ou já trabalhou com práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 5: Muito. Estas práticas eu acho que são muito boas e elas ajudam colaboram muito para os alunos, porque a facilidade que tem de o menino já entrar pelo computador e já ir lá acessando ou o Google Drive ou o Wiki da plataforma, então cada um de sua casa já vai vendo e programando cada um o seu texto e no final eles vão olhando e já vão discutindo o que está certo ou o que está errado naquele trabalho colaborativo. Ou dentro do próprio Fórum Avaliativo ou o de notícias muito bom também para prática de trabalhos em grupo, muito bom para os meninos. E, além disso, as ferramentas tecnológicas de hoje em dia, o Facebook, o Whatsapp, onde também temos uma comunicação com muita facilidade, acho que isso aí é muito bom. Eles criam grupos no Facebook e no Whatsapp e conhecem a troca de conhecimento de cada um e isso é muito importante para um aprendizado cada vez maior. Na sala de aula eu dou uma atividade, divido meus alunos em grupos e cada aluno fica responsável de fazer uma parte do trabalho. Cada um na sua casa vai desenvolvendo através das tecnologias, o que foi destinado a cada um de forma individual, para depois construir o texto no Wiki, por exemplo, de forma colaborativa, fazendo o que for da responsabilidade dele, no fim, quando se junta todo o conteúdo, tem a oportunidade do outro colega olhar e opinar de forma colaborativa. Quer dizer, o próprio nome já diz, as práticas de escrita colaborativa, onde um já está colaborando com o outro, isso também é muito bom. No meu ponto de vista, isto traz muita autonomia para o conhecimento, pois o aluno se torna independente. É uma maneira, mais uma maneira, para ele se desenvolver cada dia mais e mais, é notória essa evolução nos alunos de produção do conhecimento, vai ser fácil você provar com a sua pesquisa. Isso tudo devido as tecnologias que usamos que vieram para complementar as práticas pedagógicas dos professores, mais tem professores que não aceitam muito estes conceitos não, se sentem com medo, sei lá, desconfiam das tecnologias.

Pesquisador: Entendi. Quais foram as suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 5: Minhas experiências foram mais positivas do que negativas. Houve uma grande evolução, percebi num trabalho que eu dei né, eles agrupados em pequenos grupos, no curso de Segurança do Trabalho, aquele menino que tinha mais dificuldade, aquele menino que era mais quieto, geralmente está lá assim, a gente percebe que não se destaca muito, quando chegou nestas práticas através da ferramenta, ele foi assim, colocando as ideias que a gente vê que o desenvolvimento dele é bem maior e o seu aprendizado também. Porque através destas pesquisas e aquele grupo, um debatendo com o outro, a chance deles aprenderem é muito maior.

Pesquisador: Como se deram estas práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 5: Eu dava um tema nas aulas presenciais né, dava um tema e depois com aquele trabalho vinha algumas perguntas para serem respondidas e com os alunos divididos em grupos né, de maneira que para facilitar eles mesmo entre si vão escolhendo aquele que tem mais facilidade de acesso e dividindo entre os outros grupos. Não importa a distância, mais tem uns que tem mais afinidade com os outros. Então formados estes grupos, este trabalho, este aprendizado é muito maior, pois é dado um tema que é dividido as partes de um trabalho entre os grupos e cada um desenvolvendo sua parte ali, nos diversos locais na qual se encontram ou residem. A ferramenta que gosto de utilizar nesta atividade é o Google Drive, mais do que o Wiki. Pois acho que eles tem mais facilidade de mexer e compartilhar entre eles os textos e as partes deste trabalho. Comunicam-se muito através do Whatsapp, um perguntando para o outro: Olha, eu fiz, você deu uma olhada lá, como você acha que tá, precisa de alguma mudança, você que tá bom, posso acrescentar mais alguma coisa, ou do jeito que está ficou bom, pra gente ver como vai ficar. Então esta interação também é muito boa. A tecnologia foi fundamental e é fundamental na construção do conhecimento e cada dia eu acho que vai ser uma ferramenta mais usada e tem de ser usada principalmente na educação a distância. Eu não consigo ver a educação nos dias de hoje sem a tecnologia como suporte, de jeito nenhum, se não tiver esta tecnologia automaticamente a EAD não poderia existir.

Pesquisador: Você pode citar algumas dificuldades que puderam ser observadas com estas práticas?

Professor(a) 5: O domínio da ferramenta daqueles que tem mais dificuldade, que vai as vezes demorar um pouco mais para trabalhar aquele texto e na ansiedade de um que é mais ágil com as tecnologias, que tem mais facilidade, ele fica achando que esta sendo prejudicado por causa do colega, mais não está porque cada um tem o seu tempo né, o seu tempo de desenvolver, de elaborar o seu texto, de estudar porque as vezes ele trabalha num horário que não proporciona aquilo, enquanto que o outro aluno tem mais folga e acaba que desenvolve a atividade muito mas rápido. Isso ai eu acho que foi um impasse de alguns ficarem insatisfeitos e mais ansiosos, mais no final acabou que deu tudo certo. Essa prática de escrita colaborativa além dela poder gerar conhecimento, ela gera uma integração e uma interação entre os grupos de estudos criados na disciplina, e entre os alunos do curso de Segurança do Trabalho. Isso só faz que aumente ainda mais a produção do conhecimento dos alunos, só tem onde aumentar o conteúdo e o

conhecimento deles. E o principal aspecto positivo disso tudo na minha visão é que sempre deverá haver uma pratica de escrita colaborativa, e isso é muito interessante além do aprendizado, essa socialização entre os colegas e uma maneira que a gente tem também de fazer com que eles usem mais as ferramentas que são necessárias para o curso, como o curso é um curso a distância, é necessário ter estas ferramentas e se eles não vão mexendo, não tem como eles irem aperfeiçoando.

Pesquisador: Certo. O uso destas tecnologias digitais pode interferir na construção da autonomia da aprendizagem?

Professor(a) 5: Claro que podem, pois eles usando as tecnologias vão desenvolver muito mais seu aprendizado. Porque se ele está desenvolvendo um assunto, ele tá ali um grupo desenvolvendo um determinado texto de um conteúdo, ele mexendo vai ter outra oportunidade de fazer mais pesquisa, de adquirir mais conhecimento e de aprofundar no assunto. Então sem isso aí não tem como alcançar os resultados esperados, isso é a base para o aprendizado principalmente na educação a distância, as tecnologias vieram para complementar as práticas dos professores e você vê que o professor que transmite a prática, faz isso muito poucas vezes em relação ao que deve ser. O que ele vai desenvolver mesmo é através do uso das tecnologias e não somente usando o computador, mais também um celular, um tablete e todas as redes sociais na qual eles têm acesso na internet.

Pesquisador: O uso de tecnologias pode potencializar a inclusão digital?

Professor(a) 5: O aluno quando domina um computador , mais ele sabe mexer bem com um aparelho celular, na minha opinião facilita, pois é um meio na qual ele esta mexendo ali, e vai ficar curioso e ver que ele tem uma ferramenta maior e melhor de se trabalhar para seus estudos do que o próprio celular. Então uma coisa vai integrando a outra, o uso de uma ferramenta vai puxando o interesse do aluno a descobrir a outra, vai criando uma interação, temos também o processo de digitação de mensagens no celular, que no meu ponto de vista é mais difícil do que digitar num computador. Quando ele usa estes recursos, seja qualquer coisa, celular, tablete e por fim o próprio computador, ele potencializa a falta de inclusão digital que até então ele estava submetido, eles vão se incluir digitalmente e o resultado disso ai é que além dele estar aprendendo a mexer com as ferramentas, ele tá adquirindo conhecimento novo a cada dia mais e mais, facilitando o aprendizado dele, até mesmo porque na educação a distância ela exige

muito saber trabalhar com estas ferramentas digitais, que são a base para qualquer curso que existe aqui na escola técnica, sendo de extrema importância. Na minha visão, uma disciplina de tecnologias digitais deveria ser introdutória a qualquer curso em EAD, para complementar a grade do curso, pois os adolescentes já usam tanto das tecnologias no dia a dia e todo curso já existe uma pequena introdução na disciplina de ambientação. Se a disciplina existisse ia favorecer e melhorar a qualidade do curso, facilitaria o uso e o andamento das atividades da plataforma de maneira mais rápida, porque eles vão aprendendo um com o outro, o que sabe mais ensina o que sabe menos, mesmo você falando que pode usar esta ferramenta tudo mais na introdução dos cursos fica um pouco a desejar. E com uma disciplina os ensinamentos seriam mais profundos, eles iam aprofundar ainda mais o assunto e a prática poderia ter carga horária mais melhor.

Entrevista 6

Pesquisador: O contexto atual de ensino dos ambientes virtuais de aprendizagem se configura como um ambiente engessado, podendo colaborar com a produção do conhecimento de forma autônoma por parte dos alunos(as) e seus usuários. O que você pensa sobre isso?

Professor(a) 6: Bem, eu vejo que o ambiente apesar de ser, afirmando ser um ambiente engessado, fixo não muda, mais eu vejo ainda ele surgindo como um desenvolvedor de autonomia, porque? Por exemplo, a forma de se postar no fórum é o mesmo, mais apesar de ser a mesma maneira de se postar no fórum, o aluno ele vai construir o conhecimento de forma autônoma. Um chat, quando ele participa de um chat, eu vejo que ele é dinâmico, ele tá participando de um chat ele está interagindo, é a mesma visão que tenho quando estamos utilizando o Whatsapp, não deixa de ser um chat o Whatsapp e também tem até os Wikis na plataforma onde muitos professores utilizam os Wikis para desenvolver seus textos de forma colaborativa. Eu mesmo já fiz um curso onde o professor disponibilizava uma atividade para gente desenvolver um Wiki em forma de um trabalho coletivo e funcionou legal, foi bastante interessante pois cada um tinha a sua participação e o que eu achei interessante é que o mesmo problema que se dá, que se tem na educação presencial, tem na modalidade a distância, a questão é que quando você vai fazer um trabalho em grupo, vai dividir pessoas, e tem alunos que, tem trabalhos que a minha parte é essa, aquele problema da divisão, e depois o aluno na hora mesmo que vai desenvolver o trabalho some, também tem isso na educação a distância. O ambiente por ser engessado no meu ponto de vista facilita ao aluno a obtenção de conhecimento, eu vejo que facilita sim, pois a forma de se trabalhar na plataforma do curso é sempre a mesma e por isso irá facilitar a participação do aluno. Mesmos as prática sendo as mesmas, facilita sim, pois tem uma orientação né, este é meu ponto de vista.

Pesquisador: Entendi. Fale um pouco da sua formação/graduação:

Professor(a) 6: Eu sou contador, estou terminando o curso de Licenciatura em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, tenho mestrado na área ambiental, sou

design instrucional, tenho Gestão de Trabalho Pedagógicos, sou formado em Gestão e Planejamento em EAD e sou técnico em Informática.

Pesquisador: Certo. Fale um pouco da sua experiência profissional na educação a distância:

Professor(a) 6: A minha formação em educação a distância, eu comecei fazendo um curso de design instrucional pela Universidade Federal de Itajubá, foi ai que começou. Gostei muito da pedagogia, da metodologia utilizada pelo curso e na época nós não utilizávamos o Moodle ainda, usávamos o Teleduc que é uma plataforma totalmente diferente do Moodle. O Moodle é uma plataforma totalmente dinâmica, é bem organizado, quando o professor interage, engaja a educação a distância, o Moodle tem n atividades. Então neste curso de design instrucional eu aprendi as metodologias, as ferramentas a serem utilizadas por um professor de ensino a distância, aí eu gostei, vou começar a trabalhar nesta área, eu achei muito interessante. E estou aí até hoje, já trabalhei no Instituto Federal de Minas Gerais, campus de Ouro Preto, no curso técnico de Serviços Públicos, no Instituto Federal de Juiz de Fora, no curso técnico de Administração e agora fiquei um tempo afastado da tutoria a distância e voltei agora para a tutoria presencial de Segurança do Trabalho do Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado.

Pesquisador: Entendi. A quanto tempo você é professor(a)?

Professor(a) 6: Eu sou professor faz 10 anos, que eu leciono como professor.

Pesquisador: A quanto tempo você é professor(a) na modalidade a distância?

Professor(a) 6: Na modalidade de educação a distância foi a partir de, nós estamos em 2017, foi a partir de 2010. De 2010 até hoje, a 7 anos.

Pesquisador: A quanto tempo você é professor(a) no Curso Técnico de Segurança do Trabalho do Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado?

Professor(a) 6: Como professor do Instituto Federal de Machado, no curso de Segurança do Trabalho a 2 meses. Sou novato no curso de Segurança, mais fui professor de outros cursos em outros Institutos.

Pesquisador: Fale sobre as principais dificuldades de ensino na modalidade de educação a distância:

Professor(a) 6: A grande dificuldade que eu vejo o problema da evasão. Eu estou falando como professor da educação a distância, a evasão. E o aluno também, e a questão da própria tecnologia, que atrapalha bastante a educação a distância, mais apesar da evasão, tem muitos alunos que tem dificuldades com o uso das tecnologias e com o passar, ele se insere, ele começa a aprender estas tecnologias, eu tenho até exemplos de alunos que na época em que entrou na educação a distância, eles não sabiam nem pegar um mouse e com o desenvolvimento do curso a pessoa hoje tem um bom emprego e é muito interessante também, que a educação a distância ela não tem idade. E uma dificuldade maior que eu vejo também, é sobre, são pessoas mais velhas, os alunos mais jovens não se adaptam muito na educação a distância. São pessoas mais maduras que vão para a educação a distância, o jovem parece que não se adapta a EAD, esse é que eu vejo como dificuldade, atrair mais os jovens para a educação a distância. Essa evasão é resultado na maioria das vezes da falta de acesso a tecnologias, parece que alguns alunos tem medo das tecnologias, começam a fazer os cursos achando que é uma coisa até um determinado momento e depois ficam com medo e param com o curso, e tem vergonha, aqueles alunos tímidos que existem nas salas de aula presenciais, também existem na educação a distância, aquele que não vai participar dos fóruns, aqueles que tem medo das tecnologias, então eu tenho esse ponto de vista, que a evasão dos alunos acontecem muitas vezes por falta de preparo com a utilização das tecnologias digitais.

Pesquisador: Entendi. O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE), no que se refere às dificuldades de aprendizagem?

Professor(a) 6: Eu já até falei um pouco, mais o que que eu vejo é que é a melhor plataforma que tem pra ser utilizada no ensino a distância porque eu conheço o Teleduc, os Moocs, outras plataformas que não me recordo o nome, mais o Moodle é organizado, o mais fácil de usar, apesar que os alunos ainda tem dificuldade, envolvendo a tecnologia como uma atividade, pois no inicio o aluno tem muita dificuldade de postar uma atividade, inserir uma mensagem no Fórum avaliativo e também dificuldades até de se usar uma rede social como o Facebook e as vezes usa o facebook e o whatsapp e quando vai para a plataforma tem uma grande dificuldade. Acho que essa dificuldade de trabalhar com a tecnologia esta ligada a falta de uma capacitação também com assuntos de informática, eu vejo que sim, os alunos da educação a distância têm

no início dos trabalhos, uma ambientação, uma disciplina de ambientação do curso, mais mesmo assim, ele sai com muita dificuldade, eu vejo que é um problema de inclusão digital. Temos uma disciplina de Introdução a Informática, mais mesmo assim eles ainda continuam com muita dificuldade né, mais eu vejo a falta da inclusão digital mesmo, a falta deles buscarem os cursos básicos de informática primeiro antes deles fazerem os cursos também é um problema, para eles terem um domínio, um conhecimento de como funciona né? Na disciplina eles aprendem apenas os aplicativos do Office, que é apenas um conhecimento superficial, acho que facilitaria eles usarem o moodle do curso com certeza ajudaria, um conhecimento mais específico e aprofundado.

Pesquisador: Você tem trabalhado ou já trabalhou com práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 6: Eu já trabalhei, já fiz vários trabalhos sobre o Wiki, fiz também trabalhos dentro do Teleduc de atividades colaborativas, onde os alunos montam as ferramentas, já mexi com os docs, documentos nas nuvens, onde vc, o Google Drive já utilizei e já fiz trabalhos, com o Office on-line, Word on-line, Excel on-line, eu já utilizei e já conheço estas ferramentas e as acham bastante interessantes, e procuro deixar os alunos envolvidos, aquilo que disse no início da entrevista, que apesar destas ferramentas colaborativas, tem os mesmos problemas que se tem na modalidade presencial. Tem-se os mesmos problemas do ensino presencial, mais principalmente a falta de domínio da ferramenta que estamos trabalhando.

Pesquisador: Entendi. Quais foram as suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 6: Minhas experiências foram positivas. Eu achei muito interessante, porque, por exemplo, a ferramenta do Google Drive, ele permite a troca de e-mails, de textos, onde a pessoa vai digitando em conjunto e vai surgindo um texto colaborativo naquela atividade em questão. Tanto é, que no meu trabalho nós utilizávamos bastante, principalmente no trabalho de conclusão de curso que eu fiz de Gestão e Planejamento em EAD, praticamos muito a escrita colaborativa através do Google Drive, a gente trocava as informações, os textos, tinham as linhas de cada autor e você tinha determinada data que você precisava desenvolver e colocar para debater no grupo de trabalho do TCC. Cada um fazia a sua parte do trabalho, no tempo em que ele estivesse disponível para se fazer na plataforma, não tinha aquela regra de se fazer em conjunto na mesma hora ali, presencialmente, cada um fazia a seu tempo na sua casa. Foi uma

experiência muito boa, eu até indico estas práticas de escrita colaborativa para todos os professores, mais é necessário que se faça um trabalho antes de conscientização, de preparação, e explicar como funciona e ainda você irá notar que mesmo assim, muitos alunos ainda terão muitas dificuldades, porque também não é muito simples né, vamos ser bem claros, o aluno tem de ter uma boa orientação de como trabalhar estes textos colaborativos primeiro. Uma dica, ou uma ideia que eu dou, é a criação de uma nova disciplina de que trabalhasse o uso e o manuseio destas ferramentas. E eu acredito que em 2 horas, 3 horas, você passaria para o aluno toda a informação.

Pesquisador: Como se deram suas práticas de escrita colaborativa com os alunos(as) do curso Técnico de Segurança do Trabalho? Como você desenvolveu estas atividades?

Professor(a) 6: Desenvolvi dentro da disciplina de Trabalho de Conclusão de curso, onde o aluno começa a desenvolver seu trabalho final na área de segurança do trabalho desde o início do curso. Dentro destas aulas existem dinâmicas de trabalho em grupo, onde os alunos tem data e dia limites para postar na plataforma, onde os mesmos não podem deixar de fazer as tarefas dentro deste prazo limite, pois se o mesmo aluno não fizer o trabalho, ele acaba que trava o outro colega de grupo que depende da pesquisa dele para complementar sua parte, se não ele não consegue complementar. Eu achei legal, bastante interessante, pois despertava no aluno o senso de responsabilidade de fazer a sua parte para não prejudicar o colega de grupo.

Pesquisador: Você pode citar algumas dificuldades que puderam ser observadas com estas práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 6: Posso apontar que alguns alunos não se envolvem com a atividade, ou seja, deixa de participar e depois o grupo precisa dar um jeito, tem de fazer o trabalho, não pode deixar de fazer, não é porque um aluno não fez a tarefa, precisa completar o trabalho. E também no início, eu tive dificuldades por isso que eu falei que é interessante uma disciplina de capacitação, explicando o próprio manuseio de como conduzir esta prática colaborativa e qual tecnologia mais adequada para a atividade. Apesar de ser uma prática fácil, mais no primeiro momento qualquer aluno terá um pouco de dificuldade. Ai depois você fala: Nossa, tive dificuldade neste sentido e é tão fácil, prático de se fazer o texto de forma colaborativa. Como aspecto positivo, posso citar a participação de grande parte dos alunos, a interação, houve muita

interação entre os alunos, houve debate entre eles, houve autonomia, pois cada aluno buscou seu conhecimento de forma autônoma e foi muito interessante, eu gostei muito destas práticas.

Pesquisador: Certo. O uso destas tecnologias digitais pode interferir na construção da autonomia da aprendizagem?

Professor(a) 6: Com certeza sim. As tecnologias ajudam bastante no desenvolvimento dos alunos, ela acelera sua obtenção de conhecimento. Por que? Hoje tudo na nossa vida é tecnologia, nós vivemos no mundo da tecnologia, você por exemplo vai colocar um leite para esquentar um leite no micro-ondas você vai estar usando da tecnologia, então e a tecnologia acelera todo processo, e nós estamos na Era da revolução digital. Um aluno já nasce na tecnologia e as informações giram muito rápidas devido às tecnologias, então nesse sentido, ajuda muito o aluno a ser autônomo na produção do seu conhecimento. Hoje em dia mesmo no meu trabalho eu já utilizo muito essa busca pela autonomia por parte dos alunos. Antigamente para se pesquisar, por exemplo, uma Lei, tínhamos que buscar em livros e demorava demais, hoje resolvemos este problema em questão de segundos com o auxílio da internet.

Pesquisador: Entendi. O uso de tecnologias pode potencializar a inclusão digital?

Professor(a) 6: Nesse ponto as vezes eu acho que não. Depende da tecnologia que se esta usando: no celular acho que sim, mais num tablet, por exemplo, acho que pode potencializar sim. Os alunos às vezes dominam totalmente a tecnologia, as redes sociais, mais na hora que vai para um computador, digitar uma tarefa, ele não consegue, não sabe direito, utilizar o pacote office com o word e o excel, o power point. Não sabe muitas vezes, nem enviar um e-mail, acontece muito na EAD. Eu acredito que algumas ferramentas podem ajudar na inclusão digital e outras não. Cabe ao professor saber selecionar qual ferramenta permitir ao aluno como suporte na sua aprendizagem.

Entrevista 7

Pesquisador: O contexto atual de ensino dos ambientes virtuais de aprendizagem se configura como um ambiente engessado, podendo colaborar com a produção do conhecimento de forma autônoma por parte dos alunos(as) e seus usuários. O que você pensa sobre isso?

Professor(a) 7: Eu pessoalmente não concordo que seja um ambiente engessado mais, pois a nossa plataforma de estudos é bem dinâmica e fácil de ser utilizada pelos alunos, por isso ela facilita a troca de conhecimento entre professor e aluno. Ela vem se demonstrando muito interativa também né, não é aquela coisa parada sem movimento, ao contrário vem chamando bem a atenção do aluno, fazendo ele se concentrar nos conteúdos das disciplinas.

Pesquisador: Entendi. Fale um pouco da sua formação/graduação:

Professor(a) 7: É, eu sou formado no curso de Ciência da Computação pela Unifenas e tenho pós graduação em Redes de Computadores, pelo Centro Universitário Sul de Minas, a UNIS-Varginha, fiz 1 curso técnico apenas e uma graduação e pós-graduação (especialização latu senso).

Pesquisador: Entendi. Fale um pouco da sua experiência profissional na educação a distância:

Professor(a) 7: Abriu um processo seletivo para o IF de Muzambinho, eles estavam precisando de professor e eu me inscrevi na época, logo no início do curso técnico. No início eles não exigiam que os professores de Segurança do Trabalho tivessem alguma formação na área de Segurança, apenas para trabalhar com disciplinas específicas e com o tempo foram melhorando os editais e exigindo algum conhecimento básico sobre Segurança, e entre 2009 e 2011 conclui o Técnico de Segurança do Trabalho.

Pesquisador: Certo. A quanto tempo você é professor(a)?

Professor(a) 7: Estou como professor de maneira geral a 8 anos, desde 2010. E na modalidade de Educação a distância faz 3 anos, desde o início do ano de 2015.

Pesquisador: Entendi. A quanto tempo você é professor(a) no Curso Técnico de Segurança do Trabalho do Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado?

Professor(a) 7: Conforme a resposta anterior, faz 3 anos que estou como professor no curso de Segurança do Trabalho.

Pesquisador: Fale sobre as principais dificuldades de ensino na modalidade de educação a distância:

Professor(a) 7: Como professor eu sinto que deveria haver mais aulas presenciais, pois o aluno em si, tem muita dificuldade de aprender sozinho, então assim, o ideal seria se tivesse mais aulas presenciais para cada disciplina, no mínimo duas ou três ali, ou uma por mês ou a cada quinze dias. Acho que a falta de mais aulas presenciais é a maior dificuldade que eu como professor sinto em relação aos alunos(as). Eu vejo que eles sentem essa deficiência aí, de aulas presenciais práticas, aulas de como utilizar os equipamentos de segurança, por a mão na massa mesmo. Hoje temos apenas uma aula presencial por disciplina, dependendo da sua carga horária, se tiver uma disciplina, por exemplo, com a carga horária de 100 horas, costuma-se aplicar 2 aulas presenciais.

Pesquisador: Com relação à utilização das tecnologias, elas podem ser causadoras de dificuldades na aprendizagem dos alunos?

Professor(a) 7: Em alguns casos apenas, pois hoje em dia, quase todo mundo domina uma ou outra ferramenta tecnológica, os alunos(as), mais da metade acho, já começa o curso e em uma semana já estão adaptados com as ferramentas da nossa plataforma do curso, a outra metade, creio eu, que encontra mais dificuldade pela falta de conhecimento ou pouca utilização do computador, do word, excel e power point. Tanto que a gente recomenda que eles procurem fazer, na medida do possível, aulas de informática básica.

Pesquisador: Entendo. O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE), no que se refere às dificuldades de aprendizagem?

Professor(a) 7: É, ela é bem intuitiva, mais no começo da disciplina deveria ter um treinamento do aluno para facilitar a utilização da plataforma Moodle. Existe a disciplina de Ambientação,

mais ela não ensina a trabalhar na ferramenta Moodle, é mais para você poder interagir com seus colegas, enviar arquivos, responder aos Fóruns avaliativos, essa questão da ferramenta Moodle deveria ter um treinamento anterior ao início oficial das disciplinas com os alunos. No começo da disciplina os alunos me enviam mensagens particulares perguntando como ele salva um arquivo, qual a maneira correta de responder a um Fórum, e como a gente pega alunos(as) de todas as faixas etárias e classes sociais, então é difícil você conseguir mesclar o nível de ensino ali entendeu? Difícil conseguir nivelar o pessoal. O sistema de entrada no curso é via sorteio das vagas, você não sabe o que esta vindo e o qual o tamanho do desafio a ser enfrentado, e eu acho que este sistema é democrático, porem, a questão da evasão é muito maior, pois você acaba pegando um aluno por exemplo com 70 anos de idade, que tem muita dificuldade com o uso das tecnologias pelo fato do curso ser a distância e este aluno acaba desistindo do curso.

Pesquisador: Entendi. Você tem trabalhado ou já trabalhou com práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 7: Eu acho que o Wiki deveria ser mais utilizado nas disciplinas pois é uma ferramenta muito interessante, que dá uma interação muito grande com os alunos e um compartilhamento de informação de forma rápida e precisa, os alunos vão editando os conteúdos alie vão só acrescentando, hoje os professores usam pouco, mais deveria ser estimulado mais isso aí. Hoje o professor pode usar o Wiki ou talvez o Google Drive de forma facultativa de acordo com a elaboração da grade curricular do curso pela sua coordenação pedagógica no Instituto Federal, pois a utilização de Fóruns e outras atividades são mais comuns para estas práticas de escrita colaborativa. Nos fóruns eles interagem entre eles respondendo, questionando uns aos outros, sendo usado mais os fóruns mesmo, para esta interação colaborativa.

Pesquisador: Certo. Quais foram as suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 7: Práticas de escrita colaborativa, com exceção das atividades Fóruns, estão se tornando pouco utilizadas por nós professores do curso, a gente tem buscado atividades mais fáceis de serem corrigidas também. Minha experiência está relacionada mais com atividades avaliativas através de Fóruns semanais, com o Wiki o utilizei apenas na primeira semana do início do curso para a construção de um texto colaborativo sobre como ser uma prevencionista de sucesso.

Pesquisador: Como se deram estas práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 7: É colocado um tema nos Fóruns para discussão durante a semana, referente ao tema estudado na semana daquele conteúdo ali, e os alunos vem interagindo entre eles né, o aluno responde o outro complementa ou sugere correções, discorda ou acrescenta outro tópico que não foi discutido e a gente como professor a gente acaba intermediando aquilo que está certo ou esta errado né, a fim de fazer com que todo assunto do Fórum seja discutido durante a semana, tomando cuidado para o pessoal não desligar o foco daquele conteúdo em discussão ou do assunto. Os tutores de acordo com nossas orientações vão mediando estas postagens, pois às vezes a gente joga lá um assunto e se um aluno eles coloca uma postagem que esteja fora, os outros alunos vem abaixo seguindo, fugindo do que foi proposto, então o professor com a ajuda do tutor, tem a função de vir ali corrigindo, falando não, não é isso, faz assim ou leia mais um pouco antes de postar diretamente no Fórum, o assunto é outro e vai estimulando os alunos a participarem cada vez mais.

Pesquisador: Certo. Quais os aspectos positivos e negativos observados nos alunos(as) do curso Técnico de Segurança do Trabalho após estas práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 7: Aspecto positivo eu notei quando os alunos começaram a dialogar assim de forma mais técnica sobre as Normas Regulamentadoras (NRs) do Ministério do Trabalho durante as suas participações nos Fóruns semanais, aconteceu uma troca muito interessante de informação e conhecimento entre eles mediados pelos tutores do curso. Ponto negativo acho que não tem, as vezes um aluno pode não participar ou deixar de realizar a atividade por falta de tempo durante a semana, nada mais eu vejo além disso. Quando acontece um plágio também, a gente orienta o aluno que aquilo é crime e que ele deve mudar seu comportamento perante a atividade senão a atividade poderá ser zerada. Na maioria dos casos os alunos desconhecem que o copiar e colar é um crime, principalmente os de faixa etária maior.

Pesquisador: O uso destas tecnologias digitais pode interferir na construção da autonomia da aprendizagem?

Professor(a) 7: No meu ponto de vista sim, as tecnologias da informação podem aceleram bastante o processo de obtenção de conhecimento, pois a troca de informações é muita rápida

e dinâmica. O aluno que domina o uso das tecnologias certamente terá mais sucesso no andamento do curso, fará o curso com mais tranquilidade e sairá da estatística de evasão dos alunos(as) da EAD.

Pesquisador: Certo. O uso de tecnologias digitais é fundamental na educação dos dias de hoje?

Professor(a) 7: Acredito que sim. O uso de tecnologias na educação é de fundamental importância nos nossos dias atuais pois pode trazer uma certa autonomia ao aluno (a) na sua produção de conhecimento, esta troca de informações de forma instantânea tem suas vantagens sim, mais precisam ser moderadas pelos professores e tutores.

Pesquisador: O uso de tecnologias pode potencializar a inclusão digital?

Professor(a) 7: Eu creio que sim, porém, os conhecimentos básicos de informática devem ser trabalhados com os alunos. Somente a disciplina de informática aplicada a Segurança do Trabalho não sustenta aqueles alunos de mais idade, precisa ter um acompanhamento mais constante com estes alunos para eles se incluírem digitalmente com mais facilidade e diminuir a evasão do curso. As redes sociais serão complementos desta inclusão, potencializarão o uso do computador e fará o aluno desenvolver melhor suas habilidades durante o curso independente da sua idade, construindo conhecimento mediado pelo uso destas ferramentas tecnológicas.

Entrevista 8

Pesquisador: O contexto atual de ensino dos ambientes virtuais de aprendizagem se configura como um ambiente engessado, podendo colaborar com a produção do conhecimento de forma autônoma por parte dos alunos(as) e seus usuários. O que você pensa sobre isso?

Professor(a) 8: Bem, eu vejo que o ambiente apesar de ser, afirmando ser um ambiente engessado, fixo não muda, mais eu vejo ainda ele surgindo como um desenvolvedor de autonomia, porque? Por exemplo, a forma de se postar no fórum é o mesmo, mais apesar de ser a mesma maneira de se postar no fórum, o aluno ele vai construir o conhecimento de forma autônoma. Um chat, quando ele participa de um chat, eu vejo que ele é dinâmico, ele tá participando de um chat ele está interagindo, é a mesma visão que tenho quando estamos utilizando o Whatsapp, não deixa de ser um chat o Whatsapp e também tem até os Wikis na plataforma onde muitos professores utilizam os Wikis para desenvolver seus textos de forma colaborativa. Eu mesmo já fiz um curso onde o professor disponibilizava uma atividade para gente desenvolver um Wiki em forma de um trabalho coletivo e funcionou legal, foi bastante interessante pois cada um tinha a sua participação e o que eu achei interessante é que o mesmo problema que se dá, que se tem na educação presencial, tem na modalidade a distância, a questão é que quando você vai fazer um trabalho em grupo, vai dividir pessoas, e tem alunos que, tem trabalhos que a minha parte é essa, aquele problema da divisão, e depois o aluno na hora mesmo que vai desenvolver o trabalho some, também tem isso na educação a distância. O ambiente por ser engessado no meu ponto de vista facilita ao aluno a obtenção de conhecimento, eu vejo que facilita sim, pois a forma de se trabalhar na plataforma do curso é sempre a mesma e por isso irá facilitar a participação do aluno. Mesmos as prática sendo as mesmas, facilita sim, pois tem uma orientação né, este é meu ponto de vista.

Pesquisador: Fale sobre sua graduação / formação.

Professor(a) 8: Eu sou formado (a) em Farmácia, tô terminando de cursar Química, tenho mestrado, sou Professora de Biossegurança, disciplina relacionada com a minha graduação em Farmácia, nós necessitamos desta disciplina e de tudo que iremos mexer. Sou hoje professora da disciplina de Biossegurança no curso de Segurança do Trabalho. Tenho ainda os cursos técnicos de Vigilância em Saúde e os Técnicos de Serviços Públicos.

Pesquisador: Fale sobre sua experiência profissional na EAD.

Professor(a) 8: Na EAD já faz mais de 5 anos que eu trabalho, a gente já tem conhecimento sobre os alunos(as) ,sobre as evasões que tem, quais são seus motivos. Eu acho muito interessante de trabalhar na EAD pelo motivo de você ter novos caminhos, novas oportunidades para alguns que não possam estar numa sala de aula estudando o dia inteiro fazendo com que eles possam voltar a estudar nos finais de semana, as noites, fazendo seus próprios horários de estudo. Então achei muito interessante, minha experiência foi muito boa, gostei muito, por isso ainda continuo na EAD, pois ultimamente eu acho que a modalidade só tem a crescer, faltando muito ainda a melhorar e a cada dia mais ainda estar melhorando a nossa profissão.

Pesquisador: Há quanto tempo você é professor(a)?

Professor(a) 8: Vai fazer 6 anos agora na modalidade EAD e 4 na modalidade presencial, uns 10 anos no total. Comecei minhas atividades docentes no Instituto Federal Sul de Minas, campus Muzambinho, na modalidade presencial. No IF Sul campus Machado, a quase 6 anos no curso de Segurança do Trabalho, modalidade EAD.

Pesquisador: Há quanto tempo é professor(a) na modalidade EAD?

Professor(a) 8: Na modalidade EAD, conforme respondi na questão anterior, a quase 6 anos com a disciplina de Biossegurança no curso de Segurança do Trabalho.

Pesquisador: A quanto tempo você é professor(a) no Curso Técnico de Segurança do Trabalho do Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado?

Professor(a) 8: Como professor(a) do Instituto Federal de Machado, no curso de Segurança do Trabalho estou a quase 3 anos. Três no IF Muzambinho e a quase 3 no IF de Machado.

Pesquisador: Fale sobre as principais dificuldades de ensino na modalidade de educação a distância:

Professor(a) 8: Umas das dificuldades que eu vejo são muitos alunos que não tem conhecimento da área digital mesmo, do computador, das tecnologias, porque dificultam um pouco, porque tem uns, instruir eles da forma como mexer na plataforma,ou até mesmo como

ligar um computador e a parte mesmo de conteúdo de estudar, muitas pessoas fazem bastante tempo que pararam de estudar e voltaram agora para o curso técnico ou tem muita dificuldade por não ter visto aquela matéria na escola. A principal dificuldade até que não são os conteúdos em si, mais ao domínio e uso das ferramentas tecnológicas também, os dois juntos precisam ser melhoradas, mais principalmente as tecnologias, pois na EAD não tem como não se trabalhar sem algum tipo de tecnologia. Geralmente os alunos que estão matriculados,a maioria, não possui controle do uso de um computador, das tecnologias, da plataforma, principalmente os de mais idade, os jovens te mais esta tecnologia no olhar, na curiosidade, mais na modalidade EAD são alunos mais velhos que tiveram a oportunidade de voltar a estudar na modalidade EAD.

Pesquisador: Entendi. O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE), no que se refere às dificuldades de aprendizagem?

Professor(a) 8: Sim. A plataforma é bem de fácil acesso, é bem dinâmica, tem tópicos explicando com seguir, como postar, o maior problema é não saber mexer num Word, num Excel, na parte de informática básica mesmo. Mais na parte da Plataforma você olha, você visualiza com facilidade as disciplinas. Você entra, tem vídeos, temos fóruns, questionários, atividades avaliativas, textos online. Temos a disciplina de início do curso que é a de Acolhimento, onde eles vão aprender a mexer no ambiente virtual. Como nós professores revezamos a orientação desta disciplina, nós colocamos uma introdução para o aluno saber o que ele vai estudar, neste conteúdo, a partir daí dividem-se as aulas por semanas para não acumular matéria e sempre orientando os alunos mandando mensagens, incentivando a eles, em qualquer dúvida eles devem procurar o tutor a distância e se puderem se deslocar até o Polo Caic, o tutor presencial. Usamos o primeiro módulo para fazer esta ambientação a plataforma apenas no primeiro módulo do curso.

Pesquisador: Você tem trabalhado ou já trabalhou com práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 8: No curso Técnico de Segurança eu trabalhei com o Google Drive, aonde os alunos fizeram os trabalhos em grupo, onde os alunos puderam editar suas mensagens, trocar informações entre sim, compartilhando estes e-mails entre si, onde todos tiveram acesso, apresentando um texto final colaborativo para avaliação daquela semana na disciplina. È uma forma de interação, de troca de informação e conhecimento entre eles; lógico que ninguém vai deletar a parte do outro, eles vão acrescentar, agregar mais valores a esta atividade para depois

ser entregue ao professor(a). E isso também facilita, pois não precisa ficar presencialmente reunidos, eles podem trabalhar e estudar, fazer as tarefas em casa. O Wiki do moodle na plaforma Moodle não foi utilizado por mim na disciplina, mais a ferramenta se encontra disponível na plataforma, precisando basta solicitar para ativá-la.

Pesquisador: Entendi. Quais foram as suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 8: Eu peço para os alunos fazerem um resumo ou uma resenha de um capítulo da minha disciplina, eu divido os alunos em grupos e eles, ai eu dou o tema e eles vão fazer um resumo, onde cada um fica com a sua parte e depois eles me mandam o arquivo final via Google Drive, pois com o Wiki optei por não trabalhar. A minha participação é de apenas conduzir o trabalho, fazer a mediação dos alunos, desta construção da aprendizagem.

Pesquisador: Como se deram suas práticas de escrita colaborativa com os alunos(as) do curso Técnico de Segurança do Trabalho? Como você desenvolveu estas atividades?

Professor(a) 8: Praticamente as tarefas se desenvolvem assim: Um capítulo da apostila da disciplina é abordado e discutido com os alunos na primeira aula presencial da disciplina. Peço aos tutores para dividirem a turma em no máximo 5 grupos e que façam um resumo deste conteúdo, onde eles vão trocando informações via Google Drive e no final da disciplina o arquivo final é postado em formato de arquivo PDF na nossa plataforma.

Pesquisador: Você pode citar algumas dificuldades que puderam ser observadas com estas práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 8: A maior dificuldade que eu pude observar nos alunos foi de organização, pois era perigoso um deletar uma postagem do outro que já tinha feito, eles tiveram que ser bem cuidadosos e ficamos muito preocupados porque as vezes o colega tinha postado uma coisa importante o outro aluno foi e tirou aquele pedacinho e acrescentou algo mais. Pois se tornou uma prática nova para os alunos também, eles usaram o Google Drive para trocar conhecimento entre eles. O professor acaba que tem de mediar e interferir pois as vezes colocam tópicos que o assunto não bate com o que está proposto pelos professores. Então é como se o aluno postando errado, cortasse o segmento de uma frase, de um conhecimento específico, uma sequência

interrompida. Existe uma continuidade mais sem a mediação, você não consegue encaixar uma sequência legal naquela discussão. E quando o aluno deixa de fazer uma atividade, ou sua parte na atividade da semana, certamente alguém irá reclamar do aluno. Primeiramente a gente o adverte solicitando sua participação mais ativa e interação com seu grupo, e por último caso, o aluno perde a nota da tarefa sem prejudicar os demais colegas de trabalho.

Pesquisador: Aponte pontos positivos destas práticas:

Professor(a) 8: Gostaria de apontar esta facilidade de trabalhar em grupos sem a necessidade de estarem todos reunidos num mesmo lugar. Eles podem estar em lugares diferentes e mesmo assim trabalhar em grupo, pois, você pode discutir, analisar, enviar para o colega analisar, depois os outros também podem revisar, ou seja, trabalhar em equipe sem a necessidade da presença física, como numa sala de aula presencial, eles estão na sala de aula dentro de um ambiente virtual de aprendizagem, totalmente tecnológico e inovador, apoiados pela ferramenta Google Drive. Estas práticas de escrita servem para trocar conhecimento, interação sem a necessidade da presença física nos momentos de estudos destes alunos. Muito interessante nos dias atuais, pois o tempo é um bem muito valioso nos dias de hoje.

Pesquisador: O uso destas tecnologias digitais pode interferir na construção da autonomia da aprendizagem?

Professor(a) 8: Acho que sim devido a velocidade de informação que podemos receber e transferir a outras pessoas e com isso as tecnologias digitais podem interferir sim no processo de aprendizagem dos alunos, desde que estes alunos sejam treinados para uma melhor utilização de todos estes recursos disponíveis para nossas aulas no Instituto.

Pesquisador: Entendi. O uso de tecnologias pode potencializar a inclusão digital?

Professor(a) 8: Também acho que sim. Pois quando se tem um bom domínio de uma máquina como um computador, facilita muito para se desenvolver bem na utilização da plataforma do nosso curso. E a rapidez de uma postagem numa rede social como o Whatsapp por exemplo, pode acelerar a digitação de um trabalho feito no Word para ser postado e enviado na plataforma para nossa avaliação. Dominar a tecnologia é um grande passo para se obter sucesso em cursos na modalidade de EAD.

Entrevista 9

Pesquisador: O contexto atual de ensino dos ambientes virtuais de aprendizagem se configura como um ambiente engessado, podendo colaborar com a produção do conhecimento de forma autônoma por parte dos alunos(as) e seus usuários. O que você pensa sobre isso?

Professor(a) 9: No meu ponto de vista, hoje em dia os ambientes virtuais de aprendizagem estão um pouco mais dinâmicos, não estando tão estáticos quantos antes. Hoje seus conteúdos e ferramentas são atualizados semestralmente e a plataforma tem ficado cada dia mais dinâmica e de fácil assimilação por parte dos alunos(as). Ela consequentemente pode contribuir sim para a produção de conhecimento dos alunos(as), se tornando com a prática do dia a dia, uma ferramenta autônoma para seus usuários.

Pesquisador: Fale sobre sua graduação / formação.

Professor(a) 9: Minha formação André, eu sou formado em Processamento de Dados pela Escola Salesiana da cidade de Campinas, pois eu sou natural de lá e ministro a disciplina de Informática aqui no curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância, também tenho os cursos técnicos de Informática, Design Gráfico e Segurança do Trabalho. Nenhum destes cursos foram feitos em Institutos Federais, pois, na minha época, eram cursos de nível médio subsequentes, juntos ao 3º Ano do Ensino Médio da escola particular na qual foi a minha formação básica.

Pesquisador: Fale sobre sua experiência profissional na EAD.

Professor(a) 9: O primeiro contato que eu tive foi em 2011 e estou até hoje atualmente trabalhando na modalidade de educação a distância. A primeira experiência foi na modalidade presencial e a distância agora. Eu comecei como tutor no Instituto federal de Muzambinho e agora passei a ser professor no curso de Segurança do Trabalho do Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado.

Pesquisador: Há quanto tempo você é professor(a)?

Professor(a) 9: De forma geral, faz 2 anos que sou professor na modalidade EAD, em outros cursos presenciais já faz mais tempo, só de informática em outros cursos dou aulas desde 1998.

Comecei com 18 anos a aplicar cursos básicos até chegar à docência técnica dos dias de hoje. Tenho muito orgulho de estar na EAD nos dias de hoje, por eu considerar uma forma de inclusão educacional de grande relevância.

Pesquisador: Há quanto tempo é professor(a) na modalidade EAD**?**

Professor(a) 9: Na modalidade EAD, conforme respondi na questão anterior, comecei como professor substituto em Muzambinho e me fixei como docente formador na EAD a 2 anos no curso Técnico de Segurança do Trabalho no Instituto Federal de Machado – MG.

Pesquisador: A quanto tempo você é professor(a) no Curso Técnico de Segurança do Trabalho do Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado?

Professor(a) 9: Já se completou 2 anos que sou professor na EAD no curso de Segurança onde dou aulas em 5 polos, 5 cidades pelo IF de Machado.

Pesquisador: Fale sobre as principais dificuldades de ensino na modalidade de educação a distância:

Professor(a) 9: A dificuldade maior é você tentar manter o aluno no curso evitando a evasão. É um trabalho duro, são 2 trabalhos: o trabalho de ensinar e o trabalho também de você tentar manter o aluno, manter o foco nele, não desviar, no momento do foco do curso não desanimar, porque falar é fácil, fazer EAD é bom porque eu trabalho, mais misturar trabalho com estudos, faculdades, as vezes o pessoal ta começando ou terminando e junto com um curso técnico que hoje é importante ter né, é difícil não é fácil, muitos desistem por pouca coisa, porque tá difícil conciliar, é difícil, mais o sacrifício tem de ser feito né. A maior causa de evasão no meu ponto de vista está na persistência do aluno em continuar com o curso, eu acredito que é a questão da persistência porque, em querer aprender e dar continuidade no ensino e não desistir por qualquer barreira ou dificuldade que apareça, pois a dificuldade técnica, das tecnologias é outro detalhe, a tecnologia que você não conhece você está ali para aprender a usá-la, mesmo com dificuldade você está ali e vai aprender a usá-la, agora a dificuldade em si é se manter, é se comprometer, é dizer eu quero aprender, eu preciso disso.

Pesquisador: Entendi. O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE), no que se refere às dificuldades de aprendizagem?

Professor(a) 9: Com relação ao ambiente virtual Moodle, o seu uso no Brasil faz pouco tempo né, nos cursos a distância né, faz pouco tempo que foi implementado né. A dificuldade do aluno a distância é com a ferramenta mesmo pois é uma novidade, pois ele olha e fala assim: É diferente, além disso a ferramenta permite mudanças durante o tempo do curso, então as vezes os professores, os tutores sugerem mudanças para facilitar para o aluno, porque você como tutor professor olha e diz: esta ferramenta fica melhor assim e esta outra assim, vai facilitar para o aluno interpretar e executar a tarefa proposta para ele durante aquela semana. Procurar utilizar mais os questionários automáticos, para você não ficar corrigindo, então isso facilita para o aluno. Só que mesmo assim ele tem dificuldade, a gente percebe que ele tem dificuldade porque para ele é novidade, é diferente, a plataforma se apresenta de um jeito, depois ela muda a cara, aí ela já tem os padrões dela, e o aluno se perde, mais assim, com o tempo se acostuma, pois, o Moodle é o mais utilizado. Alguns cursos aplicam a disciplina de ambientação ao ambiente virtual, em Machado a disciplina é chamada de Alfa Digital, mais você tem o primeiro contato para você conhecer a plataforma, para você alterar seus dados cadastrais, atualizá-los, apresentar os modos de acesso, ai o professor vem e explica todos estes detalhes, logo na primeira aula ele explica tudo isso, até o aluno se ambientalizar e seguir o curso com mais tranquilidade.

Pesquisador: Você tem trabalhado ou já trabalhou com práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 9: André! Eu particularmente gosto de trabalhar com o Wiki que é uma ferramenta que está ali disponível, ela já vem junto na plataforma Moodle, onde esta ferramenta é uma ferramenta de colaboração, na área de informática você pode dar trabalhos em grupos, por exemplo: você cita lá 5 palavras tecnológicas conhecidas e pedem que eles complementem no Wiki como se fosse o exercício de se fazer um Glossário, onde eles colocam o significa destas palavras na interpretação individual de cada um. Ai as pessoas vão jogando, complementando isso aí, tornando uma tarefa colaborativa entre os alunos membros de cada grupo que foi dividido pelos professores. E servem para que todos tamem, obtenham conhecimento através dos significados pessoais de cada termo pesquisado e postado no Wiki Moodle. Na minha opinião estas práticas deveriam ser mais utilizadas pelos professores, pois, nem todos fazem uso destas ferramentas de colaboração. Acho que é muito interessante porque, promove a troca

de conhecimento e interação entre os alunos, e os alunos interagem muito pouco pois somente se encontram nos encontros presencias. E hoje em dia, esta interação acontece mais nos Fóruns avaliativos apenas. Hoje também surgiram algumas práticas colaborativas com o auxílio das redes sociais, do Whatsapp onde os alunos criam por iniciativa própria grupos de suas turmas de Segurança do Trabalho. Mais sabemos que apesar do Whatsapp poder promover esta interação e está troca de conhecimento, ela não é uma ferramenta apropriada para o ensino, então é preciso ter cautela e tomar muito cuidado ao incentivar os alunos a utilizarem esta ferramenta. A ferramenta Wiki é interessante pois estimula o aluno a entrar na plataforma, sua sala de aula virtual, mantendo-o ativo na plataforma e jogando seu conhecimento lá e contribuindo com outros alunos também, pois as vezes tem um colega que tem uma dúvida e essa dúvida vai ser sanada por outro aluno que tenha conhecimento do tema com certeza.

Pesquisador: Entendi. Quais foram as suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 9: Minhas experiências estão relacionadas ao uso do Wiki, utilizei de forma variada, no início, meio e fim da minha disciplina de informática básica, não tem uma sequência, você aplica de acordo com a necessidade da sua disciplina e seu uso é facultativo também, depende de cada professor, só usa quem acha conveniente. O professor vê a necessidade de inovar, dizendo para os alunos: agora vamos sair um pouco dos Fóruns avaliativos, fazer sair um pouco dos questionários, vamos fazer algo diferente, vamos trabalhar colaborativamente no desenvolvimento da atividade avaliativa desta semana, cada professor utiliza o método que achar mais conveniente para sua disciplina.

Pesquisador: Como se deram suas práticas de escrita colaborativa com os alunos(as) do curso Técnico de Segurança do Trabalho? Como você desenvolveu estas atividades?

Professor(a) 9: Se dão através de atividades postadas no Wiki pelos professores que aderem a estas atividades. Minhas atividades são de aplicação de resumos de determinados capítulos de nossa apostila de informática aplicada a Segurança do Trabalho e através da conceituação de palavras tipo Glossário no Wiki, não trabalho com o Google Drive, apenas para atividades pessoais.

Pesquisador: Você pode citar algumas dificuldades que puderam ser observadas com estas práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 9: Acho que a falta do não conhecimento das ferramentas digitas. Estas práticas deveriam ser mais utilizadas pelos professores, pois, nem todos fazem uso destas ferramentas de colaboração. O pessoal já ouviu falar muito da Wikipédia pois é bem difundida na internet, mais o Wiki ainda é muito pouco conhecido no meio acadêmico. Então quando você o aplica, é necessário você dar uma explanação básica para o aluno se interar, á tá, é sobre isso, é sobre aquilo que está se falando, o aluno até o primeiro contato, é difícil trabalhar com o Wiki, depois, como é uma ferramenta simples, não é nada complicado de se trabalhar, os alunos acabam que vão se interagindo com a ferramenta. Na verdade você posta, não é igual a um Fórum que você tem de ir lá e responder, o Wiki está ali aberto o aluno vai e insere a sua contribuição para a leitura dos demais alunos mediados pela orientação dos professores e tutores. A maior dificuldade para mim está neste primeiro contato dos alunos com as tecnologias.

Pesquisador: Aponte pontos positivos destas práticas:

Professor(a) 9: Estas práticas melhoram o desenvolvimento dos alunos, não da forma que a gente espera, mas, nas poucas vezes que eles a utilizam, desperta o senso crítico nestes alunos. E como eu os faço utilizar mais vezes durante a minha disciplina, facilita a sua adaptação as demais ferramentas da plataforma também. Você como professor na EAD, precisa criar formas de se trabalhar bem interativas, práticas, para diminuir aquela questão da evasão dos alunos do curso. Mais o resultado principal é esta promoção da interatividade, da troca de conhecimento entre os alunos, e é sempre positiva aplicação destas práticas, sempre os alunos vão tirar proveito de algumas destas atividades, de qualquer ferramenta tecnológica utilizada no curso, trará sempre uma melhoria, por mais pequena que seja a todo seu processo de aprendizagem. Deveria haver no início do primeiro módulo de cada curso, uma disciplina específica sobre o uso destas ferramentas digitais. É muito interessante esta ideia, pois o aluno quando se matricula, ele não é obrigado a ter conhecimento do uso destas ferramentas, você precisa estar ciente apenas que você terá de aprender a usar estas ferramentas, pois eu preciso me tornar um técnico de segurança do trabalho, eu quero ser um profissional desta área. E geralmente tem sempre aquele aluno que tem um pouco mais de conhecimento sobre o tema e uso das tecnologias e vai ajudar o colega a tirar as suas dúvidas durante o andamento do curso, utilizando a ferramenta Fórum ou um Chat tira dúvidas, aberto pelo professor.

Pesquisador: O uso destas tecnologias digitais pode interferir na construção da autonomia da aprendizagem?

Professor(a) 9: Acho que sim, pois a aprendizagem acontece de forma mais rápida do que da maneira tradicional, traz autonomia ao aluno para buscar conhecimento além da sua sala de aula virtual que é a nossa plataforma. Incentiva a prática da pesquisa nos cursos técnicos e facilita a obtenção de conhecimento pelos alunos é nós professores.

Pesquisador: Entendi. O uso de tecnologias pode potencializar a inclusão digital?

Professor(a) 9: Também acho que sim. Pois quando o aluno chega ao curso técnico com conhecimento básico por exemplo da utilização correta de um computador, isso potencializa os resultados esperados na realização das atividades desenvolvidas nas semanas avaliativas do nosso curso de segurança. Quando sabem mexer com o Word, Excel e Power Point facilita em pelo menos 50% a execução de suas tarefas e consequentemente, aprendem mais e aproveitam mais os conhecimentos obtidos no curso de segurança.

Entrevista 10

Pesquisador: O contexto atual de ensino dos ambientes virtuais de aprendizagem se configura como um ambiente engessado, podendo colaborar com a produção do conhecimento de forma autônoma por parte dos alunos(as) e seus usuários. O que você pensa sobre isso?

Professor(a) 10: Apesar de ser considerado um ambiente engessado André, nosso ambiente virtual colabora sim no processo de aprendizagem dos alunos, pois dá o acesso a informação de forma muito rápida e dinâmica, mais nossa plataforma vem sido modificada a cada ano, é feita alterações para melhorar nosso ambiente a cada nova turma, já não é mais um ambiente tão engessado assim né. Os alunos no meio do curso de Segurança se tornam um pouco autônomos sim, pois, começam a dar passos sozinhos na execução das disciplinas, por isso, acho que a plataforma colabora sim para estes processos de busca de conhecimento e autonomia.

Pesquisador: Fale sobre sua graduação / formação.

Professor(a) 10: Eu sou graduada em História, Geografia, dou aulas destas disciplinas há alguns anos e tenho grande preocupação com esta questão educacional. Porque eu vejo que através da História e da Geografia, o indivíduo precisa participar do ambiente na qual ele esta inserido, não só no meio ambiente, mais na sociedade na qual ele vive. E no curso técnico de Segurança do Trabalho, modalidade EAD, dou aulas na disciplina de Meio Ambiente para os futuros técnicos prevencionistas. E nessa proposta a gente quer que o indivíduo seja mesmo responsável ai pelas suas ações, pela maneira como ele se responsabiliza pelo Meio Ambiente que é o futuro de todos nós, e principalmente pelo seu ambiente de trabalho. É uma disciplina que faz parte da grade do curso de Segurança desde o seu início e é muito importante, pois realmente faz com que o aluno possa se preparar tanto no curso como profissionalmente para a prevenção de acidentes e cuidados com a saúde do trabalhador. E a disciplina de Higiene Ocupacional vem logo depois da minha para complementar seus estudos na preservação e conservação do seu ambiente de trabalho.

Pesquisador: Fale sobre sua experiência profissional na EAD.

Professor(a) 10: Comigo aconteceu meio que acidentalmente né, a gente viu a proposta do projeto do curso a distância, gostei de pensar que pessoas distantes tinham também o direito de

entrar no sistema educacional e a gente sabe que por conta de, as vezes a localização, dificuldade de acesso e até mesmo a questão financeira, a EAD trouxe realmente esta possibilidade, fez com que esse aluno pudesse estar dentro de um sistema e isso melhorando a sua área profissional, se tornando uma forma de inclusão educacional e social. Essa experiência com a EAD tem sido muito gratificante, só tem feito que eu cresça cada vez mais e passei a ver o mundo com outro olhar, olhar de mais participação.

Pesquisador: Há quanto tempo você é professor(a)?

Professor(a) 10: Sou professora a muitos anos, sou mesmo professora e formada e atuante a 34 anos. Eu comecei bem novinha, mais assim, na modalidade de educação a distância em 2009, lá se vão 8 anos na EAD.

Pesquisador: Há quanto tempo é professor(a) na modalidade EAD**?**

Professor(a) 10: Como disse na questão anterior, faz 8 anos que sou professora na modalidade de educação a distância, nos Institutos Federais de Muzambinho e agora no Instituto Federal de Machado.

Pesquisador: A quanto tempo você é professor(a) no Curso Técnico de Segurança do Trabalho do Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado?

Professor(a) 10: Já faz 3 anos que leciono a disciplina de Meio Ambiente no curso de Segurança do Trabalho pelo Instituto Federal do Sul de Minas, campus de Machado – MG. E me apaixonei por ser um curso que busca a prevenção e proteção da saúde dos trabalhadores.

Pesquisador: Fale sobre as principais dificuldades de ensino na modalidade de educação a distância:

Professor(a) 10: A grande dificuldade que a gente observa, é que existe uma mescla ai de alunos. Tem alunos que chegam ai para o curso, extremamente capacitados e antenados e que sabem lidar muito bem com questão da informática e das tecnologias né, dos principais recursos da plataforma. Enquanto existem outros alunos que são bem imaturos nestas práticas com o uso das tecnologias, pois não sabem acessar a plataforma, não sabem postar uma atividade, não tem

conhecimento de como lidar com outros recursos que a própria plataforma oferece, então hoje, acho que essa seria uma grande dificuldade a ser vencida com uma certa urgência. A principal dificuldade não está nos conteúdos das disciplinas dos cursos, mais sim, ao domínio e no uso das tecnologias e conhecimentos básicos de informática, que a maioria dos alunos não dominam, eles até querem participar dos cursos, possuem boas ideias, bons argumentos, mais no momento em que precisam usar a máquina, a maioria tem grandes dificuldades.

Pesquisador: Entendi. O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE), no que se refere às dificuldades de aprendizagem?

Professor(a) 10: É... O ambiente virtual, a plataforma Moodle, nosso AVA, assim, eu vejo que existem alunos que não visualizam com clareza alguns links que são colocados para eles, tem aluno que não sabe aonde está o link dos Fóruns e das mensagens, as vezes eles querem mandar uma mensagem para o professor ou para seu tutor, mais não tem esse domínio ainda, não sabe como, onde enviar na plataforma. Eles fazem as atividades e chega na hora de fazer o envio, o envio não está muito claro como deve ser feito na plataforma, onde eu vou clicar ou digitar minha dúvida, então dentro do AVA eu acho que deveria ser mais objetivo, pois algumas ferramentas ficam muito escondidas e os meninos ficam muito em dúvida, será que é aqui mesmo que eu devo clicar, será que é por este caminho mesmo que eu tenho de ir. Então eu acho que, quando ele abre a plataforma, deveria haver ali um mapinha pra ele, ou um tutorial de como proceder dentro deste ambiente virtual, para que o aluno perca aquela dependência tanto do professor, quanto do tutor.

Pesquisador: Você tem trabalhado ou já trabalhou com práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 10: Olha André, infelizmente não, eu particularmente tenho tido alguns obstáculos né, para poder trabalhar com esta prática, mais a gente sabe que outros professores também conseguem lidar com elas. Acho que os alunos não possuem muita desenvoltura para poder participar desse processo. As vezes uso o Google Drive para compartilhamento de arquivos para os alunos, mais prefiro o envio dos e-mails convencionais, talvez porque os alunos estejam mais acostumados com este tipo e exista um certo comodismo de nós professores em não querer ficar modificando demais as nossas práticas e trazer muitas novidades para o aluno, com medo de que ele fique perdido, então infelizmente não tenho usado muito não, apenas alguns momentos com o Google Drive. O Wiki que também deveria ser uma outra forma

de poder modernizar um pouco esta estrutura educacional, pouco tem sido usado, ou quase nunca usado. Na própria montagem da minha disciplina, procuro dar prioridade ao uso dos Fóruns, alguns chats para esta troca de conhecimento, então para mim estas práticas de escrita colaborativa ficam assim meio limitadas, não sei se é por comodismo ou se é por observar a dificuldade dos alunos em utilizar a informática e os recursos tecnológicos, então para não dar um nó na cabeça deles, geralmente se percebe essa escolha de não usar ou se usar, usar moderadamente.

Pesquisador: Entendi. Quais foram as suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 10: Igual eu te falei na questão anterior, poucas vezes trabalhei com estas práticas, muitas vezes a gente esbarra nisso, nestas dificuldades. O Google Drive que as vezes, tem assim uma possibilidade maior, porque muitas vezes proporciona uma aproximação maior com a realidade do aluno, mais isso também somente no primeiro módulo, depois a gente cai naquela mesmice, e continuamos a usar aquelas ferramentas nas quais já estamos mais acostumados a utilizar: fóruns e chats para a interação e troca de conhecimento junto com os alunos. No fundo acho que a coordenação do curso de Segurança deve se reunir e modificar a grade curricular do curso com atividades mais dinâmicas com o uso das tecnologias. Hoje e dia sabemos que o mundo não vive mais sem a tecnologia, isso é impossível né, desde o momento em que você acorda e acende uma luz no seu quarto, você está usando a tecnologia, então assim, dentro da educação as tecnologias são sempre bem vindas, talvez exija um pouco mais de preparo para o professor, para a estrutura educacional, mais a educação está carecendo com uma certa urgência, destas situações de mudanças com o uso das tecnologias, para poder melhorar o ensino. E ai, a questão da escrita colaborativa com o uso do Wiki é uma porta, é uma possibilidade de começar a transformação no currículo dos cursos técnicos. Mais primeiro precisamos compreendê-la para depois começarmos a utilizá-la efetivamente no curso de Segurança do Trabalho.

Pesquisador: Como se deram suas práticas de escrita colaborativa com os alunos(as) do curso Técnico de Segurança do Trabalho? Como você desenvolveu estas atividades?

Professor(a) 10: No curso de Segurança do Trabalho, na minha disciplina, as práticas de escrita colaborativa ficaram resumidas a algumas tarefas e envios pelo Google Drive. Dei apenas uma

atividade de resumo comentado de um capítulo, onde os alunos divididos em grupo iam postando os textos no google drive e iam compartilhando suas partes com os demais colegas de grupo. Cada um foi inserindo sua parte, comentando e fazendo suas considerações de forma bem breve, promovendo uma pequena interação ali naquele espaço tecnológico. No final formaram um texto final comentado com o capítulo II da apostila da minha disciplina para minha avaliação no valor de 10 pontos. E a gente sabe que estas práticas são muito importantes para o andamento do curso, porém, são pouco incentivadas por não terem sidas priorizadas na grade curricular do nosso curso. A nossa plataforma também precisa motivar mais o aluno para esta interatividade, ser um pouco mais colorida, chamativa, e ultimamente temos visto uma plataforma muito estática, sem muito a chamar a atenção dos alunos, e nós sabemos, que os alunos também são muitos visuais e precisam estar mais interessados em trabalhar com a plataforma.

Pesquisador: Você pode citar algumas dificuldades que puderam ser observadas com estas práticas de escrita colaborativa?

Professor(a) 10: O ponto positivo das práticas seria esta interação, troca de opiniões, troca de conhecimentos, abordagem o aluno complementar a ideia do outro tá? E o aspecto negativo no meu ponto de vista, seria assim, aquele aluno despreparado que não faz a parte dele, pelo fato de ser um pouco desleixado com o que tem de ser escrito, ou muito simplista né, os famosos copiar e colar, jogar apenas palavras ou frases curtas e achar que aquilo já é a participação dele. O aluno precisa apresentar mais ideias para que o texto colaborativo seja mais assim mais construtivo mesmo, contribuir mesmo para a educação de forma mais significativa. E estes resultados mais positivos acontecem mais nas participações dos alunos no Fóruns avaliativos semanais, que para eles são o arroz com feijão do curso de segurança, a outras práticas que podem ser realizadas pelos professores eles tem um certo receio. Tem de ser muito bem trabalhado, o tutor presencial e o a distância precisam estar muito atentos e procurar estar o mais presente possível durante a execução das atividades semanais.

Pesquisador: Aponte pontos positivos destas práticas:

Professor(a) 10: Os pontos positivos são o que já falei na questão anterior: a participação mais ativa dos alunos no curso de Segurança, a troca de conhecimento e interação no ambiente virtual

que é quase totalmente a distância com apenas 1 encontro com aulas presenciais no início de cada módulo.

Pesquisador: O uso destas tecnologias digitais pode interferir na construção da autonomia da aprendizagem?

Professor(a) 10: Sim, pois os alunos podem fazer desta utilização das tecnologias, momentos de lazer com muita aprendizagem e conhecimento adquirido. Ele se torna autônomo para realizar pesquisa e buscar um conhecimento que ele ainda não tem. Esta autonomia traz conhecimento, porém, o professor precisa mediar o uso destas ferramentas para que o aluno aprenda com qualidade, fazendo pesquisas em sites confiáveis e com referências boas para a educação. E estas informações chegam aos alunos de forma bem mais rápida também, por isso todo cuidado e preparo são extremamente necessários aos professores e alunos de forma conjunta.

Pesquisador: Entendi. O uso de tecnologias pode potencializar a inclusão digital?

Professor(a) 10: Sim, com certeza André. O uso de certas tecnologias, podem ajudar, por exemplo, um aluno a fazer uma digitação de textos melhor no uso de um computador. Existem alunos que entram na EAD sem sequer saber ligar e desligar um computador de forma correta, então tento aplicar trabalhos colaborativos pra eles, para que um ajude o outro, para que obtenham autonomia no uso dos recursos tecnológicos e para que eu também consiga ajudá-los mais de perto. No meu ponto de vista tecnologias de um smartphone, um tablet, podem pelo menos aumentar o interesse dos alunos a acompanhar uma rede social como o Facebook utilizando o computador tradicional ou um notebook. Acredito então, que as tecnologias potencializam sim, estes processos que podem ser trabalhados para a inclusão digital.

APÊNDICE E – ENTREVISTAS COM ALUNOS

Entrevistas – alunos(as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 1: Então André, eu trabalho numa empresa onde eu já presenciei acidentes de trabalho né, então, depois disso eu fiquei assim procurando saber, observando as pessoas trabalharem e aí surgiu o interesse de trabalhar com segurança do trabalho na empresa Grão de Ouro que presta serviço de armazenagens de Grãos, pois a Grão de Ouro é um grupo né. Trabalho na empresa a 4 anos.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 1: Eu sou administrador (a) de empresa, formado pela UNIFENAS, fiz o técnico de Segurança do Trabalho, pelo Instituto Federal de Machado e estou começando a fazer agora também, o curso Técnico de Agropecuária pelo Instituto Federal de Barbacena, então eu tenho 1 graduação e 1 curso técnico praticamente finalizado que é o de Segurança do Trabalho, experiência com segurança do trabalho na empresa comecei a ter recentemente.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 1: Então, foi por amigos, indicação de amigos, foi mais ou menos no início de 2014 ou final de 2013, a aproximadamente 4 anos, meus amigos que já faziam cursos a distância foi que me indicaram.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 1: Foi porque, mais assim por falta de tempo para estudar mesmo, porque a distância você já tem mais, você não tem aquele compromisso de horário né, mesmo que você tenha de estar olhando na plataforma todos os dias, você quando não tem disponibilidade, fica mais fácil para você né, foi mais pela flexibilidade de tempo para estudar, pois, eu trabalho e dá para mim realizar as atividades do curso a noite.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 1: Então, foi como eu te falei, que eu queria zelar pela minha proteção no serviço também, e dos meus colegas referente a segurança do trabalho. E também para melhorar meu currículo pessoal para me manter no mercado de trabalho. E também, como eu falei, pelo tempo na EAD que é mais fácil de ser organizado por quem trabalha o dia todo.

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 1: Não enfrentei não, a gente respondeu a algumas perguntas só, perguntas mais pessoais mesmo, e acabei que não tive dificuldade nenhuma, pois, foi uma entrevista com algumas perguntas bem pessoais mesmo. O processo seletivo que eu entrei foi um questionário com perguntas e respostas pessoais, essa forma de seleção foi utilizada apenas na minha turma, nos outros anos a seleção se tornou bem mais diferente, mais difícil de conseguir a vaga.

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 1: Não, assim, eu não tive muita dificuldade, o que achei mais complicado foi que os tutores da minha turma não sabiam muito dos conteúdos e a gente ficou sem ninguém que nos ajudasse na execução das nossas tarefas durante a semana. Falta de apoio maior dos professores, falta de tutoria mais qualificada, falta de apoio, porque muitas das vezes você deixava a sua pergunta e não era nem respondido na plataforma do curso de segurança. Na tutoria presencial eu não solicitava muito o tutor, solicitava mais a tutoria a distância via plataforma mesmo, e muita das vezes não foi atendida pelo tutor. Eram 2 tutores a distância no curso.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 1: Então André, eu achei ela uma plataforma tranquila, foi fácil de você manuseá-la, bem fácil de acesso também, muitas vezes quando você já tinha dúvidas você já conseguia raciocinar e resolver sozinha as suas dúvidas e no meu caso, foi fácil a minha adaptação ao

ambiente virtual, não sei se meus colegas acham o mesmo, pois está tudo muito bem explicado, tem os atalhos, os caminhos tudo certinho. Talvez seja também, porque eu já tinha um certo domínio do computador, e quem não tem, já tem uma dificuldade muito maior do que a minha em trabalhar na plataforma. De forma geral a plataforma é de fácil acesso para aquelas pessoas que tem um pouco de conhecimento sobre o computador e das tecnologias.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 1: Então André, os professores de segurança do trabalho da minha turma não trabalharam com práticas de escrita colaborativa, infelizmente optaram por não dar atividades para os alunos(as) trabalharem com colaboração. Mais sei que é uma atividade em grupo, trabalho em equipes, onde o professor dá uma tarefa e cada um faz a sua parte enriquecendo o trabalho com o auxílio das tecnologias tipo o Wiki. Os professores explicaram sobre estes trabalhos em grupo, mais optaram por outra metodologia no curso de Segurança do Trabalho. Apenas usam os Fóruns avaliativos e mesmo assim, não foram em todas as semanas.

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 1: Não tive estas experiências no curso técnico de Segurança do Trabalho do Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado, apenas na minha graduação, na plataforma da minha faculdade ou usando o Google Drive para compartilhamento de e-mails com meus colegas da Universidade. No curso técnico, os momentos de colaboração se resumem nos debates dos Fóruns avaliativos, quando eram aplicados. Querendo ou não era muito importante os debates nos fóruns pelo fato de garantir a nossa troca de ideia e interação no curso de Segurança, porque ali mostra a opinião de cada um né? E eu acho muito importante, porque as vezes você concorda e discorda e o conhecimento vai sendo construído junto ali naquele momento.

O curso de Segurança precisa trabalhar estas práticas mais nas aulas presenciais do curso, ensinar os alunos(as) a trabalhar em equipe e promover mais atividades em grupos e reduzir o número de provas que bastam a gente decorar os conteúdos e sair bem nas provas. O curso é bastante teórico e com poucas aulas presenciais e práticas de colaboração e trabalho em equipe. Acho que deve melhorar nestes quesitos. A prática do trabalho de Segurança do Trabalho a gente aprende apenas durante o período de estágio obrigatório finalizando o quarto módulo do curso.

Entrevistas – alunos(as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 2: André, eu, como eu mesmo disse para você, eu fiz o curso de Matemática, fiz filosofia também, lá na UFMG e fiz o curso de Química aqui na UNIFENAS. Então eu fiz estes cursos porque eu sempre gostei de estudar, eu fiz colégio interno e nos colégios internos eles tinham uma coisa muito boa, eles conseguiam colocar na gente o gosto pelos estudos. Tenho 3 graduações e 4 cursos técnicos concluídos, entre eles Segurança do Trabalho e por último agora, curso Técnico em Finanças.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 2: Eu trabalhava em Belo Horizonte na reitoria da UFMG e depois meu pai faleceu e então eu vim para Alfenas para ficar mais perto da minha mãe. Surgiu um concurso para lecionar Matemática no colégio Polivalente e eu fiz o concurso fui aprovado e deixei meu emprego lá na reitoria e vim para Alfenas lecionar Matemática. Eu lecionei Matemática durante 2 anos, pois eu estudei com bolsa de estudos lá na UFMG, com o compromisso de que depois que terminasse o curso, eu iria lecionar Matemática por pelo menos 2 anos. E eu cumpri meu contrato de 2 anos, mais eu gostava muito da disciplina de Matemática mais infelizmente eu não gostei muito do magistério. Como eu disse para você, eu estudei num colégio interno e as disciplinas de colégio interno eram disciplinas muito rigorosas. Ai peguei uns alunos muito indisciplinados e tive uma certa decepção com o magistério, pois achei que eu iria encontrar alunos assim motivados em estudar, mais infelizmente a maioria não estava afim de estudar. Depois pedi demissão do colégio Polivalente, passei no concurso para Caixa Econômica Federal, ai deixei o Polivalente e fui trabalhar na Caixa. Fiz o curso de Segurança do Trabalho pela obtenção de conhecimento e interessei neste tema quando trabalhava na Caixa e também por necessidade de prevenção de acidentes no meu ambiente familiar também.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 2: Foi através do primeiro curso em EAD que teve aqui no Polo, eu vi o cartaz na rua, que ia haver um curso técnico em EAD aqui em Alfenas e eu me interessei por este curso

por causa da praticidade deste curso né? Isso aconteceu no ano de 2010. E a partir deste primeiro curso estou por aqui deste então.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 2: Um dos motivos é porque, é por causa da praticidade do curso, a gente pode estudar em casa e trabalha e exige da gente um autodidatismo, a gente mesmo é que controla o curso, exige muita disciplina, exige ter vontade de estudar, porque não tem ninguém fiscalizando a gente e acaba que é mais difícil do que na modalidade presencial. Só que quando a gente se propõe a fazer um curso deste, a gente não está brincando, estamos querendo uma coisa séria, e temos de estudar mesmo e aproveitar o curso.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 2: Eu procurei mais por uma questão de necessidade, porque o estudo que a gente vai fazer tem de ser pelo computador, com acesso a internet e eu não sabia nem ligar um computador, então eu senti a necessidade de fazer este curso de Segurança, por necessidades pessoais e familiares, pois eu não pretendo trabalhar como técnico de Segurança, não preciso ter emprego formal mais, estou aposentado. E o curso foi muito útil, pois eu não preciso mais correr atrás de ninguém para mexer no computador ou buscar dicas sobre segurança no ambiente familiar também. E fazer estes cursos em EAD me fez dominar o computador também, hoje eu mesmo digito e faço meus documentos no Office. E cuidar da segurança em casa foi muito bom aprender pois diminuiu bastante a incidência de pequenos acidentes em casa, principalmente com minha esposa que também é de idade, foi muito importante para a minha vida em termos de adquirir conhecimento.

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 2: Foi por concurso, processo seletivo né! Apesar de que fazia muito tempo que eu não estudava, os conhecimentos que foram exigidos no vestibular, que eram Química, Física, Matemática, História e Geografia, fazia muito tempo que eu não via estas disciplinas e até pensei que eu não ia passar, pois estava concorrendo com alunos muitos mais jovens do que eu

e que tinham acabado de sair do colégio. No entanto, eu mesmo me surpreendi, pois fiquei em primeiro lugar no meu vestibular de Segurança.

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 2: André, eu tive um pouco de dificuldade, porque meus colegas de curso, a maioria já dominava a informática e eu praticamente sabia muito pouco sobre o computador, eu não sabia nem ligar um computador... minha dificuldade não foi com o conteúdo, e sim com as tecnologias usadas na plataforma do curso, na EAD… quando o professor dava trabalho em grupo pra nós, eu conseguia tirar minhas dúvidas com meus colegas… meus amigos me ajudaram muito nas atividades que acho que chamam de escrita colaborativa… hoje sei usar o computador e fazer as tarefas tranquilamente pois tive muita ajuda dos colegas e dos professores...ah...e principalmente do tutor... Meus colegas de curso tinham um nível de conhecimento muito maior que o meu nas tecnologias, então eu tive de me esforçar bastante para poder acompanhar o ritmo dos meus colegas e das disciplinas na EAD. Hoje eu faço tudo tranquilamente, devido a esta minha prática e disciplina de estudar na plataforma diariamente.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 2: Então André, o AVA, eu gosto muito do AVA-MOODLE, porque ele é altamente instrutivo, então a gente tem facilidade para navegar ali, pra acompanhar o curso, então eu hoje não tenho dificuldade nenhuma em navegar pelo AVA, ele fornece o material, os cursos de boa qualidade, apostilas e os conteúdos exigidos nas provas muito bons e eu procuro assim, estudar todo conteúdo da apostila acessando diariamente a plataforma, para ter uma formação básica de qualidade. O AVA também oferece textos complementares, fazendo que o aluno vá além no seu aprendizado, mediando conhecimento para todos alunos. As ferramentas da plataforma são muito fáceis de serem trabalhadas após alguns meses de curso, no início eu tive um pouco de dificuldade, pois se trata de uma metodologia totalmente diferente dos cursos presenciais e exige de nós uma dedicação muito maior, além do domínio das tecnologias também e a gente é que precisa correr atrás.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 2: Então André, essa escrita colaborativa que eu pratico e gosto muito, são os fóruns avaliativos das disciplinas que os professores criam na plataforma, então eles dão algumas atividades avaliativas em forma de fóruns e eu dou muita importância a esta metodologia, pois é uma forma de escrita colaborativa que promove interação entre os alunos e gente pode expor a nossa opinião sobre os temas e o outro coloca seu ponto de vista sobre o assunto e isso enriquece o conhecimento. Eu acho estas práticas pouco exploradas nos cursos técnicos, pois nós não somos motivados a trabalhar com estas práticas de escrita colaborativa; os professores, na sua maioria, não gostam de usar a tecnologia ou não sabem usar. Não existe muito diálogo, muita interação entre os alunos e há pouca discussão entre os alunos. O ideal que estas práticas fossem mais usadas para proporcionar uma maior interação entre nós alunos. E fora o curso, eu conheci recentemente o Google Drive, muito novo para mim ainda, eu conhecia um pouquinho da Wiki pois é uma ferramenta da plataforma mais também meus professores optaram por não utilizá-la. E tem muita coisa boa na utilização destas ferramentas, mas exigem mais tempo para os professores para fazerem as mediações e o acompanhamento entre nós alunos, pois os textos podem ser editados pelos colegas de forma errada também, exigindo um monitoramento maior desta tarefa por parte dos professores de uma forma bem mais detalhada do que a forma comum de correção de atividades, pois os textos podem ser editados pelos colegas de forma errada também, exigindo a fiscalização por parte dos professores.

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 2: As minhas práticas de escrita colaborativa foram através dos Fóruns avaliativos semanais e um fórum Wiki no início do módulo I. Nos fóruns foram feitos questionamentos sobre as disciplinas estudadas, bem fundamentadas, onde trocamos informações complementando as postagens dos colegas e as vezes trocando e-mais com informações importantes uns com os outros, promovendo ali uma troca de conhecimento. Os fóruns nos obrigam a pesquisar, buscar outras fontes, pois a gente não quer colocar um texto qualquer né, como resposta, pois são temas muito relevantes e podem ir além do conhecimento sobre Segurança do Trabalho, acaba que vai bem além as discussões por lá. As vezes os professores colocam um vídeo e a gente faz uma crítica construtiva sobre o contexto deste vídeo trazendo para a nossa realidade a solução para determinado problema relacionado a segurança do trabalhador. Esta prática de escrita colaborativa obriga a gente a pesquisar, a conversar mais com os colegas, a aprender mais, buscar diversas fontes de conhecimento... é um trabalho colaborativo e de interação entre nós alunos. O professor vai nos corrigindo e ajudando a montar

este texto, como se cada parágrafo fosse um tijolinho de cada aluno. O ponto negativo é que estas práticas são pouco utilizadas pelos professores, pois demanda um pouco mais de trabalho, dedicação e principalmente tempo para mediar às postagens dos colegas.

Entrevistas – alunos(as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 3: Bom eu trabalho no Corpo de Bombeiros e então meu interesse é aprender mais para poder trabalhar melhor, para ajudar no meu serviço, pois sou oficial do Corpo de Bombeiros e lá desenvolvemos várias atividades relacionadas a Segurança do Trabalho, combate a incêndios, primeiros socorros, várias atividades né, uso de EPI. Escolhi o curso para complementar meu currículo profissional no Corpo de Bombeiros aqui de Alfenas.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 3: Eu tenho curso superior em Tecnologia da Informação (TI) em EAD, tenho outros cursos técnicos entre eles o de informática do IF de Muzambinho, concluído e o de Segurança do Trabalho terminando agora pelo IF de Machado. Pretendo trabalhar com Segurança do Trabalho agora, desenvolvendo atividades no Corpo de Bombeiros.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 3: Eu conheci a EAD em Campinas - SP, quando começou a EAD se espalhar pelo Brasil, numa palestra que participei e vi que se tornaria uma educação do futuro, porque hoje, infelizmente quem trabalha não tem tempo suficiente para vir todos os dias e encarar a sala de aula, eu, por exemplo, trabalho 24 por 48 horas, então sempre eu estaria faltando nas aulas presenciais, e a flexibilidade de tempo me oportunizou a voltar a estudar novamente.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 3: A minha questão principalmente é o tempo, eu não posso todos os dias estar sentado numa sala de aula, eu trabalho o dia todo e a noite também, trabalho 24 horas, então nestes dias eu não poderia vir a aula. E o fator tempo me oportunizou a voltar a estudar fazendo o curso de TI , informática e segurança do trabalho.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 3: Como eu não tinha a oportunidade de fazer ele na modalidade presencial, aqui em Alfenas não possui mais este curso na forma presencial, há uma escassez muito grande nesta área aqui em Alfenas e foi fundamental para mim, pois ficaria mais fácil para mim subir na carreira na corporação militar dos Bombeiros e até mesmo eu outro lugar fora do Corpo de Bombeiros caso eu precisar, então estas questões todas elas me levaram a poder estudar na hora em que eu desejar, organizando meus estudos, seja de madrugada ou de manhã, ou a noite, e eu gosto muito desta área prevencionista de proteção a integridade e saúde do colaborador não só no Corpo de Bombeiros mais em qualquer outra Instituição. E eu pretendo assumir esta área a princípio no meu serviço em Alfenas. Por isso que escolhi fazer o curso de Segurança na modalidade EAD, pelo IF de Machado no Polo CAIC em Alfenas.

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 3: Eu vim aqui no Polo, fiz minha inscrição on-line e depois eu vim e participei do sorteio das vagas, pois não foi um processo seletivo com aplicação de provas, foi uma seleção através de um sorteio on-line das vagas, por meio do nosso número de inscrição. Tinham mais de 600 pessoas inscritas para 50 vagas de primeira chamada e 50 vagas para a fila de espera. E grande parte dos cursos hoje abrigados na ETEC municipal são selecionados alunos através de sorteio destas vagas. E eu tive a sorte de ser contemplado na primeira vez que participei deste sorteio para fazer Segurança do Trabalho.

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 3: Não encontrei muita porque eu já havia feito um outro curso a distância né? E eu já tinha conhecimento das ferramentas que são utilizadas na EAD. Mais um pouco de dificuldade a gente sempre tem, pois a EAD traz desafios e os desafios a gente tem de se esforçar muito para vencê-los, principalmente nos uso das ferramentas tecnológicas na qual eu senti um pouco. Mais depois você vai pegando a prática com as atividades semanais e consegue suprir bem estas dificuldades. E tem também o pessoal aqui da escola que nos ajuda, os tutores presenciais nos ajudam aqui na escola e então as coisas vão ficando mais fáceis. Quando eu tinha alguma dúvida, alguma coisa que vou tendo dificuldade, eu já venho aqui no Polo com o tutor para resolver logo o meu problema.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 3: Eu acho a plataforma muito importante, pois traz, dá uma oportunidade a todos da sociedade em voltar a uma sala de aula que é virtual, mais é uma sala de aprendizagem, uma plataforma muito inclusiva. E como aqui em Alfenas não se tem mais este curso na modalidade presencial, ficaria uma lacuna, e o Moodle, esta tecnologia já é usada no mundo inteiro, é a que é mais utilizada, gratuita e de fácil acesso pelos alunos e com isso, ela ajuda sem dúvida ou pelo menos facilita nós alunos a obtermos conhecimento. Traz muita economia pela Instituição de ensino em elaborar este curso também, reduz significativamente os custos deste curso. E promove a interação e o diálogo muito importantes para o curso de Segurança também, trabalho em equipe entre os colegas de turma.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 3: Então André, esse termo propriamente dito, eu não conhecia, vim a conhecer aqui no Polo no curso de Segurança. E eu acho muito importante porque o trabalho em equipe é fundamental para todas as nossas atividades. E hoje as empresas preferem um empregado que sabe trabalhar em equipe, frente a um bom profissional que não tenha habilidades para trabalhar em equipe. E isso a gente vai treinando aqui na escola com estas práticas de escrita colaborativa, que são utilizadas apenas nos módulos iniciais do nosso curso. E tem também aquela questão de reduzir as distâncias da EAD proporcionada também pelos fóruns avaliativos.

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 3: O que eu mais gosto de trabalhar é com o Skype. Eu sempre estou trocando idéia com meus colegas de curso, também promove interação, mais os professores não gostam muito que a gente faça uso. No meu início de curso a ferramenta do Google Drive, foi mais indicada pelos professores para fazermos nossos trabalhos em grupo, de forma colaborativa, realizando um pouco destas práticas. Então as minhas experiências de troca de informação foram com o Google Drive e com o Skype que estão fora da nossa plataforma. O Wiki o professor nem sequer explicou o que era pra gente e não fez uso desta ferramenta, fiquei sabendo o que é através de você agora aqui no Polo. A gente ia discutindo o conteúdo daquelas atividades e íamos montando um texto final né, uma resenha sobre o tema em discussão para ser postado na

plataforma como tarefa final da disciplina. Cada um ia complementando a postagem do outro colega no MOODLE. Usar estas ferramentas no curso, estas práticas de escrita colaborativas encurtam as distâncias entre nós alunos, eu já fiz trabalhos até com pessoas que moram em outros Estados e foi muito bom o resultado deste trabalho nosso. E ruim é apenas a falta daquele contato humano, do olhar nos olhos, o curso fica um pouco frio, isolado, mais eu acho que a necessidade que se tem é de superação de todos os obstáculos para vencermos e concluirmos este curso. Hoje aprendi a caminhar com mais facilidade pela EAD e indico a diversos colegas com as mesmas dificuldades de tempo que eu tenho.

Entrevistas – alunos(as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 4: Bom, eu tive o interesse em fazer o curso de Segurança para adquirir mais conhecimento, de repente se precisar no mercado de trabalho eu tenho cursos a mais, enriquecer meu currículo, é pra estas coisas. Não fiz especificamente para o trabalho na qual trabalho agora, mais para uma possível atividade futura, pois o trabalho na qual exerço nos dias de hoje eu sou efetiva no cargo e não exigiu que eu fizesse o curso de segurança.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 4: Bem, eu sou formada em Ciência da Computação, fiz bacharelado na UNIFENAS, trabalho numa escola pública, sou efetiva no cargo, sou tutora presencial no Polo CAIC em Alfenas no curso Técnico de Informática do Instituto Federal de Muzambinho. Terminei o curso de Segurança do Trabalho pelo IF de Machado e diversos outros cursos na modalidade EAD e alguns na modalidade presencial, como Contabilidade, Magistério, Secretariado, Secretaria Escolar e vários na área de informática, tenho 25 anos como servidora do Estado de Minas Gerais. Minha experiência com Segurança do Trabalho é bem recente e pretendo por em prática na escola na qual trabalho.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 4: Bom, no início da EAD no Brasil, em 2001, no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da faculdade, foi feito numa plataforma para ensino a distância, foi meu primeiro contato. Ai depois, anos depois, uma amiga me apresentou os cursos técnicos a distância que tinham no polo CAIC de Alfenas, na nossa escola técnica municipal. E a partir daí, que eu conheci realmente as plataformas de ensino a distância e comecei a fazer os cursos.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 4: Bom, primeiramente pela facilidade de você poder estudar nas horas em que você pode e por não ter de ficar de segunda a sexta-feira numa sala de aula, 4 horas sentada sendo que a gente trabalha o dia todo e temos outras coisas, outros compromissos para fazer. Então o

ensino a distância é bom por causa disso, por a gente tem tempo para cumprir com outras atividades e tem o tempo para estudar o curso distância, que a gente faz nossas horas de estudos. O motivo principal é pela oportunidade de organizar nosso tempo para estudar e fazer outras atividades durante o dia. Pois eu não teria tempo para ficar numa sala de aula presencial de segunda a sexta-feira.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 4: Então, como eu falei, justamente por causa do tempo, pra que eu pudesse fazer minhas outras atividades durante o dia, e fazer o curso de segurança a distância que é uma área que eu também gosto e me organizei para estudar sobre este tema. O curso ia aumentar meu currículo positivamente na minha escola, pois na verdade sou funcionária efetiva, mais se precisar e hoje em dia com esta crise, a gente precisar trabalhar em outro lugar, a gente tem mais esse curso de segurança que vai ou pode abrir uma nova porta de emprego e também podendo trabalhar com prevenção de acidentes na minha escola também.

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 4: Não. Outros cursos que eu fiz tinham um sorteio e outros aplicação de provas. A primeira vez que tentei a vaga de Segurança do Trabalho foi através de sorteio aqui no Polo Caic, então tinham 500 pessoas inscritas para 50 vagas, ai eu não consegui ser sorteada neste dia. Mais agora como várias pessoas já foram fazendo os cursos, ai ficou mais fácil nossa entrada pois diminuiu um pouco aquela demanda de interessados do início do curso aqui no Caic. Ai você procura o Polo é até pode sobrar vagas que é feito uma chamada pública para os interessados. Mais a minha prova que me garantiu a vaga foi através de um processo seletivo, com questões básicas de conhecimentos gerais e atualidades, onde me ingressei no curso pelo IF de Machado.

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 4: Não tive dificuldade pois já tinha vivencia um curso via plataforma na minha faculdade na elaboração do meu TCC, já tinha bastante experiência, tinha experiência com os fóruns avaliativos, já entendo bem a plataforma e seu funcionamento, sei mexer em tudo então,

ao invés de ficar numa sala de aula presencial, eu gasto 1 hora ou no máximo 2 horas para estudar todo o conteúdo da semana. E as ferramentas tecnológicas da plataforma para mim foi de fácil acesso, pois sou formada em Ciência da Computação né! Agora, o que eu vejo dos alunos, os que não tem um pouco de conhecimento de informática sofre bastante no início até pegar o jeito de conduzir a matéria na plataforma. Por que hoje eu sou tutora presencial no polo, e vejo os alunos com muitas dificuldades relacionadas ao uso desta tecnologia que é muito nova para eles, usar corretamente os recursos da plataforma, devia haver mais aulas específicas para trabalhar este tema, como os alunos fazem para acessar melhor as aulas semanais, coisa deste tipo. E existem alunos mais velhos que não tem muita experiência com informática e apanham bastante no início do curso. Mais na medida em que o curso vai caminhando até estes alunos que tiveram muita dificuldade no início passam a conduzir muito bem o curso de Segurança do Trabalho e qualquer outro curso no polo Caic.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 4: Bom, eu já vi outras plataformas que eram mais difíceis de serem usadas, que no momento eu não me recordo os nomes. E estas plataformas foram mais difíceis de mexer, agora o AVA-MOODLE é bem intuitiva, a pessoa já entra com seu login e senha, já tem ali tudo na frente dela, explicadinho alie já vai aprendendo a mexer com mais facilidade e com o tempo em que você mexe com ela, vai ficando mais fácil, por exemplo, quem está no segundo curso via MOODLE, já não tem dificuldade para estudar via plataforma, muda-se apenas o Instituto Federal e algumas funções, mais a nossa plataforma é muito intuitiva então acredito que com ela ninguém vai ter problema após usa-la no início dos cursos da escola técnica. A medida que os alunos vão a usando fica muito fácil estudar por ela. Eu acredito que seja uma ótima ferramenta para nossa aprendizagem, pois, acelera o processo de aprendizagem, faz as tarefas com bastante rapidez, é interativa, você entra e participa dos fóruns com muita qualidade e entendimento do que está sendo estudado e com isso surge ali um debate sobre o conteúdo estudado, muito importante para nossa obtenção de conhecimento.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 4: Bom, no momento eu trabalho com o Google Drive, as vezes já aconteceu deu trabalhar com outros aplicativos de troca de informação via celular, mais o que eu pratiquei

destas práticas foi com o auxílio do Google Drive, pois os professores não fizeram uso do Wiki na plataforma do curso de Segurança. Uso o drive para compartilhar documentos, textos complementares das disciplinas de segurança do trabalho, o professor as vezes mandava questionários para os alunos responderem e reenviarem para ele as respostas via Google Drive, cada aluno preenche o seu, você vai fazer um trabalho em grupo e cada um vai fazendo e editando o texto para ser postado via word na plataforma e no final fica tudo certo na realização daquela tarefa. Como disse, eu trabalho com o Google Drive...pois os professores não fizeram uso do Wiki na plataforma do curso... um ponto negativo, é que precisa ser fiscalizado pelos professores, é a questão da repetição por parte de alguns alunos de conceitos que já foram escritos lá como resposta, por isso, os professores precisam estar muito atentos na mediação dessas atividades

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 4: Os que não têm um pouco de conhecimento de informática sofrem bastante no início do curso, pois as atividades são desenvolvidas no word, no excel e também nos links online... nas tarefas individuais eu sempre ia com uma nota mais baixa por não conseguir fazer a tarefa direitinho.... mas os trabalhos em grupo é que salvaram minhas notas, pois eu contava muito com a ajuda do tutor e do professor que me ajudavam a usar o computador para pesquisar, construir meu conhecimento, e postar minhas contribuições na plataforma em forma de textos em conjunto com meus colegas do curso… os colegas e os professores iam corrigindo o que a gente postava lá até formar um texto final e único... Vou citar um exemplo de uma tabela, que fizemos no excel e foi preenchida por mim e outros membros do meu grupo, cada um explicando sobre um conceito da disciplina de Biossegurança e complementando a tarefa dada pelo professor. Fizemos e alimentamos esta tabela via Google Drive e cada um ia colaborando para a finalização da tarefa. No final tiramos esta tabela do drive e postamos como atividade final da disciplina de Biossegurança finalizando a disciplina e postando este resultado na plataforma MOODLE do nosso curso. Se tornando numa forma bem interativa de se usar o Google Drive como uma prática de escrita colaborativa entre nós alunos. Os fóruns avaliativos, também acho que são práticas de escrita colaborativa no nosso curso de Segurança, pois acontecem semanalmente e também promove o diálogo no curso. O ponto positivo destas práticas eu acho é que tem como você organizar todos estes conceitos num lugar só e com uma maior participação de todos os envolvidos neste grupo de trabalho. No caso da tabela que citei, todos participam da construção dos principais conceitos estudados na disciplina em andamento,

construídos através desta prática de escrita que é muito colaborativa e crítica. Um ponto negativo e que precisa ser fiscalizado pelos professores, é a questão da repetição por parte de alguns alunos de alguns conceitos que já foram escritos lá como resposta, por isso, os professores precisam estar muito atentos na mediação destas atividades. Mais no curso de Segurança do Trabalho, estas práticas foram mais utilizadas através dos Fóruns mesmo. Acho que fica mais fácil para a correção e controle dos professores do curso. Muitos professores têm muita dificuldade no uso das tecnologias também, tanto que o Wiki não foi utilizado na minha turma para atividades durante o andamento do curso. Mais não usam por falta de conhecimento desta ferramenta e nem sabem como criar uma atividade Wiki.

Entrevistas – alunos(as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 5: Eu me interessei pelo curso de Segurança do Trabalho porque na verdade eu já tenho especialização em Segurança do Trabalho como Engenheira Civil, e como já havia um tempo em torno de 10 anos que tinha cursado esta especialização, então resolvi fazer o curso técnico também pra dar uma atualizada nos cursos e no conteúdo de segurança. Para verificar as leis atualizadas, obter novas experiências, atualizar os conteúdos e conhecer as novas práticas relativas a segurança do trabalho, o que está introduzido no mercado para venda referente a segurança e foi isso André.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 5: Minha formação é em Engenharia Civil, eu trabalho na Prefeitura de Serrania no Departamento de Obras, atuo como engenheira civil e na segurança do trabalho eu não atuava, mais agora após o curso técnico, estou começando a ajudar os amigos de trabalho com a segurança do trabalhador nos serviços da Secretaria de Obras e Meio Ambiente de Serrania. E hoje em dias estes temas estão muitos em alta né, Segurança do colaborador das empresas e meio ambiente de trabalho. Fiz o técnico de segurança para atualizar grande parte dos conteúdos que estudei na minha especialização. Fiz também o curso técnico de Meio Ambiente pelo IF de Rio Pomba e de Vigilância em Saúde pelo IF de Muzambinho para fechar este triângulo. Me formei em Engenharia na UNIFENAS em Alfenas. Minhas experiências com segurança do trabalho se firmaram agora nos serviços prestados por mim na secretaria de obras de Serrania.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 5: A EAD surgiu assim: eu ouvi falar de um curso que estava abrindo na cidade de Alterosa na UFOP, que é a Federal de Ouro Preto, ai interessei, comecei a fazer o curso, durante o curso tive colegas de Alfenas e eles me disseram sobre o curso técnico em Meio Ambiente na ETEC CAIC em Alfenas. E como eu já trabalhava na Prefeitura, como responsável por uma estação de tratamento de esgoto, eu tinha muito interesse na preservação do meio ambiente e segurança dos trabalhadores que trabalhavam por lá. E assim achei muito conveniente que eu

fizesse os cursos técnicos de Meio Ambiente e Segurança do Trabalho e foi assim que a modalidade de educação a distância surgiu na minha vida André.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 5: A educação a distância para nós que trabalhamos é a modalidade de ensino mais interessante né? Porque a gente não precisa estar no espaço, no mesmo espaço geográfico, e as disponibilidades de horário, pela flexibilidade de horário e a não presença no espaço físico de uma sala de aula presencial. Quem trabalha não tem a disponibilidade de estar presente todos os dias numa sala de aula, a EAD oportunizou a nós voltarmos a estudar meio que de forma inclusiva mesmo.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 5: Então, o curso de Segurança do Trabalho, eu procurei isso, objetivando uma atualização e prática de novos conteúdos na minha formação e procurei o técnico de Segurança do Trabalho na modalidade a distância pois me deu autonomia de tempo e eu podia me programar para estudar aproveitar todo conteúdo estudado. E pela facilidade por estar cursando em minha casa também, sem ter de vir na escola também. E os encontros presenciais são apenas 1 vez por mês, duas no máximo, isso tudo somado definiram os critérios na qual me fez escolher o curso nesta modalidade de ensino. E esse curso contribuiu muito para minha vida pessoal também. E agora estou investindo em Segurança do Trabalho e aplicando estes conhecimentos no meu trabalho na Prefeitura.

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 5: Não enfrentei dificuldades não André. E nem sei se é tão válida esta forma de seleção de alunos, através do sorteio das vagas, apesar do Governo pregar que é uma forma mais inclusiva, tem muitos alunos bons que poderiam entrar no curso de segurança e não conseguem, pois, não são sorteados para as vagas. Quem realmente quer aprender e trabalhar com segurança não consegue se matricular no curso. E os que entram muitas vezes acham que a educação a distância é uma educação mais fácil do que a presencial, que poderão fazer as disciplinas de qualquer jeito, que vai só adquirir o diploma e não é bem assim não. E acabam

que estes alunos deixam o curso pela metade, abandonando sem justificativa e tirando a vaga de quem realmente está interessado no curso.

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 5: Não enfrentei dificuldades não André. Eu já tinha prática do curso de Meio Ambiente que fiz antes do curso de Segurança e para mim foi tranquilo o andamento do curso e eu já sabia mexer bem na plataforma, para mim não foi novidade mexer nos recursos tecnológicos do MOODLE. Mais quem presencia o ambiente pela primeira vez precisa de um apoio maior por parte dos tutores para ganhar prática com os recursos tecnológicos usados na educação a distância. Principalmente no uso do word, excel e power point que são recursos de informática básica.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 5: Essa modalidade no AVA – MOODLE eu acho de muito fácil acesso, tanto em termos de conseguir visualizar as atividades avaliativa semanais, como no uso dos fóruns e questionários, textos on-line realizados na disciplina. O passo a passo das tarefas é de muita facilidade sua execução, as ferramentas de interação são muito tranquilas, então o aluno e professor podem dialogar durante as discussões nos fóruns, então no meu ponto de vista a plataforma é muito boa para o processo de aprendizagem sim André. E até porque também eu não conheci outra plataforma, todos os cursos que fiz foram no MOODLE.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 5: A única prática de escrita colaborativa que eu tive acesso foi através do Wiki e pelos fóruns, mais o Google Drive não o utilizei até hoje, mais foi no curso de Meio Ambiente apenas, no de segurança as únicas práticas colaborativas foram através dos fóruns avaliativos. Achei o Wiki uma ferramenta muito fácil de ser utilizada para edição de textos, onde você entra e acessa a atividade, coloca sua contribuição ao tema estudado e o professor vai monitorando nossas postagens. É interessante para ler o que os colegas postaram e vai complementando e enriquecendo de informações aquela tarefa. E no curso de Segurança os professores acharam melhor trabalhar apenas com os fóruns mesmo, com assuntos a serem debatidos por nós alunos

durante o andamento das disciplinas. Os professores gostam de coisas mais rápidas e fáceis de serem orientadas e corrigidas. Sobre o Google Drive o professor dedicou uma das atividades do curso mais eu não a fiz por falta de tempo e também porque acho que faltou u pouco mais de explicação por parte do professor, então eu desconheço e não uso esta ferramenta.

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 5: No curso de Segurança do Trabalho eu trabalhei estas práticas nos fóruns debatendo com os alunos os temas propostos pelos professores e através de um trabalho em grupo, onde eu achei que foi uma forma fácil de interação entre os colegas do grupo, principalmente nós da educação a distância, se você para nós passarmos este conteúdo para um ou para outro o conteúdo do trabalho, a gente teria muita dificuldade até porque se fosse no Wiki seria fácil, cada um adquirindo seus próprios conteúdos já ia postando na plataforma, dentro desta atividade nós íamos trocando informação caso alguém achasse que aquele conteúdo não estava adequado para a tarefa e colaborativamente, a gente ia corrigindo e aprendendo um com outro. Mais nos fóruns o professor mesmo ia mediando e corrigindo nossos erros relacionados a postagens destes conteúdos. Usei o Wiki no curso de Meio Ambiente e no de Segurança do Trabalho apenas os fóruns avaliativos como escrita colaborativa, pois a atividade semanal destina ao uso de colaboração fora da plataforma MOODLE com o uso do Google Drive, eu não a fiz por não conhecer a ferramenta. E estas práticas no curso tem se diminuído cada vez mais pelos professores por demandar um tempo maior para sua avaliação e se fossem trabalhadas com mais calma no curso a gente ia aproveitar e absorver informação muito mais no curso, ia aumentar nossa troca de conhecimento e melhorar o nosso diálogo no curso, pois a EAD é uma modalidade de ensino muito solitária e as vezes eu sentia falta das conversas com os colegas de curso. Um ponto positivo é esta interação que as práticas de escrita colaborativa oportunizam aos alunos, essa troca de informação. Um ponto negativo ao meu ver, é as vezes um colega de trabalho em grupo deixar de fazer a sua parte no trabalho e os demais terem de suprir aquela demanda, cobrindo a falta dele na atividade. Mas acho que isso acontece porque o professor às vezes não consegue acompanhar as nossas atividades... Mas o professor acompanha a atividade e sabe quem é quem na turma, sabe separar o joio do trigo. Mais enfim, deveria ser mais trabalhada sim estas práticas de escrita colaborativa e o uso das tecnologias aplicadas ou que podem ser usadas para estas atividades.

Entrevistas – alunos(as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 6: Então, meu interesse foi através de comunicação entre amigos certo? E eu me interessei pelo curso porque na medida em que foi fazendo, eu vi que no dia a dia a gente usa muito na prática estas disciplinas de Segurança do Trabalho, inclusive até para dirigir sabe? Aí eu reuni um grupo de amigos e conseguimos entrar juntos no curso de Segurança do Instituto Federal de Machado. Entrou uma turma de amigos juntos, eu, Dener, o Valdeli sabe? Ai despertou esse interesse porque, como eu estou trabalhando na oficina mecânica da Prefeitura, posso organizar melhor a disposição das peças automotivas na oficina, organizando melhor meu ambiente de trabalho, no caso trabalhar melhor a questão da Ergonomia, tudo isso aí ajuda e eu me interessei em Segurança do Trabalho por isso ai.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 6: Eu tenho apenas o ensino médio completo e eu comecei a fazer Engenharia Agrícola, fiz mais ou menos 2 anos de curso e parei, quando tinha esse curso na UNIFENAS. Quando eu fiz meu colegial aqui na escola Dr. Roque Tamburini, eu fiz um curso Técnico de Laboratório, só que também não cheguei a trabalhar em Laboratório, pois, resolvi não trabalhar na área e estudar para fazer concurso público, onde estou efetivado na Prefeitura de Alfenas desde então. Terminei agora junto com meus colegas o curso de Segurança do Trabalho e pretendo trabalhar na CIPA da Prefeitura representando a Secretaria de Obras do município.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 6: Então foi através de amizades né! E eu me interessei por esta modalidade de ensino porque eu não achei o curso assim tão fácil não porque a gente sente muito a ausência dos professores, mais exigiu muito estudo de minha parte para que eu conseguisse terminar o curso. Outra coisa, só que você escolhe seu horário para estudar e isso facilita bastante a vida da gente. A gente passa a ter mais disciplina para estudar senão não consegue chegar ao fim não. Muita coisa você tem que se virar ali, pelo fato de não ter as apostilas impressas, não são todas que são enviadas, acaba que é um estudo bem isolado e solitário.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 6: Pela comodidade da modalidade a distância em termos de tempo né? Permitiu que fizesse outra atividade, trabalhasse durante o dia e estudasse a noite, aos domingos pela manha, em casa tranquilo e meu trabalho aqui é em período integral, mais por essa organização do tempo mesmo. E pela oportunidade que a EAD me deu de voltar a estudar também.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 6: Eu achei interessante o tema e gosto muito dos meus colegas de profissão e vejo eles se acidentarem as vezes por bobeira e falta de conhecimento de como evitar que aquilo acontecesse. A gente passa a treinar, a observar melhor as coisas que nos cercam com o curso Técnico de Segurança do Trabalho. Você começa a ver melhor a disposição de uma escada, qualquer coisa que você observa que está correndo um risco a gente já fica alerta e conversa com o colega de trabalho. A gente passa a se preocupar mais com a saúde e qualidade de vida do trabalhador. Com certeza eu fui muito feliz em escolher este curso ao invés de tantos outras da escola técnica no CAIC, pois acho que me tornou mais preocupado com próximo, com a saúde e qualidade de vida dos colegas.

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 6: Não foi fácil não viu André. Foi através de um processo seletivo, uma prova de conhecimentos gerais, não foi através de sorteio não. O Instituto Federal de Machado reveza, tem ano que é sorteio e no outro prova mesmo, no ano do sorteio eu não fui sorteado, e acabei que passei mesmo foi no processo seletivo com a aplicação de uma prova.

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 6: Não, mais tive de estudar bastante pra pegar o jeito das coisas na plataforma do curso. No meio do curso já estava tudo tranquilo, eu já usava as ferramentas da plataforma sozinho, mais lá no Polo CAIC tem os tutores presenciais que nos ajudam bastante no início dos módulos do curso. A dificuldade maior acho que está no início do curso com o uso das tecnologias na plataforma e às vezes fora dela também. Quem é mais velho um pouco não

domina o uso do computador por exemplo. Creio, então, que as minhas dificuldades foram estas. E eu já tinha um domínio pequeno do uso do computador, para mim foi um pouco mais fácil do que para meus colegas.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 6: A plataforma é uma ferramenta fácil de usar e é bem esclarecida. É muito fácil localizar os arquivos, as tarefas semanais ficam bem claras nela, tudo muito bem disposto lá. No início a gente apanha um pouco, agora, quem não tem conhecimento do computador, nem que seja um pouco, apanha bastante no início. Mais acaba que um vai ajudando o outro, a gente vai passando informação, interagindo um com outro para superar as dificuldades do curso. Inclusive até minha esposa me ajudou muito nisso aí viu? Na parte da informática aprendi muita coisa com ela. Esse treinamento no uso da plataforma deveria ser disponibilizado para os alunos, coisa que não acontece, é um "se vira nos 30" mesmo.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 6: Eles pouco trabalharam com a gente sobre estas práticas de escrita colaborativa né, de trabalhos em grupo. A gente trabalhou mais colaborativamente no início do módulo I e nas aulas presenciais que foram 2 por mês nos módulos I e II. Numa visita técnica que fizemos no Instituto Federal de Machado trabalhamos esta prática de escrita colaborativa num relatório final da aula presencial que foi de Combate e Prevenção de Incêndios, cada um escrevendo um pouco do relatório e postando o texto on-line na plataforma do curso. E nos fóruns também a gente vai trocando informação um com outro.

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 6: Os professores pouco trabalharam com estas práticas de escrita colaborativa na minha turma, mais tem outras turmas que sei que usaram o tal de Wiki. No meu caso, tive estas experiências nos módulos I e II, nas aulas presenciais com trabalhos em grupo, e mais mesmo na atividade de responder e debater com os colegas diversos assuntos que são postados na plataforma pelos professores. O Google Drive foi citado mais desconheço o programa e o Wiki não foi utilizado como ferramenta na minha turma. Deviam trabalhar melhor também estas

práticas para enriquecer nosso curso de Segurança do Trabalho, talvez com uma disciplina a mais sobre este tema e sobre o uso das tecnologias também, facilitaria bem a vida de muitos alunos, principalmente os de mais idade e empenhados em estudar.

Entrevistas – alunos(as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 7: Pois é, pela correria assim da vida da gente, pelo fato da gente assim ter a vida muito corrida o curso de Segurança do Trabalho tem me proporcionado a estudar, a gente fazer o horário da gente para estudar, então aquela coisa de ir todos os dias na escola não existe na educação a distância, a princípio foi esse meu interesse pelo curso e também pelas ofertas de emprego na área de segurança que sempre aparecem pra gente. E é uma área muito chamativa mesmo para se trabalhar né com a segurança do trabalhador.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 7: Eu sou professora e também por este aspecto de ser professora a gente tenta buscar conhecimento, primeiro eu fiz Magistério, depois pedagogia né, sou graduada em Pedagogia pela UNIP-SP, na modalidade de educação a distância, onde o polo de apoio dos alunos era aqui em Alfenas mesmo no colégio Anglo. Pelo mesmo fato da minha vida ser muito corrida, por eu ter filhos, ai eu preferi fazer o curso na modalidade EAD. Então eu fiz Magistério, sou pedagoga e professora do ensino fundamental. Curso técnico estou fazendo este agora de Segurança do Trabalho pelo IF Sul de Minas, campus Machado.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 7: Então André, foi pelos colegas que já faziam estes cursos, pela internet também já tinha lido sobre estes cursos técnicos em EAD, mais foram meus amigos mesmo que me estimularam a estar tentando uma vaga para fazer o curso de Segurança do Trabalho, ai a EAD foi surgindo assim na minha vida também, assim como surgiu a oportunidade de estar fazendo graduação em Pedagogia pela UNIP em EAD, tudo por indicação de amigos mesmo.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 7: Então, pelo fato da correria da vida gente mesmo, por isso eu achei melhor e resolvi investir nesta forma de educação para a minha vida. Pelo fato de eu trabalhar, a EAD me deixa livre para programar meus horários e dias de estudos, de organizar meu tempo e criar

uma certa responsabilidade de cumprir com o que eu mesmo programei para mim como atividades diárias. Se não fosse a EAD eu certamente não estaria estudando no curso de Segurança do Trabalho. Mais o motivo principal e deve ser o de 90% dos alunos, é o tempo mesmo, que a gente se organiza melhor.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 7: Então, pelo fato da gente sempre estar trabalhando, com criança pequena, dentro desse curso, eu vou aprender mais com isso, pois eu posso trabalhar com educação infantil e a noite estudar sobre Segurança do Trabalho e suas normas regulamentadoras. E esse curso é muito bom e vai me ajudar bastante, para garantir a segurança nos meus trabalhos domésticos, na escola onde dou aulas, e na minha vida pessoal também. E a oportunidade de melhorar meu currículo para o mercado de trabalho, pois a gente nunca sabe o dia de amanha né? Mais fazer esse curso em EAD não é muito fácil não, pois temos prazos a cumprir na realização das tarefas, acaba que exige um esforço muito grande da gente em querer estudar e concluir o curso.

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 7: Pois é André, de inicio em pensei em fazer o curso técnico de administração, fiz uma prova e eu não consegui passar no processo seletivo de imediato, ai depois fui convidada a me inscrever no curso de Segurança do Trabalho e no curso Técnico de Enfermagem e eu optei por Segurança do Trabalho, onde participei de um sorteio de vagas, onde tinham muitas pessoas inscritas e acabei que fui sorteada entre os 50 primeiros alunos, pois eram 50 vagas apenas. Logo na primeira tentativa, a sorte esteve do meu lado e me matriculei no curso de Segurança, contei com a sorte para conseguir entrar no curso (risos)...

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 7: Não, por enquanto não estou tendo dificuldades pois conheço bem a nossa plataforma, trabalhei com o MOODLE na minha graduação inteira, então as funções das ferramentas são praticamente as mesmas, mudando apenas alguns detalhes. E depois que a gente pratica e acessa a plataforma diariamente, as duvidas vão cessando e até aquelas pessoas que tiveram dificuldades no início do curso, vão tocando o barco sozinhas depois de um certo

ponto. Os conteúdos são muito bem explicados pelos professores por vídeo aulas ou por arquivos em PDF e a gente caminha bem na plataforma que é muito interativa.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 7: É um excelente instrumento de mediação de aprendizagem, deste que o aluno tenha conhecimento da tecnologia para não ficar sofrendo no início do curso. E na minha opinião, as ferramentas que estão na plataforma são fáceis de serem usadas, mais para quem tem um pouco de prática. É necessário ter uma disciplina no início do curso específica para aprendermos a utilizar as tecnologias, pois isso poderia facilitar a vida de muita gente e fazer diminuir o número de alunos que desistem do curso por não dominarem o computador e os recursos tecnológicos do MOODLE. As atividades em colaboração e em grupos ajudam bastante a gente a querer aprender a utilizar o computador e a internet, pois os textos que os professores pedem pra gente construir junto, acabam que nos motivam e nos cobram a saber ligar e usar o computador, a saber pesquisar, a não copiar e colar da Internet, pois temos que discutir junto com os colegas as informações que acrescentamos no texto, para ficar um texto único no final… é um ajudando e corrigindo o outro...deveriam dar esses trabalhos colaborativos desde o início do curso, para que a gente aprenda a utilizar as tecnologias desde o começo de forma mais autônoma e independente. Mais é uma ferramenta muito boa para aprendizagem sim, é o que eu penso.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 7: Então, estas práticas de escrita colaborativa, eu não utilizei ainda no meu curso Técnico de Segurança, eu só utilizei o Google Drive para trocar alguns e-mails com meus colegas e na minha graduação em Pedagogia na UNIP-SP. Mais tem uma professora que já disse que vai trabalhar com um trabalho em grupo, mais não informou ainda com qual ferramenta ela vai trabalhar com nós alunos. Eles ainda vão trabalhar este tema conosco e esta prática de escrita colaborativa no meu ponto de vista é uma forma de trabalhar em grupo para obter um conhecimento maior, com a colaboração de todos. E por ser um curso em EAD a professora deve dar uma atividade para gente ir fazendo com o Google Drive. A ferramenta Wiki eu não a conheço e nunca a utilizei em nenhum dos cursos que eu fiz.

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 7: Então, como eu já relatei, no curso de Segurança eu ainda não fiz estas práticas de escrita colaborativa, usei e conheci o Google Drive, apenas na minha graduação, onde quase igual as coisas que tem no curso técnico: as disciplinas tinham as tarefas individuais que a gente desenvolvia, e nas tarefas coletivas, tínhamos trabalhos em grupo como auxílio do Google Drive para nossa troca de informação um com o outro. O professor dividia a gente em grupos de 10 pessoas, aplicava o trabalho que era a construção de resenhas sobre os temas da pedagogia e cada um de sua casa ia produzindo seus textos e postando no word on-line no Google Drive. O professor ia dando dicas do que ele queria e ia organizando as nossas postagens via e-mail e no final a gente publicava a resenha final do grupo no Moodle da Pedagogia. E se tornava uma escrita colaborativa, pois, um ia ajudando o outro ali a construir aquele texto na plataforma. Mais no curso de Segurança, espero que nos próximos módulos a gente pratique mais estas práticas para adquirirmos mais conhecimento. Um grande ponto positivo desta prática é que por nós estarmos cursando este curso de Segurança do trabalho on-line, a gente pode interagir com pessoas e diminuir um pouco as distâncias, pois o curso é muito solitário e individual. A gente obtém um conhecimento maior, e estamos nos atualizando todos os dias, pois, sempre tem um aluno com uma novidade todos os dias e vai contando pra a gente. Um ponto negativo é que nem sempre a pessoa na qual a gente precisa para conversar sobre o conteúdo estudado está on-line na plataforma e atrasa um pouco a resposta para aquela dúvida que estamos tentando resolver.

Entrevistas – alunos(as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 8: Então, meu interesse pelo curso surgiu, é até engraçado né, minha namorada começou a falar pra mim que os cursos eram bons, que eram de Institutos Federais, e hoje ela é tutora também na escola técnica, e ela começou a falar: faz que vai melhorar o seu currículo profissional, ai eu comecei a pesquisar, pois eu trabalho o dia todo, ai pensei mais não vai dar tempo, mais ela ela me falou: faz que o curso de Segurança do Trabalho é a distância, ai fui me interessando pelo curso por indicação dela e para buscar mais conhecimento né? E hoje conhecimento é tudo na vida da gente né?

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 8: É atualmente eu trabalho numa escola estadual, eu sou ASG – auxiliar de serviços gerais, sou técnico em redes de computadores e faço o curso Técnico de Segurança do Trabalho pelo Instituto Federal do Sul de Minas, campus da cidade de Machado. Ainda não trabalho com Segurança do Trabalho no meu trabalho, mais futuramente que criar alguns programas de segurança na minha escola, para reduzir ou eliminar os riscos ambientais e de acidentes no meu emprego.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 8: Primeiramente foi com a minha namorada Mirian e depois eu busquei conhecimento e informações pela internet e através também das redes sociais. Na internet eu fui descobrindo os editais abertos dos cursos, olhei alguns que estavam abertos naquela semana e acabei que optei por fazer o curso Técnico de Segurança do Trabalho, tentar a vaga pelo IF de Machado e acabei que dei sorte e entrei no curso.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 8: O principal motivo foi a praticidade e a facilidade de, por exemplo, hoje eu não tenho tempo, então a educação a distância promove o tempo teu né? Então você faz o teu curso na hora, não na hora em que você quiser, mais, não hora em que você está mais disponível,

você fala hoje eu vou estudar 3 horas, então você marca estas 3 horas depois do seu tempo de trabalho e estuda estas 3 horas, estuda 1 hora, então qualquer hora você pode estar estudando né, não é presencial, você tem que ir lá na escola, marcar ponto, presença, então foi muito mais prático para mim fazer o curso de Segurança na modalidade EAD. Eu mesmo faço os meu horários de estudo e isso foi muito bom para mim.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 8: Hoje grande parte das empresas aqui de Alfenas procuram pessoas que são formadas em Segurança do Trabalho, sempre acontece algum acidente ou alguma coisa, então o setor de segurança do trabalho eu achei muito interessante trabalhar nesta área, pois a demanda de vagas de emprego é muito grande nesta área também. Eu pensei em trabalhar na minha escola com segurança do trabalho ou também, caso eu necessite ou escolha mudar de profissão, eu posso me inserir melhor no mercado de trabalho, melhorando meu currículo pessoal. E todo conhecimento a mais nos dias de hoje é fundamental né?

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 8: Bom, primeiramente, no começo foi um pouco complicado, porque eu não sabia como utilizar a plataforma, acessar as matérias, mais conforme o passar do tempo foi ficando fácil. Aí eu fui me adaptando a plataforma, foi ficando mais fácil realizar as tarefas, as atividades, os fóruns, etc. O diálogo com os professores foi bastante bacana, a gente envia mensagens, ou na tutoria presencial e a distância para tirar nossas dúvidas, quando o tutor presencial não consegue resolver o problema ela aciona o tutor a distância, que geralmente tem mais experiência, e se ele não resolve, ele repassa a dúvida diretamente ao professor da disciplina. E essa interação facilita bastante o andamento do curso e acontece na nossa plataforma de Segurança.

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 8: Não André, no início a gente estranha um pouco os recursos da plataforma, mais com o andamento do curso a gente vai perdendo o medo de trabalhar com as tecnologias internas da plataforma. Eu já tinha feito o curso de Redes de Computadores, então eu já sabia

mais ou menos como seria o curso de Segurança. Fiz o curso de Redes presencial, mais usei o Moodle algumas vezes para fazer atividades que os professores davam durante o curso. Em geral, não tive dificuldade quase que nenhuma em conduzir o curso de Segurança.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 8: Nossa plataforma é bastante fácil e não tem muitas coisas nela assim que dificulte para os alunos, isso depende também dos coordenadores de plataforma né? Porque você pode mudar o MOODLE de acordo com que é a necessidade do aluno, se o aluno está achando muito difícil o acesso nas coisas da plataforma, a gente avisa os coordenadores de plataforma por e-mail e eles lá do IF fazem as modificações para facilitar pra gente. Ele mexe na plataforma até que os alunos entendam e consigam fazer as tarefas avaliativas. No primeiro módulo tem a disciplina de ambientação na plataforma, que não é completa, mais dá uma luz inicial para quem não sabia desta plataforma, precisa ampliar esta disciplina para orientar com mais tempo os alunos sobre a plataforma e as tecnologias que vão ser usadas no nosso curso de Segurança. E os alunos que tem conhecimento de tecnologia saem na frente dos demais colegas que sofrem um pouco no início do curso. Mais o aluno que é dedicado, ele esforça e aprende a usar a plataforma de forma bem rápida, mais tem que se disciplinar em estudar todos os dias um pouquinho e acessar a plataforma diariamente.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 8: Sei pouco André. Os professores usaram estas práticas através de trabalho em grupo apenas no primeiro módulo, onde a gente trocava informação através do Google Drive. Cada um fazia sua pesquisa e ia compartilhando as partes do resumo do tema num texto on-line com a supervisão do professor, mais deu um pouco de trabalho pois nem todos fizeram as suas partes e o professor não usou mais estas práticas, apenas vem trabalhando com fóruns valendo nota toda semana. Eu postei a minha parte do resumo, meu colega ia lá e editava com a parte dele e assim resumimos num texto a NR-18 que trabalha questões referentes a segurança na construção civil. Em resumo André, usei pouco estas práticas com os Fóruns e com o Google Drive e tem semana que eu não respondo aos fóruns pois acho esta atividade muito chata e repetitiva.

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 8: Como eu já disse na questão interior, fiz pouco de prática de escrita colaborativa, que a gente conhece mais como trabalho colaborativo em grupo. A minha única experiência até agora foi com a realização de um resumo da NR-18 por mim e outros 4 colegas de grupo, os grupos foram divididos em grupos de 5 alunos, num total de 6 grupos de 5 alunos. O professor Ademir Duzzi dedicou uma Norma Regulamentadora (NR) do Ministério do trabalho e Emprego a cada um dos grupos. Meu grupo trabalhou a NR-18, o outro grupo a NR-10 da energia elétrica, e assim, fomos produzindo conhecimento resumindo estas normas num texto on-line via Google Drive e depois postando este arquivo via PDF na área específica na plataforma do curso. O ponto positivo foi que os que levaram a sério a atividade, fez com o compromisso de melhorar a postagem feita anteriormente, num sei se você me entendeu? Mais é uma prática muito cooperativa e de interação de um aluno para o outro. Devia ser mais praticada, mais hoje em dia usam mais os fóruns para aproximar os alunos. Um aluno acaba que tira a dúvida do outro através da pesquisa, de uma leitura que faz a mais, e assim vamos sobrevivendo na educação a distância que exige muita disciplina para quem quer chegar ao final do curso. Por isso a evasão é grande, muita gente acha que é fácil estudar a distância e quem faz sabe que não é nada fácil, é bem puxado o curso e são 2 anos também né? Negativo é quando você por azar é sorteado num grupo onde os caras não querem nada com a vida e fazem as tarefas de qualquer jeito, sem compromisso, e eles certamente não vão terminar o curso, vão estar na grande estatística da evasão escolar. É isso...

Entrevistas – alunos (as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 9: Meu interesse pelo curso na modalidade a distância, surgiu da minha necessidade de fazer outros cursos, mais não ter o tempo de participar das atividades presencialmente todos os dias, devido a minha rotina corrida tanto de trabalho quanto a minha rotina familiar. Optei por Segurança do Trabalho a distância principalmente por causa do tempo de estudos ser diferente do presencial. Com certeza a gente consegue moldar nosso tempo para a realização das atividades e você pode usar a plataforma em qualquer horário do dia e isso facilita para quem tem uma vida mais corrida. E Segurança do Trabalho escolhi por me interessar um pouco sobre o tema e também para enriquecer meu currículo pessoal.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 9: Sou Bióloga de formação, licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), tenho mestrado em Ciência Animal pela Universidade José do Rosário Velano (UNIFENAS), aqui na cidade de Alfenas e tenho doutorado em Microbiologia pela Universidade Estadual de São Paulo (UNESP-SP). Sou técnica em Agropecuária pelo Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, campus de Barbacena, curso técnico em Zootecnia, por Rio Pomba e agora estou terminando Segurança do Trabalho pelo Instituto Federal do Sul de Minas, campus Machado.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 9: Conheci pela própria internet mesmo, eu comecei a pesquisar cursos para complementação da minha área profissional e comecei a conhecer estes cursos a distância e eu também já atuei como professora na rede estadual e a gente tem várias propagandas de cursos a distância para complementação em várias áreas também, então como eu também acabei conhecendo o polo CAIC através de amigos e conheci estes cursos na modalidade a distância. E com isso já faz uns 10 anos que estudo e faço cursos em EAD.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 9: Pela flexibilidade de tempo mesmo, é o principal fator neste sentido sim, porque eu acho que gera uma autonomia no aluno em buscar mais conhecimento, pelo menos é a minha opinião, de buscar, de correr atrás, de fazer as atividades, de não ficar totalmente dependente de professor, por isso eu acho muito interessante.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 9: Eu escolhi pelas oportunidades de emprego e principalmente pela oportunidade da realização de concursos públicos, porque alguns cursos eles tem né uma obrigatoriedade, dependendo do curso, de vagas destinadas a qualificações técnicas, para ampliar minhas oportunidades de me ingressar no mercado de trabalho. Onde também eu posso trabalhar dando consultorias de Segurança do Trabalho, coisas deste tipo mesmo. Pra quem pretende fazer concurso público é muito interessante que faça estes cursos técnicos, pois, sempre terão vagas destinas para pessoas com qualificação técnica em diversas áreas. E a juventude de forma geral, se puder procurar estes cursos técnicos seria muito bom para fortalecer seus currículos para o mercado de trabalho.

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 9: Não tive dificuldade não André. Entrei na modalidade de sorteio das vagas. Quando fiz Agropecuária, em 2010, o processo de seleção foi uma prova de conhecimentos gerais e depois, o Governo Federal, foi modificando os processos seletivos e organizando por sorteios on-line com data, e horários pré-estabelecidos pelos Institutos Federais.

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 9: Com o andamento do curso eu já peguei todas técnicas necessárias para se conduzir com tranquilidade os cursos na escola técnica. A gente que já tem uma certa facilidade em mexer e trabalhar com o computador, ficou fácil quando eu ingressei no curso de Segurança. No início, no primeiro módulo, eu tive dificuldade, assim como todos tem eu acredito, com o uso das ferramentas da plataforma, tipo os fóruns, por exemplo, pois a gente ainda desconhece aquela dinâmica de participar e interagir no debate dos temas com os alunos nestes fóruns semanais. Mais esta dificuldade é somente no início e com os conteúdos do curso de Segurança,

até que foi bem tranquilo de se levar adiante. Mais quem domina o uso das tecnologias, das redes sociais, conseguem fazer os cursos com mais tranquilidade do que as outras pessoas que não tem. As dificuldades da EAD estão na falta de treinamento para o uso das tecnologias da plataforma e de outras áreas, nada relacionado a metodologia dos cursos.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 9: André? O aluno quando tem conhecimento básico das tecnologias que estão disponíveis ai para serem usadas na educação, a plataforma do curso se transforma numa excelente ferramenta de mediação de conhecimento. Quem domina a plataforma sabe onde os professores colocam as apostilas virtuais, sabe aonde estão as atividades avaliativas, consegue usar as ferramentas com muita facilidade, usa bem o computador, os programas para textos tipo o word, enfim, a plataforma se transforma num ótima ferramenta educacional e media muita informação e conhecimento. A plataforma organiza todas as idéias,pois, todas as disciplinas são separadas, é tudo separado por semana, você consegue visualizar o que está sendo pedido com muita facilidade, ver as suas notas, é como se a plataforma conversasse com você na minha opinião, como se fosse estivesse encontrando ali todas as informações que você precisa obter, ainda tem muito para melhorar, mais eu acho que a plataforma que se sabe trabalhar bem com ela, facilita muito a nossa vida.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 9: Então, na minha experiência como aluna da educação a distância, eu pouco utilizei, os professores nunca cobram ou buscam muito por esta mediação, talvez por questão de tempo mesmo. Eu conheço o Google Drive pelo menos que é uma ferramenta de escrita colaborativa, porque eu utilizei umas 2 vezes no curso de Segurança pra trocar e-mails com os colegas de curso e mais como professora da rede estadual de ensino para repassar os diários, passar as notas, mais como aluna no curso de Segurança usei o Google Drive apenas para fazer as tarefas iniciais do módulo I do curso. Mais eu tenho conhecimento do que é, pois aqui chamamos de prática colaborativa de elaboração de textos. No curso de Segurança as trocas de informações acontecem mais através dos Fóruns mesmo. O Wiki eu sei que existe mais não sei utilizá-lo, nunca fiz atividades com o uso do Wiki na plataforma.

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 9: Essa experiência minha vem dessas 2 atividades na qual enviei por e-mail no Google Drive, com o resumo dos capítulos que o professor pediu, para postarmos posteriormente como um texto on-line na plataforma e no meu trabalho como professora na rede estadual de ensino, aqui em Alfenas, através dos diários on-line, que é o que a gente utiliza nos dias atuais na minha escola na qual dou aulas. Na EAD propriamente dita, eu utilizei muito pouco, mais os fóruns suprimem um pouco da falta de mais atividades de trabalhos em grupos para que a gente possa interagir e trocar ideias com os colegas na nossa sala de aula virtual que é a plataforma do curso de Segurança do Trabalho, de Agropecuária e Zootecnia, não fiz prática de escrita colaborativa em nenhum dos módulos deste curso, parece que agora, recentemente é que estão colocando atividades avaliativas neste sentido. É uma prática um pouco trabalhosa para os professores e na EAD as coisas parecem que precisam ser muito rápidas, e esse mediação e orientação por parte dos professores é meio que trabalhosa, por isso, acho que na metodologia esse preferem os fóruns por serem mais rápidos e dinâmicos. Mais estas práticas promovem muito conhecimento e diálogo entre os alunos, deviam ser mais exploradas sim, falta mesmo é um pouco mais de dedicação por parte dos professores que praticamente deixam na mão dos tutores grande parte de todo trabalho mais cansativo. É muito positivo trabalhar em grupo, acho que, no meu ponto de vista, não consigo enxergar coisas negativas com estas práticas, pois nos aproxima um do outro, e na educação a distancia tudo parece muito distante e estes momentos são muito importantes na vida pessoal da gente. O que pode ser ruim é que se um aluno deixar de trabalhar coletivamente o restante do grupo precisa dividir entre si, o conteúdo do aluno que não teve responsabilidade, é preciso reorganizar a distribuição dos conteúdos a serem trabalhados pelo grupo, só se for isso um ponto negativo, sinceramente não sei se é negativo.

Entrevistas – alunos(as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 10: Bom, eu sempre quis voltar a estudar, fazer alguma coisa para melhorar um pouco minha renda, pois a idade está chegando e pelo fato de eu ter trabalhado na área de segurança privada, eu pensei que o curso de Segurança do Trabalho, fosse um curso ligado a está área e comecei a fazer este curso, gostei demais, tô vendo que não tem nada a ver com segurança privada, mais me abriu bastante o horizonte em vista de perigo de trabalho, perigo de acidentes no local de trabalho e quero exercer a profissão de prevencionista e tô gostando muito do curso aqui na escola técnica do CAIC. Estou terminando o quarto módulo, e o estágio obrigatório também já.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 10: Bem, como eu já te disse, eu tenho muita experiência na área de Vigilância Patrimonial, onde trabalhei em mais de 15 anos numa agência bancária, depois passei para trabalhar no presídio como Agente Penitenciário, fiquei lá por 4 anos, trabalhei como motorista e também exerço a algum tempo como motorista carreteiro e essa é a minha experiência profissional hoje em dia. Tenho apenas o ensino médio completo, no momento estou desempregado tá? Mais estou fazendo o estágio obrigatório da área de Segurança do Trabalho e estou pleiteando um emprego nesta área, se não conseguir na área a vigilância patrimonial mesmo.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 10: Pelos amigos agentes penitenciários que trabalhavam lá comigo, eles faziam os cursos aqui pelo Polo Caic e me disseram que tinham cursos a distância aqui, gratuitos que chamam muito a atenção da gente que não tem condição de pagar uma faculdade e ingressei no curso Técnico de Segurança do Trabalho e estou gostando muito do curso. Meus amigos estudam aqui desde 2011 e sempre falavam bem dos cursos daqui, ai eu resolvi encarar o desafio de fazer o curso na modalidade a distância.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 10: Por ser mais tranquilo para a gente poder estudar e poder trabalhar ao mesmo tempo. Não tem aquela coisa de ir na aula toda noite a semana inteira, a gente mesmo que organiza nossos estudos e define como dar andamento no curso. A gente pode fazer o curso do nosso computador em casa, isso tudo me chamou a atenção para conhecer a modalidade de educação a distância que tem aberto muito meus horizontes e eu estou gostando muito desta modalidade de ensino.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 10: É igual eu te falei, como eu tenho muita experiência em Vigilância Bancária, patrimonial, eu achei que o curso de Segurança fosse uma coisa que ia me enriquecer um pouco nesta área entendeu? Onde eu entrei, mais depois que eu entrei que eu vi que é uma área para outro campo de trabalho, para a defesa do trabalhador, tipo um fiscal de obras né? Pra não deixar o empregado a se ausentar do emprego por motivos de acidentes e eu comecei a estudar e a ficar muito crítico nesta área, comecei a ver perigos e riscos aonde eu não via antes e isso foi me encantando e estou apaixonado pelo curso e pretendo exercê-lo na prática mesmo.

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 10: Olha eu dei muita sorte, pois tinha tentado outros cursos e não fui feliz e não consegui entrar nos processos seletivos. Mais como meu irmão entrou na Segurança do Trabalho e ele me incentivou a tentar a vaga de Segurança pelo IF de Machado. Fui sorteado entre os 50 primeiros alunos convocados e fiz minha matrícula no curso de Segurança do Trabalho logo no dia seguinte. Foi sorte porque tinham muitos candidatos inscritos e eu fui sorteado entre os 50 primeiros alunos, para fazer matrícula na primeira chamada do curso. Mais tem muitos amigos meus que não conseguiram a vaga devido a esta forma de sortear as vagas, acba que é meio injusto porque muita gente que poderia levar o curso mais a sério também, acaba que tem grandes chances de ficar de fora e não ser sorteado para fazer o curso.

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 10: No começo sim, porque era muito fraco em computação, não tinha ideia de como entrar e mexer na plataforma, nem sabia o que era essa plataforma Moodle, não sabia enviar os arquivos, postá-los na plataforma, hoje graças a Deus e ao tutor presencial, eu tô bem melhor do que eu era. Hoje eu consigo fazer qualquer trabalho pela internet, consigo ajudar os amigos que estão com dificuldades com as tecnologias, não que tenha alguém no quarto período que não consiga ainda, mais muitos novatos que chegam na educação a distância, se eu puder apoiar eu estou ajudando eles, pois hoje eu estou apto a ensinar as coisas que eu aprendi a pouco tempo atrás. Nossa dificuldade durante o curso não são as matérias, mais sim, os recursos tecnológicos que tem na plataforma ou fora dela, que as vezes os professores nos fazem fazer o uso. E a informática como ferramenta principal, é necessário os alunos chegaram com um pouco de conhecimento sobre isto, ai as coisas facilitam muito com isso. Ai no início eu pensei: se eu quero aprender eu vou ter de praticar um pouco todos os dias, ai eu pressionei o tutor presencial que fica aqui na escola técnica no CAIC, fiquei em cima dele sem parar e ele com uma paciência de Jó, me ensinou bastante e hoje eu estou me formando um bom profissional nesta área.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 10: No começo foi bem difícil tá? A questão de como enviar os arquivos, exercícios mesmo, muitos exercícios foram difíceis no começo, mais com o passar do tempo, você vai aprendendo mais e vai ficando mais hábil nisso. No início teve a disciplina de computação, mais a disciplina é muito vaga, principalmente para os alunos que são de mais idade e não conhece os recursos da tecnologia. Então, eu acho que o curso deveria, mais o próprio aluno em si, antes de ingressar no curso técnico, ele deveria fazer pelo menos um curso na área da computação para entender as tarefas básicas, pra ele ficar um pouquinho ciente do que ele vai enfrentar pela frente. Deveria ter uma disciplina para introduzir os alunos no uso das ferramentas da plataforma de forma mais eficaz, acho que facilitaria muito pra gente. No começo a gente perde muita nota com isso, mais não por incompetência, mais por não saber mexer nestes recursos da plataforma.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 10: Bom, isso foi muito pouco usado no curso, o que foi muito usado é fórum, com trabalho em grupo nas aulas presenciais no Caic, mais práticas de escrita colaborativa na

plataforma usamos muito pouco, acho que só no primeiro módulo do curso. No curso de Segurança os professores gostam de usar muito os fóruns para trabalhar troca de conhecimento entre os alunos. Este termo prática de escrita colaborativa quase nem é usado, mais sim, trabalhos feitos de forma colaborativa, onde cada aluno ajuda o outro na construção do conhecimento ali na disciplina que estamos estudando. Trabalhos a construção de um texto em grupo, onde usávamos o Whatsapp né, criamos um grupo no Whatsapp com o nome de CIPA-ALFENAS para trabalhar um texto sobre o tema para entregar ao professor no final da disciplina e também usamos os fóruns para colocar em debates nossas dúvidas.

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 10: O professor como eu te disse André, não fala neste termo "prática de escrita colaborativa", mais como eu imagino que estes trabalhos em grupo colaborativo seja a mesma coisa, nas poucas vezes que nos reuníamos nas aulas presenciais que são 1 por mês, o professor dá a sua aula teórica explicando o conteúdo no quadro da escola técnica e num segundo momento, ele divide a turma em aproximadamente uns 6 ou 5 grupos e pede a criação de um resumo sobre o tema estudado no formato de um texto feito no word em grupo por nós e depois postado o arquivo na plataforma do nosso curso. A gente constrói o texto juntos ali, um ajudando o outro e principalmente aqueles que tem mais dificuldade de escrever e interpretar a matéria. No segundo momento, o professor deixou a tarefa principal para ser realizada até o final da disciplina pelo nosso grupo, aí criamos um grupo no Whatsapp para gente ir se comunicando a distância, sem a necessidade de estarmos juntos ali um do lado do outro, porém, vamos trocando idéia sobre como fazer e melhorar aquela nossa atividade. Mais como o tempo nosso é curto, deve ser por isso que eles utilizam muito pouco estas atividades, mais os fóruns com perguntas e respostas que são tiradas as dúvidas pelos tutores presenciais e a distância do nosso curso. Os fóruns acontecem semanalmente no curso, pois são bem mais rápidos do que estes trabalhos colaborativos feitos no módulo I. Mais acho que deviam trabalhar mais e especificar mais o que seriam estas práticas de escrita colaborativa ou trabalhos colaborativos pois este interagir é muito bom e deve ser praticado mais vezes, não só nas aulas presenciais e nos fóruns semanais. Muitos alunos deixam o curso por falta de informação e entendimento de como fazer, ou como começar estas práticas de escrita, ou de trabalho em grupo, construção de textos, muitos nem sabem o que é isso pois faz muitos anos que saíram da escola ou não estudavam, vale a pena rever isso aí.

Entrevistas – alunos(as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 11: Então, foi pela necessidade que o mercado vem apresentando ai né, a alternativa pra gente ter várias alternativas, que foi que eu me interessei pelo curso de Segurança do Trabalho e também pela facilidade que o curso oferece pra gente tá fazendo via, como eu te digo, a distância né, não precisa vir tanto na aula, não que seja fácil, é difícil também, fiz outros cursos presencial e eu sei também diferenciar qual é o grau de dificuldade de cada um, para mim todos tem o mesmo grau de dificuldade, mais um dos principais motivos pelo meu interesse pelo curso foi pela facilidade que o curso em EAD proporciona pra mim.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 11: Atualmente eu sou servidor público, trabalho na área de saúde, sou agente de saúde, importantíssimo também esse curso de Segurança do Trabalho com a área de Saúde né, que é voltado para a saúde do trabalhador e os cursos que eu tenho no meu currículo até o momento são Técnico em Vigilância em Saúde pelo Instituto Federal de Muzambinho, técnico de Gerência em Saúde pelo Instituto Federal de Rio Pomba e também estou cursando Matemática Licenciatura, pela UNICESSUMAR – Centro Universitário de Maringá, sendo o Polo na cidade de Poços de Caldas, tudo na modalidade de educação a distância. Eu era aluno da Universidade Federal de Alfenas em licenciatura em Matemática presencial e como estava ficando muito difícil por conta do meu trabalho, eu sou agente comunitário de saúde, que é um trabalho que exige um esforço psicológico muito grande, a gente precisa ir de casa em casa, todo dia, toda hora, pegamos os mais diversos problemas da comunidade, e por a gente ter um vínculo maior com estas pessoas, a gente acaba que absorve os problemas da comunidade. Pesou demais pra mim o curso presencial, tranquei matrícula e surgiu a oportunidade de fazer Matemática numa faculdade a distância e pelo fato deu estar cansando muito, e eu possa falar pra você mesmo de coração: não há diferença entre o curso presencial e o curso a distância, o método de ensino é o mesmo, a única diferença é que não precisa ir na Universidade todos os dias.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 11: A EAD surgiu na minha vida através de uma informação da coordenadora do Polo aqui de Alfenas, na escola técnica, pois eu sou morador do bairro Vila Esperança e eu sempre tentei fazer um curso aqui e eu nunca conseguia a vaga pela dificuldade das provas dos processos seletivos que eram antes, e hoje eles usam o sorteio que pra mim é uma forma muito ruim de seleção, e eu nunca tive muita sorte com sorteios. Ele as vezes exclui ao invés de incluir, pois, as vezes tem aquela pessoa que realmente tem vontade de estudar Segurança do Trabalho e não consegue a vaga pois não é sorteado. Tentei 4 processos seletivos para o curso de Informática e não fui sorteado. Mais eu conheci a EAD através aqui de informações na escola técnica com a coordenação aqui no Caic.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 11: Igual eu já te falei anteriormente, foi por conta de, a praticidade, o curso em si na modalidade EAD ele te traz vários benefícios e um dos principais é o tempo. O tempo é eu que faço, entendeu? O aluno tem de ser disciplinado no que ele vem fazendo e o curso de Segurança do Trabalho em si, é porque o mercado realmente está precisando de profissionais capacitados, a taxa de pessoas desempregadas é muito grande, mais, porém, faltam profissionais capacitados e este curso é dos que vai alavancar a gente não deixando que fiquemos muito tempo sem emprego no mercado.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 11: Pela oportunidade de estudar na hora eu que era mais cabível para mim, poder me organizar para estudar mais no período da noite e nos finais de semana. E pelas tarefas serem semanais e a gente ter um tempo maior para estar fazendo as atividades na plataforma do curso. Tempo é o fator principal de 90% dos alunos da escola técnica, pode fazer um levantamento para você comprovar.

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 11: A dificuldade que eu enfrentei foi que eu tive de enfrentar outro sorteio né, só que desta vez, eu fui sorteado, depois vem a dificuldade de você estar mexendo na plataforma, pra você aprender tudo como funciona, mais eu não tive muita dificuldade porque eu já tinha

um pouco de conhecimento que adquiri nos cursos anteriores e com o uso do computador e não tive tanto problema. Mais quem chega no Polo pela primeira vez e as pessoas de mais idade também sofrem um pouco no inicio, mais logo vão pegando o jeito, meio que na marra mesmo. Muitos desistem logo no primeiro módulo e no segundo também.

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 11: Não tranquilo, com o andamento do curso proporciona vários conhecimentos pra gente, quanto ao andamento do curso, agora estamos finalizando e quando chegamos nesta etapa do curso, tudo termina de forma mais tranquila sem problemas, já estamos todos vacinados com a metodologia da educação a distância (risos). Os problemas mais sérios como o de postagens atrasadas na plataforma ou de forma errada, acontecem somente no início, mais no decorrer a coisas vão ficando cada vez mais claras pra gente do terceiro módulo pra frente.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 11: Então, é até um avanço para nós na área da tecnologia que veio par somar mesmo, essa plataforma veio para somar mesmo, pois através dela você consegue adquirir vários conhecimentos e sem esta tecnologia eu acho que não seria possível promover tanto conhecimento e de forma rápida. Hoje em dia, só não adquiri conhecimento via plataforma Moodle quem não quer aprender a utilizá-la, porque é uma ferramenta fácil de ser utilizada por nós alunos. É uma plataforma de fácil acesso e com a própria prática do curso, o aluno vai se desenvolvendo ali e adquirindo autonomia na condução do curso. Ela disponibiliza vídeos, fóruns, material em PDF, questionários com correção automática, já dando as notas logo em seguida, tudo que você pode pensar assim para o aluno aprender mesmo, ela é incrível, e sem estas tecnologias as coisas seriam impossíveis acho de conduzir o curso de Segurança e os demais cursos. É um instrumento de mediação muito eficaz.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 11: André? Essa pergunta é boa. No meu ponto de vista são os trabalhos em grupos, que o professor mediador do curso pede para os alunos fazer, só que em grupo, eu entendo que é muito bom, porque aí você pode estar fazendo via plataforma ou com o auxílio, por exemplo:

do Google Drive. Aí tipo assim: eu digito um texto, uma informação lá do trabalho on-line e a outra pessoa lá do grupo edita e fica trocando informações, complementado ou propondo correções na postagem do colega feita anteriormente, é uma prática muito boa que podemos fazer também através dos fóruns, ou via documento on-line no word, via Google Drive, onde trocamos as partes deste texto via e-mail no Drive e os colegas vão complementando em casa com as suas contribuições para a tarefa. Na minha opinião essa prática é essencial na EAD para diminuir a distância entre nós alunos e para uma maior troca de informação com os colegas de curso.

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 11: André? No caso do curso de Segurança do Trabalho, eu fiz nas primeiras disciplinas apenas uma atividade de trabalho colaborativo com os outros colegas. Não sei se vamos trabalhar com isso agora no final do curso. No módulo I, meu grupo era composto por 5 alunos, e nós desenvolvemos o trabalho final da disciplina Alfa Digital, através deste método ai: escrita de um texto final de forma colaborativa, onde nós reuníamos toda terça- feira as 19h, via Skype, e aí cada um ia apresentando sua parte do trabalho e a gente ia discutindo a melhor forma de concluir o texto final de forma colaborativa. Eu espero que nas outras turmas de Segurança do Trabalho, aconteçam mais estas práticas, pois é uma dinâmica muito boa pra a união do grupo e fortalecimento e conhecimento, entretanto, se no final do curso a gente pratique um pouco mais sobre estas práticas de escrita colaborativa. O que foi muito positivo é que voê não precisa fazer o deslocamento, vamos supor, definir um local de encontro presencial entre os membros do grupo, porque nos dias de hoje, você já sabe: é tudo muito corrido pra todo mundo, e se você tem uma ideia boa lá na hora do bate papo via Skype, ou na troca de e-mails on-line, você coloca no texto lá e o colega vai avaliar e aprovar a sua postagem. Um ponto negativo, que no meu ponto de vista são muito poucos, é a falta daquele contato pessoal, do frente a frente, que faz falta entendeu? O calor humano, pra você ver as reações das pessoas, é muito solitário às vezes nosso curso na modalidade de educação a distância. E os professores também precisam se motivar mais na aplicação destas práticas, sabemos que elas dão trabalho para serem corrigidas e medidas pelos professores, mais os resultados são muito bons no ponto de vista de adquiri conhecimento e aproveitar melhor os cursos, não só o de Segurança do Trabalho.

Entrevistas – alunos(as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 12: O meu interesse pelo curso surgiu quando eu vim trabalhar aqui no Polo, que sempre eu via falar dos cursos a distância e o único curso que eu tinha feito a distância foi minha especialização em Educação e Meio Ambiente. Ai eu comecei a fazer, mais não sabia nem entrar na plataforma, ai fui la na escola UNINTER e a tutora explicou como entrava na plataforma e eu ia lá de vez em quando e fui aprender mesmo mesmo com os tutores que me deram todas as dicas de como navegar pelo curso. Isso foi em 2015, no mesmo ano em que entrei no curso de Segurança do Trabalho pelo IF de Machado. Ai trabalhando aqui no Polo, com a presença dos tutores de diversos cursos, fiz Segurança com bastante tranquilidade, pois, todos eles me ajudavam, pois as plataformas são basicamente todas iguais no cursos aqui da escola técnica no Caic. Fiz também juntamente com o curso de Segurança, o curso Técnico de Secretaria Escolar, e assim foi despertando meu interesse pelos cursos técnicos a distância.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 12: Eu formei em Geografia em 2005 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Boa Esperança (FAFIBE), que era uma faculdade já com 30 anos de serviços educacionais prestados em Boa Esperança, hoje ele voltar na área da Educação, se ela não tivesse parado na área da educação, hoje ela estaria mais ou menos com 45 anos de eficiência na área educacional. Mais hoje eu trabalho na secretaria escolar da escola técnica aqui do CAIC e sou professora na rede pública de Geografia.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 12: A modalidade de educação a distância, ela foi interessante porque que quando eu estava lecionando, ai eu passei um trabalho para os alunos e a orientadora apresentou pra gente um assunto sobre EAD e quando os alunos apresentaram os trabalhos, com nois fico conhecendo a educação a distância, em 2013. O primeiro contato que eu fiz com o tema EAD foi em 2013. Isso foi na educação de Jovens e Adultos (EJA). E como tinha muitas pessoas adultas que estavam fazendo a EJA, ai eles tinham voltado a estudar, ai eles queriam dar continuidade e hoje em dia eu tenho muitos alunos que fez faculdade na EAD.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 12: Porque eu vi que era uma modalidade que poderia me fazer e me dar oportunidade de voltar a estudar de novo para melhorar principalmente meu currículo na escola onde leciono. O fato também da gente poder estudar na hora em for melhor para nós, também foi muito importante na minha escola pela EAD. E eu trabalho na secretaria do polo Caic e se eu não fizesse um curso eu seria muito boba em não aproveitar as orientações dos tutores presenciais que lá se encontram a noite no Caic.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 12: Eu escolhi o curso Técnico do Segurança do Trabalho por 2 motivos: primeiro porque na educação a distância me dá a oportunidade de estar estudando na hora em que posso, por eu poder organizar este tempo para estudar. Eu mesmo que posso agendar o meu tempo, pois as nossas atividades são por semana. E no curso em EAD a gente precisa criar uma disciplina em estudar, pois se eu não fiz a atividade com tempo e com calma, eu posso perder o prazo de envio e ficar sem a nota naquela atividade. E isso me ajuda bastante pelo fato de eu trabalhar durante o dia todo. E Segurança do Trabalho comecei a cursar por curiosidade em saber como eu poderia trabalhar com a prevenção de acidentes na escola onde trabalho, e agora, assim que eu terminar eu pretendo trabalhar na área também. O segundo ponto é a questão do trabalho, pois o mercado está sempre precisando de um profissional na área de segurança, e para melhorar o meu currículo e plano de carreira na escola também. E ter cursos técnicos também é importante para quem quer fazer concursos públicos também.

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 12: Não enfrentei dificuldades não. Entrei através de um sorteio das vagas que aconteceu aqui no Polo na escola técnica. Eu tive foi sorte de conseguir a vaga no meio de tanta gente que estava querendo fazer o curso de Segurança, alguns cursos aqui da escola são escolhido através de um sorteio com os alunos inscritos via site do IF de Machado e agora tem entrado uma nova modalidade aí que é a Chamada Pública para as vagas que não forem preenchidas. No início a gente apanha um pouco da plataforma, mais depois, com uma boa prática de acessar ela todos os dias a gente fica craque no curso.

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 12: A gente acaba que tem um pouco de dificuldade sim, tem hora em que você tem de fazer muita pesquisa, estudar bastante para conseguir fazer as atividades, a gente pensa que na EAD a gente não precisa estudar muito, mais as vezes o bicho pega, e os professores jogam o conteúdo lá na plataforma e pede pra gente se virar e temos de pesquisar no Google para conseguir responder algumas perguntas que eles dão. Aí a gente tem de correr atrás e ser pró-ativo no curso, senão não consegue terminar de jeito nenhum. Tem de ter uma dedicação tremenda para conseguir chegar ao final, eu estou quase lá, graças a Deus.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 12: Ela ajuda bastante, mais a gente tem de buscar outros recursos mesmo para adquirir todo o conhecimento que precisamos para fazer o curso com mais facilidade. Ela é fácil de se aprender a mexer, possui recursos bons, tecnológicos para os alunos, mais eu gosto mais dos materiais impressos, de pegar nas coisas, para eu acostumar com os recursos na plataforma não foi muito fácil não. Mais em geral a plataforma ajuda sim na obtenção e troca de informação entre os alunos sim, mais eu prefiro os livros e apostilas impressas. Quem possui uma determinada prática e gosta das tecnologias é bem prática nossa plataforma, consegue tocar o curso tranquilamente, quem não tem precisa de orientação e acompanhamento por parte dos tutores é permanente no Polo, acaba que o aluno tem que frequentar o Polo quase que diariamente, para que ele não desista do curso.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 12: Sobre as práticas de escrita colaborativa, não tenho muita experiência, pois, pouco fizemos trabalhos em grupo, os professores não investem muito no curso e nem chamam assim: chamam de trabalhos em grupo colaborativos, e a noção que tenho é essa: de um trabalho em grupo onde os membros fazem o trabalho cada um dando a sua contribuição no, acho que Wiki que chama na plataforma. Eu, particularmente uso mais o Google Drive para trocar informações com a direção da minha escola onde trabalho. Envio textos e documentos para serem analisados pela coordenação do Polo em Alfenas também e eles me dão sugestões de

como melhorar meus ofícios e documentos, mais pratiquei um trabalho apenas em grupo no curso Técnico de Segurança do Trabalho na primeira disciplina de ambientação a EAD.

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 12: Com certeza são poucos professores que trabalham com estas práticas no curso, usam os fóruns para tentar promover esta colaboração mais nós sabemos que os trabalhos em grupo sim, são mais eficazes que os fóruns, pois tem muita gente que posta bobagens lá, os professores tentam corrigir e orientar os alunos a mudarem suas opiniões e eles acabam que escrevem praticamente as mesmas bobagens só que com outras palavras, trocam 6 por meia dúzia nos fóruns. Muitas vezes os próprios professores não tem domínio das tecnologias, principalmente as que ficam fora da plataforma com o Google Drive, ou se tem domínio não gostam de ficar explicando. A atividade que fiz como trabalho em grupo, na disciplina de Ambientação para EAD, fizemos um glossário de palavras e seus significados em ordem Alfabética sobre as principais tecnologias usadas na educação a distância. Cada aluno ia postando na plataforma, acho que se chamava Wiki, a sua ferramenta e pra que ela servia na educação a distância. Eles precisam reaver sim estas práticas pois ajudou bastante para gente entender como funciona um texto on-line, um fórum, um chat, o Wiki pra que ele serve, os questionários e suas formas de correção, então estas práticas de trabalho em grupo colaborativo ou práticas de escrita colaborativa são muito importantes de serem praticadas por que promovem muito diálogo entre os alunos também, promove a construção de conhecimento também. Mais acho que deveria ter umas aulas presenciais a mais, ou uma disciplina no currículo de Segurança do Trabalho para focar mais com estas práticas de escrita colaborativa ou com o uso das tecnologias na educação, seria muito bom para alunos, principalmente os mais velhos e com pouco contato com as tecnologias.

Entrevistas – alunos(as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 13: Olha, eu sempre tive vontade de fazer curso a distância, gosto muito de estudar, a vida inteira eu gostei muito de estudar, ai me interessei me escrevi para o curso Técnico de Segurança do Trabalho e fui contemplada e comecei a fazer o curso. Estou gostando bastante do curso de Segurança, das ações prevencionistas que a gente vem aprendendo e acho uma área muito promissora para gente se inserir no mercado de trabalho.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 13: Eu sou professora a 25 anos, dedicada a sala de aula, fui diretora de escola por 5 anos, e essa é a minha experiência profissional na área educacional. E como já falei anteriormente, sou muito curiosa com relação aos estudos, gosto de estar aprendendo sempre e coisas diferentes e tenhi também o curso Técnico em Vendas, Secretariado, Secretaria Escolar e agora finalizando o curso Técnico de Segurança do Trabalho pelo Instituto Federal de Machado. Tenho licenciatura plena em Matemática e Física, na antiga FAFI – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Varginha, que hoje se chama UNIS. E futuramente vou criar políticas de Segurança do Trabalho para trabalhar na escola onde trabalho.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 13: Olha para mim era desconhecido, eu quando estava na sala de aula, eu vi as meninas passando nas salas de aula para fazer a propaganda aqui do Polo, da Etec, eu não imaginava que tivesse esta extensão que tem hoje, essa procura imensa, tantos alunos conforme a gente vê, tantos alunos procurando cursos a distância, porque é uma modalidade mais fácil para você estudar, você faz as atividades no seu horário, compatível com seus horários, como você pode naquele momento fazer as suas atividades mais fácil do que você frequentar uma escola regularmente, todos os dias , todas as noites, pessoas que tem uma profissão, que é casado, que tem filhos e muito complicado estudar e ter aulas todos os dias na escola. E a distância é mais fácil e dá oportunidades para estas pessoas de acordo com a sua disponibilidade de horários.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 13: Pela facilidade de organizar meu tempo entre o meu trabalho e meus estudos. A educação a distância é uma modalidade que ajuda mais quem trabalha e dá novas oportunidades da pessoa voltar a estudar, de se profissionalizar e se inserir no mercado de trabalho. A EAD é fantástica neste sentido, se tornou uma modalidade inclusiva e vem crescendo a cada dia mais no Brasil. Educação inclusora muito democrática no meu ponto de vista. Hoje eu recomendo para minhas colegas de trabalho para sempre fazerem estes cursos na ETEC pois quem faz o curso se tornar um curso bom e de qualidade, somos nós os alunos, realmente compensa muito fazer um curso técnico a distância na escola técnica, a gente faz muitos amigos também, muito bom.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 13: Então André, devido a necessidade de hoje em dia, os alunos procuram um curso técnico em busca de uma profissão, principalmente pela parte financeira, muitos alunos hoje em dia, precisam ajudar na renda de casa, precisam ajudar os pais, tem de cumprir com as suas próprias despesas. Então, a necessidade maior que eu vejo é pela busca de uma nova profissão. E eu, estou fazendo para me capacitar com um curso a mais no meu currículo e também para poder criar algumas políticas de segurança ao ambiente de trabalho na escola onde trabalho, e optei pela modalidade de educação a distância, pela liberdade de eu poder me organizar: trabalhar e com cumprir com meus compromissos diários e poder estudar nos momentos mais convenientes para mim.

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 13: A dificuldade maior é a competitividade, porque foram muitos inscritos, então quando abre assim um edital de processo seletivo, um número X de vagas, hoje em dia, tem muita concorrência, então para mim essa é a maior dificuldade. E a gente não tem certeza se seremos selecionados ou não, devido a demanda muito grande, a grande procura pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho. Eles fazem hoje em dia um sorteio das vagas numa tentativa de democratizar o processo de seleção, mais a maioria dos alunos discorda deste jeito de selecionar pois exclui muitas vezes, aquele aluno que realmente sonha em ser um Técnico de

Segurança, que realmente quer trabalhar como prevencionista e dar seguimento a sua carreira profissional. E sorteio como o próprio nome diz é sorte, e eu dei sorte e consegui a vaga entre mais de 400 inscritos.

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 13: Não encontro mais dificuldades, os tutores presenciais orientam muito bem a gente, os tutores estão sempre presentes, os professores também, eu não tenho dificuldade nenhuma em seguir com o curso e lança uma pergunta na plataforma, demora um pouco mais ela é respondida pelo tutor a distância, então até agora está saindo tudo muito bem, eu estou muito satisfeita. No início temos aquelas dificuldades normais de estar iniciando um curso em EAD, mais com nosso esforço, e o apoio dos tutores do polo e do pessoal da coordenação da ETEC, a gente vai aprendendo e se desenvolvendo cada dia mais e ficando cada dia mais craque em estudar via plataforma.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 13: Eu acho André, que é um grande instrumento, uma grande ferramenta deste que o aluno entenda um pouco de tecnologia, que ele tenha conhecimento da informática, que tenha certa facilidade, porque o aluno que não tem prática, esse tem mais dificuldade e desde que os professores e tutores também sejam presentes, por que principalmente os alunos mais velhos, precisam de mais orientação para poder caminhar com o curso de Segurança. Pois não adianta ter um sistema educacional maravilhoso, ultra tecnológico, mais não ter um treinamento, um suporte por parte dos professores, com tutores acompanhando, não adianta nada, pois, o sistema sozinho deixa de ser eficiente e eficaz com a sua proposta educacional, e é uma coisa que precisa ser repensada pela coordenação do curso no IF de Machado, a forma de ambientalizar o aluno na utilização da plataforma e nos seus recursos tecnológicos. Mais é sim, uma ferramenta fantástica para mediar a aprendizagem.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 13: Olha eu sei que tem o Google Drive e sei que tem o Wiki na plataforma do nosso curso, todos 2 são usados para estas práticas de trabalho em grupo edição de textos de forma

colaborativa. Eles são pouco utilizados aqui nos cursos técnicos do CAIC, quando teve a atividade no Wiki da plataforma de Segurança do Trabalho no início do curso, eu não fiz a atividade pois eu não sabia usar a ferramenta e não pude ir ao polo pra buscar o apoio dos tutores pois fiquei doente e estava fazendo um tratamento e não podia sair de casa e tomar friagem. Então sei que nesta atividade foi desenvolvida um glossário em ordem alfabética e postado no Wiki da plataforma, o pessoal disse que foi fácil de fazer, que era fácil introduzir as palavras e seus significados no Wiki, mais eu não a fiz por motivos de incapacidade de me locomover até o polo para obter orientação do meu tutor presencial. Agora para minha vida particular eu uso o e-mail da Google e o Drive para armazenar meus documentos com mais segurança e trocar informações com minhas colegas professoras da escola.

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 13: Como eu já te disse André, eu uso muito o Google Drive para armazenar meus documentos da escola com segurança, às vezes troco textos, alguns artigos, notícias com minhas colegas professoras. O Wiki nós tivemos apenas uma experiência no início do curso, eu não participei como eu já te disse, por problemas pessoais. Sei que perdi uma boa pratica de escrita colaborativa, de um trabalho em grupo que poderia ter me aproximado mais dos meus colegas de Segurança do Trabalho, mais não pude participar da atividade. Deviam dar mais atividades como esta no curso, pra gente poder fortalecer mais laços de amizade, para troca de experiências, diálogo entre alunos e professores, mais dão somente no início do curso, até porque é muito trabalhoso, exige uma atenção maior dos professores para estar sempre acompanhando as postagens dos alunos e acabam que utilizam muito pouco estas atividades. Os fóruns são bons mais acho que não promove tanto a interação dos alunos como os trabalhos em grupos, as atividades fóruns acontecem toda semana, mais acho que é postado muita coisa por lá sem pensar, sem reflexão nenhuma. Precisa melhorar neste ponto ao meu ver, entende?

Entrevistas – alunos(as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 14: Bom, um dos motivos que eu procurei o curso foi pela facilidade de estudar em casa, porque não havia a necessidade de eu estar presente aqui todos os dias, presencialmente dentro da sala de aula e com isso, eu ganho tempo chegando em casa após o trabalho, eu tenho condições de estar estudando e aprimorando meus conhecimentos no curso de Segurança do Trabalho. A disponibilidade de tempo para eu me organizar para estudar foi o principal motivo de estudar o curso de segurança e também pela facilidade de acesso, por não ser preciso estar numa sala de aula de segunda a sexta-feira. O curso escolhi por curiosidade, meus amigos fizeram o curso e estavam ganhando um dinheirinho extra com consultoria em Segurança do Trabalho e eu resolvi me inscrever para ver se o curso era bom mesmo.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 14: É, eu tenho curso superior completo em Matemática, licenciatura plena, atuei pouco como professor dentro da sala de aula, pois fui aprovado num concurso público, um dos primeiros que teve, para trabalhar na Companhia de Saneamento do Estado de Minas Gerais (COPASA) e dentro da COPASA, cresci profissionalmente, hoje eu estou na condição de encarregado do Atendimento Comercial da empresa em Alfenas. Também, sou formado no Técnico de Manutençao e Suporte de Computadores pelo IF, campus de Formiga e agora estou nos estágios obrigatórios finais de Segurança do Trabalho pelo IF, campus Machado.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 14: Eu já tinha ouvido falar de alguns cursos a distância, inclusive quando eu era mais jovem, eu pensei um curso lá pelo antigo Instituto Universal Brasileiro, mais como era particular e pago, ficou um pouco difícil para mim, na minha fase de adolescência. Posteriormente, mais recente agora, a uns 5 ou 6 anos atrás, foi uma sobrinha, afilhada, fez o curso de administração de empresas a distância, até no início eu fiquei com receio e dúvida com relação ao curso, mais depois tive a oportunidade de trabalhar como tutor presencial e vi que a EAD é bem diferente do que eu imaginava. Daí optei por fazer cursos técnicos na modalidade

a distância. Então descobri a EAD em aproximadamente 2005 e fiz meu primeiro curso em 2013.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 14: Não só pela variante de tempo, mais acho que esse trabalho força o aluno a aprender mais, bem mais difícil que a modalidade presencial. Além de você ter a disponibilidade de tempo, você tem de ter o interesse de não ficar somente com aquilo que a plataforma dispõe para o aluno estudar, você tem de fazer uso da internet para aumentar o conhecimento, fazer muita pesquisa, e buscar novas fontes de informação constantes. E a gente estuda de acordo com o nosso tempo, e isso é muito bom pra gente.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 14: Principalmente porque na empresa que eu trabalho, eu já tenho um cargo alto mais, eu preciso ter mais conhecimento a fundo da segurança dentro do operacional da COPASA, dentro da área de trabalho do colaborador, e eu já participei da comissão interna de prevenção de acidentes e eu acho que eu tendo este curso de Segurança do Trabalho mais ser muito valioso pra mim no futuro, tanto nas áreas operacionais de campo da empresa, como depois quando eu me aposentar, eu também possa atuar neste setor de Segurança do Trabalho. Ou desenvolver ações prevencionistas dentro da COPASA mesmo, por que não? Existe esta possibilidade sim.

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 14: Não André! Não enfrentei dificuldades. O primeiro curso que eu participei, foi através de sorteio das vagas. E agora, foi através de um questionário, um vestibularzinho né, para medir meu conhecimento e com isso eu consegui passar com a pontuação necessária para ser chamado em primeira chamada para as matrículas do curso. Mais foi uma prova de conhecimentos gerais e temas atuais, que achei uma forma bem interessante de se selecionar alunos por esta prova, gostei muito, pois, seleciona alunos que realmente estão mais interessados no curso de Segurança e que estudam e se dedicam mais, frente ao processo de seleção por sorteio das vagas.

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 14: Não assim, eu por ter mais experiência na tecnologia da informação, com a informática, então eu não tive muita dificuldade não. Nos primeiros acessos na plataforma a gente fica um pouco perdido mesmo, mais é bem natural, mais depois com o praticar do dia a dia, de estar acessando diariamente nossa sala de aula virtual que é o Moodle, a gente vai perdendo aquela dificuldade do módulo I, inicial do nosso curso. E com o andamento do curso de Segurança, as coisas vão só facilitando para os alunos, cada dia a gente vai aprendendo mais sobre a plataforma, sobre como devem ser feitas as atividades, como buscar informações lá dentro, e com isso vem como consequência o aprendizado dentro das disciplinas.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 14: Olha, eu acho que é uma ferramenta 100%. É uma ferramenta muito fácil. Inicialmente uma pessoa que nunca a utilizou, no primeiro momento acha dificuldade, e isso é normal. Mais depois que as pessoal aprendem os passos, como ela deve navegar dentro do Moodle, é uma ferramenta excelente, muito boa e ótima para nosso aprendizado. O professor também encontra muito facilidade para nos monitor diante das suas tarefas, então com certeza é uma ferramenta tecnológica muito importante dentro da educação a distância.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 14: Eu conheço um pouco do Wiki na plataforma, desenvolvida dentro do Moodle, é uma prática muito incentivadora, porque pra você estar fazendo esta prática lá dentro, você precisa ver o que que o colega seu preencheu anteriormente, pra você não coloque coisas repetidas e corrigindo também alguma coisa que ele cometeu um equívoco e você pode estar sugerindo ao autor anterior uma correção e colocando seu ponto de vista sobre o tema trabalhado ali de forma colaborativa. Então, nesta prática de escrita colaborativa eu conheço um pouco do Wiki. O Google Drive usei somente uma vez para enviar os tópicos de pesquisa para meus colegas fazerem em casa e postar depois no Wiki da plataforma. Mais se fosse para mim escolher uma dessas 2 ferramentas para trabalhar com meus colegas em grupo, escolheria e daria preferência para o Wiki pois é uma ferramenta interna na plataforma e o Google Drive

usaria apenas para armazenamento de arquivos, pois, se trata de um recurso fora da nossa sala de aula virtual.

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 14: No trabalho, no curso, o professor pediu pra gente desenvolver, num grupo de 6 alunos, e nós deveríamos trabalhar um assunto relacionado a Segurança do Trabalho. Então nós fizemos um trabalho sobre abertura e fechamento de valas, pois trabalhamos constantemente com isso na empresa que eu trabalho, então cada um de nós fez pesquisa na internet sobre este tema e seus procedimentos de segurança e proteção do trabalhador e nós postamos no Wiki de forma colaborativa, o texto final com as normas de segurança para estas atividades de abertura e fechamento de valas. E ouve um entrosamento entre nós alunos, troca de informações, que foi um objeto muito importante para finalizarmos este trabalho. E que a gente deixou postado no Wiki da disciplina do professor. Um ponto marcante foi o debate promovido entre os colegas de curso e dar nossa opinião frente ao que o colega escreveu, ao que ele postou na plataforma, colocando nossa opinião sobre suas afirmações. Se torna uma pratica que aumenta muito a obtenção de conhecimento. Um ponto negativo, é que estas práticas são muito pouco utilizadas no curso de Segurança do Trabalho do IF de Machado e tomar cuidado com as vaidades pessoais com os textos que postamos, pois as vezes a pessoas postam bobagens lá e acreditam fielmente que estão certas e não aceitam críticas sore o que elas fazem nestas atividades. Ai deve entrar a figura do professor para realmente mediar nosso debate e construirmos trabalhos cada vez mais democráticos e com rigor textual de coisas mais relevantes.

Entrevistas – alunos(as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 14: Bom, um dos motivos que eu procurei o curso foi pela facilidade de estudar em casa, porque não havia a necessidade de eu estar presente aqui todos os dias, presencialmente dentro da sala de aula e com isso, eu ganho tempo chegando em casa após o trabalho, eu tenho condições de estar estudando e aprimorando meus conhecimentos no curso de Segurança do Trabalho. A disponibilidade de tempo para eu me organizar para estudar foi o principal motivo de estudar o curso de segurança e também pela facilidade de acesso, por não ser preciso estar numa sala de aula de segunda a sexta-feira. O curso escolhi por curiosidade, meus amigos fizeram o curso e estavam ganhando um dinheirinho extra com consultoria em Segurança do Trabalho e eu resolvi me inscrever para ver se o curso era bom mesmo.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 14: É, eu tenho curso superior completo em Matemática, licenciatura plena, atuei pouco como professor dentro da sala de aula, pois fui aprovado num concurso público, um dos primeiros que teve, para trabalhar na Companhia de Saneamento do Estado de Minas Gerais (COPASA) e dentro da COPASA, cresci profissionalmente, hoje eu estou na condição de encarregado do Atendimento Comercial da empresa em Alfenas. Também, sou formado no Técnico de Manutençao e Suporte de Computadores pelo IF, campus de Formiga e agora estou nos estágios obrigatórios finais de Segurança do Trabalho pelo IF, campus Machado.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 14: Eu já tinha ouvido falar de alguns cursos a distância, inclusive quando eu era mais jovem, eu pensei um curso lá pelo antigo Instituto Universal Brasileiro, mais como era particular e pago, ficou um pouco difícil para mim, na minha fase de adolescência. Posteriormente, mais recente agora, a uns 5 ou 6 anos atrás, foi uma sobrinha, afilhada, fez o curso de administração de empresas a distância, até no início eu fiquei com receio e dúvida com relação ao curso, mais depois tive a oportunidade de trabalhar como tutor presencial e vi que a EAD é bem diferente do que eu imaginava. Daí optei por fazer cursos técnicos na modalidade

a distância. Então descobri a EAD em aproximadamente 2005 e fiz meu primeiro curso em 2013.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 14: Não só pela variante de tempo, mais acho que esse trabalho força o aluno a aprender mais, bem mais difícil que a modalidade presencial. Além de você ter a disponibilidade de tempo, você tem de ter o interesse de não ficar somente com aquilo que a plataforma dispõe para o aluno estudar, você tem de fazer uso da internet para aumentar o conhecimento, fazer muita pesquisa, e buscar novas fontes de informação constantes. E a gente estuda de acordo com o nosso tempo, e isso é muito bom pra gente.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 14: Principalmente porque na empresa que eu trabalho, eu já tenho um cargo alto mais, eu preciso ter mais conhecimento a fundo da segurança dentro do operacional da COPASA, dentro da área de trabalho do colaborador, e eu já participei da comissão interna de prevenção de acidentes e eu acho que eu tendo este curso de Segurança do Trabalho mais ser muito valioso pra mim no futuro, tanto nas áreas operacionais de campo da empresa, como depois quando eu me aposentar, eu também possa atuar neste setor de Segurança do Trabalho. Ou desenvolver ações prevencionistas dentro da COPASA mesmo, por que não? Existe esta possibilidade sim.

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 14: Não André! Não enfrentei dificuldades. O primeiro curso que eu participei, foi através de sorteio das vagas. E agora, foi através de um questionário, um vestibularzinho né, para medir meu conhecimento e com isso eu consegui passar com a pontuação necessária para ser chamado em primeira chamada para as matrículas do curso. Mais foi uma prova de conhecimentos gerais e temas atuais, que achei uma forma bem interessante de se selecionar alunos por esta prova, gostei muito, pois, seleciona alunos que realmente estão mais interessados no curso de Segurança e que estudam e se dedicam mais, frente ao processo de seleção por sorteio das vagas.

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 14: Não assim, eu por ter mais experiência na tecnologia da informação, com a informática, então eu não tive muita dificuldade não. Nos primeiros acessos na plataforma a gente fica um pouco perdido mesmo, mais é bem natural, mais depois com o praticar do dia a dia, de estar acessando diariamente nossa sala de aula virtual que é o Moodle, a gente vai perdendo aquela dificuldade do módulo I, inicial do nosso curso. E com o andamento do curso de Segurança, as coisas vão só facilitando para os alunos, cada dia a gente vai aprendendo mais sobre a plataforma, sobre como devem ser feitas as atividades, como buscar informações lá dentro, e com isso vem como consequência o aprendizado dentro das disciplinas.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 14: Olha, eu acho que é uma ferramenta 100%. É uma ferramenta muito fácil. Inicialmente uma pessoa que nunca a utilizou, no primeiro momento acha dificuldade, e isso é normal. Mais depois que as pessoal aprendem os passos, como ela deve navegar dentro do Moodle, é uma ferramenta excelente, muito boa e ótima para nosso aprendizado. O professor também encontra muito facilidade para nos monitor diante das suas tarefas, então com certeza é uma ferramenta tecnológica muito importante dentro da educação a distância.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 14: Eu conheço um pouco do Wiki na plataforma, desenvolvida dentro do Moodle, é uma prática muito incentivadora, porque pra você estar fazendo esta prática lá dentro, você precisa ver o que que o colega seu preencheu anteriormente, pra você não coloque coisas repetidas e corrigindo também alguma coisa que ele cometeu um equívoco e você pode estar sugerindo ao autor anterior uma correção e colocando seu ponto de vista sobre o tema trabalhado ali de forma colaborativa. Então, nesta prática de escrita colaborativa eu conheço um pouco do Wiki. O Google Drive usei somente uma vez para enviar os tópicos de pesquisa para meus colegas fazerem em casa e postar depois no Wiki da plataforma. Mais se fosse para mim escolher uma dessas 2 ferramentas para trabalhar com meus colegas em grupo, escolheria e daria preferência para o Wiki pois é uma ferramenta interna na plataforma e o Google Drive

usaria apenas para armazenamento de arquivos, pois, se trata de um recurso fora da nossa sala de aula virtual.

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 14: No trabalho, no curso, o professor pediu pra gente desenvolver, num grupo de 6 alunos, e nós deveríamos trabalhar um assunto relacionado a Segurança do Trabalho. Então nós fizemos um trabalho sobre abertura e fechamento de valas, pois trabalhamos constantemente com isso na empresa que eu trabalho, então cada um de nós fez pesquisa na internet sobre este tema e seus procedimentos de segurança e proteção do trabalhador e nós postamos no Wiki de forma colaborativa, o texto final com as normas de segurança para estas atividades de abertura e fechamento de valas. E ouve um entrosamento entre nós alunos, troca de informações, que foi um objeto muito importante para finalizarmos este trabalho. E que a gente deixou postado no Wiki da disciplina do professor. Um ponto marcante foi o debate promovido entre os colegas de curso e dar nossa opinião frente ao que o colega escreveu, ao que ele postou na plataforma, colocando nossa opinião sobre suas afirmações. Se torna uma pratica que aumenta muito a obtenção de conhecimento. Um ponto negativo, é que estas práticas são muito pouco utilizadas no curso de Segurança do Trabalho do IF de Machado e tomar cuidado com as vaidades pessoais com os textos que postamos, pois as vezes a pessoas postam bobagens lá e acreditam fielmente que estão certas e não aceitam críticas sore o que elas fazem nestas atividades. Ai deve entrar a figura do professor para realmente mediar nosso debate e construirmos trabalhos cada vez mais democráticos e com rigor textual de coisas mais relevantes.

Entrevistas – alunos(as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 15: Oia, o interesse meu foi para melhorar meu plano de carreira, porque eu trabalho na Prefeitura e pra ter um futuro melhor né? Ai eu me interessei para colocar meus conhecimento no meu trabalho do dia a dia na prefeitura, pra crescer na carreira e melhorar meu salário. Hoje em dia tá tudo muito custoso, e a gente precisa fazer de tudo pra se manter no emprego né? E, Segurança do Trabalho escolhi por achar uma profissão legal, pois cuida e protege o trabalhador né? Achei muito interessante e resolvi fazer o curso por Machado.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 15: Então, por enquanto eu tenho Meio Ambiente e Segurança do Trabalho que estou terminando né? Mais atualmente eu não estou trabalhando com eles não. Eu fiz meio ambiente pelo Polo de Juiz de Fora, e o curso de Segurança do Trabalho é o meu segundo curso técnico que fiz por Machado. Comecei o curso técnico em Cafeicultura também, não preencheu as vagas e eu resolvi fazer mais este curso pelo Polo de Muzambinho. Não tenho curso superior, mais quero e vou trabalhar sim com Segurança do Trabalho, gostei muito das aulas.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 15: Então André, foi através dos meus amigos, do pessoal do Polo Caic né, a escola técnica, através de sites na internet, mais ou menos no ano de 2010. E de lá pra cá eu só tenho feito cursos a distância no Polo, apareceu um que me interessa eu tô fazendo. Achei a educação a distância muito boa de se fazer pelo fato da gente poder trabalhar e estudar junto, ai eu pude voltar a estudar depois de muitos anos parado com os estudos.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 15: Porque eu particularmente não tenho tempo para ficar todos os dias da semana numa sala de aula no Polo. Pois eu sou casado e pai de família, ai as coisas são bem difíceis e na educação a distância, eu mesmo escolho meus horários de estudar as matérias e para fazer as tarefas do curso que são muitas né? Isso me motivou a voltar a estudar depois de muitos anos

parado, pois melhorou meu currículo, melhorou meu plano de cargo carreira em 15% no pagamento e é um dinheirinho a mais que me ajuda bastante.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 15: Porque como eu já te disse, é uma área muito boa né? Que tem uma visão mais longe, eu vou poder ajudar outras pessoas né, meus companheiros de trabalho, e trabalhar com a segurança e proteção do trabalhador é uma profissão muito gratificante, não somente por dinheiro né?
Procurei na modalidade de educação a distância porque não conseguiria voltar a estudar de outra forma, a educação a distância me fez nascer de novo na vontade de voltar a estudar e vou mais longe se Deus quiser.

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 15: Pra mim foi normal, eu já tinha um pouco de conhecimento da plataforma, pois tenho cursos de informática, e fiz uma provinha lá e consegui me classificar entre os primeiros colocados no processo seletivo de Machado. Fiquei com um pouco de receio se queria mesmo fazer Segurança do Trabalho, mais acabei que aceitei o desafio e hoje estou gostando muito do curso, acho que se eu tivesse deixado para tentar em outro processo seletivo que veio depois do meu, talvez eu não teria conseguido a vaga pois fizeram um sorteio das vagas. Tem processo que é prova, tem processo que é sorteio.

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 15: Durante o curso eu também não tive dificuldade não. Eu fui pegando o jeito de fazer as tarefas e fui até o fim com meus conhecimentos básicos mesmo. O início só, as dificuldades com a plataforma foram sendo resolvidas com a ajuda dos tutores, o jeito certo de postar na plataforma, de colocar os arquivos do word, mais com a passagem das semanas, as coisa vão se resolvendo e eu particularmente até o momento minhas dificuldades são bem pequenas graças ao apoio das pessoas da escola técnica no Caic, povo bom demais, sempre empurrando a gente pra frente.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 15: A plataforma é a nossa sala de aula virtual, o professor não está la, mais tem tudo lá que a gente precisa para aprender né? Quando é um tema mais difícil o professor grava uma vídeo aula lá na escola em Machado e posta para gente na plataforma do curso de Segurança. São ferramentas muito fáceis de ser usadas por nós, ela é bem interativa e promove a nossa aprendizagem sim. Os professores deveriam usar mais os chats on-line para tirar nossas dúvidas diretamente com eles pelo menos uma vez na semana, e isso não acontece, pois só os tutores é que conversam com a gente e fazem as dicas pra nós nas duvidas da plataforma. Mais a plataforma é muito simples e fácil de se trabalhar, só no início é que a gente estranha um pouco as ferramentas da plataforma.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 15: Nessa parte eu conheço muito pouco André. Os professores deram uma atividade em grupo no início do curso para que a gente fizesse um trabalho lá, um ajudando ao outro. Mais eu não fiz a atividade da semana porque eu ainda não sabia como funcionava as coisas na plataforma. Tinha de ter um e-mail no google e eu não tinha nem esse e-mail, na minha matricula dei o e-mail da minha irmã, ai eu fiquei com um pouco de vergonha e acabei que não fiz atividade da primeira semana. Então eu não sei quase nada sobre estas práticas de escrita colaborativa: sei que são um trabalho em grupo para cada um fazer a sua parte e depois postar na plataforma como um trabalho final, mais não posso descrever muito não porque sei muito pouco sobre estas atividades. Eu não tenho conhecimento do Google Drive também não, a pouco que criei meu e-mail no Yahoo, estou pegando o jeito com a coisa agora, com esta troca de informações por e-mail. Eu entendo mais da parte de montagem e manutenção de computadores, que foi o curso que fiz de informática básica no CVT-Centro Vocacional Tecnológico do bairro Santa Luzia em Alfenas, hoje se chama UAI-TEC.

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 15: Como eu disse anteriormente André, eu tive pouca prática de escrita colaborativa, que nós chamamos no curso de segurança de trabalho em grupo com a colaboração de todos, pois meus conhecimentos sobre a plataforma eram muito pequenos e no início eu também não

tinha e-mail e não sabia trabalhar com o mesmo. Ai na primeira atividade avaliativa onde foi feito o trabalho em grupo, eu não participei por achar e ficar com um pouco de vergonha dos colegas de curso. Comecei a trocar informações por e-mail a poucos meses e ainda não aprendi a trabalhar com o Google Drive no e-mail do google. Sobre o Wiki sei que é uma ferramenta que fica lá na nossa plataforma, mais o professor não trabalhou com a ferramenta. Estas práticas devem ser muito boas, pois, os colegas do curso de Segurança do Trabalho, falaram muito bem dela, pois dizem que o trabalho é dividido entre os membros dos grupos separados pelos professores e a troca de informações é muito boa. Deviam fazer mais estas práticas de escrita colaborativa ou trabalhos em grupos de colaboração mais vezes durante os módulos do curso de Segurança. Deviam dar uma aula antes também de começar com uma atividade dessas, pra quebrar o gelo e tirar o receio dos alunos iniciantes no curso. As dificuldades principais estão no uso das ferramentas tecnológicas da educação a distância, deviam ensinar a gente a criar e-mails, usar o Google Drive e porque não, ensinar o compartilhamento de arquivos antes de qualquer tarefa do curso de Segurança do Trabalho. Mais é um curso muito bom, recomendo a todos os meus amigos de trabalho, eu estou sempre convidando um ou outro a se inscrever e tentar uma vaga no Polo Caic.

Entrevistas – alunos(as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 16: Bom, eu já tinha há algum tempo, eu sou um cara preocupado com a Segurança do Trabalhador. Eu fiquei sabendo do curso de Segurança do Trabalho e me despertou um grande interesse em fazer o curso. Ou a distância ou presencial, eu já estava procurando uma forma de fazer Segurança do Trabalho. Surgiu a oportunidade de participar de um processo seletivo aqui no Caic, me inscrevi e hoje estou apto a trabalhar com a prevenção de acidentes do trabalho.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 16: Bom, eu sou formado em Economia e Administração de Empresas, o meu campo de atuação atualmente é o mercado financeiro, estou aposentado e o curso de Segurança do Trabalho vai agregar, pois, eu tenho vontade de criar uma empresa de consultoria em Segurança do Trabalho e Meio Ambiente. Então este curso é uma das ferramentas que vem agregar valor na minha prestação de serviços. Fiz o curso não só pra passar o tempo pelo fato de estar aposentado, fiz por que acho a área muito interessante também, fiz o técnico em meio ambiente e o tema de meio ambiente também não é apenas passa tempo né? É uma grande preocupação também, pois você sabe o que o planeta está sofrendo hoje em dia e as coisas precisam ser mudadas com certa urgência.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 16: A modalidade de educação a distância, eu descobri por literatura, no dia a dia, eu fui professor no curso de Administração de Empresas, na disciplina de Investimentos e Custos, então dentro da minha área educacional eu conheci todos os meios da prestação de serviços da questão educacional. E a educação a distância, na literatura comum, na pesquisa, você sabe que ela está lá, hoje houve uma expansão nacional da EAD e ela está bem difundida nas redes sociais e fazem marketing pesado nesta proposta de formação educacional. Então, conheci a modalidade de educação a distância assim, pelos meios de comunicação, pela internet e divulgação na Universidade onde dava minhas aulas.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 16: Primeiro pela opção de tempo, a disponibilidade que a educação a distância propicia para nós alunos. E essa flexibilidade de horários que a educação presencial não oferece, foi esse um dos fatores fundamentais que fez que eu partisse para essa modalidade de ensino. E eu também por estar aposentado queria algo fácil para eu conduzir, e o curso de Segurança do Trabalho pelo IF de Machado me proporciona tudo isso.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 16: Justamente com meu interesse em estar trabalhando com consultoria para empresas privadas na área de Segurança do Trabalho, que aliadas com meu conhecimento sobre prevenção do Meio Ambiente, darão para desenvolver bons projetos e palestras nestes temas que são tão atuais no nosso cotidiano. Sempre fui uma pessoa muito ligada a pessoas, gosto do contato com as pessoas, por isso pretendo trabalhar nesta área prevencionista e cuidar da saúde dos trabalhadores de algumas empresas que me derem a oportunidade de criar estes mecanismos de defesa da integridade física, psicológica de seus colaboradores.

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 16: Não enfrentei dificuldades. O processo de seleção dentro do que é disponibilizado no edital, apresentei toda a documentação necessária, estava dentro do estatuto, dentro do que foi definido para o curso, sem problemas nenhum, tive facilidade de acesso ao curso. O processo de seleção foi por sorteio né? Tive sorte de ser sorteado, e esse formato de seleção, segundo o Governo Federal, ele é mais inclusivo, é mais social, que eu discordo mais tivemos de acatar o que dispunha no edital do Instituto Federal de Machado. Pois seleciona muitas vezes, alunos que não conhecem quase na de tecnologia, ou mal sabem ligar um computador, mais mesmo assim, dizem que é mais democrática esta forma de sorteio das vagas.

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 16: Também não André. Eu praticamente, posso dizer que não tenho encontrado dificuldade durante a execução do curso de Segurança do Trabalho. Primeiro pela facilidade e

conhecimento que eu já tenho referente às tecnologias, com a informática, estou e procuro sempre me atualizar sobre isso, então, como meio de interação entre professor e aluno nos dias de hoje são as tecnologias, o computador e a internet, eu não tive dificuldade nenhuma não, para trabalhar com estas ferramentas que vieram para revolucionar os processos pedagógicos dos educadores, com esta aceleração monstruosa dos meios de comunicação e informação. As ferramentas da plataforma são muito fáceis de serem utilizadas, mais que não tem domínio, precisa treinar bastante no primeiro módulo, onde as disciplinas são bem mais teóricas, para dar continuidade ao curso de Segurança com mais tranquilidade até a sua finalização no IV módulo. No final, as principais atividades de Fóruns, Google Drive, Questionários, textos on-line, se tornam rotina e a gente caminha bem na plataforma, nossa sala de aula virtual.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 16: Acho que é um instrumento válido, vamos dizer, é uma ferramenta de grande importância, sem esta plataforma virtual, acho que seria difícil acontecer à educação a distância e essa interatividade e essa facilidade de interagir, tanto com seu próprio colega e com seu professor, e essa busca de informação a mais que propicia, não é só o que está ali, você tem todo um direcionamento e se você quiser uma bibliografia complementar você precisa praticar a pesquisa e isso depende muito do aluno. O aluno que tiver mesmo interessado ele vai aprofundar mesmo para aprender. A tecnologia é um meio de conduzir a uma aprendizagem, assim como nunca se deve desprezar a presença de professores nestes ambientes virtuais de aprendizagem. A plataforma apenas aproxima, ou seja, quanto maior a tecnologia, menor este espírito de educação a distância, pois se continuar aumentando este nível de tecnologia a gente passará a estar praticamente presente em todos estes ambientes virtuais de aprendizagem. A tecnologia veio para suprir o termo distância que está perdendo ou reduzindo significativamente seu significado nesta nossa sociedade da informação, conectadas por redes de ensino, trabalho e redes sociais.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 16: Sei um pouco, por exemplo: O Google Drive, no meu ponto de vista, veio para substituir o e-mail, com a tecnologia de armazenamento de arquivos em nuvem. O professor passa uma planilha por e-mail, cada aluno preenche com sua responsabilidade na execução da

tarefa e devolve isso editada com a sua contribuição. E o Drive dá essa flexibilidade de quando você precisar editar, você entra no Gmail acessa o drive e faz suas modificações e correções sobre o tema em estudo. Você também tem a opção de baixar o aplicativo e acessá-lo de qualquer plataforma móvel, como seu smartphone ou tablet. E a gente direciona e dá permissão de edição para quem a gente quiser, ou deixa somente para leitura do restante da turma ali, para todos os e-mails cadastrados. Mais estas práticas infelizmente são pouco praticadas no curso de Segurança, as fiz umas 2 vezes apenas, logo no início do curso. Acho que demanda muito tempo para a correção dos professores, ai eles pegam pesado com os Fóruns avaliativos. Esta tecnologia que os professores usam como praticas de trabalho em grupo colaborativas, podem ser feitas na área empresarial também, como instrumento de dialogo e orientação constantes entre patrões e funcionários. O Wiki eu não trabalhei no curso e desconheço a ferramenta, apenas os fóruns e o Drive que tenho conhecimento da prática de escrita colaborativa. Precisamos utilizar estas ferramentas para mediação de conhecimento, troca de informação e diálogo com cautela, precisa de um certo tipo de treinamento primeiro, pra não ficar postando conteúdos insignificantes na plataforma do curso.

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 16: No curso de Segurança do Trabalho, produzimos um texto comentado sobre a importância da Segurança do Trabalho nas empresas e fomos construindo o texto colaborativo com o auxílio do Google Drive, onde eu e meus colegas de grupo procuramos a melhor forma de expor nossas opiniões sobre o tema e a gente ia trocando figurinhas pelo Drive. Adicionamos o e-mail do professor para que ele desse sua orientação e sua mediação dando suporte a nós do grupo. No final, postamos o texto em formato de texto on-line na plataforma e o professor fez sua avaliação e nos deu uma nota final na atividade avaliativa da semana. Fizemos poucas vezes, se não me engano 2 vezes apenas. Mais as vezes eu uso na minha área empresarial, como a troca de informações por planilhas do excel on-line, com planilhas financeiras, planilhas de vendas, que você disponibiliza e o vendedor onde estiver ele atualiza os preços e você busca esta informação, interagindo entre vendedor e cliente. E eu não consigo visualizar ponto negativo nas evoluções tecnológicas, acho que não existe, as tecnologias usadas para o bem são perfeitas, ou você as usa para o bem ou para o mal, é o livre arbítrio. Positivamente destaco as interações, o aprendizado acontece mais rápido, o diálogo reduz as distâncias e você pode se inserir novamente, se incluir novamente nos processos educacionais, correr atrás do tempo perdido. É isso...

Entrevistas – alunos(as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 17: Eu escolhi fazer o curso técnico de Segurança do Trabalho, uma vez que eu tenho uma certa facilidade nesse trabalho, pois no serviço que eu trabalho, eu trabalho esta questão da segurança do trabalhador, então meu interesse foi grande devido a isso mesmo, agregar conhecimento dentro da empresa onde eu trabalho. Eu trabalho no Sindicado dos Empregados do Comércio de Varginha e Região, com sua unidade aqui em Alfenas mesmo. E por eu também mexer com direito trabalhista destes empregados, eu procurei fazer o curso de Segurança do Trabalho, até para poder com maior facilidade orientar os trabalhadores do comércio aqui de Alfenas.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 17: Eu sou formada em Serviço Social pela Universidade Norte Paraná (UNOPAR), sou formada também no curso Técnico de Serviços Públicos pelo Instituto Federal de Ouro Preto, Segurança do Trabalho pelo IF de Machado e atualmente estou fazendo um curso Técnico em Meio Ambiente pelo IF de Muzambinho. Na área de Segurança do Trabalho comecei a trabalhar a pouco mais de 1 mês, mais pretendo ser consultora de Segurança do Trabalho e criar minha própria empresa nesta área.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 17: A EAD, desde quando eu iniciei minha faculdade presencial, depois eu tive de trancar matrícula por questões financeiras e pessoais, eu tive de procurar um curso a distância para agregar conhecimento e porque seria muito mais fácil para mim, porque eu não teria de sair de casa, eu tenho filhos né, e por isso, eu preferi fazer o ensino a distância por conta da facilidade mesmo da onde eu poderia estar estudando em qualquer lugar onde eu estivesse né, até mesmo em casa. Você poder organizar seu tempo para estudar é muito bom, te dá autonomia para estudar no momento em que for conveniente para você.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 17: Tanto é, que todos os meus cursos Técnicos e a minha graduação, são todos a distância, por achei muita facilidade mesmo, eu consigo, eu sou muito visual, eu consigo fazer aquela questão de monitorar o meu tempo né? Isso pra mim é muito fácil, por isso que eu escolhi, eu consigo fazer 2 cursos ao mesmo tempo por exemplo e eu não conseguiria fazer presencial, pois, eu teria de ficar me deslocando de um local para o outro e como eu trabalho, por isso que eu escolhi e sempre vou escolher e dar prioridade pela educação na modalidade a distância. E eu me disciplinei tanto que eu consigo fazer 2 cursos técnicos a distância ao mesmo tempo por Instituições Federais diferentes.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 17: Eu procurei por ser em EAD e pela flexibilização mesmo, pelo fato de estar fazendo outros cursos, eu conseguiria fazer mais um curso por conta de ser a distância, pela facilidade que a gente teria neste sentido para complementar meu currículo e agregar conhecimento. E para que eu pudesse buscar algum tipo de prestação de serviço no futuro na área de prevenção e controle de acidentes do trabalho. E quando iniciamos o curso de Segurança do Trabalho, eu passei a gostar ainda mais das coisas que estava aprendendo e que ainda iria aprender de acordo com o currículo do curso, pois são coisas que são aplicáveis no nosso dia a dia também, até mesmo para nossas famílias.

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 17: Não André, não achei nenhuma dificuldade, porque no curso de Segurança do Trabalho, no processo de seleção que eu participei, foi feito um sorteio das vagas com dia e hora marcada para acontecer aqui em Alfenas no Polo Caic. Então eu fui sorteada e ingressei, pois a seleção as vezes acontece por provas também, mais no meu edital foi determinado que ocorresse um sorteio, um sorteio eletrônico das vagas. E os demais cursos técnicos que eu tenho foi através de vestibular, prova de conhecimentos gerais e atualidades. Nestes sorteios eletrônicos são selecionados 50 alunos para primeira chamada e mais 50 alunos para segunda chamada. Tive sorte pois fui sorteada em 48º lugar logo na lista de primeira chamada e por isso não enfrentei dificuldades para me ingressar no curso de Segurança do Trabalho.

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 17: Tive um pouco de dificuldade sim, mais no meu caso foi com algumas disciplinas, pois, a maioria dos alunos da escola técnica sentem dificuldade no início com o uso da plataforma, das tecnologias, dos instrumentos usados pelos professores para compartilhar arquivos; no meu caso eu sou bem a frente, e já conhecia bem a plataforma e seus recursos, eu tive dificuldade foi com as disciplinas mesmo, algumas delas como a de Estatística por exemplo, eu não um pouco de dificuldade com cálculos, mais com as ferramentas eu não tive nenhum problema, questões de horários, foi apenas algumas disciplinas que eram mais difíceis mesmo. E a EAD exige muito da gente, a gente precisa estudar mesmo, senão a gente não passa nas disciplinas, não é brincadeira, o curso tem seus defeitos, que são normais, mais sabemos que os Institutos Federais procuram fazer o melhor pra gente.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 17: Pra mim André, essa ferramenta ela é resolutiva, é de fácil entendimento após um pouco de prática, não encontrei nenhuma dificuldade em usar a plataforma do curso de Segurança do Trabalho. Deu até para interagir com os alunos, mandar mensagem, fazer as atividades, foi tranquilo pra mim, pois, eu já conhecia a plataforma Moodle. Mesmo no início, quando a gente inicia o curso, a gente tem mais é receio de usá-la, por isso, muitos alunos sentem dificuldade para mexer na plataforma, parece que tem medo daquela tecnologia ali, mais até mesmo estas dificuldades iniciais, são muito simples de serem resolvidas e os tutores presencias e a distância, já estão bem treinados para nos ajudar com a plataforma, pois sempre são as mesmas dúvidas dos alunos. No meu ponto de vista, é um grande instrumento sim de mediação da aprendizagem, dificuldades maiores, acho que só terão que não sabe nada de informática ou as vezes nem sabe usar um celular, as dificuldades que podem aparecer a estes alunos são com as tecnologias e no meu caso, foi somente com algumas disciplinas mesmo.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 17: Bem, este termo prática de escrita colaborativa, não é muito usado. Mais entendo que é uma atividade em grupo, onde os alunos fazem trabalhos mediados pelos professores e no caso da EAD, com o apoio de alguma tecnologia. Atualmente a gente usa os trabalhos colaborativos em grupos, como a criação de diários, textos on-line, o Wiki da plataforma e toda esta interação que a gente faz com os colegas. São práticas bem bacanas de se fazer, mais são

pouco usadas nos cursos técnicos acho que pela dificuldade de correção, acho que exige muito dos professores esse processo de mediação dos trabalhos, mais são supridos pelos Fóruns avaliativos semanais no andamento do curso de Segurança do Trabalho.

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 17: Um exemplo que eu posso citar, a gente usa no inicio o Wiki, os diários, os Fóruns durante todo o curso, os fóruns são os mais utilizados pelos professores para estas práticas de escrita colaborativa ou como eles chamam de trabalhos colaborativos em grupos. Por exemplo, elaboramos um texto de forma colaborativa (com todos ajudando), ou melhor, a professora deu um texto e a gente teve de fazer um resumo comentado deste texto, com as nossas opiniões, então a gente desenvolveu assim com Introdução, desenvolvimento, meio e fim né, que é conclusão, nisso nós tivemos de interagir dentro do Wiki na plataforma e produzir um texto final ali mediado pela professora que dava o aval se podíamos postar os resultados do nosso trabalho na plataforma do curso de Segurança do Trabalho. Foi uma atividade um pouco difícil, onde faltou um pouco mais de orientação sobre a melhor forma de trabalhar e nos organizar para trabalhar colaborativamente, porém, no final acabou que deu tudo certinho e a nota foi muito boa. Mais, repito, fizemos isso 1 vez somente e depois foi somente os debates nos fóruns até o final do IV módulo do curso de Segurança. O Google Drive não foi solicitado pela professora, e acho que ela também nem o conhece, aliás, muitos professores acham que ficam com medo de utilizar as tecnologias também, por não saberem como utilizá-las na educação a distância. Assim, como tem alunos que entram na EAD caindo de paraquedas, acontece muito com os professores também. Mais a interação destas práticas de escrita colaborativa são fantásticas, a gente troca conhecimento com os colegas de curso e a gente dialoga bastante sobre o que é melhor para as tarefas. Um tira a dúvida do outro e assim vamos caminhando com o curso de Segurança.

Entrevistas – alunos(as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 18: Pela qualificação né? Pelo fato do curso de Segurança do Trabalho do Instituto Federal de Machado ser um curso reconhecido pelo MEC, foi um grande diferencial que me chamou a atenção André. Sou um cara que preocupo com as outras pessoas, no meu serviço as vezes a gente trabalha muito com escadas e em alturas bem elevadas e sempre me preocupei para que ninguém se machucasse, aí surgiu a oportunidade de estar cursando Segurança do Trabalho. E também para melhorar o meu currículo pessoal também, tendo visto que é um curso muito procurado devido a uma boa demanda de vagas de emprego nesta área. E futuramente pretendo prestar concursos públicos podendo disputar as vagas na área de Segurança do Trabalho.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 18: Eu tenho ensino superior incompleto, estou fazendo Ciência da Computação, que está em andamento, na Universidade José do Rosário Velano (UNIFENAS – Alfenas). Eu já era para estar formando, mais fiquei devendo 2 matérias e estou fazendo as dependências neste ano. Sou Técnico de Informática pelo IF de Muzambinho e estou fazendo o Técnico de Segurança do Trabalho pelo IF de Machado. Na área de Segurança eu pretendo trabalhar assim que me formar pelo IF de Machado.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 18: O primeiro contato que eu tive a modalidade de educação foi quando fiquei de dependência na faculdade no curso de Ciência da Computação, que já tinha o ambiente virtual, o Moodle no curso. Fiz as disciplinas de DP no ambiente Moodle e foi lá que eu conheci as ferramentas da plataforma e me preparei para utilizá-las. Ai, conhecendo as facilidades que tem os cursos a distância no que tange a controlar meu tempo para estudar, eu resolvi fazer os curso Técnicos Federais no Polo Caic aqui em Alfenas. E porque tenho alguns amigos, inclusive um grande parceiro meu que mora em Poços de Caldas, passou no concurso público da CEMIG e hoje está muito bem, trabalhando como técnico de segurança efetivo da CEMIG. Isso tem me motivado bastante a fazer estes cursos técnicos para prestar concursos também.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 18: Pelo tempo André. Poder organizar o tempo e você poder estudar na melhor hora que for para você é bem gratificante. Pois trabalho o dia todo com Informática na Prefeitura e só tenho um pouco de tempo à noite e mesmo cansado, eu consigo estudar os conteúdos do curso de Segurança. Então, para mim, dar continuidade aos meus estudos e para melhorar o meu currículo, eu praticamente não tive muita escolha, teve de ser através da educação a distância.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 18: A gente trabalha muito com trabalho em altura, subimos e descemos escadas o dia todo, e os riscos de acidentes são constantes ali André. Então, além de querer melhorar o meu currículo pessoal, eu também me preocupo com as pessoas que estão sob minha responsabilidade no setor de informática da Prefeitura. Ai o curso de Segurança do Trabalho surgiu devido a esta minha preocupação também, melhorar o ambiente de trabalho onde eu também corro riscos no trabalho do dia a dia. E estou gostando bastante do curso, estou aprendendo e tendo dicas muito importantes para aplicar no meu trabalho durante o dia, muito bom, recomendo aos meus amigos sempre dizendo: rapaz volte a estudar, se esforce e faça um dos cursos técnicos lá polo! E assim surgiu meu interesse por Segurança do Trabalho.

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 18: Eu entrei no curso, através de um sorteio das vagas, contei com a sorte também né? Eu já tinha tentado 3 vezes e não tinha conseguido a vaga para cursar Segurança do Trabalho, foi agora, na quarta tentativa, que consegui ser selecionado. Quando já estava quase desanimando de tentar, eu consegui me matricular após ser sorteado no Polo Caic, a disputa é muito grande, quase 400 alunos se inscreveram para 50 vagas de primeira chamada e outras 50 pessoas para lista de espera da segunda chamada, mais se desistir 10 alunos por processo seletivo é o máximo que acontece. Deviam acabar com esse negócio de sorteio e aplicar uma provinha mesmo, pois, acho que seleciona melhor os alunos. Acho que também iria diminuir uma boa parte de alunos que desistem do curso pela metade, pois não dá conta de acompanhar, muitas vezes por não conhecerem as tecnologias usadas na educação a distância.

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 18: Não, não estou tendo dificuldades com o andamento do curso. Eu já tinha um pouco de domínio da informática e com os recursos tecnológicos da plataforma, como eu já disse, fiz minhas dependências da faculdade na plataforma Moodle, então eu procurei ajudar os meus amigos que tinham dificuldades também no primeiro módulo do curso. E no início o Polo Caic teve minhas quedas de internet, com a Oi Velox e também ajudar a dar alguns problemas nas primeiras disciplinas do curso. Às vezes a plataforma ficou fora do ar por problemas de internet no Polo, mais os professores sempre adiavam as datas de postagens das tarefas. Mais no meu caso, como sou técnico em Informática e falo Ciência da Computação, minha caminhada no curso está sendo conduzida de forma bem tranquila. Acho que os alunos de maior idade é que precisam de uma atenção maior, pelo fato de saberem pouco de informática e das tecnologias atuais.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 18: A plataforma é a seguinte: tem de prestar um pouco de atenção nela. As vezes ela se torna muito extensa, e os módulos são praticamente todos juntos, muitas atividades são postadas uma ao lado da outra. Uma vez me confundi e fiz a mesma tarefa e postei em 2 lugares diferentes na plataforma e quando repetimos a mesma atividade por 2 vezes, é feito o cálculo da média para dar a nota do aluno, com isso quase perdi a média da tarefa e fiquei com a minha nota em cima da linha de aprovação. Aconteceu por falta de atenção, por isso, quem não conhece bem a plataforma, principalmente no início do curso de Segurança do Trabalho, tem um pouco de dificuldade com ela. Mais a plataforma promove uma interação muito boa entre professor e aluno. É um instrumento fundamental para gerenciar e coordenar as atividades do nosso curso.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 18: O professor às vezes, na plataforma tem a ferramenta que pode ser desenvolvida para a interação dos grupos de alunos que são divididos pelos tutores do curso. Mais, porém, é muito pouco utilizado, o que usamos praticamente 1 vez, foi o Google Drive, pois o Wiki na plataforma, o professor não quis trabalhar, e com o Wiki as coisas seriam muito mais fáceis

para todos, pois se trata de uma ferramenta muito fácil de utilizar para construção de trabalhos, resumos ou qualquer tipo de construção de textos em ambiente on-line de forma colaborativa. Mais no curso de segurança, os professores dizem estar preferindo usar mais os fóruns por serem mais fáceis e rápidos de serem corrigidos, pela praticidade dos fóruns, e os trabalhos colaborativos eles alegam falta de tempo para melhor avaliar as atividades e muitas correções erradas e equivocadas, feitas pelos tutores a distância, pois são os professores mediadores do curso de Segurança do Trabalho.

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 18: Eu tive uma experiência apenas André, numa disciplina somente. E fizemos pelo Google Drive e por um grupo que criamos na rede social Whatsapp. A gente usava o Google Drive para trocar os arquivos da parte de cada aluno e orientar os colegas sobre possíveis correções que poderiam ser feitas para melhorar nosso texto final, redação final do resumo em questão. E o grupo do Whatsapp, a gente criou mais para manter o contato entre os alunos do grupo, para cobrar, chamar a atenção daqueles amigos que não estavam fazendo suas partes no trabalho. Um ponto positivo foi a praticidade de nos organizar via rede social ou e-mail sem a necessidade de estarmos presente numa sala de aula presencial, e isso fantástico André, anima a gente a voltar a estudar e lutar para ter um currículo melhor. Mais essas ferramentas de colaboração precisam ser mais praticadas no nosso curso, promover o diálogo é fundamental e motivador para aquele aluno que está querendo desistir do curso, ai a gente vai e dá uma sacudida no colega e volta a lutar de novo. Não deve ficar somente nos fóruns, deviam se dedicar mais para estas práticas de escrita colaborativa com o auxílio das mais diversas tecnologias que temos disponíveis nos dias de hoje. Poderiam aumentar a grade do curso com uma disciplina específica sobre estas práticas, e o curso teria muito a ganhar com isso, basta uma vontade maior do coordenação do curso em aprimorar mais estas técnicas e exigirem dos professores que trabalhem um pouco mais no curso de Segurança do Trabalho e nos demais cursos da escola técnica.

Entrevistas – alunos(as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 19: Eu escolhi fazer este curso para complementar o meu currículo vitae, pois já sou aluna de Mestrado. Como eu não tinha tantos conhecimentos na área técnica, eu fiz primeiramente um curso Técnico em Zootecnia e depois entrei no de Segurança do Trabalho e os escolhi na modalidade a distância por terem esta disponibilidade de serem ofertados aqui no Polo Caic em Alfenas. Escolhi por ser a distância, o que favorece a questão de tempo e disponibilidade em estar cursando um curso técnico federal e gratuito. E também pela localização do Polo que é na minha cidade e eu não tenho gastos com transporte, hospedagem e alimentação, foi principalmente por isso que eu escolhi estudar Segurança do Trabalho do IF de Machado no Polo de Alfenas.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 19: Eu sou formada em Farmácia pela Universidade José do Rosário Velano (UNIFENAS), fiz mestrado também na UNIFENAS na área de Ciência Animal, sou especialista em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL – MG). Cursos técnicos concluídos somente o de Zootecnia pelo IF de Barbacena e agora cursando Segurança do Trabalho pelo IF de Machado.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 19: Começou no meu primeiro ano de faculdade com a disciplina de Metodologia Científica, onde ela era semi-presencial a disciplina, então a gente tinha aulas quinzenais presenciais e tinha o restante de todas as outras atividades via plataforma Moodle. Então, eu conheci este mundo de educação a distância através do meu primeiro ano de faculdade na UNIFENAS no ano de 2009.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 19: Por questão do tempo, como é a maioria dos alunos da educação a distância. Quem trabalha e gostaria de voltar a estudar, aprender uma profissão, precisa estudar via EAD,

pois presencialmente não dá conta mesmo, até que tenta no início, mais certamente desistirá no meio do caminho. Eu comecei Segurança do Trabalho finalizando meus resultados no Mestrado, para mim, seria impossível para mim cursar Segurança do Trabalho presencial, não daria conta de ter de vir ao Polo todos os dias da semana, de segunda a sexta. Então não foi bem uma escolha, foi uma alternativa possível de me qualificar tecnicamente através da EAD.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 19: Apesar de eu ser Farmacêutica, eu gosto muito de trabalhar nas questões das relações interpessoais dentro dos locais que trabalho, e preocupar com a saúde dos colaboradores me chamou muito a atenção e eu tinha um amigo que fez o curso de Segurança do Trabalho e gostou bastante, hoje está empregado numa empresa multinacional em Pouso Alegre e está muito feliz na profissão, isso me fez despertar também o interesse pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho aqui do Polo pelo IF de Machado. E por ser a distância eu pude organizar meu tempo para estudar, trabalhar e terminar meu mestrado também.

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 19: Não enfrentei não. Foi por sorteio que eu consegui a vaga no curso de Segurança do Trabalho. O curso quando eu fiz o processo seletivo, foi um sorteio das vagas, hoje em dia, temos também os processos seletivos através de provas de conhecimentos gerais e em alguns casos, a chamada pública, quando não se preenche as turmas. E o IF de Machado gosta mais de publicar os editais com o sorteio das vagas, pois acham que são mais democráticos e inclusivos socialmente. Então me ingressei no curso de Segurança com uma certa facilidade e contei com a sorte de ser sorteada para a vaga em primeira chamada também. Mais todo mundo reclama desta forma de selecionar os alunos e eu também não gosto não.

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 19: Por já conhecer o MOODLE desde o início da minha graduação eu não estou tendo dificuldades. Às vezes algumas dificuldades aparecem mais relacionados a termos específicos, que são esclarecidos nas aulas presenciais, pois você não conhece bem a área, e você ter de estudar sozinho, fica um pouco complicado se você não é um autodidata. Então

tenho tido algumas pequenas dificuldades sim, mais que são sanadas com as aulas presenciais que acontecem aqui no Polo Caic. Lembrando que são dúvidas referentes aos conteúdos das disciplinas e não com o uso das ferramentas da plataforma. Mais com um pouco de esforço a gente consegue vencer todas as dificuldades da EAD, basta a gente buscar, pesquisar fora da plataforma, consultar os tutores, e no final tudo dará certo.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 19: Eu acredito que a plataforma ajuda bastante o aluno no processo de aprendizagem sim. Ela promove uma comunicação mesmo que virtual muito boa entre os alunos do curso. Troca de informações e a interação entre aluno e professor, eu acredito que é uma boa ferramenta usada na EAD, que contribui positivamente para os processos de aprendizagem dos alunos. Nos fóruns surgem debates muito interessantes, e o conhecimento é adquirido ali de forma coletiva entre os alunos e isso é muito interessante, muito positivo para todos nós.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 19: Eu já ouvi falar destes recursos, porém, na minha turma de segurança, os professores optaram por não dar trabalhos em grupos colaborativos e usar somente os fóruns avaliativos para promover os debates sobre os conteúdos estudados com todos os alunos. Optaram por não trabalhar com estes métodos, talvez por questão de tempo mesmo, ou falta de interesse de alguns professores que não querem pegar no pesado não. Meu amigo que também fez o curso disse que foi muito boas estas práticas na turma dele, acontece uma troca de experiências e de informações que facilita muito o aprendizado, agora minha turma, nem grupo de Whatsapp tem para se comunicar, ninguém foi motivado a fazer este tipo de aproximação. O Wiki está lá na plataforma e só usei uma vez na minha faculdade, no curso técnico a ferramenta está fechada, sem uso. O Google Drive acha que os professores conhecem pouco também, pois uma vez perguntamos na aula presencial e um deles disse que eles gostam mais de usar o Dropbox. Eu tenho meu Google Drive sim, mais meus colegas acho que somente alguns conhecem esta ferramenta. Eles mudam muito as práticas das aulas de uma turma para a outra, é muito instável, varia muito, pois, os grupos de professores de uma turma, não são os mesmos da outra que ainda vai abrir o edital de seleção.

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 19: Eu, como eu já respondi na questão anterior, tive apenas 1 prática com o Wiki da plataforma MOODLE na minha graduação. Onde fizemos um trabalho na disciplina de Metodologia Científica sobre os tipos de metodologia de uma pesquisa científica para a produção dos trabalhos de conclusão de curso, onde cada colega ia postando um tipo de metodologia lá no Wiki e a gente ia complementando as postagens dos colegas ou dando sugestões da melhor forma de se trabalhar com aquelas metodologias. No final desenvolvemos um trabalho colaborativo com bastante crítica, diálogo e construção de conhecimento em grupos. Só tive esta experiência uma vez na vida com o Wiki e fora do curso técnico. Os Institutos Federais optam pelos fóruns para troca de informação, usam exaustivamente esta ferramenta na plataforma, acaba que fica bem enjoativo o processo. Deviam usar mais o Wiki ou Google Drive, pois seria uma forma de os alunos aprenderem a usar outras ferramentas educacionais também e sairíamos um pouco da rotina dos fóruns. Quem pratica estas práticas de escrita colaborativa sempre as defende, pois os alunos gostam de conversar uns com os outros, seja em ambiente presencial ou nos ambientes virtuais, tudo é válido para promover a comunicação e a crítica entre professores e alunos.

Entrevistas – alunos(as) Polo ETEC-CAIC – Alfenas-MG

Pesquisador: Fale do seu interesse pelo curso:

Aluno (a) 20: É, interessei para obter mais conhecimento sobre Segurança do Trabalho, para eu aprimorar mais minha segurança no trabalho aqui na Prefeitura, e de certa forma, buscar depois arrumar um emprego que me pague melhor, me inserir no mercado de trabalho com mais facilidade, pois, o desemprego está muito grande e só pessoas, com mais qualificações conseguem se inserir com mais facilidade no mercado de trabalho. Foi para melhorar meu currículo pessoal mesmo e é uma área muito interessante de se estudar, dá para aplicar seus conhecimentos em diversas áreas.

Pesquisador: Fale um pouco da sua experiência profissional:

Aluno (a) 20: Eu tenho apenas o ensino médio completo, ainda não pude fazer uma faculdade por questões financeiras, tenho família para sustentar, agora, com relação aos cursos técnicos, sou Técnico de Informática pelo Instituto Federal de Muzambinho, e estou cursando o Técnico em Redes de Computadores, já finalizando e estou fazendo Segurança do Trabalho pelo IF de Machado. Sou técnico de informática na Prefeitura de Alfenas, contratado, não sou efetivo, a mais de 10 anos, e futuramente quero fazer parte da CIPA da Prefeitura para começar a trabalhar com a Segurança do Trabalho por aqui também.

Pesquisador: Como você conheceu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 20: Foi através de terceiros né? Por alguns amigos que estudam aqui no Polo, pela internet com a divulgação nas páginas dos Institutos Federais de Muzambinho e de Machado. Meus amigos comentaram comigo e eu comecei a pesquisar sobre o assunto e hoje já estou no terceiro curso técnico a distância.

Pesquisador: Porque você escolheu a modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 20: A distância pelo fato de ter mais comodidade, podemos fazer em casa, não temos de nos deslocar até o Polo todos os dias. E para mim que trabalho o dia todo, o ideal era que eu procurasse mesmo a educação a distância para que eu pudesse dar conta das minhas obrigações

e dos estudos nas minhas horas vagas. Poder organizar o tempo para estudar dá muita oportunidade para as pessoas voltarem a estudar, a sala fica bem misturada, com alunos novos, de média e mais idade, todos juntos ali buscando aprender sobre Segurança do Trabalho, a gente faz bastante amizade também, é muito bom.

Pesquisador: Porque você procurou pelo curso Técnico de Segurança do Trabalho na modalidade de educação a distância (EAD)?

Aluno (a) 20: Principalmente por causa do mercado de trabalho né, para que eu pudesse aprimorar mais meus conhecimentos pra no futuro ter mais oportunidade de emprego é essencial ter algo a mais para oferecer no currículo para conseguir um emprego bom né? E eu sou contratado aqui, meu futuro é muito incerto. E Segurança do Trabalho eu sempre vejo que tem muitas empresas que contratam pessoas nesta área, parece ser muito procurado profissionais de Segurança do Trabalho.

Pesquisador: Você enfrentou dificuldades para ingressar no curso de Segurança do Trabalho?

Aluno (a) 20: Não tive dificuldade para entrar no curso. Fui sorteado na primeira vez que me inscrevi, e eu acredito que quando é pra ser é, e a sorte anda do lado da gente, mais porque eu já estava destinado a chegar onde cheguei com uma concorrência muito grande. Teve umas 5 desistências e eu estava logo no início da segunda chamada e foi assim que me ingressei no curso de Segurança do Trabalho de Machado.

Pesquisador: E com o andamento do curso, você enfrentou dificuldades?

Aluno (a) 20: Não estou tendo nenhuma, pois sou da informática e peguei o jeito de estudar com a plataforma bem rapidinho. Só quando a plataforma sai fora do ar no servidor lá de Machado é que as coisas complicam um pouco, pois as atividades, seus prazos de entrega são prorrogados, mais as atividades são acumuladas ai a coisa fica feia, pois é muita coisa para ler e estudar e fazer as atividades avaliativas. Aquelas pessoas mais velhas que não tem muita intimidade com o computador, que não conhecem a plataforma e seus instrumentos, elas também sofrem um pouco no começo, mais tudo se estabiliza no meio do curso, alguns tem o espírito fraco e desistem no meio do caminho, outros lutam e vão chegar ao fim.

Pesquisador: O que você pensa sobre o ambiente virtual de aprendizagem (AVA-MOODLE) enquanto instrumento de mediação da aprendizagem?

Aluno (a) 20: O aluno quando domina bem a plataforma, o AVA-MOODLE, ele consegue dominar bem as atividades do curso. E isso, no meu ponto de vista, acelera muito a nossa aprendizagem no curso. A plataforma é muito dinâmica e tudo fica muito bem distribuído dentro dela. Isso aliado a velocidade de informação que a internet trouxe foi como uma faca e um queijo para a educação a distância. A plataforma se tornou uma excelente ferramenta para troca de conhecimento entre os professores e os alunos, pois quase tudo é feito através dela, é um instrumento fantástico.

Pesquisador: O que você sabe sobre Práticas de Escrita Colaborativa?

Aluno (a) 20: Bom, no curso de Segurança do Trabalho foi muito pouco utilizado, e alguns professores no curso, trabalham além dos fóruns onde a gente cria os debates, eles trabalham com o Google Drive geralmente apenas no módulo I. Então a única ferramenta que trabalhei para troca de informação e construção de conhecimento em grupo no curso de Segurança foi o Google Drive. O Wiki na plataforma não usamos e nem sei direito como funciona. Mais acho que estas práticas fazem os alunos a dialogarem, a trocar ideias e isso é bom no meu ponto de vista, mais os professores trabalham 90% com os fóruns para esta interação, é uma pena, pois, a gente acaba que não conhece e aprende as outras ferramentas tecnológicas usadas na EAD.

Pesquisador: Quais foram suas experiências com as práticas de escrita colaborativa?

Aluno (a) 20: No início do curso fizemos um Glossário de palavras e seus significados para descrever as principais funções de um PPRA, que é o Programa de Prevenção de Riscos Ambientais e o PCMSO, que é o Programa de Controle Médico e Saúde Ocupacional. Foi dividido a turma em 2 grupos e a gente foi trocando estas palavras via Drive e selecionamos as 10 principais para postar no Glossário na plataforma do curso. Foi a única prática que eu tive diferente dos fóruns avaliativos que são aplicados quase que todas as semanas no curso. Estes trabalhos colaborativos são muito bons porque, os colegas mais experientes, as vezes, corrigem a gente em alguma postagem e a gente aprende junto ali na edição do e-mail no Drive. Mas são práticas iniciais, depois ficamos com os debates nos fóruns, fica uma coisa muito repetitiva, mas é bem mais fácil dos professores mediarem às atividades. Uma disciplina a mais seria a

minha sugestão para trabalhar mais estas práticas de escrita colaborativa e pra gente conhecer outras ferramentas utilizadas ou que podem ser utilizadas na educação a distância.

ANEXO A- PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Prática de Escrita Colaborativa: autonomia digital como elemento transformador na produção de conhecimento

Pesquisador: André Guarda Rezende

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 58453616.6.0000.5142

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - UNIFAL-MG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.908.700

Apresentação do Projeto:

Esse é um projeto de pesquisa de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação.Tem como tema a pratica de escrita colaborativa de textos e pretende enfocar a produção colaborativa e a inclusão digital de discentes e docentes da modalidade de Educação a distância (EAD) no Polo de Alfenas.

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisa tem por objetivo a compreensão das praticas de escrita colaborativa em ambientes digitais e a apreensão de sua capacidade de desenvolvimento de autonomia digital por discentes e docentes da modalidade EAD do curso de técnico de segurança do trabalho do Instituto Federal do sul de Minas Gerais da unidade da cidade de Alfenas, Minas Gerais

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa apresenta riscos mínimos aos participantes e o proponente apresenta como ação minimizadora a interrupção das ações referentes ao projeto. Como benefícios, o proponente incia a contribuição para a melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem na modalidade EAD

Endereço: Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700
Bairro: centro **CEP:** 37.130-000
UF: MG **Município:** ALFENAS
Telefone: (35)3299-1318 **Fax:** (35)3299-1318 **E-mail:** comite.etica@unifal-mg.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

Continuação do Parecer: 1.908.700

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

a) Metodologia de pesquisa está adequada aos objetivos do projeto.

b) Referencial teórico da pesquisa é atualizado e suficiente para o que se propõe.

c) Cronograma de execução da pesquisa é coerente e está adequado ao tempo de tramitação do projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

a) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)- presente e adequado

b) Termo de Assentimento (TA) - Não se aplica

c) Termo de Assentimento Esclarecido (TAE)- não se aplica

d) Termo de Compromisso para Utilização de Dados e Prontuários (TCUD)- não se aplica

e) Termo de Anuência Institucional (TAI) -presente e adequado

f) Folha de Rosto -presente e adequado

g) Projeto de Pesquisa Completo e Detalhado -presente e adequado

f) Outros - não se aplica

Recomendações:

Não Há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Coordenador 2 acata o parecer do relator e aprova "ad referendum", mediante solicitação justificada da pesquisadora orientadora do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_763212.pdf	26/11/2016 13:38:11		Aceito
Outros	Grupos_discussao.docx	26/11/2016 13:32:50	André Guarda Rezende	Aceito
Outros	Relato_comunicativo.docx	26/11/2016 13:30:51	André Guarda Rezende	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Pesquisa_2016.docx	26/11/2016 13:27:21	André Guarda Rezende	Aceito
Cronograma	Cronograma_projeto_atualizado.	26/11/2016	André Guarda	Aceito

Endereço: Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700
Bairro: centro **CEP:** 37.130-000
UF: MG **Município:** ALFENAS
Telefone: (35)3299-1318 **Fax:** (35)3299-1318 **E-mail:** comite.etica@unifal-mg.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

Cronograma	docx	13:25:08	Rezende	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termo_anuencia.pdf	29/09/2016 16:28:51	André Guarda Rezende	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	05/08/2016 12:04:56	André Guarda Rezende	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	05/08/2016 11:46:19	André Guarda Rezende	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

ALFENAS, 06 de Fevereiro de 2017

Assinado por:
Marcela Filié Haddad
(Coordenador)

Endereço: Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700
Bairro: centro **CEP:** 37.130-000
UF: MG **Município:** ALFENAS
Telefone: (35)3299-1318 **Fax:** (35)3299-1318 **E-mail:** comite.etica@unifal-mg.edu.br